

Revista Teórica da Liga Internacional dos  
Trabalhadores - IV Internacional | Outubro 2014

# MARXISMO VIVO

04

**Es-pe-ci-al** Seminário Internacional de Organização  
e Estrutura Partidária | **Dos-si-ê** James Cannon |  
**Ar-ti-go** “Gramsci traído”

*Marxismo Vivo* é uma publicação da Fundação José Luis e Rosa Sundermann  
Avenida Brigadeiro Luis Antônio, 388 sala 64  
CEP: 01318-000 | Tel: (11) 3104-7674

*Jornalista Responsável*  
Maria Cecília Garcia  
Mtb 12.471

*Editor geral*  
Martín Hernández

*Projeto gráfico, diagramação e capa*  
Ana Clara Ferrari

*Traduções*  
Paula Maffei  
Valerio Torre  
Yuri Luesca  
Anísio G. Homem

*Revisão técnica*  
Lorena Madlun

*Notas da edição brasileira e revisão final*  
Henrique Canary

ISSN: 1806-1591

*Impressão*  
Prol Editora Gráfica  
Av. Papaiz, 581  
CEP: 09931-610  
Diadema – SP

*Marxismo Vivo* é uma revista a serviço da investigação, elaboração e debate sobre teoria revolucionária.  
O conteúdo dos artigos é de inteira responsabilidade dos respectivos autores.

*Publicada no Brasil por:*  
Editora Sundermann  
Av. Nove de Julho, 925  
CEP: 01313-000  
Bela Vista – São Paulo – SP  
Tel: (11) 4304-5801  
vendas@editorasundermann.com.br  
www.editorasundermann.com.br

# ÍNDICE

## 07 Seminário Internacional sobre Organização e Estrutura Partidária

### Clássicos

- 09 Os soviets, os sindicatos e o partido, Leon Trotski
- 17 Resolução sobre o papel do partido comunista na revolução proletária, II Congresso da III Internacional
- 27 Relação entre o partido e as outras instituições, Nahuel Moreno
- 35 Intervenção no III Congresso da Internacional Comunista, V. I. Lenin
- 37 Documento Nacional do MAS da Argentina

## 45 Intervenções

## 73 Gramsci traído, Francesco Ricci

## 89 DOSSIÊ James Cannon

- 89 James Patrick Cannon: Um fio de continuidade, Martín Hernández

### James Cannon

- 101 Os primeiros dias do comunismo norte-americano
- 115 O começo da Oposição de Esquerda
- 131 A luta por um partido proletário
- 153 Sindicalistas e revolucionários
- 167 Como organizar e conduzir um curso
- 171 À memória do “Velho”

# Aos nossos leitores

Em junho de 2000, apareceu o primeiro número de *Marxismo Vivo*. Já na apresentação, deixávamos claro o objetivo da revista: “A partir das revoluções no leste europeu começa um debate entre milhares de lutadores no mundo inteiro. (...) *Marxismo Vivo* (...) nasce para se colocar a serviço desse debate programático”.

Com esse objetivo – o debate programático –, publicamos 26 números de *Marxismo Vivo*, que passou por três etapas. Agora iniciamos uma quarta.

Em seus primeiros números (até o número 5), *Marxismo Vivo* foi uma iniciativa do Koorkom,<sup>1</sup> um agrupamento internacional do qual nossa organização, a LIT (Liga Internacional dos Trabalhadores) fazia parte.

A partir do número 6 (novembro de 2002), tendo o Koorkom deixado de existir, a revista começou a ser publicada sob a exclusiva responsabilidade da LIT.

Em novembro de 2010, começou a ser publicada a *Marxismo Vivo – Nova Época*, a qual, diferentemente da anterior, que abordava temas políticos atuais, estava dedicada exclusivamente à teoria revolucionária.

Com este novo número (4) de *Marxismo Vivo – Nova Época*, iniciamos uma nova fase, com a introdução de algumas modificações importantes.

*Marxismo Vivo* terá como objetivo, a partir de agora, ser uma ferramenta para construir o programa que será debatido no XII Congresso da LIT-QL. Nesse marco, buscará socializar as elaborações que, em forma polêmica ou não, forem surgindo nas diferentes instâncias da LIT.

Em função das novas exigências, *Marxismo Vivo – Nova Época*, que vinha sendo publicada uma vez por ano, será publicada agora com mais frequência (a cada dois ou três meses). A partir desta edição, além de continuar sendo publicada em espanhol, voltará a ser publicada também em português; e a partir do nº 5, contará com um Conselho Editorial Internacional, que será responsável por sua publicação.

*Os editores.*

1 Sigla em russo para “Comitê de Coordenação”, que havia sido fundado em uma reunião em Moscou no verão de 1998. (Nota da edição brasileira)

A large, dark gray, stylized letter 'S' graphic that serves as a background for the text. It is centered on the page and has a thick, rounded font style.

Seminário Internacional  
ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA PARTIDÁRIA

Entre os dias 22 e 26 de janeiro deste ano, organizado pela Fundação José Luis e Rosa Sundermann e pela revista *Marxismo Vivo*, foi realizado em São Paulo o Seminário Internacional sobre Organização e Estrutura Partidária.

Nesta nova edição de *Marxismo Vivo* — *Nova Época*, publicamos alguns dos materiais que foram estudados, assim como os debates realizados no primeiro dia. Nos próximos números de *MV*, publicaremos os debates correspondentes aos outros dias.

No marco do estudo e debate sobre as características e a construção de partidos marxistas revolucionários, três grandes temas foram abordados no primeiro dia: 1) a questão da possibilidade ou impossibilidade de construir um partido único da classe operária; 2) a relação entre o partido revolucionário e a questão do poder, ou seja: quem deve tomar o poder? O partido ou os organismos da classe operária?; 3) a estratégia de construir um partido com influência de massas.

Com relação a esses três temas, nas semanas prévias e no próprio seminário, foram estudados vários materiais de Marx, Engels, Lenin, Trotski e Nahuel Moreno, bem como alguns documentos do antigo MAS<sup>2</sup> da Argentina.

Durante o seminário, do qual participaram 60 pessoas de diferentes países (Argentina, Brasil, Espanha, Bolívia, Paraguai, Chile, Itália e Colômbia), foram formados quatro grupos de estudo e discussão, os quais levavam a uma plenária geral suas dúvidas, perguntas, respostas e contribuições sobre os temas estudados e discutidos nos grupos.

O seminário teve três coordenadores: André Freire e Henrique Canary, da Fundação José Luis e Rosa Sundermann, e Martín Hernández, da revista *Marxismo Vivo*.

2 Movimiento al Socialismo, uma das denominações da corrente trotskista encabeçada por Nahuel Moreno na Argentina desde os anos 1940. (Nota da edição brasileira)

Clásicos

**CLÁSSICO** Este texto faz parte do livro de Trotski intitulado *Terrorismo e comunismo – O antikautsky*, escrito em 1920, durante a guerra civil russa. Nele, Trotski polemiza com a brochura homônima de Kautsky, *Terrorismo e comunismo*, na qual o dirigente alemão questionava, em plena guerra civil, a violência usada pelos bolcheviques para enfrentar a contrarrevolução.

## Os soviets, os sindicatos e o partido

**Leon Trotski**

Os soviets, como forma de organização da classe operária, representam para Kautsky, em comparação com os partidos e as organizações profissionais dos países mais adiantados, não uma forma superior de organização, mas uma falsificação, um retrocesso, com o qual temos que nos contentar, diante da falta de organizações políticas. Admitamos que isto seja certo para a Rússia. Mas, explique-nos, então, por que os soviets apareceram na Alemanha? Não seria conveniente renunciar a eles na República de Ebert?<sup>1</sup> Sabemos que, apesar disso, Hilferding, cujas opiniões aproximam-se muito das de Kautsky, propunha, não faz muito tempo, que os soviets fossem introduzidos na Constituição. Kautsky nada diz sobre isto.

Se se considera os soviets como uma instituição muito “primitiva”, deve-se reconhecer também, para fazer justiça, que a luta aberta, a luta revolucionária, é um processo mais “primitivo” que a ação parlamentar. Mas esta é artificial e complicada e só pode interessar, por conseguinte, a uma classe superior pouco numerosa. A revolução só é possível ali onde as massas estiverem diretamente interessadas. A revolução de novembro<sup>2</sup> mobilizou massas como o Partido Social-Democrata nunca teria pensado reunir. Por vastas que fossem as organizações do partido e dos sindicatos na Alemanha, a revolução superou-as em extensão, de um só golpe. As massas revolucionárias encontraram a sua representação imediata em uma organização muito simples e acessível a todos: o soviet dos seus delegados. Pode-se admitir que o soviet de delegados não se eleva à altura do partido ou do sindicato no que se refere à clareza de programa ou à regulamentação da organização. Mas coloca-se, e muito, acima dos sindicatos e do partido no que se refere ao número de homens capazes de participar da luta revolucionária, e

1 Presidente da Alemanha entre 1919 e 1925. (Nota da edição brasileira)

2 Revolução alemã de novembro de 1918. (Nota da edição brasileira)

esta superioridade numérica proporciona ao soviets, em época de revolução, vantagens indiscutíveis. O soviets congregam os trabalhadores de todas as indústrias, de todas as profissões, qualquer que seja o grau de seu desenvolvimento intelectual ou o nível de sua instrução política, pelo que é obrigado, objetivamente, a formular os interesses gerais do proletariado.

### **Os comunistas e a classe operária**

*O Manifesto do Partido Comunista* dizia que a missão dos comunistas consistia precisamente em formular os interesses gerais, os interesses de toda a classe operária. Os comunistas só se distinguem dos outros partidos operários - segundo os termos do *Manifesto* - em dois pontos:

1) nas diferentes lutas nacionais dos proletariados, fazem ressaltar e prevalecer os interesses comuns do proletariado, os quais são independentes da nacionalidade;

2) nas diferentes fases da luta entre proletários e burgueses, representam, sempre e em qualquer parte, os interesses do movimento geral.

A organização de classe dos soviets concretiza esse movimento “geral”. Por aí se vê como e porque os comunistas deviam e conseguiram ser o partido dirigente dos soviets.

Mas também se vê como é falsa a apreciação dos soviets feita por Kautsky, segundo a qual estes são uma espécie de “falsificação” do partido, e a cretinice da tentativa feita por Hilferding de introduzir os soviets, na qualidade de instrumento secundário, no mecanismo da democracia burguesa. Os soviets são uma organização proletária revolucionária e têm o seu valor próprio, seja como órgão de luta para a conquista do poder, seja como instrumento de exercício do poder pela classe trabalhadora.

Como não compreende a função revolucionária dos soviets, Kautsky apresenta o que constitui o seu mérito principal como um defeito fundamental: “A distinção entre burguês e operário – diz – não pode se estabelecer com exatidão em parte alguma, é um pouco arbitrária, o que faz com que o sistema de conselhos seja muito apropriado para a instituição de uma ditadura arbitrária, mas muito inadequado para instaurar um regime político claro e sistemático”.

Se acreditarmos em Kautsky, uma ditadura de classe não pode criar instituições que convenham à sua natureza porque não existe demarcação inquestionável entre as classes. Mas então, para

falar em termos mais gerais, o que vamos fazer da luta de classes? Porque tem sido precisamente na multiplicidade de degraus da escada social que separa a burguesia do proletariado que os ideólogos da pequena burguesia têm encontrado sempre o seu argumento mais firme contra o “princípio” da luta de classes? Kautsky se detém, atrapalhado por uma dúvida, no momento em que o proletariado, depois de ter ultrapassado a amorfia e a instabilidade das classes médias, arrastando atrás de si uma parte destas classes e atirando o resto ao campo da burguesia, organiza de fato a sua ditadura no regime governamental dos soviets. Os soviets são instrumentos de domínio proletário que não podem ser substituídos por coisa alguma, precisamente porque os seus limites são flexíveis e elásticos, e todas as modificações, não só sociais, mas também políticas, que se verificam na posição relativa das classes podem expressar-se imediatamente no mecanismo soviético. Começando pelas grandes fábricas, os soviets fazem logo entrar em sua organização os operários das oficinas e os empregados do comércio; daí, trasladam-se para o campo, organizam a luta dos camponeses contra os proprietários rurais, e levantam, mais tarde, as camadas inferiores e médias do mundo camponês contra os lavradores ricos (as “pessoas importantes”). O Estado operário toma, a seu serviço, inúmeros empregados que pertencem, sob alguns aspectos, à burguesia e ao mundo intelectual burguês. À medida que se acostumam à disciplina do regime soviético, adquirem a possibilidade de fazerem-se representar no sistema dos soviets. Desenvolvendo-se ou diminuindo, às vezes, na medida em que se estendem ou diminuem as posições sociais conquistadas pelo proletariado, o sistema soviético continua sendo o instrumento de governo da revolução social em sua dinâmica interna, em seus erros e em seus triunfos. Quando a revolução social tiver triunfado definitivamente, o sistema soviético estender-se-á a todo o povo, perdendo assim, desde então, o seu caráter governamental, e transformando-se em uma poderosa cooperativa de produtores e consumidores.

Se o partido e os sindicatos têm sido organismos destinados a preparar a revolução, os soviets são as armas dessa revolução. Depois da vitória desta, os soviets transformam-se em órgãos de poder. O papel do partido e dos sindicatos, sem perder a sua importância, modifica-se essencialmente.

A direção geral dos negócios é concentrada nas mãos do partido. Isto não quer dizer que o partido governe de forma imediata,

pois a sua estrutura não é adequada a esta função. Mas tem voto decisivo em todas as questões de princípio que se apresentam. E mais: a experiência nos obrigou a estabelecer que em todos os problemas litigiosos, em todos os conflitos que possam surgir entre administrações e nos conflitos entre pessoas dentro das próprias administrações, a última palavra caberá ao comitê central do partido. Isto economiza muito tempo e energia, e, nas circunstâncias mais difíceis, nas discussões mais embaraçosas, garante a indispensável unidade de ação. Regime semelhante só é possível se a autoridade do partido é indiscutível, se a sua disciplina não deixa nada a desejar. Para a felicidade da revolução, o nosso partido preenche igualmente estas duas condições. Quanto à questão de se saber se em outros países, cujo passado não lhes legou uma forte organização revolucionária temperada no combate, poder-se-á dispor, quando chegar a hora da revolução proletária, de um partido comunista tão autorizado como o nosso – isso é coisa que, de antemão, não se pode dizer. Mas é evidente que a solução desta questão exercerá uma influência considerável sobre a marcha da evolução em cada país.

O papel excepcional que o partido comunista desempenha na hora da vitória da revolução proletária é perfeitamente compreensível. Trata-se da ditadura de uma classe. A classe se compõe de diferentes camadas, cujos sentimentos e opiniões não são unânimes e cujo nível intelectual varia. Pois bem, a ditadura pressupõe a unidade de vontade, a unidade de tendência, a unidade de ação. Por que outro meio poderia ser implantada? A dominação revolucionária do proletariado implica, dentro do próprio proletariado, na dominação de um partido dotado de um programa definido de ação e de uma disciplina interna indiscutível.

A política de bloco está em contradição íntima com o regime da ditadura proletária. Não nos referimos a um bloco constituído com os partidos burgueses, coisa em que nem se poderia falar, mas a um bloco de comunistas com outras organizações “socialistas”, que representam, em graus diferentes, o campo arcaico e os preconceitos das massas trabalhadoras.

A revolução destrói rapidamente tudo o que é instável, liquida o artificial; as contradições encobertas com o bloco manifestam-se de qualquer forma, sob a pressão dos acontecimentos revolucionários. Nós o constatamos no exemplo da Hungria, onde a ditadura do proletariado tomou a forma política de uma coligação dos comunistas com os socialistas, que eram partidários disfarçados

de uma aliança com a burguesia. A coligação logo se desagregou. O partido comunista pagou caro pela incapacidade revolucionária e pela traição política de seus companheiros de aventura. É absolutamente evidente que teria sido mais vantajoso para os comunistas húngaros conquistar o poder mais tarde, dando previamente aos socialistas de esquerda (os que desejam a aliança com a burguesia) o tempo necessário para desmoralizarem-se inteiramente. Pode-se perguntar, certamente, se dependia deles agir assim. De qualquer modo, o bloco com os tais socialistas, que só serviu para ocultar provisoriamente a debilidade dos comunistas húngaros, impediu o seu fortalecimento em favor dos seus aliados transitórios, e os levou a uma catástrofe.

O próprio caso da Revolução Russa é também um exemplo apropriado desta ideia. O bloco dos bolcheviques e socialistas revolucionários de esquerda, depois de uma existência de alguns meses, terminou com uma ruptura sangrenta. É verdade que, neste caso, não fomos nós, os comunistas, que pagamos a maior parte dos gastos, mas os nossos companheiros infiéis. É evidente que um bloco em que éramos os mais fortes – e no qual, por conseguinte, não corríamos muito perigo ao pretender utilizar, por uma etapa apenas, a extrema esquerda da democracia (a dos pequenos burgueses) – não constitui motivo para censuras. Não obstante, este episódio da nossa aliança com os socialistas revolucionários de esquerda mostra claramente que um regime de transações, de conciliação e concessões mútuas – e nisto consiste o regime do bloco – não pode durar muito em uma época em que é indispensável a unidade de visão para tornar possível a unidade de ação.

Mais de uma vez fomos acusados de exercer a ditadura do partido em vez da ditadura dos soviets. E, no entanto, podemos afirmar, sem medo de erro, que a ditadura dos soviets só foi possível graças à ditadura do partido. Graças à clareza de suas ideias teóricas, graças à sua forte organização revolucionária, o partido deu aos soviets a possibilidade de transformarem-se, de informes parlamentos operários que eram, em um instrumento de dominação do trabalho. Nesta substituição do poder da classe operária pelo poder do partido, não houve nada de casual. E até mesmo, no fundo, não existe nisto nenhuma substituição. Os comunistas representam os interesses fundamentais da classe trabalhadora. É muito natural que, em uma época em que a história inicia a discussão destes interesses em toda sua magnitude, os comunistas tornem-se os representantes reconhecidos da classe operária em

sua totalidade. “Mas quem vos garante – perguntam-nos alguns espíritos malévolos – que vosso partido seja precisamente o que expressa os interesses do desenvolvimento histórico? Proibindo ou mergulhando na sombra os demais partidos, vosso partido se desembaraçou dos rivais políticos e com isto privou-se da possibilidade de verificar sua própria linha de conduta!”

Essa consideração é inspirada por uma ideia puramente liberal da marcha da revolução. Em uma época em que todos os antagonismos de classe apareceram francamente e a luta política se transformou com rapidez em guerra civil, o partido dirigente teve à mão materiais e critérios suficientes – além de um grande número de jornais mencheviques – para verificar a sua linha de conduta. Noske<sup>3</sup> aniquila os comunistas alemães e, não obstante, o número destes não deixa de crescer. Nós esmagamos os mencheviques e os socialistas revolucionários, e não ficou nem rastro deles. Estes critérios nos bastam. Em todo caso, a nossa missão não consiste em calcular a cada minuto, por meio de uma estatística, a importância dos grupos que representam cada tendência, mas em assegurar a vitória de nossa própria tendência – a da ditadura proletária –, em procurar no processo desta ditadura, nos diversos atritos que se opõem ao bom funcionamento de seu mecanismo interno, um critério suficiente para a verificação do valor de nossos atos.

A conservação prolongada da “independência” do movimento sindical em uma época de revolução proletária é tão impossível como a política dos blocos. Os sindicatos passam a ser, nesta época, os órgãos econômicos mais importantes do proletariado vitorioso. Por isso mesmo, subordinam-se à direção do partido comunista. A direção de nosso partido se encarrega de resolver não só as questões de princípio do movimento sindical, mas também os conflitos sérios que possam surgir no interior destas organizações.

Os partidários de Kautsky acusam o poder soviético de ser a ditadura apenas “de uma parte” da classe operária. “Se ao menos – clamam – fosse a ditadura de toda a classe!”

Não é fácil descobrir exatamente o que querem dizer com isso. A ditadura do proletariado significa, em essência, a dominação imediata de uma vanguarda revolucionária que se apoia nas massas e que obriga os menos avançados a unirem-se quando é preciso. Isto diz respeito também aos sindicatos. Depois da con-

3 Gustav Noske (1868-1946), membro do Partido Social-Democrata alemão, ministro da Defesa entre 1919 e 1920. (Nota da edição brasileira)

quista do poder pelo proletariado, a sindicalização adquire um carácter obrigatório. Os sindicatos devem agrupar todos os operários industriais. O partido continua assimilando apenas os mais conscientes e abnegados. É muito circunspecto quando se trata de aumentar as suas fileiras. Daí, a função dirigente que a minoria comunista desempenha nos sindicatos, função que corresponde à influência exercida pelo partido comunista nos soviets, e que é a expressão política da ditadura do proletariado.

As uniões profissionais ou sindicatos de ofício arcam com o peso imediato da produção. Representam por isso não só os interesses dos operários industriais, mas os da própria indústria. No começo, os sindicatos manifestavam, às vezes, tendências trade-unionistas que os levavam a negociar com o Estado soviético, a impor condições, a exigir garantias. Mas com o correr do tempo, acabaram compreendendo que eram eles mesmos órgãos produtores do Estado soviético. E então, cuidando de si mesmos, já não se opunham a eles; confundiram-se com eles. Os sindicatos buscaram estabelecer a disciplina do trabalho. Exigiram dos operários um trabalho intenso nas mais penosas condições, até que o Estado proletário contasse com os recursos necessários para modificar estas condições. Os sindicatos se encarregaram de exercer a repressão revolucionária contra os indisciplinados, contra os elementos turbulentos e parasitários da classe trabalhadora. Abandonando a política das trade-unions, que é, de certo modo, inseparável do movimento sindical em uma sociedade capitalista, os sindicatos integraram-se totalmente na política do comunismo revolucionário.

**CLÁSSICO** Reproduzimos a seguir, na íntegra, a resolução adotada pelo II Congresso da III Internacional, realizado em 1920, a respeito do partido revolucionário e sua relação com a classe trabalhadora e seus organismos.

## Resolução sobre o papel do partido comunista na revolução proletária

### II Congresso da III Internacional Comunista

O proletariado mundial está às vésperas de uma luta decisiva. A época que vivemos é uma época de ação direta contra a burguesia. A hora decisiva se aproxima. Logo, em todos os países onde existe um movimento operário consciente, a classe operária entregar-se-á a uma série de combates obstinados, de armas na mão. Mais do que nunca, neste momento, a classe operária tem necessidade de uma sólida organização. Infatigavelmente, a classe operária deve, doravante, preparar-se para esta luta, sem perder uma única hora de um tempo precioso.

Se durante a Comuna de Paris (em 1871), a classe operária tivesse um partido comunista solidamente organizado, ainda que pouco numeroso, a primeira insurreição do heróico proletariado francês teria sido mais forte e teria evitado erros e debilidades. As batalhas que o proletariado terá que travar agora, em conjuntura histórica completamente diferente, terão resultados mais graves que os de 1871.

O II Congresso Mundial da Internacional Comunista assinala aos operários revolucionários do mundo inteiro a importância do que segue:

1) O partido comunista é uma fração da classe operária e, entenda-se bem, é a sua fração mais avançada, mais consciente e, portanto, a mais revolucionária. Ele se cria pela seleção espontânea dos trabalhadores mais conscientes, mais devotados, mais clarividentes. O partido comunista não tem interesses diferentes dos da classe operária. O partido comunista não difere da grande massa de trabalhadores naquilo que considera a missão histórica do conjunto da classe operária, e se esforça, em todas as situações, não por defender os interesses de alguns grupos ou algumas profissões, mas os de toda a classe operária. O partido comunista constitui a força organizativa e política que, com a ajuda da fração mais avançada da classe operária, dirige, no caminho correto, as massas do proletariado e do semiproletariado;

2) Enquanto o poder governamental não for conquistado pelo proletariado, e enquanto este último não destruir, de uma vez por todas, sua dominação e prevenir-se contra toda tentativa de restauração burguesa, o partido comunista terá em suas fileiras apenas uma minoria da classe operária. Até a tomada do poder e na fase de transição, o partido comunista pode, graças às circunstâncias favoráveis, exercer uma influência ideológica e política incontestável sobre todas as camadas proletárias e semiproletárias da população, mas ele não pode reuni-las organizadas em suas fileiras. Somente quando a ditadura do proletariado tiver privado a burguesia de meios de ação poderosos como a imprensa, a escola, o parlamento, a igreja, a administração etc., a derrubada definitiva do regime burguês tornar-se-á evidente aos olhos de todos, e então os operários – ou pelo menos a sua maioria – começarão a ingressar para as fileiras do partido comunista;

3) As noções de partido e de classe devem ser distinguidas com a maior atenção. Os membros dos sindicatos “cristãos” e liberais da Alemanha, Inglaterra e outros países pertencem, indubitavelmente, à classe operária. Os agrupamentos operários mais ou menos consideráveis que se colocam ainda no séquito de Scheidemann<sup>4</sup>, de Gompers<sup>5</sup> e seus comparsas também pertencem a ela. Nestas condições históricas, é bem possível que numerosas tendências reacionárias formem-se na classe operária. A tarefa do comunismo não é se adaptar a estes elementos atrasados da classe operária, mas conduzir toda a classe operária ao nível da vanguarda comunista. A confusão entre estas duas noções de partido e de classe pode conduzir a erros e mal-entendidos muito graves. É evidente, por exemplo, que os partidos operários devem, a despeito dos preconceitos e do estado de espírito de uma parcela da classe operária durante a guerra imperialista, insurgir-se a todo custo contra estes preconceitos e este estado de espírito, em nome dos interesses históricos do proletariado que colocaram sobre os ombros do partido a obrigação de declarar guerra à guerra.

Assim, por exemplo, no começo da guerra imperialista de 1914, os partidos socialistas de todos os países, sustentando suas res-

4 Philipp Scheidemann (1865-1939) foi membro do Partido Social-Democrata alemão e chanceler da Alemanha em 1919-1019. (Nota da edição brasileira).

5 Samuel Gompers (1850-1924) sindicalista norte-americano, fundador da American Federation of Labor (Federação Americana do Trabalho – AFL). (Nota da edição brasileira).

pectivas burguesias, não se esqueceram de justificar sua conduta invocando a vontade da classe operária. Fazendo isto, eles esqueceram que a tarefa do partido proletário deveria ser reagir contra a mentalidade operária geral e defender, apesar disto, os interesses históricos do proletariado. Deste modo, no começo do século 20, os mencheviques russos (que se denominavam então economicistas) repudiaram a luta aberta contra o czarismo porque, diziam eles, a classe operária em seu conjunto ainda não estava em condições de compreender a necessidade da luta política<sup>6</sup>.

Por isso, os independentes de direita na Alemanha justificaram sempre suas meias medidas dizendo que era necessário, antes de tudo, compreender os desejos das massas, sem compreender, eles mesmos, que o partido está destinado a caminhar à frente das massas mostrando-lhes o caminho;

4) A Internacional Comunista está absolutamente convencida de que a fragilidade dos antigos partidos social-democratas (ou seja, da II Internacional) não pode, em nenhum caso, ser considerada a fragilidade dos partidos proletários em geral.

A época da luta direta em direção à ditadura do proletariado exige construir o novo partido proletário mundial: o partido comunista;

5) A Internacional Comunista repudia, da forma mais categórica, a opinião segundo a qual o proletariado pode fazer sua revolução sem ter um partido político. Toda luta de classes é uma luta política. O objetivo desta luta, que tende a transformar-se, inevitavelmente, em guerra civil, é a conquista do poder político. Por isso, o poder político não pode ser tomado, organizado e dirigido por qualquer partido político. Somente no caso do proletariado ser guiado por um partido organizado e provado, com objetivos claramente definidos e possuindo um programa de ação possível de ser aplicado, tanto na política interior como na política exterior, a conquista do poder político pode ser considerada não como um episódio, mas como o ponto de partida de um trabalho duradouro de edificação comunista da sociedade pelo proletariado.

A própria luta de classes exige também a centralização e a direção única das diversas formas do movimento proletário (sindica-

6 A identificação entre mencheviques e economicistas não é precisa. A corrente denominada "economicista" no Partido Operário Social-Democrata Russo surgiu ainda no final do século 19 e se caracterizava pela idealização da luta econômica espontânea da classe operária e pela negação da luta política. Já os mencheviques surgem como corrente política interna ao POSDR em 1903 sobre a base de diferenças em relação à concepção de partido, sem negar, contudo, a necessidade da luta política. (Nota da edição brasileira).

tos, cooperativas, comitês de fábrica, formação política, eleições etc.). O centro organizador e dirigente só pode ser um partido político. Recusar-se a crer, a afirmar e a aceitar isto equivale a repudiar o comando único dos contingentes do proletariado agindo em pontos diferentes. A luta da classe proletária exige uma agitação concentrada, que esclareça as diferentes etapas da luta de um ponto de vista único, e atraia, em todo momento, a atenção do proletariado para as tarefas que lhe interessam inteiramente. Isto não pode ser realizado sem um aparelho político centralizado, isto é, sem um partido político.

A propaganda de alguns sindicatos revolucionários e dos integrantes do movimento industrialista do mundo inteiro (IWW<sup>7</sup>) contra a necessidade de um partido político autossuficiente ajuda apenas, falando objetivamente, a burguesia e os “social-democratas” contrarrevolucionários. Em sua propaganda contra um partido comunista que eles desejam substituir pelos sindicatos ou por uniões operárias amorfas e muito amplas, os sindicalistas e os industrialistas têm pontos de contato com os oportunistas reconhecidos.

Depois da derrota da revolução de 1905, os mencheviques russos difundiram, durante alguns anos, a ideia de um congresso operário (assim denominavam), que deveria substituir o partido revolucionário da classe operária:

[...] sindicalistas de todos os matizes na Inglaterra e na América desejam substituir o partido político por informes uniões operárias, e inventam, ao mesmo tempo, uma tática política absolutamente burguesa. Os sindicalistas revolucionários e industrialistas desejam combater a ditadura da burguesia, mas não sabem como fazê-lo. Eles não percebem que uma classe operária sem partido político é um corpo sem cabeça. O sindicalismo revolucionário e o industrialismo não dão um passo adiante em relação à antiga ideologia inerte e contrarrevolucionária da II Internacional. Em relação ao marxismo revolucionário, isto é, ao comunismo, o sindicalismo e o industrialismo dão um passo atrás. (Declaração do KAPD<sup>8</sup>)

O exposto acima faz parte do programa elaborado pelo congresso fundacional do KAPD. Neste mesmo congresso, o KAPD afirma

7 Industrial Workers of the World (Operários Industriais do Mundo) foi uma federação sindical de inclinação anarquista hegemônica nos Estados Unidos no início do século 20. (Nota da edição brasileira)

8 O Kommunistische Arbeiter-Partei Deutschlands (Partido Comunista Operário da Alemanha) foi uma organização ultra-esquerdista que atuou na Alemanha no início dos anos 1920 e que era seção simpatizante da III Internacional. (Nota da edição brasileira).

que é um partido, “mas não um partido no sentido corrente da palavra”. Isto é uma capitulação à opinião sindicalista e industrialista, ou seja, é uma postura reacionária.

Não é pela greve geral, pela tática dos braços cruzados, que a classe operária pode obter a vitória sobre a burguesia. O proletariado deve se insurgir de armas na mão. Quem compreende isto compreende também que um partido político organizado é necessário e que informes uniões operárias não podem ter lugar na insurreição.

Os sindicalistas revolucionários falam frequentemente do grande papel que deve desempenhar uma minoria revolucionária resoluta. Ora, de fato, é preciso uma minoria resoluta da classe operária. Esta minoria que é comunista e que tem um programa, que deseja organizar a luta das massas – é exatamente o partido comunista;

6) A tarefa mais importante de um partido realmente comunista é estar em contato permanente com as organizações proletárias mais amplas. Para chegar a isto, os comunistas podem e devem fazer parte dos grupos que, sem serem grupos do partido, englobam grandes massas proletárias. Tais são, por exemplo, aqueles que se conhece sob a denominação de organizações de inválidos<sup>9</sup> em diversos países; sociedades como a “Tirem as mãos da Rússia” (*Hands off Russia*) na Inglaterra; as uniões proletárias de inquilinos etc. Temos também o exemplo das conferências de operários e camponeses russos que se declaram “independentes” dos partidos. Associações deste tipo logo serão organizadas em cada cidade, em cada bairro operário e também no campo. Fazem parte destas associações as mais amplas massas, o que inclui também os trabalhadores atrasados. Na ordem do dia se colocarão as questões mais interessantes: alimentação, habitação, questões militares, ensino, tarefa política do momento presente etc. Os comunistas devem ter influência nestas associações e isto trará os resultados mais importantes para o partido.

Os comunistas consideram como sua tarefa principal um trabalho sistemático de educação e organização no seio dessas organizações. Mais precisamente, para que este trabalho seja fecundo, para que os inimigos do proletariado revolucionário não possam amparar-se nestas organizações, os trabalhadores avançados (co-

<sup>9</sup> Organizações muito comuns na Europa no início do século 20, que aglutinavam os veteranos das distintas guerras em torno de suas demandas específicas. (Nota da edição brasileira)

munistas) devem ter uma ação organizada em seu meio, sabendo defender o comunismo em todas as conjunturas e em presença de qualquer eventualidade;

7) Os comunistas não se afastam nunca das organizações operárias politicamente neutras, mesmo quando elas se revestem de um evidente caráter reacionário (uniões do sindicalismo “amarelo”, associações cristãs etc.). No seio destas organizações, o partido comunista prossegue constantemente com seu trabalho, demonstrando infatigavelmente aos operários que a neutralidade política é repetidamente cultivada entre eles pela burguesia e seus agentes, com o fim de desviar o proletariado da luta organizada pelo socialismo;

8) A antiga divisão clássica do movimento operário em três formas (partidos, sindicatos, cooperativas) já esgotou sua época. A revolução proletária na Rússia suscitou a forma essencial da ditadura do proletariado, os soviets. A nova divisão que fazemos valer é a seguinte: *primeiro, o partido; segundo, o soviet; e, terceiro, o sindicato.*

Mas o trabalho nos soviets, bem como nos sindicatos que se fizeram revolucionários, deve ser invariavelmente e sistematicamente dirigido pelo partido do proletariado, isto é, pelo partido comunista. Vanguarda organizada da classe operária, o partido comunista responde igualmente aos desejos econômicos, políticos e espirituais da classe operária como um todo. Ele deve ser a alma dos sindicatos e dos soviets, assim como de todas as formas de organização proletária.

O surgimento dos soviets, forma histórica principal da ditadura do proletariado, não diminui de forma alguma o papel dirigente do partido comunista na revolução proletária. Quando os comunistas alemães de “esquerda” (vide o “Manifesto ao Proletariado Alemão”, de 14 de abril de 1920, assinado pelo Partido Operário Comunista Alemão) declararam que “o partido deve, também ele, adaptar-se mais e mais à ideia soviética e proletarizar-se” (*Kommunistische Arbeiterzeitung*<sup>10</sup>, nº 54), vimos nisto apenas a insinuação de que o partido comunista deve fundir-se nos soviets e que os soviets podem substituí-lo. Este ponto de vista é profundamente reacionário.

A história da Revolução Russa nos mostra os soviets indo contra o partido proletário em certo momento e sustentando os agentes

10 Gazeta Operária Comunista. (Nota da edição brasileira)

da burguesia. Pôde-se observar a mesma coisa na Alemanha. E isto é possível também em outros países.

Para que os soviets possam cumprir sua missão histórica, a existência de um partido comunista suficientemente forte para não “se adaptar aos soviets, mas para exercer sobre eles uma influência decisiva, constringendo-os a não ‘se adaptarem’ à burguesia e à social-democracia oficial, conduzindo-os por meio de sua fração comunista”, é, ao contrário, necessário;

9) O partido comunista não é necessário à classe operária apenas antes e durante a conquista do poder, mas também depois disto. A história do partido comunista russo, que está no poder há três anos, mostra que a importância do partido comunista, longe de diminuir depois da conquista do poder, aumenta consideravelmente;

10) Quando da conquista do poder pelo proletariado, o partido do proletariado constitui apenas uma fração da classe trabalhadora. Mas é a fração que organizou a vitória. Durante 20 anos, como vimos na Rússia, ou durante vários anos, como vimos na Alemanha, o partido comunista luta não somente contra a burguesia, mas também contra aqueles que, entre os socialistas, só fazem, na realidade, transmitir a influência das ideias burguesas para o proletariado. O partido comunista é formado pelos militantes mais estoicos, mais clarividentes, mais avançados da classe operária. E a existência de semelhante organização proletária permite suportar todas as dificuldades que se abatem sobre o partido comunista, até o dia de sua vitória. A organização de um novo exército vermelho proletário, a abolição efetiva do mecanismo governamental burguês e a criação dos primeiros traços do aparelho governamental proletário, a luta contra as tendências corporativistas de alguns agrupamentos operários, a luta contra o patriotismo regional e o espírito de seita, os esforços para suscitar uma nova disciplina do trabalho – todas essas tarefas recaem sobre os ombros do partido comunista, cujos membros, por seu exemplo vivo, conduzem as massas operárias;

11) A necessidade de um partido político do proletariado desaparecerá apenas com o desaparecimento das classes sociais. Na caminhada do comunismo rumo à vitória definitiva, é possível que a relação específica que existe entre as três formas essenciais da organização proletária contemporânea (partidos, soviets, sindicatos) seja modificada e que um tipo único, sintético, de organização operária cristalize-se pouco a pouco. Mas o partido comunista não se dissolverá completamente no seio da classe operária

até que o comunismo deixe de ser o desafio da luta social, até que a classe operária seja, toda ela, comunista;

12) O II Congresso da Internacional Comunista deve não apenas confirmar o partido em sua missão histórica, mas também indicar ao proletariado internacional as características essenciais do partido que é necessário;

13) A Internacional Comunista é da opinião que, principalmente na época da ditadura do proletariado, o partido comunista deve se basear sobre uma inquebrantável centralização proletária. Para dirigir eficazmente a classe operária na guerra civil longa e tenaz, tornada iminente, o partido comunista deve estabelecer em seu interior uma disciplina de ferro, uma disciplina militar. A experiência do partido comunista russo, que, durante três anos, dirigiu com sucesso a classe operária em meio às reviravoltas da guerra civil, mostrou que sem a mais forte disciplina, sem uma centralização acabada, sem uma confiança absoluta de seus integrantes no centro dirigente do partido, a vitória dos trabalhadores é impossível;

14) O partido comunista deve se basear sobre uma centralização democrática. A constituição dos comitês secundários por meio de eleição, a submissão obrigatória de todos os comitês ao comitê que lhe é superior e a existência de um centro munido de plenos poderes, cuja autoridade não pode, no intervalo entre os congressos do partido, ser contestada por ninguém – tais são os princípios essenciais da centralização democrática;

15) Toda uma série de partidos comunistas na Europa e na América está jogada na ilegalidade pelo estado de sítio. É conveniente lembrar que o princípio eletivo pode sofrer, em certas condições, alguns prejuízos e que pode ser necessário acordar com os órgãos dirigentes do partido o direito de cooptar membros novos. Foi assim na guerra na Rússia. Durante o estado de sítio, o partido comunista não pode, evidentemente, recorrer ao *referendum* democrático todas as vezes que uma questão grave se apresenta (como gostaria um grupo de comunistas americanos); ele deve, ao contrário, dar ao seu centro dirigente a possibilidade e o direito de decidir prontamente, no momento oportuno, por todos os membros do partido;

16) A reivindicação de uma ampla “autonomia” para os grupos locais do partido nesse momento só pode enfraquecer as fileiras do partido comunista, diminuir sua capacidade de ação e favorecer o desenvolvimento de tendências anarquistas e pequeno-burguesas contrárias à centralização;

17) Nos países onde o poder ainda está nas mãos da burguesia ou da social-democracia contrarrevolucionária, os partidos comunistas devem aprender a justapor sistematicamente a ação legal e a ação clandestina.

Esta última deve sempre controlar efetivamente a primeira. Os grupos parlamentares comunistas, da mesma forma que as frações comunistas que atuam no interior das diversas instituições do Estado, centrais ou locais, devem estar inteiramente subordinados ao partido comunista, qualquer que seja a situação, legal ou não, do partido. Os possuidores de mandatos que, de uma forma ou de outra, não se submetem ao partido devem ser excluídos. A imprensa legal (jornais, edições diversas) deve depender em tudo e por tudo do conjunto do partido e de seu comitê central;

18) Em toda ação organizativa do partido e dos comunistas a pedra angular deve ser posta pela organização de um núcleo comunista em todos os lugares onde haja proletários e semiproletários. Em cada soviets, em cada sindicato, cooperativa, oficina, comitê de inquilinos, em cada instituição onde três pessoas simpatizem com o comunismo um núcleo comunista deve ser imediatamente organizado. A organização comunista é a única alternativa que permite à vanguarda da classe operária se educar, levando consigo toda a classe operária. Todos os núcleos comunistas, agindo entre as organizações politicamente neutras, estão absolutamente subordinados ao partido em seu conjunto, seja a ação do partido legal ou clandestina. Os núcleos comunistas devem ser organizados segundo uma estrita dependência recíproca, restando ainda estabelecer a forma mais precisa;

19) O partido comunista nasce quase sempre nos grandes centros, entre os trabalhadores da indústria urbana. Para assegurar a vitória mais fácil e mais rápida à classe operária, é indispensável que o partido comunista não seja um partido exclusivamente urbano. Ele deve se estender também ao campo e, para este fim, consagrar-se à propaganda e à organização dos trabalhadores agrícolas. O partido comunista deve dar uma atenção particular à organização de núcleos comunistas nas pequenas cidades.

A organização internacional do proletariado só pode ser forte se esta forma de encarar o papel do partido comunista for admitida em todos os países onde vivem e lutam os comunistas. A Internacional Comunista convida todos os sindicatos que aceitam os princípios da III Internacional a romper com a Internacional Amarela de Amsterdã. A Internacional Comunista organizará uma seção internacional de sindicatos vermelhos que se colocam

sobre o terreno do comunismo. A Internacional Comunista não recusará a ajuda de toda organização, mesmo politicamente neutra, que deseje combater a burguesia. Mas mesmo fazendo isto, a Internacional Comunista não cessará de mostrar aos proletários do mundo:

a) Que o partido comunista é a principal arma da emancipação do proletariado; nós devemos ter agora, em todos os países, não mais grupos ou tendências, e sim um partido comunista;

b) Que em cada país deve haver apenas um partido comunista;

c) Que o partido comunista deve ser fundado sobre o princípio da mais estrita centralização e deve instituir em seu seio, na época da guerra civil, uma disciplina militar;

d) Que em todos os lugares onde haja uma dezena, nem que seja uma dezena de proletários ou semiproletários, o partido comunista deve ter seu núcleo organizado;

e) Que em toda organização politicamente neutra deve haver um núcleo subordinado ao partido como um todo;

f) Que defendendo inquebrantavelmente e com absoluta devoção o programa e a tática revolucionária do comunismo, o partido deve manter sempre estreitas relações com as organizações das grandes massas operárias e deve evitar o sectarismo e a falta de princípios.

**CLÁSSICO** Este texto faz parte do livro de Moreno, escrito em 1979, intitulado *A ditadura revolucionária do proletariado*<sup>11</sup>, uma polêmica com o documento do SU<sup>12</sup>, escrito por Ernest Mandel<sup>13</sup>, “Democracia socialista e ditadura do proletariado”, no qual são sintetizadas as posições mandelistas sobre o fenômeno do “eurocomunismo”.

## Relação entre o partido e as outras instituições

**Nahuel Moreno**

Podemos resumir o anterior dizendo que a mobilização permanente por si só não serve, e que ela, necessariamente, deve estar ligada a instituições. O problema é saber qual é a instituição determinante. A maioria do SU defende, sem dúvida alguma, que é a soviética; que são os soviets que tomam o poder junto a misteriosos partidos soviéticos, que, aparentemente, são todos os partidos do país, incluídos os contrarrevolucionários. Na primeira tese da resolução, no subponto “e”, precisa com clareza que:

[...] os marxistas revolucionários também deduzem disto que a classe operária só pode exercer o poder de Estado no marco de instituições estatais de um tipo diferente do Estado burguês, ou seja, instituições baseadas em conselhos de trabalhadores (soviets) soberanos, democraticamente eleitos e centralizados, com as característi-

11 MORENO, Nahuel, *A ditadura revolucionária do proletariado*. São Paulo, Editora Sundermann, 2007. (Nota da edição brasileira)

12 Secretariado Unificado da IV Internacional. (Nota da edição brasileira)

13 Ernest Mandel (1923-1995) foi um dos dirigentes trotskistas mais importantes da segunda metade do século 20 com uma vasta obra nos terrenos da economia marxista, filosofia, teoria marxista do Estado e outras. Nahuel Moreno, fundador da LIT, caracterizava a corrente liderada por Mandel dentro da IV Internacional como uma corrente intelectual e impressionista, cujos zigue-zagues acarretaram grandes prejuízos ao movimento trotskista internacional. Junto com Michel Pablo, outro importante dirigente trotskista do pós-guerra, Mandel defendeu nos anos 1950 o chamado entrismo sui generis, ou seja, o ingresso das organizações trotskistas nos partidos stalinistas do mundo inteiro, com o objetivo de “empurrá-los à esquerda” no momento em que se abrisse a crise revolucionária mundial que Mandel e Pablo consideravam iminente. Mais tarde, nas décadas de 1960-1970, capitulando aos sentimentos da vanguarda universitária europeia, Mandel impulsionou uma linha guerrilheirista na América Latina, o que levou à destruição de seções inteiras da IV Internacional pela repressão e pelo isolamento. No final dos anos 1970, Mandel caracterizou o chamado “eurocomunismo”, ou seja, o processo de social-democratização dos partidos stalinistas europeus, como um fenômeno essencialmente progressivo, incorporando os seus postulados teóricos e políticos fundamentais, como a negação do caráter violento da ditadura do proletariado e a reivindicação dos mecanismos da democracia burguesa como válidos universalmente. Em 1979 Mandel se nega a denunciar a repressão exercida pelo governo sandinista da Nicarágua sobre os combatentes da Brigada Simón Bolívar, impulsionada pela corrente de Moreno e que lutou na revolução nicaraguense ao lado dos insurgentes. Esta capitulação de Mandel a um governo burguês que tortou e expulsou do país revolucionários trotskistas provocou a ruptura definitiva da IV Internacional. (Nota da edição brasileira)

cas fundamentais descritas por Lenin em *O Estado e a revolução*: eleição de todos os funcionários etc<sup>14</sup>.

E continuam detalhando os distintos métodos de eleição, de ródizio de funcionários, forma de pagamento etc. Nestas indicações, que parecem elaboradas por um advogado, são considerados praticamente todos os aspectos de uma organização estatal. Mas em nenhuma parte diz qual é o papel do partido marxista revolucionário na revolução, na tomada do poder e na ditadura do proletariado. E, portanto, não aponta quais relações o mesmo terá com outras organizações, como, por exemplo, os soviets.

Para fazer seu código, não é casual que a maioria do SU tenha escolhido, entre os livros marxistas, *O Estado e a revolução* de Lenin, e não os que este e Trotski escreveram depois da Revolução Russa, quando suas teorizações incorporavam as mudanças impostas pela realidade.

O SU não leva em conta em nenhum momento o enriquecimento da teoria marxista do Estado e da revolução produzido pela Revolução de Outubro. Depois que tomaram o poder, os dirigentes da revolução perceberam que o partido era a instituição mais importante para desenvolver e consolidar a ditadura do proletariado; que o poder tinha que estar nas mãos do partido, apoiado nos soviets. Lenin começou a insistir que o fator decisivo da ditadura do proletariado era o monopólio do exercício do poder pelo partido comunista. Em 1924, Trotski pronunciou-se contra a frente única com os outros partidos soviéticos para tomar o poder, ressaltando e aprovando o monopólio do exercício do poder pelo partido comunista e sua relação com os soviets e os outros partidos. Isso é assim porque enquanto os soviets não forem dirigidos por esse partido, não conformam uma ditadura revolucionária, mas algo completamente instável; são os soviets que, com o tempo, podem terminar apontando rumo à contrarrevolução. Recordemos as palavras de Trotski, referindo-se aos soviets kerenskistas:

A instabilidade dos soviets conciliadores residia no caráter democrático de tal coalizão de operários, camponeses e soldados, que exerciam um semipoder. Restava-lhes a alternativa de ver diminuir seu papel até a extinção ou assumir o poder de fato. Porém, não podiam assumi-lo como coalizão de operários e camponeses representados por diferentes partidos, mas somente como ditadura do proletariado, dirigida por

14 Secretariado Unificado, "Democracia socialista e ditadura do proletariado", 1977.

um partido único que atraísse as massas camponesas, começando pelos semiproletários<sup>15</sup>.

E já sob a ditadura stalinista, em 1930, precisava:

Qual é a base do regime da URSS? Recapitulemos os elementos essenciais: a) o sistema soviético como forma estatal; b) a ditadura do proletariado como conteúdo de classe desta forma estatal; c) o papel dirigente do partido, em cujas mãos se concentram todos os elementos da ditadura; d) o conteúdo econômico da ditadura proletária: nacionalização da terra, dos bancos, das fábricas, dos sistemas de transporte etc., e o monopólio do comércio exterior; e) o braço militar da ditadura: o Exército Vermelho. Todos esses elementos estão vinculados muito estreitamente entre si e a eliminação de qualquer um deles pode provocar a derrubada de todo o sistema. Hoje, o elo mais débil da cadeia é, sem dúvida, o partido, pedra fundamental do sistema<sup>16</sup>.

Quer dizer, o partido comunista era o elemento essencial da ditadura do proletariado na URSS para Trotski e Lenin. Em nenhuma parte colocam como fundamental os soviets. Só assinalam que é a forma estatal, mas que, na combinação de instituições e relações de produção que caracterizam o regime da ditadura do proletariado, o ponto chave é o partido comunista.

As duas categorias fundamentais e permanentes de todo processo revolucionário (tanto sob a ditadura do proletariado, quanto sob o domínio burguês) são, por um lado, a classe operária com seus aliados e sua mobilização; e, por outro, o partido marxista revolucionário. Que existam permanentemente não quer dizer que seu grau de desenvolvimento seja sempre ótimo; pode haver uma grande mobilização com um partido ainda incapaz de dirigi-la, por exemplo. Mas são as únicas categorias constantes. Por outro lado, os sindicatos, comitês de fábrica, comissões operárias, soviets etc. aparecem e desaparecem segundo os países e as etapas da luta de classes. Os elementos fundamentais – o partido e a mobilização – estabelecem mediações pelas distintas organizações. A famosa analogia das engrenagens, feita por Trotski, das rodas dentadas, não serve só para antes da tomada do poder, mas também para depois. Nela dizia que entre o partido revolucionário e as massas não se estabelece uma relação direta, e sim mediada pelas organizações não partidárias, mais amplas, massivas e intermediárias (como o soviet, o comitê de fábrica ou o sindicato).

15 Trotski, *Lições de Outubro*.

16 Trotski, "Aos camaradas búlgaros".

E a forma soviética, apesar de suas imensas vantagens, apesar de ser a forma organizativa mais dinâmica e ampla do movimento de massas em luta, muito superior ao comitê de fábrica e ao sindicato, não é mais que uma engrenagem privilegiada, mas apenas uma engrenagem: “Os soviets representam uma forma organizativa, tão somente uma *forma* [...] (sublinhado no original), enquanto acontece o contrário com o partido revolucionário, [...] não é, de modo algum, uma forma”<sup>17</sup>.

Dito de outra maneira, são os trabalhadores mobilizados revolucionariamente com as suas organizações de massas que fazem a revolução, mas é o partido revolucionário que tem o poder e a direção. Uma vez no poder, o partido utiliza as engrenagens organizativas mais adequadas para cada etapa da luta de classes, sem fazer um fetiche de nenhuma delas, sejam soviets, comitês de fábrica, comitês de operários sem partido, exércitos vermelhos, sindicatos, exatamente como o fizeram Lenin e Trotski nos primeiros anos da Revolução de Outubro para facilitar e organizar a mobilização permanente das massas russas.

### **Papel do partido na revolução e ditadura operária**

Afirmamos que o SU minimiza a importância do fator subjetivo. Trotski escreveu muito sobre este tema e nos ensinou que é algo que distingue todas as correntes oportunistas:

O oportunismo, que vive consciente ou inconscientemente com as ideias do passado, inclina-se sempre a menosprezar o papel do fator subjetivo, ou seja, a importância do partido revolucionário e de sua direção. Isto é percebido nas discussões travadas a respeito das lições do Outubro alemão, do Comitê Anglo-Russo<sup>18</sup> e da revolução chinesa. Em todas essas ocasiões, como em outras menos importantes, a tendência oportunista seguiu uma linha política que contava diretamente com as “massas” e, conseqüentemente, esquecia os problemas da direção revolucionária. Esta maneira de abordar a questão, em geral falsa do ponto de vista teórico, é particularmente funesta durante a época imperialista<sup>19</sup>.

Também o considerou um traço essencial do anarquismo: “A incoerência e, em última instância, o caráter reacionário de todo

17 Trotski, “The ILP and the Fourth International”.

18 Comitê de colaboração formado entre os sindicatos russos e ingleses nos anos 1920. A formação deste comitê foi duramente criticada por Trotski e toda a Oposição de Esquerda por se tratar de um acordo superestrutural com a burocracia laborista inglesa, constituindo-se, de fato, em um obstáculo para o fortalecimento do comunismo na Inglaterra. (Nota da edição brasileira)

19 Trotski, *Stalin, o grande organizador de derrotas*.

tipo de anarquistas e anarco-sindicalistas consiste, precisamente, em que não entendem a importância decisiva do partido revolucionário, especialmente na etapa superior da luta de classes, na época da ditadura proletária”<sup>20</sup>.

Efetivamente, o SU cai no oportunismo, no revisionismo, no anarquismo e no ultraesquerdismo nesse ponto. Só não cai no trotskismo. Nossa “religião”, se é que temos alguma, é a do papel fundamental que o partido cumpre na etapa de transição, antes e depois da tomada do poder. Agora o SU a trocou pela religião dos soviets. Mas “se o partido se separasse (ficasse excluído) do sistema soviético, este não tardaria a cair”<sup>21</sup>. Por que o SU não diz, ainda que de passagem, que quem dirige a revolução é o partido? Um próximo documento deve dizer claramente se o SU abandonou ou não sua fervorosa convicção de que a seguinte explicação de Trotski é válida para todo tempo e lugar:

Uma caldeira a vapor, ainda que seja mal utilizada, pode render durante muito tempo. Já um manômetro é um instrumento muito delicado, que se arruína rapidamente a qualquer impacto. Com um manômetro que não funcione, a melhor caldeira pode explodir. Assim, se o partido é um manômetro ou uma bússola num barco, seu mau funcionamento acarretaria grandes dificuldades. Porém, é mais que isso: o partido é a parte mais importante do mecanismo governamental. A caldeira soviética posta em funcionamento pela Revolução de Outubro é capaz de realizar um trabalho gigantesco, ainda que com maus mecânicos. Mas o mau funcionamento do manômetro coloca constantemente o perigo de explosão de toda máquina<sup>22</sup>.

Por razões objetivas e, portanto, alheias à vontade dos marxistas, a classe operária em sua totalidade não pode fazer a revolução e exercer o poder imediatamente depois de tê-lo tomado. Trotski é totalmente claro a respeito:

Uma revolução é “feita” diretamente por uma *minoría* (sublinhado no original). O êxito de uma revolução é possível, no entanto, somente quando essa minoría encontra certo apoio, ou pelo menos a neutralidade amistosa por parte da maioria. A mudança nas diferentes etapas da revolução, como a transição da revolução à contrarrevolução, é determinada diretamente pelas relações políticas variáveis entre a minoría e a maioria, entre a vanguarda e a classe<sup>23</sup>.

20 Trotski, “Problemas do desenvolvimento da URSS”.

21 Trotski, “Aos camaradas búlgaros”.

22 Trotski, “Problemas do desenvolvimento da URSS”.

23 Trotski, “Barulho por Kronstadt”.

Podemos lamentar o quanto quisermos, mas a realidade da luta de classes contemporânea faz com que seja assim. Esta é a diferença mais importante que há entre as revoluções e ditaduras burguesas por um lado, e as proletárias por outro.

Quando a burguesia chegou ao poder, ela era, de fato, a classe dominante econômica e culturalmente. Por isso, não necessitou de partidos políticos para alcançar o poder, pois se apoiou no parlamento, na universidade e em sua capacidade de controlar a economia. Mais ainda, conseguiu que setores religiosos e nobres passassem para o seu lado, e conseguiu utilizar a mobilização das massas plebeias a seu favor, aburguesando setores da mesma. Tudo apontava para consolidar seu domínio econômico e cultural e transferi-lo para o plano do Estado e da política.

Durante séculos, esse fortalecimento evolutivo foi um processo paralelo ao enfraquecimento do seu inimigo, o feudalismo. Assim, essa classe adquiriu homogeneidade, força e consciência de seus interesses. Com a classe operária ocorre o contrário. À medida que passam os anos, não aumenta seu domínio econômico e cultural. O sistema monopolista e imperialista, penetrando nos poros da classe operária, corrompeu-a, aristocratizou-a e incorporou-a, junto com as suas direções tradicionais, às instituições burguesas. Este veneno penetra pela educação, imprensa escrita, rádio e televisão.

Aquilo que a burguesia conseguiu antes de tomar o poder é impossível para a classe operária. O capitalismo impede que ela seja cada vez mais revolucionária, consciente de si mesma e de seu papel na sociedade. O imperialismo consegue impedir o desenvolvimento desta consciência.

Logicamente, esse é um processo altamente contraditório, no qual o capitalismo não consegue tudo o que quer, porque do outro lado está a classe operária com suas mobilizações e com o partido revolucionário tratando de desenvolver a consciência. Se não fosse assim, não haveria possibilidade de revolução operária. As contradições capitalistas e imperialistas em nível mundial fazem com que os trabalhadores, em determinados momentos e países, mobilizem-se revolucionariamente contra os exploradores.

De qualquer modo, o surgimento de uma situação revolucionária em um país não deixa de ser excepcional. Quando acontece, é porque houve necessidades objetivas implacáveis, e não por um processo de maturação evolutiva da consciência e da organização

da classe. Contra a visão gorteriana<sup>24</sup> da realidade que: “pinta a situação como se o momento de início da revolução dependesse exclusivamente do grau de esclarecimento do proletariado e não de toda uma série de fatores – nacionais, internacionais, econômicos e políticos – e, particularmente, do efeito das privações sobre os setores mais empobrecidos das massas”.

Permitimo-nos parafrasear Trotski dizendo “com sua permissão (dos camaradas da maioria do SU), as privações das massas permanecem o mais poderoso motor da revolução proletária”<sup>25</sup>. Apesar dessas crises, a classe operária continua sendo muito inferior à burguesia quanto a seu nível cultural e, principalmente, quanto à sua consciência. Nada o reflete melhor que a existência de multitudinários partidos reformistas e o apoio do proletariado ao partido democrata norte-americano. Este processo contraditório se manifesta nas relações entre os partidos revolucionários, reformistas e burgueses.

Por todo o dito anteriormente, o proletariado não pode tomar o poder só por intermédio de organizações ou instituições que o abarquem de conjunto, o que seria o mesmo que dizer todo o proletariado. É uma classe que está dividida e que continuará dividida em setores antagônicos durante a tomada do poder, e também sob a ditadura do proletariado. Haverá uma minoria consciente do projeto revolucionário, outros que serão neutros e também os que seguirão prisioneiros da ideologia burguesa ou reformista e, portanto, serão contrarrevolucionários. Aquela unidade, aquele poderio e domínio que a burguesia tinha antes de tomar o poder, a classe operária também irá conseguir, mas depois de chegar a ele. Quando estivermos perto do momento da revolução operária, da tomada do poder e da sua ditadura, a classe proletária e os seus partidos estarão dilacerados por tremendas contradições e divisões político-organizativas, como consequência do enorme peso da ideologia burguesa que impera em suas fileiras. O partido que consiga acaudilhar a classe operária é o único que pode superar estes graves empecilhos. Todas as desvantagens do proletariado frente à burguesia são compensadas quando surge uma minoria consciente, ferreamente organizada em seu partido, que dirija o processo, combatendo os setores operários que estão contra a revolução e ganhando o apoio ou a neutralidade da maioria. A classe operária pode compensar as desvantagens que

24 Referência a Herman Gorter (1864-1927), poeta e dirigente socialista de origem holandesa que participou da fundação do KAPD, influenciando-o no sentido do “conselhismo” e do espontaneísmo. (Nota da edição brasileira)

25 Trotski, “Sobre a política do KAPD”, In: *Os cinco primeiros anos da Internacional Comunista*.

tem frente à burguesia ao conseguir um grande desenvolvimento do fator consciente, subjetivo, ou seja, quando sua vanguarda construir um forte e sólido partido marxista revolucionário. Porque “o partido é a arma política suprema” que corporificará “as potencialidades e o futuro da revolução”.

Todas as ditaduras e revoluções proletárias triunfantes que se deram neste século têm sido revoluções e ditaduras de um partido; jamais dos sindicatos, dos soviets, dos comitês de fábrica ou de camponeses. Ou seja, jamais foram ditaduras de todos os operários e trabalhadores; foram sempre de uma minoria ferreamente organizada que tem o apoio ou a neutralidade mais ou menos ativa da maioria.

Assim o explica Trotski magistralmente:

Nas revoluções burguesas, a consciência, a preparação e o método desempenharam um papel muito menor que o que estão chamados a desempenhar e já desempenharam na revolução proletária. A força motriz da revolução burguesa era também a massa, mas muito menos consciente e organizada que agora. Sua direção estava nas mãos das diferentes frações da burguesia, que dispunha da riqueza, da instrução e da organização (prefeituras, universidades, imprensa etc.). A monarquia burocrática se defendia empiricamente, agia ao acaso. A burguesia escolhia o momento propício para jogar todo o seu peso social no prato da balança e apoderar-se do poder, explorando o movimento das massas populares. Já na revolução proletária o proletariado é não apenas a principal força combativa, mas também a força dirigente, materializada em sua vanguarda. Seu partido é o único que pode desempenhar na revolução proletária o papel que na revolução burguesa desempenhou a força da burguesia, sua instrução, suas prefeituras e suas universidades. Este papel é tanto mais importante quanto mais cresce de maneira formidável a consciência de classe de seu inimigo<sup>26</sup>.

## CLÁSSICO

O trecho a seguir foi extraído do discurso pronunciado por Lenin diante do plenário do III Congresso da Internacional Comunista, ocorrido entre os dias 22 de junho e 12 de julho de 1921, em Moscou. Neste discurso, Lenin defende a tática adotada pela Internacional Comunista de chamar as direções traidoras e reformistas do movimento operário para resistirem conjuntamente aos ataques realizados pelos Estados e empresas capitalistas contra o nível de vida da classe operária em todos os países. Além de uma tática defensiva de luta, o chamado às direções majoritárias da classe operária era também uma forma de disputar a consciência das grandes massas, que se encontravam ainda sob influência dos socialistas e distintos reformistas, e atraí-las para o comunismo. Abriu-se então, no seio da Internacional Comunista, uma polêmica sobre se o apoio das amplas massas ao programa do partido comunista era ou não uma condição necessária para a vitória da revolução.

# Intervenção no III Congresso da Internacional Comunista

## V. I. Lenin

Eu não descarto, em absoluto, que a revolução possa ser iniciada também por um partido muito pequeno e levada até a vitória. Mas é preciso saber com que métodos ganhar para si as massas. Para isto, é necessário preparar a fundo a revolução. Mas vemos que há camaradas que afirmam: é preciso renunciar imediatamente à exigência de conquistar as “grandes” massas. É preciso lutar contra estes camaradas. Em nenhum país vocês conseguirão a vitória sem uma preparação a fundo. É suficiente um partido muito pequeno para conduzir as massas. Em determinados momentos, não há necessidade de grandes organizações.

Mas para a vitória, é preciso contar com a simpatia das massas. Nem sempre é necessária a maioria absoluta; mas para a vitória, para manter o poder, é imprescindível não somente a maioria da classe operária (emprego aqui o termo “classe operária” no sentido europeu ocidental, ou seja, no sentido de proletariado industrial), mas também a maioria da população rural explorada e trabalhadora.

## CLÁSSICO

“O partido adquiriu, com efeito, elementos de influência sindical de massas, mas também uma importante influência política, convertendo-se, dentro da esquerda, no primeiro do movimento operário, o segundo nas eleições e o único que cresce e avança”.

# Documento Nacional do MAS da Argentina, 1988

## Partido de vanguarda com elementos de influência de massas

No congresso de 1985, definimo-nos como um partido de vanguarda em avanço, consolidação e extensão nacional, assentado nos bairros e zonas operárias, e que era um dos quatro maiores da esquerda, com o PI<sup>27</sup> e o PC, e a esquerda peronista (tendo menos votos ou militantes que eles, levando vantagem pela estruturação no movimento operário).

A etapa atual, como assinalou Moreno em *Problemas de Organização*, dá-nos uma “oportunidade histórica, destas que se apresentam a cada 30 ou 40 anos”, de ganhar influência de massas e lutar pela direção. Mas para a conjuntura que, dentro da etapa, atravessávamos em 1985, analisamos que poderíamos ganhar influência de massas, fazendo-nos fortes na emergente vanguarda operária. No entanto, naquele período, víamos limitado o desenvolvimento da nossa influência política pelos competidores de esquerda, que eram mediações agregadas à maior de todas: a consciência peronista das massas.

A realidade confirmou, mas, em parte, também superou aquela análise de conjuntura. O partido adquiriu, com efeito, elementos de influência sindical de massas, mas também uma importante influência política, convertendo-se, dentro da esquerda, no primeiro do movimento operário, o segundo nas eleições e o único que cresce e avança.

É assim que, alcançadas – e em parte superadas – as perspectivas conjunturais de 1985, hoje devemos definir-nos como *partido de vanguarda com elementos de influência sindical e política de massas*, em avanço e consolidação, estendido nacionalmente, estruturado e assentado no movimento operário e popular, e o principal da esquerda.

## O salto partidário

### Influência política

Os resultados eleitorais mostram que o MAS superou o PC e tende a alcançar o PI (a esquerda peronista se marginalizou, na maior parte atrás de Cafiero; e algumas frações, atrás do PC). Nosso partido é o único que cresce pela esquerda, enquanto, pelo outro extremo, o faz a direita. Nas eleições de 1983 o PI nos superou em 8 por 1; em 1985: 3 por 1 (a Frente del Pueblo, que então formávamos com o PC); e em 1987 a proporção foi PI – 1,5; e MAS – 1. Em 1983, o PC superava-nos em 3 por 1 (proporção que aceitávamos para distribuir as candidaturas comuns da Frente del Pueblo). Em 1987, superamos levemente o FRAL (Frente do PC e outras forças). O MAS aumentou quatro vezes a sua votação entre 1983 e 1987, refletindo a inserção em setores de massas, nas lutas operárias e populares e na vanguarda que está construindo a nova direção. Os 230 mil votos nacionais, que nos puseram como quinto partido do país, provêm de uma faixa de trabalhadores que rompeu com o peronismo pela esquerda. A maior parte desses votos foi obtida no cordão industrial de Buenos Aires, onde está a maioria do proletariado argentino, com porcentagens situadas entre 3 e 6%. Isto nos converteu na terceira força (atrás do peronismo e do radicalismo) em Matanza (o distrito mais populoso e mais operário do país), em Merlo, San Vicente, Florêncio Varela e Ensenada (distritos que são “dormitórios operários”) e em várias outras localidades. A sondagem de votos nas fábricas da Grande Buenos Aires nos deu mais de 10% (20% da Acindar, de San Justo e da cervejaria Quilmes, e 14% na Insad Merlo). Por sua vez, os 50 mil votos alcançados na Capital Federal mostraram que outros setores populares (estudantes, intelectuais, direitos humanos etc.) também nos apoiaram. 80% da votação nacional foi na chapa completa, e representa uma adesão total ao MAS e ao programa.

### Resultados estudantis

Confirmando o mesmo quadro, as eleições universitárias de Buenos Aires mostraram que o MAS cresce pela esquerda e a Unión de Centro Democrático (UCD), pela direita. Passamos a ser uma corrente minoritária, mas com peso objetivo (nove delegados ao congresso e um membro na Junta Executiva da Fede-

ração Universitária de Buenos Aires – FUBA), e também aqui a mais dinâmica da esquerda. O MAS subiu de 2% (1983) a 4,7% (1987). Nas faculdades de ciências humanas, onde o movimento estudantil é mais politizado, chegou a 14,4% (mais que o PI e o PC). O PI dirigia três centros de estudantes e agora dirige um. Devido à aliança que estabeleceu em 1987 com o peronismo, perdeu 7% em relação aos votos que haviam obtido separadamente em 1986. O PC não pôde se apresentar em várias faculdades. Obteve 4% (menos que nós). Em 1983, tinha 7,9% (quase quatro vezes mais que nós).

### **Influência sindical**

Em 1985, nossa intervenção nas lutas e eleições sindicais havia nos dado uma influência sindical já notável. Analisamos que, orientando-nos para o novo fenômeno dos delegados e das comissões internas, e, secundariamente, para as eleições sindicais, podíamos estender e ganhar influência sindical de massas. Definimos esta da seguinte maneira: “Que dirijamos sindicalmente setores importantes do movimento operário, sindicatos inteiros, regionais, grandes fábricas; que, como direção ou codireção, cheguemos a dezenas de milhares de trabalhadores”.

Aplicando essa orientação alcançamos elementos de influência sindical de massas, que se combinam com a influência política. Estamos em 66 das 122 empresas industriais e da construção de todo o país com mais de 500 operários. Significa que chegamos a 54% delas, média que se eleva a 76% na grande Buenos Aires. Com 87 delegados e membros de comissões internas, assim como com núcleos de militantes e simpatizantes, influenciámos, codirigimos e, em alguns casos, dirigimos estas 66 empresas. Estamos nas dez maiores fábricas da grande Buenos Aires, que totalizam 17.200 trabalhadores. Em 1985, chegamos a seis e tínhamos influência sindical em três. Hoje, somos codireção nas dez, dirigindo seções inteiras e entre 20 e 40% dos corpos de delegados.

No sindicato docente, que votamos priorizar, partimos, em 1985, de cerca de 40 militantes com trabalhos sobre 14 cidades. Sem contar os professores universitários, hoje temos uns 400 militantes, com trabalho sobre 52 cidades de quase todo o país. Nossa corrente é uma direção alternativa, obtendo entre 13 e 33% nas eleições distritais de 1987. Além disso, ganhou votações na base e em congressos nacionais e ocupa postos de direção em distritos com 19.000 professores, assim como cargos na direção nacional do sindicato.

Na ATSA (trabalhadores da saúde da capital e parte da Grande Buenos Aires) dirigimos ou codirigimos sete das nove grandes sedes do sindicato, que são as determinantes, e representam 7.600 trabalhadores. Nas eleições de delegados obtivemos 30% em média e, no caso de um dos principais hospitais, 60%. Temos em torno de 200 militantes.

Na área dos serviços e empresas do Estado, somos parte da nova direção do Sindicato Nacional de Sinaleiros Ferroviários (2.000 trabalhadores) e das novas direções de várias fábricas, seções e repartições. Durante o ano de 1987, participamos em todas as eleições sindicais que se realizaram; na maior parte dos casos, com chapas impulsionadas, inclusive, pelo partido. Em geral, aumentamos nosso peso em 10%.

Em 1984, as eleições sindicais haviam dado lugar a chapas amplas de oposição à burocracia dominante, nas quais participamos e em vários casos ganhamos (ATE, saneamento, carne), e em outros (Unión del Transporte Automotor – 10%; metrô – 45%; União Ferroviária Ramal Sarniento – 12%; União Ferroviária Ramal Roca – 10%; União Ferroviária Ramal Mitre – 5,5%; petroleiros capital – 8%; sinaleiros ferroviários – 30%).

No decorrer de 1987, a chapa que integramos nos sinaleiros manteve essa característica de oposição ampla e ganhou com 85%. Outras tiveram um perfil esquerdista, como as que formamos com o PC (UF Sarniento – 24,5%; UF Roca – 10%); com o PO (Partido Obrero) – SUPE capital – 8%, e outras forças (professores, secundaristas de San Juan – província do norte), ganhamos o sindicato.

Nos outros casos, que são a maioria, as chapas foram impulsionadas exclusivamente pelo MAS e medem mais claramente nossa influência sindical e política: ATE (Associação dos Trabalhadores do Estado) – 9,5% (única chapa opositora); metrô – 25% (superando a esquerda peronista que em 1984 nos acompanhava); UF Mitre – 7,5% (superando o PC – FRAL (Frente Amplio de Liberación); AMET – 13% (única chapa opositora); professores de Bariloche – 19%; professores de Cipolleti – 25%; professores de Rawson – 33%; APUBA (professores universitários) – 11% (em 1984 não intervínhamos); UTA – 8%.

## Os bastiões do MAS

Nossa influência sindical é também política. Isto se demonstra em como o partido é recebido com os braços abertos nas lutas; como nossos panfletos partidários incidem nas decisões sindicais dos trabalhadores (por exemplo, no plano de luta da União Operária Metalúrgica – UOM – incidiu para que muitas fábricas nos seguissem); no imenso fato sintomático de que milhares de trabalhadores votaram, nas urnas do MAS colocadas nas portas dos estabelecimentos, na nossa posição a respeito da greve da CGT; e em como uma alta proporção dos companheiros de nossas correntes sindicais votam e apoiam o MAS.

Mas se demonstra melhor esse entrelaçamento da influência sindical e política na existência do que chamamos “bastiões do MAS”. Em várias fábricas, seções, hospitais, colégios e faculdades, o partido conquistou dirigentes sindicais reconhecidos pela base, por terem conduzido as lutas. Mas este reconhecimento é também político. Nesses lugares, a patronal e a burocracia têm tentado expulsar-nos, e a base fez greves para defender-nos. São lugares onde circulam fortemente o jornal e os panfletos, e os companheiros apoiam nossas campanhas políticas. Esses “bastiões”, conquistados ao redor dos dirigentes das lutas que hoje estão no partido, são uma grande vitória e mostram que, em uma briga dura, é possível continuar conquistando-os. (...)

## Conclusões

Poderíamos sintetizar essa parte do balanço de atividades da seguinte forma:

1) Desde o congresso anterior até este, o aprofundamento da situação revolucionária abriu-nos novas oportunidades para construir nosso partido e brigar para ganhar a direção da classe operária e o movimento de massas. Estas oportunidades foram, antes de tudo, as grandes lutas: as ondas de lutas reivindicatórias e antiburocráticas dos trabalhadores, as lutas de outros setores sociais e, certamente, a Semana Santa<sup>28</sup>. As lutas, a crise do regime, dos seus partidos, da burocracia sindical e da esquerda e a situação internacional abriram-nos a possibilidade de golpear sobre a consciência das massas com agitação e propaganda política

28 Ato realizado na Semana Santa de 1987, na Plaza de Mayo, em Buenos Aires. (Nota da edição brasileira)

sobre todos os problemas sociais e políticos. O processo de lutas, combinado com a crise do peronismo e da burocracia, gerou e gera, cada vez mais, o surgimento de uma nova direção sindical e política dos trabalhadores, o que nos colocou, e coloca, o desafio e a oportunidade de sermos parte destes processos para tentar ganhar esta nova direção para as posições do MAS;

2) Em geral, o partido respondeu às novas oportunidades e desafios colocados. Intervindo na grande mobilização da Semana Santa com uma política correta e fazendo agitação e propaganda de massas sobre os mais diversos temas (desde a campanha sobre a vinda do Papa até o caráter dos partidos do regime – “são a mesma coisa” –, passando pela necessidade de um Outubro – “Cuba mais democrática”), o partido conseguiu ser parte do processo de surgimento da nova direção política e sindical. Mais que parte, um fator do surgimento, desenvolvimento e avanço político desta nova direção;

3) Neste processo, o partido conquistou influência sindical e/ou política de massas em alguns setores de intervenção, até agora, excepcionais;

4) Paralelamente, demos importantes saltos no crescimento orgânico e na extensão do partido;

5) Pela sua situação no processo da nova direção e por ter conseguido essa influência política e/ou sindical de massas em alguns setores, assim como pelo seu crescimento orgânico, o partido tem avançado, desde 1985, em ser um forte partido de vanguarda, em ser um partido com elementos de influência político-sindical de massas;

6) Isto não quer dizer que não tenhamos cometido erros, nem que tenhamos aproveitado 100% das possibilidades. Provavelmente, poderíamos ter avançado muito mais. O que ressaltamos aqui é que, com uma orientação de conjunto correta, o partido conseguiu essa situação objetiva.



## INTERVENÇÕES

Transcrevemos aqui algumas falas do primeiro dia de debates do Seminário sobre Organização e Estrutura Partidária. Nas próximas edições, reproduziremos o conteúdo dos outros dias.



## **ANDRÉ FREIRE - Brasil - Abertura**

Vou me referir ao que, em nossa opinião, são as questões fundamentais para o debate. Mas, se um grupo identificou um tema que, por exemplo, não vai ser destacado agora e queira trazer para o plenário, maravilha, ótimo, inclusive temas que sequer estão desenvolvidos diretamente nos textos. Estamos em um seminário. Em nossa opinião, há temas fundamentais que vamos destacar, mas isso não quer dizer que os outros temas, que nós não estamos destacando aqui, não estejam em debate. Se forem debates polêmicos no grupo, tragam os debates polêmicos, se forem conclusões do grupo, tragam as conclusões do grupo.

Alguns companheiros estranharam ou se incomodaram em relação aos textos porque, evidentemente, nós colocamos exemplos de Lenin, de Trotski, de Moreno, do MAS etc. Eu, inclusive, falei que alguns deles são contraditórios um com o outro, trabalham critérios diferentes. Nós não estamos reivindicando de conjunto os textos, os exemplos. Achamos que eles estão aí para serem criticados, não só em relação aos do MAS, mas inclusive os outros porque, na verdade, nós estamos fazendo um estudo para tirar as conclusões do que seriam os passos necessários para, no próximo período, batalhar pela estratégia de construção do partido. Então, os textos são justamente para serem criticados, não para serem encarados como modelo. Não é este o objetivo.

Entrando na discussão.

Primeiro, partimos de um grande acordo: de que, na atual época histórica, seria uma estratégia equivocada a construção

de um partido único da classe trabalhadora, da classe operária. Ou seja, é necessário um partido que expresse o nosso projeto de revolução de outubro, um partido revolucionário que seja totalmente demarcado e separado dos reformistas. Eu sei que houve debate sobre isto (se estava correta ou não a crítica em relação a Marx) e acho muito interessante, inclusive, que este debate apareça, mas creio que há um acordo entre nós de que, na atual época iniciada com a Revolução de Outubro, seria uma estratégia equivocada unir, em um mesmo partido, reformistas e revolucionários ou construir um partido único da classe trabalhadora.

Então, admitamos que nós temos a estratégia de construção de um partido marxista revolucionário. Esta é a nossa estratégia. Frente a este acordo, há uma discussão sobre qual é o papel deste partido revolucionário na estratégia da tomada do poder. E não só na tomada do poder, mas no período histórico pós-tomada do poder, na ditadura do proletariado. Qual o papel do partido neste nosso projeto de revolução de outubro? Este é o primeiro grande tema.

Eu não vou adiantar todas as questões, mas há um debate profundo aqui, uma história muito mal contada sobre a polêmica que houve entre Trotski e Lenin às vésperas da tomada do poder, que é o debate sobre a insurreição. Qual é o papel do partido na insurreição? Quem decidiu a tomada do poder e definiu o momento foi o Comitê Central, e quem executou foi o partido bolchevique, que depois entregou o poder ao congresso dos soviets. Uma interpretação desta história dada pelo stalinismo foi que “é o partido

que toma o poder, exerce o poder”. E nós, como corrente histórica, defendemos outra interpretação desse debate, desse fato histórico. E isto depois teve consequência, inclusive no poder soviético, no papel que o partido cumpriu depois da tomada do poder, antes da degeneração stalinista.

Então, qual é exatamente o papel que o partido cumpre na tomada do poder e na ditadura do proletariado? Qual sua relação com a classe, com os organismos da classe (em especial, os organismos de poder)? Como acontece esta articulação? Quem faz a revolução? Quem dirige a revolução? Quem exerce o poder? Este é um grande tema para a discussão que tem depois a ver com como vamos construir este partido.

Se esta é a nossa estratégia, a construção do partido tem que responder a este objetivo. Então, o primeiro grande tema é o papel do partido na tomada do poder. Nós queremos aprofundar esta discussão. Para quem pensava que este era um debate superado, os grupos mostraram que há muitas polêmicas e discussões que precisam ser aprofundados.

Segundo: o problema do partido com influência de massas. Nós temos uma estratégia, que é construir um partido para a tomada do poder, para levar a classe operária a destruir o Estado burguês e construir um Estado operário. Esta é a nossa estratégia. Queremos um partido que tenha este fim, que persiga este objetivo. Evidentemente, para que o partido consiga cumprir este papel histórico, há

uma série de condicionantes, critérios para que isto não seja só uma ideia, mas sim se efetive na prática.

E aí há uma série de textos que trabalham vários elementos que queremos discutir. Por exemplo, o tamanho do partido e o número de militantes – é um elemento; a direção da classe operária, a direção das massas, a influência política que o partido adquire na classe operária e nas massas – é outro elemento. Quais são os critérios fundamentais? O que é a influência de massas e quais são os critérios fundamentais?

Agora, nós queremos dizer de cara que nossa estratégia não é um partido que influencie as massas, isto não é uma estratégia. A estratégia é construir um partido para a tomada do poder, para fazer uma revolução de outubro para botar a classe operária no governo. Claro, para cumprir isto, um partido precisa ganhar influência sobre a classe operária e sobre as massas em geral. Este é o debate. Nós não queremos só influenciar, nós queremos dirigir as massas. Este é outro tema.

Então, o que é influência de massas? Qual é o seu elemento fundamental? É evidente que há uma combinação de elementos, mas há um elemento fundamental para definir um partido com influência de massas rumo à tomada do poder, rumo à revolução de outubro, um elemento que nós podemos perder na discussão.

Nós queremos fazer esta discussão, não com o objetivo de fechá-la, mas de seguir aprofundando-a. Porque a conclusão sobre esses dois grandes elementos – e eu termino com isto – vai ser bastante importante, fundamental e decisiva para quando formos discutir nosso projeto de construção.

Quais são os passos? Nós queremos tomar o poder, queremos ter um partido

que tenha influência de massas. Esta não é uma tarefa para agora, mas os primeiros passos para isto estão para ser dados agora. O problema é o seguinte: se estamos dando os passos corretos ou os passos errados, achando que estamos indo nesta direção. Então, é isto que queremos destacar no debate.

Insisto: em nossa opinião, estes são os temas centrais, o que não quer dizer, por exemplo, que o companheiro que preparou uma intervenção sobre outro tema esteja desautorizado a fazê-la agora.

### **NAZARENO GODEIRO - Brasil**

Eu pedi para falar porque no grupo surgiu uma polêmica, e eu achei que seria bom abrir o debate aqui. Como não é uma posição oficial, ou seja, não está sacramentada com todos os carimbos oficiais, então – como aqui é um seminário, e a vantagem do seminário é que seminário não é para esclarecer, é para confundir – vamos colocar livremente as opiniões para ver se conseguimos, a partir da polêmica, confundir o que está claro demais. O tema da “influência de massas” está ligado às fases do partido e que Moreno descreve numa citação muito curta – inclusive eu peço desculpas para vocês porque eu vou ler duas citações de Lenin, que não estão aqui por responsabilidade minha, mas também não só minha. Isto tem a ver com as tarefas dos partidos e é importante para a discussão da “influência de massas”. Vejam só, a primeira questão é a seguinte: nós identificamos três fases na construção de um partido revolucionário, certo? Evidentemente, existem características de cada fase, mas o que predomina são “misturas”. Mas eu não vou falar das transições, eu vou falar as características de cada etapa do partido.



### **Grupo fundacional**

Na fase do *grupo fundacional*, a atividade principal é ideológica, a formação do programa, do estatuto. O partido, em geral, é composto por algumas dezenas ou centenas de pessoas, porque isto não se mede unicamente pelos números, e sim pela ação principal, que é ideológica. Você está formando sua identidade, certo? Então, pode acontecer – e na maioria das vezes acontece – que o partido, nesta fase, está desligado das massas. Em geral, o grupo tem um jornal mensal, aquele jornal que são 70 páginas, tudo explicadinho nos mínimos detalhes.

### **Partido de vanguarda**

Depois, tem uma segunda fase. Ele converte-se em um *partido de vanguarda*, que Lenin entende da seguinte maneira: o partido passa a ter como atividade principal a agitação e a propaganda na classe trabalhadora, ou seja, o partido sai da fase de grupo intrauterino e vai para o movimento operário testar o seu programa, testar os seus quadros e ganhar gente na classe. Aí ele começa a ganhar influência na massa, principalmente no movimento operário. A tradição marxista parte da prioridade de intervenção no movimento operário, nos grandes centros do proletariado industrial, perfeito? Esta é a fase que Lenin coloca como partido de vanguarda. Ele não utiliza esses termos que nós utilizamos. Esta fase demorou

muito tempo no partido bolchevique. Aqui no Brasil, eu creio que já leva uns 30 anos. No partido bolchevique esta fase durou de 1894 até 1917. É uma longa fase. Qual a principal tarefa neste período? Primeiro, ligar-se ao movimento de massas, ganhar a confiança e, depois, ganhando esta confiança, disputar os setores para ganhar a maioria da classe em disputa com os aparatos. É por isso que é tão longa esta fase. É uma etapa que vai desde você ser um grupinho, até ganhar a maioria. Predomina, então, o que Lenin chama de propaganda e agitação sobre a massa para convencer os trabalhadores, para ganhar os trabalhadores e tirá-los da influência da burguesia e dos reformistas.

### **Partido de ação de massas**

A terceira fase é muito complicada. Não tem uma definição simples. Lenin diz que é o momento em que o partido passa a realizar ações de massas. O partido é um *partido de ação de massas*. Vou fazer duas citações de Lenin, onde aparece sua visão. Uma, de fevereiro de 1905, diz o seguinte: “O desenvolvimento do movimento operário na Rússia, ligado com o da social-democracia, se caracteriza por três notáveis transições: a primeira vai dos estreitos círculos propagandísticos à ampla agitação econômica entre as massas; a segunda é a agitação política em grande escala, as manifestações públicas nas ruas; a terceira é uma verdadeira

guerra civil, a luta revolucionária direta, a insurreição armada do povo”.

A outra citação é de 1921, do livro *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*, após a tomada do poder: “Enquanto se trata, como se trata ainda agora, de atrair para o comunismo a vanguarda do proletariado, a propaganda deve ocupar o primeiro termo”. Percebem? Ele não utiliza o termo *propaganda* como nós utilizamos, ele fala de *agitação propagandística geral*, estão entendendo? Então, quando se trata desta disputa, “a propaganda deve ocupar o primeiro termo”. Porém, “quando se trata da ação prática das massas, de colocar em ação – se me é permitido usar essa expressão – um exército de milhões de homens, de mobilizar todas as forças de uma sociedade para a luta final e decisiva, não basta a agitação propagandística”.

Ele está dizendo, aí – é uma interpretação minha – que em toda esta fase do *partido de vanguarda* você está disputando a maioria da massa com as organizações que dirigem o movimento operário. Então, você se dirige, tenta convencer, utiliza todas as táticas (boicote ao parlamento, ir para os sindicatos, fazer tudo o que está ao seu alcance) para ir convencendo a massa de que nós somos a organização revolucionária. Quando chega o momento em que nós ganhamos a maioria – isto é interpretação minha –, inicia-se o processo de “influência de massas”, o partido tem “influência de massas”. A ação de massas passa a ser predominante na atividade do partido. Por que é muito importante isto? Porque tem toda uma discussão com relação ao tema do velho MAS da Argentina (sobre influência de massas e tal), mas que não vai dar para desenvolver porque tenho apenas dois minutos.

Na III Internacional, eles não discutiam este tema de “influência de massas”. Eu sei



porque eu não encontrei; li tudo o que tinha sobre o assunto e não encontrei esta visão de “influência de massas” que utilizamos na nossa corrente. A polêmica de Lenin com os partidos europeus ocidentais, no início da década de 1920, era a seguinte: vocês não têm a maioria da classe, então vocês têm que ir para os sindicatos reformistas, para o parlamento, ganhar a maioria da classe. Enquanto não derrotarmos a burocracia e o reformismo, nós não podemos ir para os finalmentes.

Era o que ele dizia, o *Esquerdismo...* foi escrito para dizer isto. Este é o ponto nodal. Ele não ficava dizendo “temos influência de massas ou não temos?” O partido tchecoslovaco tinha 300 mil militantes, o partido comunista alemão tinha mais de 230 mil. Se for analisado do ponto de vista numérico, todos tinham “influência de massas”. Por que é importante esta discussão? Vejam: o elemento que determina as fases deste partido é a relação do partido com o movimento de massas, não é o número (se são 10, 500, 200); é a relação que este partido tem com o movimento de massas: É um partido de ação de massas? É de disputa para ganhar a maioria? É propagandístico? Este é o critério que eu acho correto.

Relacionado ao velho MAS e à nossa corrente morenista, há um grande debate aqui. Qual é o debate que tem no MAS? (Agora vou tentar sintetizar porque o tempo acabou). Moreno aqui é importante porque no grupo tinha um companheiro que não concordava, em geral, com o que eu estou falando, e vocês vão ouvir toda a outra versão, já que aqui há, pelo menos, uns 20 companheiros que não concordam com o que estou dizendo. Os companheiros dizem o seguinte: “Lá no MAS ninguém nunca disse que tinha influência de massas. O que se falava em

1988 era que o MAS era um partido de vanguarda com elementos de influência sindical e política de massas”. Qual o critério para definir o partido? Moreno utiliza um nestes dois textos que estão aqui e que eu vou ler rapidamente. Na página 17, disse: “[...] já nos coloca, objetivamente, a possibilidade de conquistar influência de massas, quer dizer, de arrastar, por sua política, setores de base do movimento de massas”<sup>1</sup>

Ele se refere, como Lenin, a ações, partido de ações, mas ele não quantifica essa ação, como faz Lenin. Aí no outro parágrafo, na página 18, ele diz o seguinte:

“[...] podemos definir nossa situação dizendo que estamos às portas do caminho de nos transformarmos em um partido de massas, que somos um projeto de partido de massas. Este novo salto (a um partido de massas) é possível e se dará se, por um lado, a situação objetiva ajudar, ou seja, se o ascenso continuar e principalmente se o peronismo entrar em crise com o movimento operário e se nós formos capazes de crescer como um partido de quadros, ou seja, se chegarmos a ser um partido de 7 ou 10 mil quadros que nos permitam abarcar e influenciar a maior parte das mobilizações”.<sup>2</sup>

## Conclusão

Então, o critério de Moreno assemelha-se ao do Lenin em determinados aspectos. E eles se relacionam com o quê? Primeiro, na polêmica com o peronismo, ou seja, diminuir o peso que o peronismo tem no movimento e, ao mesmo tempo, realizar ações de massas. O que quero discutir é o seguinte: ter elementos de influência de massas é muito mais fácil

do que ser um partido de massas. É um fato da realidade que os partidos revolucionários podem ter “elementos de influência de massas” antes de ter *influência de massas*. É evidente, certo? Agora, qual é a tarefa fundamental dos partidos nestes momentos que antecedem a sua conversão em um partido com *influência de massas*? Para mim, influência de massas é o partido dirigir setores consideráveis da classe, principalmente da classe operária industrial, e colocar em movimento esta classe operária. Se não é assim, eu pergunto: Imaginem uma situação da luta de classes em que exista um partido com influência de massas, do tipo de *ação de massas*, como fala Lenin. Essa situação terá um desfecho rápido, vai ser uma questão de meses, não vai durar 10 anos. E uma situação revolucionária (um partido revolucionário só pode ter influência de massas numa situação revolucionária) em que exista um partido que dirige a maioria da classe ou uma parte considerável dela? Vocês acham que uma situação dessas irá durar 10 anos? Não! É um desenlace que leva meses, talvez um ano. Agora, esta visão de que três ou quatro partidos podem ter influência (o PT tem influência, o peronismo tem influência, nós podemos ter) – que influência é esta que pode durar três anos, quatro anos? E qual é o sentido? Para que serve esta visão de “partido com influência de massas”, tal como nossa corrente caracterizou o velho MAS da Argentina?

### FRANCESCO RICCI - Itália

Quero intervir sobre um tema histórico importante. Moreno, em *Problemas de*

*Organização*, partindo de uma frase do *Manifesto Comunista* – “[...] os comunistas não formam um partido à parte dos demais partidos operários [...]” –, argumenta que Marx defendia um único partido da classe operária e que esta “concepção de Marx” só teria sido superada pelos bolcheviques, que foram os primeiros que teorizaram e praticaram a divisão entre revolucionários e reformistas, que ainda hoje nós reivindicamos.

Penso que Moreno se equivoca sobre esse tema. Explico por quê:

1) O *Manifesto Comunista* foi escrito por um partido, a Liga dos Comunistas, que surge em 1847 em consequência de uma primeira batalha de demarcação que Marx conduz contra as correntes utópicas presentes na Liga dos Justos (Weitling). De fato, Marx e Engels aceitam entrar na Liga (desfazendo seu Comitê de Correspondência Comunista) somente quando acreditam que há bases para eliminar da Liga as posições reformistas;

2) No próprio *Manifesto* se encontram frases que parecem em contradição com aquela citada por Moreno (“Os comunistas se distinguem dos demais partidos proletários somente [...]”). Este “somente” refere-se ao internacionalismo dos comunistas e à sua concepção de programa de tipo transitório. Então, os comunistas distinguem-se ou não? Como se explicam estas frases aparentemente contraditórias entre si? Riazanov deu uma explicação em *Marx e Engels*, de 1922: Marx tratou de não excluir aquele setor de esquerda dos cartistas<sup>3</sup> que entrou na Liga dos Comunistas, mas que quiseram também ficar naquele período no interior do movimento-partido cartista, constituindo no cartismo uma fração conhecida como “democratas fraternais”.

Mas a confirmação mais importante do fato de que Marx não tinha uma

“concepção” de partido único da classe operária vem da experiência histórica concreta de Marx;

3) A história da Liga dos Comunistas e seu fim é a história de uma batalha constante de Marx pela demarcação programática e organizativa com as outras correntes do movimento operário;

4) A história da I Internacional é, desde o início, a história da batalha de Marx para demarcar programática e organizativamente os comunistas revolucionários das outras correntes. A batalha começa com a redação, por Marx, da *Mensagem inaugural* e dos *Estatutos*. Em ambos não faz nenhuma concessão aos reformistas, a não ser em algum adjetivo inócuo. Mas a aceitação destes textos na Internacional, como Marx sabe, é passiva: ele opina que a batalha deve continuar até atingir politicamente todas as outras correntes presentes na Internacional: os mazzinianos, os lassaleanos, os proudhonistas, os blanquistas, os tradeunionistas e finalmente os bakuninistas (anarquistas);

5) Também a história do final da I Internacional desmente a interpretação de Moreno: a Conferência de Londres (setembro de 1871) – depois da Comuna de Paris – declara inadmissível a presença na Internacional de associações com programa diferente daquele aprovado no congresso. E o programa é bem demarcado: a construção do partido político para a conquista revolucionária do poder e a instauração da ditadura do proletariado. Um programa que delimita não só a Internacional dos anarquistas de Bakunin, mas também dos reformistas;

6) A I Internacional não morre por causa do enfrentamento com Bakunin (esta é a interpretação equivocada de Mehring), mas sim porque – como o demonstraram Riazanov e Engels – a Comuna demons-



trou a necessidade (e, sobretudo, abriu a possibilidade) de se levar a cabo a delimitação programática entre revolucionários e reformistas que Marx iniciou no final dos anos 1840. Neste trabalho de delimitação, a I Internacional constitui um salto de qualidade, mas foi a Comuna que tornou concreta esta tarefa. Como escreve Engels a Sorge (1874): “O primeiro grande êxito (a Comuna) faz explodir este acordo ingênuo de todas as frações (quer dizer, a Internacional). [...] Penso que a próxima Internacional – depois que os livros de Marx tenham exercido sua influência por alguns anos – será puramente comunista e propagará diretamente nossos princípios”.

Então, a necessidade de dividir o movimento operário para reuni-lo contra a burguesia em base a um programa revolucionário e agrupando sua vanguarda em um partido revolucionário distinto dos demais partidos operários é o coração de toda a batalha de Marx, bem antes de Lenin.

Dizer isso é importante por dois motivos: primeiro, para desmentir os teóricos dos “novos partidos anticapitalistas”, que pretendem basear-se em Marx e sua perspectiva de “partido único” que deveria reunir “revolucionários e reformistas honestos”; segundo, e principalmente, porque necessitamos retomar de Marx não só seus textos mais teóricos, filosóficos e econômicos, mas também aquela parte que é menos conhecida: o Marx dirigente político que lutou, desde 1847, para delimitar programaticamente os co-

munistas e para construir, sobre a base desta delimitação, uma Internacional e partidos puramente comunistas. É o projeto de Marx que Lenin e os bolcheviques concretizaram a partir de 1903, ano de nascimento do bolchevismo.

### **VALÉRIO ARCARY - Brasil**

Eu vou comentar somente dois temas. O primeiro é: por que permanece necessária a luta sem quartel contra o reformismo no interior da classe trabalhadora? O segundo tema é: por que é necessário um partido internacionalista? Vou pontuar os dois e deixar perguntas sem respostas. Elas remetem à atualização programática.

O ponto de partida é não nos enganarmos a nós mesmos. Por exemplo, admitir que estamos em condições tão adversas, que são até piores que aquelas que viveram os internacionalistas da II Internacional, em minoria, antes da vitória da Revolução de Outubro. A maioria da classe trabalhadora, mesmo nos países em que a industrialização já permitiu a configuração de uma classe operária importante, não abraça sequer a esperança do socialismo. E o internacionalismo revolucionário é uma corrente sobrevivente, porém, muito minoritária, marginal. O esfacelamento do movimento trotskista foi terrível nos últimos 25 anos. A IV Internacional, um movimento dividido em três ou quatro correntes internacionais entre 1968 e 1991, pulverizou-se.

Reconhecer essa situação subjetiva não nos diminui nem nos enfraquece. Ao contrário, fortalece-nos. A angústia é um privilégio da lucidez. Nossa aposta é que as próximas crises do capitalismo serão maiores que as que ficaram para trás. Confiamos na classe trabalhadora. O proletariado do século 21 é mais poderoso que o do século 20. Ele não sabe, mas é maior, mais concentrado, mais educado, mais influente, e seu destino é atrair para o seu campo a maioria dos oprimidos. Ele resistirá e veremos combates maiores que os do passado. Depois de 2008, a realidade vem evoluindo de forma mais interessante. Na luta de classes, forças minoritárias podem transformar-se em maioria – até rapidamente – quando estão à altura das circunstâncias. As ideias contam. Ideias poderosas são extraordinariamente atrativas. Nossas ideias, se estiverem à altura dos acontecimentos, abrirão o caminho.

### **A luta contra o reformismo**

Primeiro, então, o tema incontornável da necessidade do partido revolucionário, o que é o mesmo que tentar compreender por que a esquerda está dividida, por que sempre esteve dividida, e por que a divisão dos partidos de esquerda não diminuirá. O problema é explicar por que, quase 100 anos depois da vitória da Revolução de Outubro, o reformismo, em suas diferentes variantes nacionais, tem tanta influência.

Acredito que nós temos que atualizar uma teoria marxista para explicar a longevidade dos reformismos. A explicação marxista foi, historicamente, a divisão da classe trabalhadora pela ação da social-democracia e do stalinismo. Recordemos quais foram os fundamentos da influência destes aparelhos. Numa das citações,

que eu fiquei feliz em ver na apostila, é apresentada a teoria da aristocracia operária apresentada por Lenin, quando da deflagração da Primeira Guerra Mundial, no ensaio *A falência da II Internacional*. Esta teoria tem como objetivo explicar por que as organizações construídas no período histórico anterior, a social-democracia europeia, tinham, na sua grande maioria, se demonstrado obstáculos contrarrevolucionários.

O que nós temos que nos perguntar é se ela ainda é satisfatória. Ela mantém vigência? O que diz a teoria da aristocracia operária? Diz que, na época imperialista, uma fração minoritária da classe trabalhadora nos países centrais, uma aristocracia, recebe uma parte do “bombom” que cai da mesa do banquete da repartição do mundo realizado pelo capital. Bom, eu usei uma imagem em nossa reunião de grupo dizendo: é como se a aristocracia operária fosse uma crosta, como as placas tectônicas do planeta, mas embaixo dela existiria um enorme magma de lava revolucionária. Bastaria que a crise do capitalismo, de um lado, e a intervenção decidida dos revolucionários, do outro, quebrassem a crosta para que, imediatamente, se abrisse o caminho para a erupção vulcânica. O magma estaria ali. A época do imperialismo não teria como ser estável. Seria uma época de guerras e revoluções. A social-democracia teria seus dias de influência majoritária contados. A mobilidade social seria cada vez menor, a possibilidade de reformas progressivas seria cada vez mais estreita. O tema da longevidade do stalinismo nos obriga a recordar o desenlace da Segunda Guerra Mundial, seu fortalecimento na luta contra o nazi-fascismo e a permanência de sua influência durante a etapa da Guerra Fria ou coexistência pacífica.



Bom, passaram-se cem anos desde 1914; 25 anos desde a queda do muro de Berlim, e os reformismos permanecem muito influentes, ainda que com novas roupagens. A primeira questão é, portanto, saber se as nossas explicações histórico-sociais permanecem ou válidas não. Segundo, devemos perguntar-nos se elas são adequadas para analisar os proletariados dos países periféricos, constituídos, em sua maioria, depois da Segunda Guerra Mundial – alguns, somente nos últimos trinta anos.

Sabemos que partidos são organizações em luta pelo poder e representam interesses de classe. Isto remete aos fundamentos da existência do movimento operário e do próprio surgimento da corrente marxista. A explicação para as dificuldades e divisões da representação dos que vivem do trabalho se alicerça na tripla condição específica do proletariado. Frequentemente, não damos o devido valor à tripla condição que define a existência da classe trabalhadora. A classe trabalhadora é economicamente explorada, é socialmente oprimida e é politicamente dominada. Nunca na história da humanidade nenhuma classe que tenha vivido circunstâncias de inserção social semelhante colocou-se o projeto de dirigir a sociedade. Não seria razoável ter expectativas *facilistas* para este objetivo.

Uma classe que vive essa tripla condição tem, necessariamente, heterogeneidade política no seu interior. Isto é assim porque só muito excepcionalmente, em

condições extraordinárias, ou seja, em circunstâncias nas quais se abre a possibilidade da luta pelo poder, é possível unir a maioria do proletariado em torno a um projeto anticapitalista. Em condições normais, inevitavelmente, considerando as diferenciações internas no interior da classe trabalhadora, prevalece o projeto reformista de lutar para diminuir as condições de exploração. Ideias revolucionárias sempre foram minoritárias entre os trabalhadores, a não ser quando se abre uma situação revolucionária. É porque o nosso projeto tem pressa que tão repetidamente somos vítimas de autoengano, e equivocamo-nos na percepção de qual é a relação de forças.

Este processo assumiu e assumirá formas diferentes em distintas sociedades. Estas diferenças se explicam pela combinação de muitos fatores. Depende da maior maturidade objetiva e subjetiva das classes trabalhadoras, o que, por sua vez, corresponde ao estágio de desenvolvimento econômico e social do capitalismo em cada região do mundo. A representação política dos trabalhadores não pode ser feita por um só partido e surgem tendências mais moderadas que querem a reforma do capitalismo e tendências mais radicais que querem eliminar as causas da opressão, da exploração e da dominação. As primeiras, as moderadas, são, em última análise, uma refração da influência, no interior do proletariado, dos interesses de outras classes: frações burguesas e da classe média, por exemplo.

Acontece que estamos ainda em um altíssimo grau de abstração, útil para explicar porque existem vários partidos operários em luta entre si, o que pode ser, talvez, ainda insuficiente por duas razões: primeiro, porque o instinto de poder não se desenvolve de forma espontânea entre os trabalhadores. Ele precisa ser introduzido de fora para dentro. Isto se demonstrou, em incontáveis experiências históricas, especialmente difícil.

### **A importância de uma Internacional revolucionária**

Segundo, porque não explica por que é necessário construir um partido à escala internacional. O que justifica a existência desta forma de partido – que nós defendemos – é uma análise que parte de outros considerandos. O considerando fundamental é que não é possível vencer na luta pelo poder sem uma ferramenta que esteja adequada à análise de quem é o inimigo. O inimigo é o Estado. Mas se é verdade que os Estados são nacionais, também é importante saber que os Estados assumiram, ao longo dos últimos séculos, a forma de um sistema internacional de Estados. Não há um governo mundial, mas há um sistema internacional de Estados, uma ordem mundial. Qualquer projeto que despreze a força do Estado capitalista, das suas bases sociais de sustentação – que são nacionais, porém, também internacionais – é uma aventura que condena os trabalhadores, desde o início, à derrota. Uma burguesia nacional pode governar com o apoio de 20% da população, ou até menos, e ainda assim governar com estabilidade política, desde que tenha apoio internacional. É isto que toda a experiência histórica demonstrou. Logo, a existência do movimento operário é a existência inevitável de uma luta sem quartel entre as tendências reformistas e as tendências revolucionárias e, portanto, também em defesa do inter-



nacionalismo. Isto é o abecê. Mas aí vem o problema: a luta da classe trabalhadora se desenvolve dentro de fronteiras nacionais. Assim como o instinto de poder, o internacionalismo é um programa que depende, essencialmente, de uma introdução de fora para dentro. Até hoje, revelou-se muito difícil.

## **EDUARDO ALMEIDA - Brasil**

Eu quero tocar no tema do partido com influência de massas. Acho que é um avanço deste seminário poder abordar este assunto. Não é a tarefa que nos propomos hoje, mas pensar o futuro tem enorme importância.

A experiência que foi feita pela LIT ao redor da luta por influência de massas terminou num enorme desastre com o MAS. Um desastre sobre o qual não temos um balanço definitivo entre nós, o que é grave.

Em primeiro lugar, vamos ao texto proposto para a discussão. No grupo tivemos distintas críticas ao texto que faz o relato da experiência do MAS, e eu acho que com toda a razão. O texto aponta quase uma avenida aberta em direção à influência de massas, o que nega tudo aquilo que foi acumulado por nós até agora. Os riscos e as pressões existentes sobre o partido são ignorados no texto.

### **A experiência do MAS**

A influência de massas, segundo este texto, seria um subproduto automático da intervenção política nas lutas. Os debates ideológicos, as tarefas concretas de organização, as batalhas contra as correntes majoritárias reformistas e centristas praticamente não existem no texto. São realmente limitações do texto.

Agora, eu queria alertar vocês sobre uma coisa: é verdade que o MAS foi um partido de vanguarda, mas também é ver-

dade que teve elementos sindicais e políticos de influência de massas.

Queria localizar também que não é correto dizer que um partido com influência de massas só pode existir em uma situação revolucionária. É possível que exista em uma situação pré-revolucionária. Aliás, é a que existia na Argentina naquele momento, em minha opinião. A possibilidade ou não de um partido revolucionário com influência de massas está relacionada não só com a situação da luta de classes, mas também com o processo de reorganização. No caso: tinha ou não crise no peronismo? No Brasil, qual é o grau de crise do movimento de massas com o PT?

São duas coisas ligadas: a situação da luta de classes e o processo de reorganização. O MAS fez, além do que está escrito ali, grandes atos. Encheu estádios, como o de Ferro, com 20 ou 30 mil pessoas. Isto significa 120 a 150 mil pessoas no Brasil. Como podemos definir isto sem falar de elementos de influência de massas? Existe um documentário sobre o ato de Ferro, que vocês podem assistir. Houve uma ciranda dos professores com bandeiras vermelhas. Nossos professores, 400 militantes revolucionários, com bandeiras vermelhas.

Isso localiza um dos erros graves deste documento: ignorar as pressões que o partido sofre quando atinge esse grau de desenvolvimento. O MAS já estava vivendo uma adaptação à democracia burguesa, que o levaria depois à explosão. Um ou

dois anos depois ocorreu a explosão e a destruição deste partido pela adaptação à democracia burguesa.

Os elementos de influência de massas existiam, o que torna mais grave a adaptação à democracia burguesa. Não é verdade que não existia influência de massas porque não existia uma situação revolucionária.

### **O que é influência de massas?**

O que é um partido com influência de massas? Tenho muito acordo com o que falou Nazareno, e também algumas diferenças que depois eu queria tocar. Mas tenho acordo com a definição central – que está em um texto de Moreno e que Nazareno citou como definição de Lenin: é o partido que tem condições de mover um setor da classe operária em nível político (e não somente em nível sindical). Mover a classe em nível político, ou “arrastar”, segundo o texto de Moreno, ou provocar ações do movimento de massas, como dizia Lenin.

Eu agregaria um elemento a mais. Nem sempre é possível mover politicamente, provocar ações políticas da classe operária. Isto depende da situação objetiva. Por vezes, o apoio político indica a influência política de massas, mesmo sem possibilidade imediata de ações. O PT, em seu início, em muitas ocasiões, não tinha condições de provocar ações devido à situação objetiva, mas tinha apoio político num setor importante da classe operária. E isto numa situação pré-revolucionária.

Já a definição “mover politicamente a maioria da classe operária” não significa

simplesmente influência de massas. Isto já é uma das condições de luta pelo poder. Nós só vamos ter condições de ter apoio da maioria da classe num momento decisivo da situação revolucionária. Os partidos da III Internacional, com 300 a 400 mil militantes, não tinham a maioria da classe. Mas eram partidos com influência de massas.

A definição de influência de massas, em minha opinião, é esta: poder mover ou ter apoio de um setor minoritário da classe operária. Quando tivermos apoio da maioria é porque teremos condições de disputar diretamente o poder.

Acho que essa é a característica mais importante da influência de massas, mas não a única. É preciso agregar um segundo elemento, que é o caráter orgânico desta influência. Nós não estamos falando de um partido eleitoral, e sim de um partido revolucionário. Um partido revolucionário quer mover politicamente o proletariado no cotidiano da luta de classes. Então, precisa da vanguarda organizada, no cotidiano. Esta característica é o elemento essencial do nosso partido. Não se trata simplesmente da influência sobre a massa, mas da possibilidade de movê-la nas lutas. Para isto, é necessária uma estruturação orgânica, que tem uma relação direta com a influência de massas. A vanguarda não tem importância só para um partido de vanguarda. Ela é fundamental num partido com influência de massas porque dá uma dimensão orgânica do partido, permitindo-o chegar lá.

Eu agregaria uma terceira característica da influência de massas: um partido com influência de massas tem figuras públicas com influência de massas. Por isso Zamora tinha influência política como expressão do velho MAS. Isso tem importância

por que tem a ver com a construção de figuras públicas. Tem a ver com objetivos nossos de ir construindo elementos de influência política de massas.

Agora, também para acalmar os ânimos, nós estamos longe da influência de massas! A realidade nossa é dirigir sindicatos com 40 mil e ter de 20 a 40 militantes na base. É dirigir fábricas com 10 mil trabalhadores e ter de 10 a 15 militantes na base, na melhor das hipóteses. Nós temos um peso sindical enorme que limita nossas possibilidades.

Nosso peso sindical poderia ser uma alavanca para a influência política de massas. Poderia ser. Mas na realidade, hoje se transforma num elemento contrário. Não é uma alavanca para frente, e sim um peso para trás. Nosso peso sindical é hiperdimensionado em relação à dimensão do partido. E a tarefa hoje colocada é a de um partido de vanguarda porque esta é a realidade da reorganização, e também do momento da construção de nosso partido.

Além disso, tem uma coisa a mais. O texto de Moreno fala o seguinte: um partido de vanguarda e um partido de massas têm o mesmo tipo de tarefas políticas. Ele fala que um partido de vanguarda não tem como objetivo a propaganda, mas a disputa política do movimento. Um partido de massas também tem esta tarefa política.

Sim, isso é verdade. Mas as tarefas de construção organizativa não são as mesmas! Errar nesta questão das tarefas de construção pode ser desastroso e um elemento brutal para a destruição do partido. Isto tem a ver com a realidade objetiva e também com as condições concretas e subjetivas do partido.



## OTÁVIO CALEGARI - Brasil

Sobre o problema da tomada do poder em si, [...] que tem a ver com a questão do partido tomar o poder ou do soviets tomar o poder. Como se dá no processo da Revolução Russa? E aí eu queria colocar uma posição particular minha: este é um problema tático.

Na Revolução Russa, em certo momento, há uma polêmica entre Trotski e Lenin sobre se se deve tomar o poder antes do Congresso Panrusso dos Soviets, que se reuniria alguns dias depois, ou se se deveria jogar a proposta de tomar o poder para o próprio congresso. A posição de Lenin é majoritária, e ele diz o seguinte, para justificar por que não se deve deixar a decisão na mão do Congresso: que muitas pessoas reunidas diante de uma decisão tão difícil não conseguem tomar uma decisão de maneira tão rápida e isto poderá colocar em xeque a revolução. Então, a posição de Lenin é vitoriosa, o partido vai tomar o poder antes do Congresso, mas aí fica uma dúvida: Quem toma o poder? O partido ou os soviets? E Trotski diz que, se o partido extrapolasse neste momento e tomasse o poder com as suas próprias forças, sem passar por um organismo soviético, isto poderia significar uma grande perda para o partido. E então a solução que é encontrada é que, pelo Comitê Militar Revolucionário, que era um organismo do soviets de Petrogrado, com maioria bolchevique, organiza-se a tomada do poder para que as tropas de Petrogrado não fossem deslocadas para a *front*.

O primeiro argumento levantado pelos bolcheviques para tomar o poder era: “nós não queremos que as tropas de Petrogrado sejam deslocadas para o *front*”, e o segundo era o de garantir a possibilidade de organizar o Congresso Panrusso dos Soviets em Petrogrado. Neste momento, então, o partido decide pela tomada do poder, mas esta decisão passa por um organismo diretamente soviético. Em minha opinião – eu não sei se isto é polêmico, talvez seja –, esta é uma questão tática. Poderia ser que o partido, diante de uma avaliação de que era possível tomar o poder com as suas próprias forças, e, depois disto, entregar o poder para os soviets (desde que isto não comprometesse a revolução), tomasse o poder. Em minha opinião, isto estava colocado como uma hipótese, e não feriria nenhum princípio da democracia soviética, da democracia operária. Por último, com relação ao problema do monopólio do poder pelo partido, aqui tem um problema importante: existem várias causas da burocratização do partido após a revolução que não temos como discutir com profundidade: o massacre da vanguarda operária, a falência da revolução na Alemanha etc.

Agora, eu quero destacar apenas o problema do monopólio do poder pelo partido porque isto também apareceu no nosso grupo. Quando os soviets permitiam a existência de outras organizações, as disputas entre as classes davam-se por meio destas organizações no interior dos soviets. Depois que estes partidos foram colocados

na ilegalidade, estas disputas de classe passaram a ocorrer no interior do próprio partido bolchevique. Este foi o caso dos camponeses ricos, por exemplo, que terão como sustentação teórica a elaboração de Bukharin. Então, pela falta cada vez maior de democracia soviética, o espaço principal de disputa passa a ser o próprio partido. E isto coloca em xeque a possibilidade que o partido tem, mesmo depois da tomada do poder, de continuar sendo a vanguarda proletária que dirige a revolução socialista. Isto começa a trazer para dentro do partido as influências burguesas do exterior, que ali se expressavam por intermédio dos camponeses ricos, do *kulak*.

### **LUIZ CARLOS PRATES (MANCHA) - Brasil**

Eu vou falar sobre dois temas, tentar retratar um pouco a polêmica do grupo. Primeiro, sobre a questão do partido único. Acredito que uma coisa é a periodização das etapas: a etapa reformista, ou melhor, a etapa inicial do movimento operário, do surgimento do movimento operário, do surgimento da I Internacional, do surgimento da aristocracia operária, do surgimento das grandes organizações operárias e da sua degeneração, depois a Revolução Russa, que resulta na III Internacional, a degeneração da III Internacional, que também é explicada pela burocratização do Estado, do Estado soviético. Isto dá uma determinada periodização. Agora, dizer que desde Marx não estava colocada a divisão entre os revolucionários e entre os anarquistas, eu acho que não é correto. Moreno afirma isto categoricamente, o que tem alguma proximidade com o que disse aqui o Ricci. Acho que uma proximidade com o que ele diz porque, independentemente do problema da periodização, desde sempre, o

movimento operário dividiu-se em várias organizações, em várias correntes. Outra coisa é que, formalmente, do ponto de vista das organizações, estas correntes conviviam, e depois há os momentos que são de ruptura. Não é correto dizer que a ruptura (o que também já foi falado pelo companheiro) dos bolcheviques e mencheviques se dá em 1917. Isto vem desde antes, e o surgimento dos mencheviques e bolcheviques já foi uma ruptura. Esta é uma questão. Outra coisa é que, na primeira etapa, [esta ruptura] não estava completamente amadurecida devido à inexistência de uma base material muito maior. Então, acho que este é um debate. Sempre esteve colocada esta questão.

### **A questão do partido com influência de massas**

Também já fui contemplado bastante pelo André, quando ele apresenta o que é a nossa estratégia. A nossa estratégia não é construir um partido com influência de massas. A estratégia é a tomada do poder, o partido tem que ser a maioria, pelo menos ser maioria da classe e ter o apoio do povo explorado. Isto é Lenin, é Marx. Inicia em Marx, e Lenin dá a forma do partido bolchevique e depois a tradição do marxismo continua.

Agora, limitar “influência de massas” à tomada do poder é fazer um esquema e, neste esquema, não colocar a realidade e não ter as tarefas específicas de cada momento. Porque acho que é isto que faz o Nazareno quando classifica desta forma.

A partir desta classificação, o único momento que é possível ter influência de massas é o momento da tomada do poder, que está vinculado ao movimento. Fora disto, qualquer movimento é simplesmente um partido de vanguarda. Então,



o partido bolchevique de 1917 – que em abril tinha 80 mil militantes, segundo os dados, e em outubro tinha o dobro – já era um partido com influência de massas na primeira etapa da revolução, ainda que fosse minoritário. Então, neste terreno, o documento do MAS tem uma força, a força de descrever a realidade. É isto que tem que ser aproveitado.

Parece que esta é a força porque o documento procura trabalhar isto, ou seja, as tarefas que tem o partido, já que é diferente um grupo de propaganda com duzentas pessoas e um partido que está prestes a construir a influência de massas. São tarefas distintas em todos os seus aspectos. Por exemplo, aqui no Brasil, nós vimos – pelo menos a minha geração viu – a transformação do PT, de um partido de vanguarda a um partido com influência de massas e depois a um partido massas, o que não se deu apenas quando ele chegou ao governo. Antes disto, o PT já tinha influência de massas. Inclusive, uma coisa que me marcou muito é que Moreno, no começo do PT – se não me falha a memória, em 1982 –, para descobrir como estava o grau de influência do PT, perguntava para os que estavam nas fábricas o seguinte: “Quando tem algum programa na televisão, quando o Lula vai falar alguma coisa na televisão, no programa eleitoral, no outro dia, o que os trabalhadores falam? Eles comentam, falam? Mesmo que não estejam a favor, comentam, falam? Porque se estiver comentando é porque já está começando a ter influência de massas”.

Isto ocorreu com o PT, que, nesta época, estava começando a ter influência de massas! Então, é dar muita ênfase a estas etapas de transição, e a estas etapas intermediárias. Eu acho que esta é um tema que nós temos que analisar.

### **ZÉ MARIA - Brasil**

Eu queria tocar em duas questões e, se der, rapidamente, em uma terceira. Primeiro, sobre esse problema do partido único. Eu tenho poucas condições de discutir todas as observações que o Ricci fez aqui, mas arrisco uma opinião acerca do que você [Ricci] disse, sobre a opinião de Marx e as opiniões dele antes, e do próprio Lenin.

É uma opinião um pouco diferente do que você disse e diferente do que o Mancha falou aqui. Eu acho que o que está em discussão nesta questão é se, teoricamente, é possível a construção de um partido único nos dias de hoje e a definição sobre se, teoricamente, era possível antes. Eu acho que, teoricamente, antes era possível; hoje não é mais. Tem a ver com o quê? Com as tarefas que estão colocadas para o movimento operário naquela fase do capitalismo, antes do advento do imperialismo, antes do início da decadência do capitalismo, e com as tarefas que estão colocadas agora, na fase imperialista, da decadência do capitalismo.

A disputa do poder para a construção de outra sociedade está colocada nesta segunda fase; as tarefas que estavam co-

locas na primeira fase eram outras tarefas, era a luta no interior do capitalismo para fazer avançar as conquistas da classe trabalhadora. Portanto, creio que seria possível na fase anterior do capitalismo, teoricamente, construir um partido que reunisse as diversas correntes do movimento operário no seu interior. Nesta segunda fase, isto é impossível porque a luta é para tomar o poder, não há a possibilidade de reunir revolucionários e reformistas em um mesmo partido nesta etapa. Eu acho que o processo de transição de uma fase à outra é uma construção histórica, e materializa-se na ruptura da II Internacional, na Primeira Guerra Mundial. É um processo que não se dá num momento preciso, numa data.

Mas o começo da ruptura na Rússia foi quando? Foi no começo dos anos de 1900 e depois se estendeu no tempo. E foi necessário um fato político da realidade, da magnitude que foi a Revolução Russa, para consolidar esta divisão, mas é um processo que foi construído historicamente. Mas o que estava se materializando neste processo de ruptura do Partido Social-Democrata Russo no começo do século passado? Justamente estas contradições, as tarefas que começaram a surgir. Eu tendo a pensar isto. Eu creio que, teoricamente, era de fato possível construir um partido único antes, e teoricamente impossível depois. É desta forma que eu vejo.

### **Sobre o problema do partido com influência de massas**

Eu gostei do texto. O Edu falou aqui que houve críticas ao texto. Primeiro, em relação ao que é o partido de massas, concordo com o primeiro critério que o Edu colocou. Eu acho que para ser de massas, o partido não necessariamente tem que ser majoritário, não necessariamente tem que



ter condições de tomar o poder. Se o partido influencia 20% da classe operária ou da classe trabalhadora, já tem influência de massas, mas não é majoritário. Eu acho que o melhor critério é o que o Edu colocou: o partido que tem condições de incidir objetivamente na realidade política, que move as pessoas, que faz acontecer. O apoio às posições políticas já é um negócio mais complicado. Digo isso pela natureza das tarefas que o partido tem. Ele precisa mover, ele precisa mobilizar os trabalhadores para realizar o seu programa. Portanto, a primeira condição que o Edu colocou é mais precisa em relação a isto.

Agora, o que eu queria ressaltar aqui? Se eu entendi o que o Valério disse, e dialogando um pouco com ele, eu acho que o que texto coloca – e eu tenho a impressão de que está certo – são condições, passos que o partido tem que dar na luta para obter influência de massas. As primeiras condições têm a ver com a realidade objetiva, e não é necessariamente uma situação revolucionária. Tem que ter ascenso, tem que ter lutas e tem que ter ruptura de um setor majoritário. Estas duas condições combinadas são necessárias. Sem isto (ascenso e ruptura com a direção do movimento), não há influência de massas do partido revolucionário. No caso apresentado no documento, discutia-se a necessidade de ruptura no peronismo. No nosso caso, é no PT e na CUT.

Esse processo de ruptura, combinado com um ascenso, é uma primeira condição. A segunda, que eu acho que é importante, e que o texto destaca em vários lugares, é o tal acúmulo inicial do qual nós partimos. E é isto que, para mim, também não fica muito claro, mas acho que tem importância.

O partido argentino tinha menos inserção no movimento sindical, mas não

por demérito do partido, e sim pela força da burocracia sindical de lá. Era quase impossível entrar nas organizações do movimento operário porque a burocracia era muito forte. Desde este ponto de vista, é preciso um acúmulo de quadros, ou seja, nós temos que ter um partido de propaganda minimamente forte, além de influência, relações com o movimento.

O problema fundamental, a partir daí, é aproveitar estas três condições: lutas, ruptura do setor majoritário e um acúmulo inicial que nos permita colar com o ascenso político e buscar desenvolver o partido. Na verdade, o centro é intervir no processo de reorganização, tratando de construir uma direção para o movimento, seja do ponto de vista das organizações de massas, seja do ponto de vista do partido. Eu não concordo com a opinião de que tem que ser numa situação revolucionária, nem que o partido, assim que tenha influência de massas, tem condições de tomar o poder. Este é outro estágio.

Por outro lado, eu queria destacar também outras coisas. Por exemplo, Moreno fala muito nos textos dele sobre ousadia política, política em todos os sentidos, política para o movimento e da política para a organização, estruturação do partido. Aqui Lenin fala – se eu entendi bem – que: “não descarto em absoluto que a revolução possa ser iniciada por um partido muito pequeno e levada à vitória”. E depois fala, “é suficiente um partido muito pequeno para conduzir as massas”. Eu tenho a impressão que isto aqui é uma

polêmica, porque eu não entendi esta coisa de que o partido pode ser pequeno e disputar o poder, e achei contraditório com o resto. Por isso eu digo que, se estiver num contexto de polêmica, está bem. O que eu entendi é que ele diz que o partido pode ser pequeno, desde que ele tenha influência grande sobre as massas. Qual é o problema? Eu acho que a influência sobre as massas tem relação com a estrutura orgânica do partido, não basta ter influência sem ter uma estrutura orgânica forte. Por quê? Porque nós estamos combatendo contra deus e o mundo, inclusive dentro do movimento operário. É isto que eu acho que está complicado aqui. Então, eu acho que a força orgânica do partido guarda, sim, uma relação com influência de massas, eu não acho que seja possível que um partido pequenininho, com uma influência grande, vá para um combate destes (tomar o poder) e ganhe; eu não acho isso não. Eu acho que isto é mais num sentido polêmico do que outra coisa.

### **O soviét e o partido**

Eu queria falar também sobre esse problema que o Otávio tocou, mas já passei do tempo. Eu só queria deixar uma inquietação porque depois vocês vão falar. Me inquietou muito essa parte que fala sobre o partido e o soviét. Eu entendi que o que dá o conteúdo revolucionário para o soviét é o partido, o partido como direção. Sem isto, o soviét não toma o poder; e, se tomar, não governa para a classe operária. Estou de acordo

com isto: que o papel fundamental como organização pertence ao partido, que é a direção política. Mas nós sempre aprendemos que quem disputa o poder e governa é a organização de massas porque ela tem capacidade de representar o conjunto; o partido não. O partido disputa e dirige politicamente. Isto aqui não ficou claro. Tem horas que parece que afirma uma coisa, tem horas que afirma outra. Então, se depois vocês puderem falar sobre isto, eu agradeceria.

### **PAULO AGUENA – Brasil**

Primeiro, em relação ao tema que colocou Ricci, ou seja, se Marx tem a concepção de partido bolchevique ou de um partido único da classe. Estou de acordo em um sentido, e em outro não. Eu penso que Marx tem o embrião de concepção de partido bolchevique, não toda uma concepção acabada, uma teoria do partido, tal como Lenin desenvolve.

No entanto, penso que, para precisar este aspecto temos que dividir Marx em duas fases: até a Comuna de Paris<sup>5</sup> de 1871, e depois dela. Existe uma diferença entre a sua concepção (mais avançada) de partido e sua aplicação tática porque havia uma contradição entre esta concepção e as etapas do desenvolvimento do movimento operário.

Essa etapa se inicia, mais ou menos, em 1824<sup>6</sup>, quando se desenvolvem, mais claramente, os organismos da classe operária, como os sindicatos, as cooperativas etc. A classe operária se encontra na primeira fase de sua própria organização como classe independente. Marx compara esta etapa com a do surgimento das comunas<sup>7</sup>, em que a burguesia busca independentizar-se dos feudos. Depois, há um avanço e começa a construir suas organizações políticas, como é o caso do cartismo.



Nessa primeira fase, eu acho que ele já tem essa concepção, mas ao mesmo tempo ela é inaplicável. Ele é obrigado a adotar táticas frentistas. Depois das revoluções de 1848-1850<sup>8</sup>, vem uma fase de retrocesso do movimento operário, em que ele vai dedicar-se à economia, vai tentar entender as revoluções, as crises (econômicas) cíclicas; ele tenta relacionar as revoluções com essas crises, prevê a (crise) de 1852 – que não ocorre, e só vem em 1857 etc. Ele tenta entender qual a sincronia entre crise econômica e crise revolucionária e, depois, com a aproximação de novas crises e a retomada do movimento operário, funda-se, em 1864, a I Internacional, sob a forma de uma frente. Dela participam socialistas, anarquistas, sindicalistas etc. Ou seja, ele está priorizando, neste momento, um passo prático na organização e a frente única.

Acho que ele muda mais claramente depois da Comuna de Paris. Ela comprova – como antecipação histórica de uma época revolucionária que só vai se abrir depois com o imperialismo – que é impossível misturar as distintas correntes. Tanto é assim que, já na Conferência de 1871, antes da ida (do Conselho Geral) para os Estados Unidos, faz uma emenda<sup>9</sup> e, posteriormente, expulsa os anarquistas. Acaba a frente única.

A Comuna de Paris mostra que é impossível a unidade com os anarquistas e outros (outras correntes)<sup>10</sup>. Creio que há uma modificação. Tanto é assim, que em 1875 ele já não concorda com a unificação com os lassaleanos na Alemanha. Marx delimita programaticamente e diz que a unificação é apressada. E escreve a *Crítica ao programa de Gotha*<sup>11</sup>.

Para mim, a concepção (do partido revolucionário) é contraditória com a etapa reformista, que continua vigente depois

de 1871. Fundam-se os partidos socialistas, mais delimitados, mas não têm, ainda, o caráter de partido revolucionário, de tipo bolchevique. Eles avançam, mas não têm o caráter organizativo do partido (de Lenin), que só é possível surgir quando se abre a etapa imperialista.

### **Influência de massas**

O segundo problema, sobre a influência de massas: eu concordo com a citação<sup>12</sup> de Moreno, onde fala que se trata de arrastar, dirigir e influenciar politicamente os setores. Isso está na concepção de Moreno e o Nazareno citou. [...] Eu só queria precisar (o tema) com a citação de um parágrafo que está na página 63, para não fazer uma falsa polarização entre influência política e eleição, número de votos. Trotski diz o seguinte:

O número de comunistas que ocupam cargos de direção nos sindicatos nada mais é do que um dos meios para medir a influência do partido. O parâmetro mais importante é a porcentagem de comunistas em relação ao total de sindicalizados. Mas o principal critério é a influência do partido sobre a classe operária, que se mede pela circulação da imprensa comunista, pela concorrência aos atos do partido, pelo número de votos nas eleições e, o que é especialmente importante, pelo número de operários e operárias que respondem ativamente aos chamados do partido à luta<sup>13</sup>.

Todos são critérios para se medir a influência do partido. No entanto, o decisivo é a mobilização: arrastar e influenciar, no curso da luta de classes, a mobilização

de massas. Mas vejam só: ele diferencia a influência por meio dos sindicatos. Esta é importante, mas não é a mesma coisa que influência política. Ele adota até mesmo critérios para isto.

Então, aí entra a polêmica sobre o MAS da Argentina. Acho que o MAS tinha elementos de influência política de massas, sim. Ela está ligada à crise dos aparatos do movimento operário, a começar pelo peronismo, e à crise dos partidos burgueses, do próprio radicalismo. Como vejo a evolução? Em 1982 surge o MAS – depois do PST, a partir da tática eleitoral chamada Frente dos Socialistas – como possibilidade de construir um partido socialista de massas. Moreno fala “com os reformistas”. Ele trabalha essa hipótese. Depois, isso acaba não se dando, mas ele trabalha com essa possibilidade. E por que não se dá? Por que o surgimento dessa corrente não se confirma? Ocorre uma “revolução democrática” que o radicalismo capitaliza e ganha peso. Tanto é assim que, nas eleições de 1983, o candidato do radicalismo, Alfonsín, “lava”. E todo aquele crescimento do MAS que (no processo eleitoral) se expressou no número de sedes, jornal etc. vai minguando, e o radicalismo ocupa este espaço.

Ele (o radicalismo) começa a decair nas eleições de 1985, e continua em 1987. Para mim, quando vem a Semana Santa, começa definitivamente a ruptura das massas com o radicalismo. Por quê? Porque Alfonsín pactua com os militares<sup>14</sup>. Esta traição se expressa num grande ato, quando o MAS tem um acerto tático muito

importante. Neste ato, quando se anuncia o acordo de unidade nacional com todas as forças (políticas), o MAS rompe o ato numa operação política em que arma aquela coluna de bandeiras vermelhas e arrasta setores importantes.

Começa a crise do radicalismo, um setor burguês que havia bloqueado o crescimento. O Partido Intransigente também começa a entrar em crise. O PC, que também apoia o acordo, também entra em crise e então nós começamos a ganhar influência política.

Ou seja, além da crise do peronismo, que foi cúmplice da ditadura, soma-se aí a crise do radicalismo, e começa a decadência do PI como partido de centro, que, depois, praticamente desaparece. Este salto (da influência política), que começa com a Semana Santa, logo fica mais claro porque, para mim, antes só tinha elementos. Por exemplo, nas eleições de 1985 venderam-se 60 mil jornais. Multipliquem por quatro (o tamanho do Brasil em relação à Argentina) e verão que são 240 mil jornais semanais! Não é brincadeira. Mesmo em 1983, já vendiam 30 mil jornais. Multipliquem por quatro, e serão 120 mil jornais. Imaginem!

O Edu citou o ato de Ferro, um ato importantíssimo. Foi um marco importante. Mas depois teve o Ato do Não!<sup>15</sup>. Eu acho que foi outro acerto tático. Quando o governo faz uma declaração que os que estão contra o governo são os “não”, os que estão na outra calçada, o partido diz: “Então vamos pelo não!”, e realiza um ato de massas, em torno de 100 mil pessoas! Era um chamado à ação enquanto partido, em unidade com o PC, mas uma ação. Não era uma coisa somente eleitoral.

As eleições eram uma expressão de um processo mais profundo, que já estava dando-se, e estava abrindo a possibilida-

de de uma influência política de massas, que se expressará na eleição de Zamora e Silvia Dias<sup>16</sup>.

Por fim, para terminar, o problema de se quem toma o poder são os organismos de massas ou o partido. Eu acho que, em regra geral, em nossa concepção, são os organismos de massas que devem gover-

## ISRAEL LUZ - Brasil

Vou falar rapidamente de dois pontos.

Sobre o tema do partido único: diferentemente do que disse o companheiro da Itália, e apesar do que Catatau falou sobre as fortes polêmicas com Lassalle, Marx trabalhava pela unidade com os lassalleanos. *A Crítica ao Programa de Gotha* não é em prol de uma ruptura, mas de uma delimitação clara do setor que era dirigido por ele e Engels em relação a todas as confusões teóricas de Lassalle, dirigente de muito peso.

Por outro lado, parece-me, havia acorrido nas tarefas eminentemente democráticas, justamente porque não estava colocada a questão do poder. Também estava colocado que reformistas e revolucionários lutassem conjuntamente, sem isto indicar uma contradição programática que levasse a uma ruptura organizativa, porque era possível a obtenção de reformas de certa duração.

## Sobre a influência de massas

Agora, sobre o tema da influência de massas. Em um dos textos, Lenin diz que, para a vitória, há que se contar com a “simpatia” das massas. Para mim, isto significa *mover* um setor de massas importante. Obviamente, o quanto você move – ou não – depende de muitas coisas que não necessariamente têm ligação com a atuação do partido: a ruptura com os aparatos reformistas, traidores etc. Ago-



ra, tem uma coisa que não depende disto: o trabalho permanente de convencimento de um setor de massas de sua política. Portanto, uma atuação principalmente política, não sindical e econômica.

Acho isso importante porque, num momento de decisão, de tomada do poder – até onde eu pude estudar –, não necessariamente você conta com o apoio de uma maioria, em termos numéricos, da população. E pode ainda haver uma parte importante dela apoiando apenas passivamente o partido ou o organismo de massas que faz aquilo. Mas mesmo isto só é possível como resultado de um trabalho permanente de agitação e propaganda que, em minha opinião, é parte do que está no debate sobre a influência de massa e é a tarefa central do partido.

## MARTÍN HERNÁNDEZ - Brasil - Fechamento

Não vou colocar as opiniões da comissão que preparou este seminário porque não construímos (nem tentamos construir) uma opinião comum. Portanto, o que vou dar são opiniões pessoais sobre os aspectos centrais do debate.

## Marx e Moreno sobre o partido único da classe operária

Com relação ao que disse Moreno sobre Marx – em relação ao partido único da classe operária –, tenho que dizer que, na realidade, nós fomos injustos com Moreno porque no material de estudo só colocamos uma pequena frase. Só que Moreno falou sobre este tema em mais de

uma oportunidade e ele não disse que foi um erro de Marx. O que ele disse é que a afirmação de Marx – que era equivocada – explicava-se pela época em que foi escrita (antes do surgimento da aristocracia operária). Moreno não estava criticando Marx. O que sim estava dizendo – em minha opinião com razão – é que esta afirmação de Marx teve consequências negativas, nefastas, para o movimento operário mundial, pois foi utilizada pelo stalinismo para defender os PCs como os partidos únicos da classe operária.

Esclarecido isso, agora digo minha opinião sobre a polêmica que aconteceu aqui: para mim há uma mudança em Marx entre o que afirma em seus primeiros trabalhos (no *Manifesto Comunista*) e o que vai dizer depois. Há uma evolução, mas não vejo que haja uma mudança qualitativa. Por exemplo, a I Internacional não se rompeu porque era uma internacional de marxistas e anarquistas. Estas duas correntes conviviam em um partido único. O que levou à explosão da I Internacional foi um problema metodológico, pois Bakunin, que era um tipo sinistro, montou uma fração secreta, e isto é o que vai levar à dissolução da I Internacional no marco da derrota da Comuna de Paris.

Parem para ver a diferença de época: segundo Lenin, o grande aporte de Marx, o que diferencia o marxismo das outras correntes, é a sua conclusão sobre a necessidade da ditadura do proletariado como passo prévio ao socialismo e ao comunismo. Esta era também a opinião do

próprio Marx. Sobre este tema central não havia acordo na Internacional, já que os anarquistas eram radicalmente contra a ditadura do proletariado. No entanto, isto não os impedia, naquela fase, de conviverem todos em uma mesma Internacional. Como bem disse Ricci, não é que o debate não existisse entre marxistas e anarquistas. Mas era um debate no marco do partido único da classe operária internacional.

Mas é importante afirmar que esse conceito equivocado – sobre o partido único da classe operária –, que depois foi utilizado pelo stalinismo, estende-se até os dias de hoje e, em minha opinião, afetou também nossa corrente. Na Argentina, por exemplo, durante vários anos, defendíamos, como consigna central, o chamado a construir o Partido Único da Revolução.

Também devemos recordar o debate que aconteceu aqui no Brasil nos primeiros anos do PT, quando tivemos uma posição correta. O PT aparecia como o partido único da classe operária, o grande partido da classe operária! E qual era o debate entre as correntes de esquerda que faziam parte do PT? A discussão era se o PT era o partido estratégico ou um partido tático. Lembram-se? Os mais antigos devem se lembrar. A maioria das correntes de esquerda dizia que o PT era o partido estratégico. Nós, ao contrário, opinávamos que o PT era um partido tático. Nós entramos no PT nos negando a considerá-lo como o partido único da classe operária.

Lembro-me que, em relação a isso, Lambert, que considerava o PT como o partido estratégico, nos dizia: “ninguém pode descartar a hipótese de ganhar Lula para o trotskismo”. Por outro lado, este debate continua atual, já que estão aí os chamados partidos anticapitalistas, que pretendem unir os revolucionários com os “reformistas honestos”.

Esse é um tema bastante delicado que a própria história, em minha opinião, não resolveu bem. Acho que Moreno tem razão sobre essa questão. Moreno, polemizando com Mandel, disse que é equivocado afirmar que o central são os soviets. Para Moreno, o central é o partido e não os soviets e que não se deve fazer um fetiche dos soviets. Disse também que Lenin não fez nenhum fetiche, a tal ponto que, em um determinado momento, pensou em romper com os soviets e passar a organizar os comitês de empresa e dar a batalha pelo poder por estes organismos. Mas para Moreno – e isto é o mais importante –, é a classe operária, com seus organismos, quem toma o poder, ainda que, às vezes, o partido o tome, mas – como ele diz – apoiando-se nos organismos da classe.

O problema foi que, na Rússia de 1917, quem votou a tomada do poder foi o partido, que não esperou o Congresso dos Soviets porque Lenin opinava que tinha chegado o momento, e que se perdessem este momento, não conseguiriam tomar o poder depois. E aqui é que se arma a confusão sobre quem toma o poder. É justamente neste ponto que Moreno disse que é o partido, mas “apoiando-se nos organismos da classe”. Porque é o Comitê Central bolchevique que define a tomada do poder, mas, em termos práticos, quem o toma é o Comitê Militar Revolucionário, que é um organismo de frente única, e, por outro lado, o poder é entregue ao Congresso dos Soviets.

Mas como essa situação nunca mais se repetiu, essa confusão continua porque em todas as outras revoluções, com direções burocráticas ou pequeno-burguesas, foram os “partidos-exércitos” – como o de Fidel ou de Mao – que tomaram o poder, e não os organismos da classe operária.



Neste caso, diferente dos bolcheviques, estes partidos não se apoiavam nos organismos da classe operária.

Para se ver a diferença com os bolcheviques, há um trabalho de Tony Cliff<sup>18</sup> que faz um relato – que eu não conhecia – sobre como foi a tomada do poder na China. Ele estudou bastante este tema. É impressionante como foi a tomada do poder na China. Impressionante em que sentido? No ódio que Mao tinha a qualquer tipo de organização independente da classe operária. Em seu trabalho, Cliff publica, por exemplo, um chamado do exército de Mao quando eles se preparavam para tomar o poder em Xangai e Cantão, no qual dizem: “Espera-se que os operários e empregados de todos os setores continuem trabalhando e que os negócios funcionem normalmente”; e Cliff acrescenta: “A classe trabalhadora cumpriu e permaneceu inerte”.

Mao tinha uma obsessão de que ninguém além de seu exército, completamente disciplinado de cima para baixo, participasse da tomada do poder. Digo isto porque é toda uma concepção. É exatamente a obsessão oposta à de Lenin, que, em todo momento, buscava construir organismos da classe operária.

### O partido com influência de massas

Sobre a última questão: o partido com influência de massas. Vou lhes dar minha opinião, que é muito particular, só para que a conheçam: nós sempre dizemos que queremos construir o partido. Em qualquer país nós queremos construir

o partido. Mas que tipo de partido? Um partido bolchevique. Muito bem. Mas dizemos mais: queremos construir um partido para tomar o poder. E para concretizar esta ideia, dizemos: “Um partido com influência de massas”. Eu opino que esta nossa concepção de um “partido com influência de massas” é equivocada.

Vou começar com o problema terminológico. O que quer dizer “influência”? Lenin não usa esta categoria, usa outra. Ele fala de dirigir a classe operária e ganhar a simpatia dos camponeses e do povo. Para mim, são coisas bem diferentes. O que é, exatamente, influenciar? Não sou contra dizer que queremos influenciar as massas, mas na minha opinião a estratégia não pode ser construir um partido com influência de massas porque, só com isto, não se pode tomar o poder. A estratégia é a que disse Lenin: um partido que dirija a classe operária e ganhe a simpatia da maioria dos outros setores, que é algo bem diferente.

Qual é a nossa estratégia? Ter influência de massas ou dirigir a classe operária? Porque nós podemos ganhar influência de massas em outros setores e não dirigir a classe operária. Podemos, por exemplo, ganhar influência de massas entre os estudantes. Seríamos um partido com influência de massas. E seria muito importante, mas isto é tático. Não é nossa estratégia. Para mim, esta concepção é muito perigosa. Porque, se nosso objetivo é ganhar influência de massas, temos que ir ao setor em que se possa conseguir isto. E, normalmente, quais setores

nos brindam com as possibilidades de ganhar influência de massas? Os setores que mais se mobilizam. E se os que mais se mobilizam são os camponeses, então teria que ser aí a atuação central do partido porque nossa estratégia é construir um partido com influência de massas.

Na Rússia, por exemplo, quando os bolcheviques estavam construindo o partido, eles não trabalhavam entre os camponeses (a não ser no final). Por isso tiveram que fazer um acordo com os SRs de esquerda (uma organização essencialmente camponesa) para a tomada do poder.

É importante destacar isso porque a Rússia era um país camponês, e eram eles os que mais se mobilizavam. Faziam grandes levantes, atacavam violentamente os latifundiários, incendiavam fazendas. Mas os bolcheviques nunca disseram que tinham que ganhar influência de massas entre os camponeses. Porque sua estratégia não era construir um partido com influência de massas. Quem fazia isto eram os populistas, em especial os SR's, que era um grupo de intelectuais que foi fazer trabalho camponês e transformou-se em uma potência, e por isso – inclusive depois de Outubro – tiveram muito mais votos que os bolcheviques.

Os bolcheviques nunca tentaram ganhar influência de massas entre os camponeses. Nunca se distanciaram da classe operária, sequer quando esta foi derrotada na revolução de 1905.

Eu sei que em nossa corrente há uma grande unidade em torno do tipo de partido que queremos construir, mas acho que esta categoria – em minha opinião, muito confusa – de “partidos com influência de massas”, como estratégia, pode criar muitas confusões. Para que inventar novas categorias como a de “partido com influência de massas?”



# Notas das intervenções

## Nazareno Godeiro

1 Moreno, Nahuel. *Problemas de Organização*. Este texto foi um dos materiais debatidos no Seminário, embora não tenha sido reproduzido neste Dossiê. (Nota da edição brasileira)

2 Informe de atividades do PST Argentino, de 1973. Também foi parte dos materiais discutidos no Seminário. (Nota da edição brasileira)

## Francesco Ricci

3 Em 1835 é fundada em Londres uma associação dirigida por operários, entre os quais William Lowett e Henry Hasington. Em 1837, Lowett e seus companheiros formulam pela primeira vez as reivindicações políticas da classe operária que aspirava atuar sob o regime democrático burguês. O documento no qual declaram seus objetivos recebeu o nome de *Carta do Povo*, e o seu movimento o de cartista. Dentre as seis reivindicações estão o voto universal, o parlamento anual e o voto secreto. (Nota da edição brasileira)

## Eduardo Almeida

4 Refere-se ao ato realizado pelo MAS no estádio de futebol do Club Ferro Carril Oeste.

## Paulo Aguenta

5 Primeira experiência histórica de um governo operário, considerado um ensaio de ditadura do proletariado. A derrota de Napoleão III na guerra contra a Prússia de Bismarck, na batalha de Sedan, em 02 de setembro de 1870, provocou a queda do Segundo Império e a formação da Terceira República na França, sob o governo de Thiers, em 04 de setembro. As condições humilhantes da derrota francesa e os entendimentos do novo governo republicano com Bismarck em detrimento do atendimento das reivindicações da classe operária levaram à proclamação do governo da Comuna, em março de 1871. Durante 72 dias, os operários governaram Paris. A Comuna terminou sendo esmagada pela aliança contrarrevolucionária de Thiers com Bismarck. Com a experiência da Comuna, Marx convenceu-se, definitivamente, daquilo que já havia começado a concluir a partir da derrota das revoluções de 1848, ou seja, que a classe operária não poderia limitar-se à conquista do poder político, mas teria de destruir a máquina estatal da burguesia e criar seu próprio órgão. (P. A.)

6 Em 1824, o parlamento inglês – Câmara dos Comuns – vota uma lei reconhecendo o direito de associação, que até então era restrito às classes dominantes. Com isto, vem à luz as uniões operárias, consideradas os primeiros sindicatos ou trade unions, como chamam os ingleses. Logo, elas se desenvolveram por toda a Inglaterra, em todos os ramos de produção e, com o tempo, tornaram-se bastante poderosas. (P. A.)

7 A luta das comunas ou municipalidades foi o primeiro movimento emancipatório da burguesia em relação à nobreza, dando origem à constituição das cidades e vilas com autonomia administrativa e corpo jurídico próprio. (P. A.)

8 Cabe observar, no entanto, que, pouco antes das revoluções que ocorreram na Alemanha e na França em 1848-1850 e que se estenderam a outros países da Europa, Marx e Engels são convidados a fazer parte da Liga dos Justos, fundada por dirigentes operários em 1836. Aceito o convite, em junho de 1847, é realizado um congresso, e a mesma transforma-se em uma nova organização, a Liga dos Comunistas. Um segundo congresso é realizado em novembro, aprovando definitivamente seus estatutos. Marx e Engels são encarregados de redigir uma “profissão de fé”, dando origem ao *Manifesto Comunista*, que é na verdade um programa, publicado no final de fevereiro de 1848. A Liga Comunista foi, ao mesmo tempo, uma organização internacional da classe operária e o primeiro partido dos trabalhadores alemães. Na opinião de David Riazanov – revolucionário russo, fundador do Instituto Marx e Engels, em 1921 – a Liga já estaria organizada sob “o princípio do centralismo democrático”. (*Marx e Engels e a história do Movimento operário*. Ed. Global, 1984, p. 66). Ela foi dissolvida em fins de 1852, como consequência da derrota do processo revolucionário. (P. A.)

9 Trata-se da Conferência realizada em Londres, em setembro de 1871. Nela, votaram-se duas resoluções contra os anarquistas. A primeira é sobre um parágrafo dos estatutos que não deixava claro que, para conseguir seus objetivos, o proletariado devia conquistar o poder político. Foi aprovada uma emenda que dizia: “Que esta constituição do proletariado em partido político é indispensável para assegurar o triunfo da revolução social e do seu fim supremo, a abolição das classes; que a união das forças operárias, obtida pela luta econômica, deve servir de alavanca nas mãos desta classe em sua luta contra o poder político dos seus exploradores”. A segunda foi uma resolução que visava proibir a fração secreta dos anarquistas organizados na Aliança. Longe de terminar, o enfrentamento com os anarquistas intensificou-se, passando eles a acusar o Conselho Geral de impor à Internacional o dogma da necessidade de organizar o proletariado em partido especial para a conquista do poder político e exigindo um Congresso. Este foi realizado em Haya, em 1872, quando se aprovou uma resolução que dizia que “a conquista do poder político é o dever supremo do proletariado”. Constatado que

a fração secreta continuava, Bakunin foi expulso. Aprovou-se, também, a transferência da sede do Conselho Geral para Nova Iorque, Estados Unidos. (P. A.)

10 Numa carta a Sorge, de 12 a 17 de setembro de 1874, Engels desenvolve esta ideia. Ao final diz: “Penso que a próxima Internacional – depois que os livros de Marx tenham exercido sua influência por alguns anos – será puramente comunista e propagará diretamente nossos princípios”. (P. A.)

11 No ano de 1875, deu-se a unificação, na cidade de Gotha, dos dois partidos operários alemães: a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães, fundada em 1863 por Ferdinand Lassalle (que morreu em um duelo em 1864), e o Partido Social-Democrata dos Trabalhadores, fundado em 1869, em Eisenach, por Wilhelm Liebknecht, Wilhelm Bracke e August Bebel, dirigentes socialistas próximos a Marx. No projeto de programa de unificação, predominavam as teses dos lasalleanos, o que suscitou duras críticas de Marx e Engels. Eles consideravam que se a unificação era necessária, não podia por isso se dar sob a base de um mau programa. Opinavam que mais convinha esperar e se limitar a uma plataforma geral para o trabalho prático. Bebel e Bracke compartilhavam deste ponto de vista, mas não Liebknecht, que era o responsável pela redação do mesmo. Marx escreveu uma crítica ao programa – *Glosas marginais ao programa do Partido Operário Alemão*, conhecida como *Crítica ao programa de Gotha* –, na qual deixa claro, por exemplo, a necessidade da “ditadura do proletariado”. (P. A.)

12 Citação: “Uma situação revolucionária desenvolvida, com setores rompendo pela esquerda com os aparatos reformistas e burocráticos, já nos coloca, objetivamente, a possibilidade de conquistar influência de massas, quer dizer, de arrastar, por sua política, setores de base do movimento de massas. Neste último caso, é uma obrigação do partido golpear e estruturar seus organismos em todos os setores do movimento de massas (ainda que priorizando aquele que perfila como vanguarda da revolução, por exemplo, a classe operária industrial na Argentina, os mineiros e fabris na Bolívia etc.)” (Moreno, *Problemas de Organização*, 1984). (P. A.)

13 Trotski, “Comunismo e sindicalismo”, 1938. Este texto foi parte dos materiais discutidos no Seminário, embora não tenha sido reproduzido neste Dossiê. (Nota da edição brasileira)

14 Trata-se da *Ley de obediencia debida*, pactuada com os militares, que perdoa os genocidas responsáveis pelos crimes da ditadura. (P. A.)

15 *Acto del No!*, realizado na Plaza de Mayo, em 1º de maio de 1990, contra o governo Menen. (P. A.)

16 Nas eleições de 1989, Luiz Zamora foi eleito deputado nacional, e Silvia Diaz, deputada da província de Buenos Aires. (P. A.)

17 Interpretamos que Lenin defendia que o partido tomasse o poder para entregá-lo aos soviets. Não que o partido governasse sem organismos. (P. A.)

18 Refere-se ao artigo intitulado *A revolução permanente desviada*. Publicado na revista *Marxismo Vivo – Nova Época*, nº 3.

A large, dark gray, stylized letter 'A' graphic that serves as a background for the text. It has a thick, blocky appearance with a slight shadow effect.

Artigo

GRAMSCI TRAÍDO

# Gramsci traído

Francesco Ricci

## Sobre o “caderno perdido” – Oitenta anos de falsificações stalinistas, reformistas e liberais

O livro recente de Franco Lo Piparo, *L'enigma del quaderno (O enigma do caderno)*<sup>1</sup> provocou muita polêmica. No entanto, é uma discussão surreal, na qual muitos que rejeitam o estudo e a hipótese de Lo Piparo (de fato, a maioria dos historiadores de todas as vertentes) fingem desconhecer o fato de que, há 80 anos, a ação e a obra de Gramsci são sistematicamente falsificadas por stalinistas, social-democratas e liberais, em uma gigantesca operação lançada por Togliatti e que vai muito além do caso do “caderno perdido”. Mas vamos começar pelo início.

## O estudo de Lo Piparo

O filólogo Franco Lo Piparo<sup>2</sup> realizou uma investigação escrupulosa e engenhosa, acolhendo ainda a contribuição de historiadores e grafólogos.

Sua densa obra, que pode ser lida como um romance policial – embora farramente documentada e de modo algum “inverossímil”, ao contrário do que muitos comentadores escreveram –, revela falsificações óbvias feitas por Togliatti e pelo Partido Comunista da Itália (PCI) nos escritos de Gramsci. Além disso, com base em provas e evidências, levanta a hipótese razoável de que um dos *Quaderni* de Gramsci teria sido escondido por Togliatti, e nunca publicado. O caderno teria sido escrito na Clínica Quisisana, onde Gramsci ficou (depois de cumprir dez anos no cárcere fascista) de agosto 1935 até sua morte, em abril de 1937. Este caderno, de acordo com Lo Piparo, ou foi destruído, ou está entre os documentos de Togliatti, ou de Piero Sraffa (um dos dois anjos da guarda de Gramsci, junto com sua cunhada Tania), ou Deus sabe onde.

## Os indícios

Nas 150 páginas de seu livro, Lo Piparo reúne uma série tão grande de pistas que, embora claramente não garanta a existência do “caderno per-

1 Lo Piparo, Franco. *L'enigma del quaderno. La Caccia ai Manoscritti dopo la morte di Gramsci. (O enigma do caderno. A caça aos manuscritos após a morte de Gramsci)*. (F. R.)

2 Lo Piparo já havia escrito sobre Gramsci em vários trabalhos anteriores, alguns dedicados às questões linguísticas e outro, mais recente, à prisão de Gramsci (ver nota bibliográfica). (F. R.)

didado”, parecem ser suficientes, a nosso ver, para julgar não apenas possível, mas também provável a hipótese colocada.

Não podemos listar todos os resultados de Lo Piparo em seu trabalho filológico minucioso. Basta dizer que, em várias cartas, inclusive de Sraffa a Togliatti e de Togliatti ao líder russo Manuilski (não destinadas ao público), eles sempre falam de “30 cadernos” (enquanto nós conhecemos apenas vinte e nove, mais quatro cadernos de traduções); e que a investigação sobre as capas dos cadernos de Gramsci e as etiquetas e inscrições demonstram que estas etiquetas e inscrições não são apenas de Gramsci e Tania (a cunhada que cuidava dele na Itália, e que numerou os cadernos quando ele morreu), mas há sinais inconfundíveis de alterações, renumeração e registros sucessivos dos “coordenadores”.

### As reações às descobertas de Lo Piparo

Como dizíamos, a maioria dos estudiosos rejeitou a hipótese de Lo Piparo (que, em parte, já havia sido anunciada há um ano em seu livro anterior): alguns tentando argumentar (sem sucesso) sobre a impossibilidade da existência de outro caderno; outros fazendo apenas comentários irônicos e superficiais.

Claramente, os adversários mais encarniçados dessa hipótese foram os historiadores ex-stalinistas, ou ainda hoje stalinistas, ou, de qualquer modo, aqueles com passagem pelo Partido Democrático (PD), mas sempre fiéis à versão litúrgica da história feita pelo PCI e transmitida pelo togliattismo e pela escola de Paolo Spriano.

Guido Liguori, por seu lado, autor de textos interessantes (veja ao final deste artigo as indicações bibliográficas), liquidou o livro de Lo Piparo, definindo-o no jornal *Il Manifesto* como “um castelo de conjecturas”<sup>3</sup>. No mesmo artigo (que defende fervorosamente a versão de Togliatti como fiel coordenador), Luigi Cavallaro<sup>4</sup> retoma a cantilena de um Togliatti “jogador de xadrez refinado”, que fingia sustentar o stalinismo para, em seguida, afastar-se dele com a “virada de Salerno” (que, na verdade, foi decidida em Moscou no acordo entre Stalin e Togliatti, como demonstrado há décadas) e assim seguir livremente em direção à suposta “via italiana ao socialismo”, o que permitiu o nascimento desta nossa linda república, fundada na Constituição sagrada etc. Esse é também o *leitmotiv*

3 Guido Liguori se ocupou muitas vezes deste tema. Consulte-se, a propósito do livro anterior de Lo Piparo, *L'invenzione di un teorico liberale. Antonio Gramsci secondo Franco Lo Piparo. (A invenção de um teórico liberal. Antonio Gramsci segundo Franco Lo Piparo)*; *Il manifesto*, de 02 de fevereiro de 2012; e *Un revisionismo storico in nome del bene assoluto (Um revisionismo histórico em nome do bem absoluto)*; *Il manifesto*, de 02 de março de 2012; e, em seguida, *Una spystory colma di congetture irrisolte (Um romance de espionagem cheio de suposições não resolvidas)*; e a edição de 19 de fevereiro de 2013 do jornal *Il manifesto* que se refere ao livro que acaba de ser publicado por Lo Piparo. (F. R.)

4 Cavallaro, L. *Gramsci, mille e una eresia (Gramsci, mil e uma heresias)*, *Il manifesto* de 11 de janeiro de 2012. (F. R.)

dos líderes do Partido Democrático. D'Alema<sup>5</sup> liquida tudo dizendo que se trata de um pretexto para atacar as antigas raízes do PD.

O jornal *Repubblica* dedicou amplo espaço ao caso, mas inclinando-se a apoiar a tese oficial, a saber, a do PD e do Instituto Gramsci, com seu diretor Giuseppe Vacca (que concebe um Gramsci antistalinista porque, juntamente com Togliatti, teria sido progenitor dos diferentes truques que permitiram ao PCI converter-se, de stalinista, em partido social-democrata e, finalmente, em partido liberal)<sup>6</sup>. Por outro lado, diante das evidências encontradas por Lo Piparo, Vacca considerou necessário criar uma comissão de inquérito (integrada também pelo próprio Lo Piparo), confirmando, assim, indiretamente, que não se trata de uma mera fantasia que possa ser liquidadas com um sorriso.

Inúmeras foram as intervenções de outros historiadores e estudiosos, alguns pertencentes hoje ao PD, e, entre eles, muitos de origem stalinista (às vezes ainda não superada): Angelo D'Orsi<sup>7</sup>, Gianni Francioni<sup>8</sup> e especialmente Alexander Hobel e muitos outros que desabafaram no site *Marx XXI* (impulsionado pela corrente “ex-Ernesto”, transformada, de Refundação Comunista, em Partido dos Comunistas Italianos, sempre se mantendo fiel ao togliattismo no decorrer dos tempos).

Neste caso, apenas um togliattiano convicto distinguiu-se, Luciano Canfora, que reconheceu a validade da hipótese de Lo Piparo, apesar de não concordar com suas conclusões (que, aliás, Lo Piparo separa da escrupulosa análise dos fatos), ou seja, que no caderno perdido possam estar as provas de um abandono do “bolchevismo” por parte de Gramsci (termo com o qual Lo Piparo junta Stalin e Lenin).

Diante dos elementos de investigação apresentados por Lo Piparo, que não são facilmente ignoráveis no mérito, o lema de seus adversários é um só: por que Togliatti teria publicado os cadernos de um Gramsci herege? Poderia ter simplesmente jogado tudo no lixo. Se conhecemos Gramsci hoje – todos eles concluem inexoravelmente (Liguori, Cavallaro, Francioni, D'Orsi etc.) –, “é graças a Togliatti”.

Na verdade, o argumento é risível. Togliatti fez com Gramsci o que Stalin já tinha feito com Lenin: embalsamou-o para melhor deformar e canonizar seu tra-

5 Gravagnuolo, B. *D'Alema: falsità su Gramsci per delegittimare i partiti (D'Alema: inverdades sobre Gramsci para deslegitimar os partidos)*; *l'Unità* de 8 de junho de 2012. (F. R.)

6 Ver vários artigos de Simonetta Fiori em *Repubblica* e, em particular, *Gramsci: manca un pezzo? (Gramsci: falta um pedaço?)*, 02 de fevereiro de 2013; *Il quaderno di Gramsci? È solo voglia di scoop*, 10 de fevereiro de 2013, entrevista com o estudioso Joseph Buttigieg, que ridiculariza tudo (sem ter um único argumento) falando de “extravagâncias”. (F. R.)

7 Do autor D'Orsi, ver *Gramsci nella Guerra dei Mondi (Gramsci na Guerra dos Mundos)*, *La Stampa* de 15 de março de 2012. (F. R.)

8 Referindo-se ao livro de Lo Piparo sobre “as duas prisões de Gramsci” (em que se adiantava a tese do caderno perdido), Gianni Francioni (*l'Unità*, 2 de fevereiro de 2012) tenta fornecer uma explicação das diferentes etiquetas nas capas dos cadernos. Mas em 15 de fevereiro de 2012, Lo Piparo (*l'Unità: Quaderno 32 c'è il mistero – Caderno n° 32: há mistério* – respondeu com argumentos sensatos e convincentes (aliás, posteriormente desenvolvidos e contando com provas de peritos no livro recém-publicado). (F. R.)

balho, utilizando-o como um sólido pedestal sobre o qual, na verdade, haveria de neutralizar a ação de sua obra, ou seja, transformá-la em um fantasma que poderia ser encerrado em uma vitrine de cristal.

### **O verdadeiro caso Gramsci**

Obviamente, os adversários da tese de Lo Piparo têm uma enorme vantagem: como esse possível caderno perdido nunca foi encontrado, falta a prova, isto é, falta o “corpo de delito”. Então, afirmam: “o ônus da prova recai sobre Lo Piparo e todos os que argumentam que há um caderno faltando”. O raciocínio em si não tem falhas, a menos que Lo Piparo enumere, coloque em fila um tal número de provas de falsificações realizadas sobre cadernos conhecidos e uma série de outros elementos de outro modo inexplicáveis, que, assim, estaremos diante de algo muito mais consistente que uma simples hipótese. E nenhum dos adversários de Lo Piparo (pelo menos de nosso conhecimento), até agora, foi capaz de dar uma explicação alternativa para os indícios encontrados. Por esta razão, todos concluem repetindo que “é graças a Togliatti que conhecemos as obras de Gramsci”. Mas por meio de que trabalho Togliatti nos “disponibilizou” as obras de Gramsci? Vale a pena recordar este fato.

### **A intriga de Togliatti em torno das obras de Gramsci**

Gramsci morreu, lembremo-nos, em 1937. A primeira edição de suas cartas (aparentemente, os textos mais inócuos e, por anos, assim apresentados, ou seja, como simples mostra de uma experiência humana) foi publicada por Togliatti (que guardava o material zelosamente) apenas em 1947. Ou seja, dez anos depois da morte de Gramsci! Além disso, como ficou evidente depois de mais 20 anos, a primeira publicação das *Lettere (Cartas)* era falsificada e manca. Somente em 1964 Togliatti disponibilizou a Elisa Fubini e Caprioglio novos materiais para uma edição “ampliada” de cartas de Gramsci pela Editora Einaudi (edição de 1965). Na nova antologia vieram à luz nada menos que 119 cartas que não estavam na primeira edição e restabeleceram-se, ao fim, referências que na edição de 1947 haviam sido excluídas. Trata-se, em especial, das referências que Gramsci faz a Bordiga, a Rosa Luxemburgo e a Leon Trotski (destes dois últimos ele pedia, quando estava preso, várias obras) ou ao caso da carta a Grieco (sobre a qual falaremos em seguida).

Então, Togliatti, que nos permitiu “conhecer Gramsci”, de acordo com seus partidários de ontem e hoje, primeiro esperou dez anos após a morte deste para publicar suas cartas (claro, repetem-nos: “Havia a guerra e outras coisas para pensar”); depois, esperou mais 20 anos para divulgar cartas escondidas e permitir a publicação completa, e não mutilada, daquelas que apareceram pela primeira vez (e aqui não existia mais a justificativa da guerra). E o problema não termina aqui: foi preciso esperar o colapso do stalinismo e mais alguns anos para a publicação – em 1997! – das respostas daqueles que se correspondiam com Gramsci, e, em

particular, das cartas de Tania! A edição completa desta correspondência, que lançou uma nova luz sobre o verdadeiro significado de muitas cartas de Gramsci, esclarecendo alusões e frases que pareciam politicamente insignificantes, só foi publicada – insistamos – em 1997, por Daniele e Natoli<sup>9</sup>, ou seja, 60 anos depois da morte de Gramsci.

E, a bem da verdade, o cuidado amoroso reservado pelo PCI às *Lettere* não é muito, comparado com o destinado a outros escritos ainda mais políticos. Escritos de Gramsci, publicados no *Ordine Nuovo*, que, devido à sua clareza, não deixavam margem para “interpretações”, só foram novamente publicados em 1966!

Quanto aos *Quaderni dal Carcere* (*Cadernos do Cárcere*), mesmo admitindo que todos eles foram publicados – e que, portanto, não existiria o caderno perdido –, vale a pena recordar que a primeira edição “temática”, coordenada por Felice Platone e por Togliatti pessoalmente, foi publicada entre 1948 e 1951 (e aqui reaparece a justificativa da guerra, que tornaria impossível dedicar-se a tais assuntos). No entanto, era uma edição tão manipulada, que grande parte dos textos ficou incompreensível. Tivemos que esperar mais 30 anos para que, ao final, fosse preparada uma edição dos *Quaderni* tal como foram escritos, edição coordenada por Valentino Gerratana (Editora Einaudi). Em relação à primeira edição, entre outras coisas, também aqui (bem como com as *Lettere*) fragmentos inteiros, antes censurados, foram restabelecidos. Foi o próprio Gerratana (historiador de estreita ortodoxia togliattiana) que admitiu tal fato em várias ocasiões (quando, a esta altura, tais fatos podiam ser comentados com mais facilidade). Por exemplo, em uma entrevista de 1987<sup>10</sup>, comparando o material editado por ele mesmo com o de Platone-Togliatti, Gerratana admitiu que na primeira edição dos *Cadernos* “[...] algumas declarações foram suprimidas, outras limitadas, outras atenuadas. Julgamentos sobre Trotski, quando não eram imprecações, foram eliminados [...]”.

Em resumo: sabemos com certeza que as *Cartas* permaneceram durante anos parcialmente nos arquivos do PCI e, finalmente, foram publicadas com cortes e censura; que os *Cadernos* tiveram o mesmo destino. No entanto, tudo isto – fatos notórios conhecidos muito tempo antes de Lo Piparo começar a sua investigação sobre o “caderno desaparecido” – é ignorado por seus críticos stalinistas ou ex-stalinistas, reformistas ou liberais. Todos propensos a descartar, por princípio, que Togliatti possa ter escondido um caderno de Gramsci, e todos comprometidos a repetir o mandamento de que é “graças a Togliatti que conhecemos Gramsci”.

9 Gramsci, A.; Schucht, T. *Lettere 1926-1935* (Cartas de 1926-1935). Editores: A. Natoli e C. Daniele. (F. R.)

10 Entrevista de Eugenio Manca a Valentino Gerratana, em Gramsci, le sue idee nel nostro tempo (*Gramsci, suas ideias em nosso tempo*). Editora l'Unità, 1987. (F. R.)

Porém, foi o próprio Togliatti, de acordo com a referência de Lo Piparo, quem escreveu, em 30 de abril de 1941, a Dimitrov<sup>11</sup>:

[...] os cadernos de Gramsci, que já estudei quase completamente, com cuidado, às vezes contêm material que só pode ser utilizado após redação meticulosa. Sem esse cuidado, o material não pode ser usado, e inclusive algumas partes, se forem empregadas na forma atual, poderiam prejudicar o partido. Por isso eu acho que é necessário que o material permaneça em nossos arquivos e que seja trabalhado aqui, (de modo que [...]) possa ser usado como é apropriado e necessário [...].

Talvez devêssemos dizer que a ingenuidade e benevolência com a qual os Liguori, Cavallaro e companhia olham para a história do PCI e do stalinismo eliminam a necessidade de reafirmar fatos conhecidos e provados há mais de 80 anos e que não requerem estudos filológicos como os que Lo Piparo destinou aos *Quaderni* de Gramsci.

Há muito tempo foi comprovado que o stalinismo (do qual Togliatti foi um dos maiores e mais convictos líderes) falsificava regularmente atas, documentos e a história do movimento operário. A primeira falsificação foi, provavelmente, aquela que o próprio Stalin fez sobre o Testamento de Lenin – tratamos com profundidade deste assunto no n.º 2 da revista *Trotskismo Oggi*<sup>12</sup>. Foram falsificados os livros de história, atribuindo a Stalin um papel que ele nunca teve na revolução. Foram falsificadas até mesmo as fotografias. Sobre uma montanha de mentiras e falsificações, foram instalados os Processos de Moscou, nos quais, em meados da década de 1930, os principais líderes da Revolução de Outubro foram acusados de serem “fascistas-trotskistas”. Deveríamos lembrar a Liguori e aos outros que Togliatti era o encarregado de fazer propaganda no exterior sobre a “justeza” destes processos (contra aqueles que ele descrevia em seus artigos como “agentes do fascismo dentro do movimento operário”) e que continuou a fazê-lo com tal fervor que, mesmo em 1956, três anos após a morte de Stalin e em pleno processo chamado de “desestalinização”, ainda foi capaz de defender, em essência, a necessidade destas falsificações monstruosas que levaram ao massacre de centenas de revolucionários, chamando-os de “terroristas”.

Não sabemos se a tese de Lo Piparo sobre o caderno desaparecido será de algum modo comprovada, isto é, se o caderno vai aparecer algum dia. Em todo caso, é bom lembrar que, se ele existe, Gramsci o escreveu no último período

11 Ver a carta citada por Lo Piparo na p. 115 de seu livro *L'enigma del quaderno*, e também reproduzida na versão original (em alemão) no apêndice do mesmo livro. (F. R.)

12 Ver nosso artigo sobre o *Testamento* no apêndice ao ensaio *L'attualità di un partito di tipo bolscevico (A atualidade de um partido de tipo bolchevique)*, em *Trotskismo Oggi (Trotskismo hoje)*, n.º2, junho 2012. (F. R.)

de sua vida, quando, na Clínica Quisisana, discutia com Sraffa (e foi o próprio Sraffa quem testemunhou o fato a Leonetti) sobre os Processos de Moscou, dos quais falava com desgosto, devido às falsas “confissões” arrancadas (com a pistola apontada para a cabeça de seus parentes) de grandes revolucionários que “se declaravam culpados” de conspirações inexistentes, preparadas junto com os fascistas e com Trotski contra a Rússia.

## **A ruptura entre Gramsci e Togliatti**

Dezenas de documentos que emergiram dos arquivos russos após o colapso do stalinismo e centenas de estudos históricos possibilitaram o conhecimento de alguns fatos que até mesmo os historiadores que pretendem defender Togliatti foram obrigados a reconhecer.

Aqui, não é possível reconstruir, por razões de espaço, o enorme trabalho de escavação arqueológica que foi necessário para expor, pelo menos em parte, a história real do PCI, que é muito diferente da que se encontra na história oficial de Paolo Spriano e outros historiadores stalinistas autorizados. Tentaremos resumir algumas coisas, a esta altura, comprovadas e irrefutáveis.

## **A carta de 1926**

Em 1926, pouco antes de ser preso, Gramsci adotou uma postura crítica em relação à cúpula do Partido Comunista da URSS e, por isso, teve um duro enfrentamento com Togliatti. Em 14 de outubro de 1926, escreveu, em nome da direção italiana, ao Comitê Central do PCUS. Aquela carta não significava, de modo algum, – ao contrário da imagem de um Gramsci mais ou menos trotskista, que alguns autores tentaram criar na época<sup>13</sup> –, que ele havia tomado partido contra Stalin. Pelo contrário, naquela carta (e na comunicação posterior com Togliatti) Gramsci argumentou que, em linhas gerais, a maioria russa tinha razão contra Trotski. No entanto, na mesma ocasião, Gramsci: a) criticou fortemente os métodos utilizados contra a oposição (então liderada por Trotski, Kamenev e Zinoviev); b) disse à direção de Stalin que, com tais métodos que impediam o debate (e que logo levariam – acrescentamos nós – à expulsão da oposição dos organismos de direção e depois do partido), “você estão destruindo sua obra, degradam-na e correm o risco de anular o papel dirigente do Partido Comunista da URSS, conquistado graças ao ímpeto de Lenin”; c) referiu-se a Trotski, Kamenev e Zinoviev como “nossos mestres”, que “contribuíram poderosamente para nos educar para a revolução”.

Sobretudo, na ápice do confronto sobre a pseudoteoria do “socialismo em um só país” (que servia de cobertura para que a burocracia defendesse seus próprios privilégios burocráticos diante do desenvolvimento de uma revolução mundial que

13 Uma interpretação deste tipo é encontrada, especialmente, nos textos de Livio Maitán e Antonio Moscato. Ver indicações bibliográficas. (F. R.)

acabaria com eles), Gramsci critica Stalin porque “[...] parece-nos que vocês (se esquecem) de que seus deveres de militantes russos só podem e devem ser cumpridos no marco dos interesses do proletariado internacional”.

Insistamos: ao escrever tudo isso<sup>14</sup>, Gramsci estava, no entanto, claramente alinhado com a maioria, isto é, com Stalin – e isto não deve ser esquecido na avaliação global de sua figura, como diremos a seguir. No entanto, este alinhamento deu-se de uma forma tão crítica, que Gramsci não podia ser aceito em uma Internacional Comunista em que a prática da livre discussão interna, normal em tempos de Lenin e Trotski, havia sido abolida.

Não foi por acaso que Togliatti, que estava em Moscou e recebeu a carta, recusou-se a enviá-la ao Comité Central do PCUS. Assim, começou uma troca de cartas entre Togliatti e Gramsci, na qual o primeiro (na carta de 18 de outubro de 1926) explicava por que não era apropriado criticar a direção de Stalin, sob o risco de parecer equidistante no confronto russo entre a oposição e a maioria (à qual era necessário “aderir sem restrições”); em troca, o segundo respondia (carta de 26 de outubro de 1926) que esta atitude de Togliatti causou-lhe “uma impressão dolorosa” e que todo o raciocínio de Togliatti parecia-lhe “viciado de burocratismo”.

Foi a primeira ruptura de fato entre os dois. Alguns dias depois (08 de novembro de 1926), Gramsci foi detido e encarcerado por Mussolini.

## As divergências de Gramsci na prisão

Na prisão, Gramsci não compartilhava de modo algum das escolhas da Internacional e, em particular, certamente discordou da linha do “terceiro período” (ou “social-fascismo”).

A este respeito, existem atualmente amplas provas às quais podemos acrescentar testemunhos diretos: é o caso do informe de Athos Lisa (na prisão com Gramsci) para a direção do PCI<sup>15</sup>; o testemunho que Gennaro Gramsci (seu irmão) deu em 1966 para o biógrafo de Gramsci, Giuseppe Fiori<sup>16</sup>, em que Gennaro teria afirmado (o condicional se deve ao fato de que ele morreu depois de ter se reunido com Fiori e não há provas desta conversa) que, ao submeter o seu informe ao PCI<sup>17</sup> depois de ter visitado

14 Esta carta ficou desconhecida por longo tempo. Foi publicada pela primeira vez por Angelo Tasca, na França, em 1938, e na Itália, em 1954, por Bandiera Rossa (Bandeira Vermelha), órgão dos trotskistas italianos. (F. R.)

15 O informe de Athos Lisa destinado a Togliatti, *Informe sobre a situação pessoal de Gramsci*, de 13 de fevereiro de 1933, é também citado no livro de Spriano, *Gramsci in carcere e il partito (Gramsci na prisão e o partido)*, pp. 150-54. (F. R.)

16 Ver Fiori, G. *Vita di Antonio Gramsci (Vida de Antonio Gramsci)*. (F. R.)

17 O informe de Gennaro Gramsci foi encontrado por Silvio Pons (do Instituto Gramsci) em julho de 2003 nos arquivos da Internacional Comunista. Pode ler-se no apêndice do livro de Vacca-Rossi assinalado nas indicações bibliográficas. (F. R.)

Gramsci na prisão, em junho de 1930, ele próprio havia mentido, ocultando as divergências de Gramsci, que havia defendido posições semelhantes às dos “três” (Tresso, Leonetti e Ravazzoli) que lutaram naquela época em oposição a Togliatti, e concordando com Trotski. Segundo Fiori, Gennaro tinha mentido para o partido para que Gramsci não fosse expulso, assim como aconteceu com os “três” (e muitos outros). A historiografia oficial do PCI nunca deu crédito à versão de Fiori.

Não houve um ato de expulsão de Gramsci do partido, mas é certo que os outros prisioneiros comunistas pediram sua expulsão justamente pelas divergências com a linha oficial, que são expressas em suas conversas na cadeia. Assim, pelo menos, deve-se admitir – como o próprio Valentino Gerratana, historiador do PCI e coordenador da edição de 1975 dos *Cadernos do Cárcere* – que Gramsci estava “bastante marginalizado” na prisão<sup>18</sup>. Se Gramsci não foi expulso, foi somente porque – como afirma Antonio Moscato<sup>19</sup> – ficou claro que ele não iria sobreviver à prisão e preferiram ocultar sua divergência.

Gramsci expressou suas divergências não apenas em conversas com outros prisioneiros comunistas, mas também tentou fazer a sua opinião ser conhecida por outros líderes do PCI. Por exemplo, fez isto em uma carta datada de 1º de dezembro de 1930<sup>20</sup>, enviada para sua cunhada Tania (que enviava todas as cartas a Togliatti). Aqui, Gramsci criticou duramente o “caráter rude” do marxismo que “se tornou predominante” na Internacional dominada por Stalin.

Togliatti estava ciente da divergência de Gramsci. E o que fez? Naquela época, os dissidentes eram, no melhor dos casos, expulsos do partido; normalmente, eram enviados para algum campo de concentração e depois assassinados. Somente um historiador tendencioso (stalinista), como Paolo Spriano pôde ter o descaramento de escrever que Togliatti, embora conhecesse as divergências de Gramsci, respeitava-o, pois “Togliatti tem como norma não dramatizar a dissidência”<sup>21</sup>.

## A “estranha” carta de Grieco

Em fevereiro de 1928, Grieco (braço direito de Togliatti) escreveu três estranhas cartas para Gramsci, Terracini e Scoccimarro, que estavam presos. São cartas sobre as quais, até hoje, os historiadores não se puseram de acordo, exceto

18 Ver a entrevista citada mais acima. (F. R.)

19 Disponível em: [www.antonioscato.altervista.org](http://www.antonioscato.altervista.org), vários textos de Antonio Moscato dedicados à reconstrução da história do comunismo falsificada pelo stalinismo. Embora muitas vezes não concordando com as conclusões de Moscato sobre Gramsci (bem como sobre outras questões), acreditamos que os seus textos são, em qualquer caso, fontes de eficazes indicações, pelo menos desde um ponto de vista histórico (certamente, não de um ponto de vista político, pois Moscato é um dirigente da organização semirreformista “Esquerda Crítica”, vinculada ao mandelismo e agora dissolvida). (F. R.)

20 Ver Natoli, A. *Antigone e il Prigioniero (Antígona e o Prisioneiro)*, p. 150. (F. R.)

21 O incrível reconhecimento de Spriano a Togliatti está no livro do primeiro, de 1977, citado nas indicações bibliográficas (p. 53 da edição de 1988). (F. R.)

pelo fato de que elas quase parecem provocações que, evidentemente, não facilitavam a posição dos presos.

Algumas pessoas escreveram que a carta de Grieco a Gramsci foi uma “imprevisibilidade”: é a tese de Aldo Natoli;<sup>22</sup> outros admitiram que pudesse ter sido um documento falso da polícia fascista ou, até mesmo, que o próprio Grieco fosse um fascista infiltrado: é a tese de Canfora<sup>23</sup>. A preocupação de ambos, Natoli e Canfora, é livrar Togliatti de qualquer responsabilidade sobre esta carta prejudicial. Outros, particularmente Giuseppe Vacca, facilmente demonstraram que a tese defendida por alguns – isto é, a de que a carta teria comprometido a posição de Gramsci no processo, confirmando que foi o principal dirigente do PCI – é infundada porque os fascistas já conheciam o organograma do PCI (obviamente secreto no momento), e especialmente porque que a carta chegou quando a instrução do processo já estava praticamente concluída.

Isso é fato. Mas o problema é outro. Já é certo que as suspeitas de Gramsci sobre essa carta se referiam *não ao processo em si, mas às tentativas de sua libertação*. De fato, numerosas provas corroboram – como reconheceram Vacca e Rossi<sup>24</sup> – que Stalin não fez nada para garantir a libertação de Gramsci (e, acrescentamos, que nisso houve total acordo com Togliatti e o PCI).

De qualquer forma, o que é importante é que Gramsci convenceu-se de que a carta de Grieco tinha sido escrita com segundas intenções, para que fracassassem seus esforços pela sua libertação, pois, tendo sido lida por seus carcereiros – o juiz mostrou a carta posteriormente para Gramsci, ironizando sobre os seus “amigos” que o comprometiam daquela forma –, rompia-se o fio delicado que Gramsci estava tecendo. Isto porque na carta foi apresentada a possível troca de prisioneiros não como uma “concessão” de Mussolini para Moscou (no contexto de uma relação entre Estados), mas como uma vitória arrancada de modo burlesco pelo PCI (algo que, claramente, não fazia nada além de irritar Mussolini, induzindo-o a cessar todas as negociações).

Não só isso. Gramsci estava convencido de que o verdadeiro mandante daquela estranha carta era Togliatti. Em uma carta para Tania, datada de 05 de dezembro de 1932, Gramsci escreveu que a carta tinha sido escrita por alguém “irresponsavelmente estúpido”, mas ele estava convencido de que “outra pessoa, menos estúpida, havia-lhe induzido a escrever” (há aqui uma referência óbvia a Togliatti, do qual Grieco dependia hierarquicamente no partido).

22 Ver Natoli, A. *Op. cit.* (F. R.)

23 Canfora volta a se interessar pela “estranha” carta de Grieco, tanto em seu livro *La storia falsa (A história falsa)*, Rizzoli, 2008; quanto no mais recente *Gramsci in carcere e il partito (Gramsci na prisão e o partido)*. (F. R.)

24 Sobre os esforços feitos (ou não feitos) por Moscou para conseguir a libertação de Gramsci, ver o livro de Rossi e Vacca (indicações bibliográficas). Os autores escrevem: “É evidente que Stalin não estava interessado em pedir a sua libertação [...]” e “A libertação de Gramsci, crítico da política da URSS desde 1926, representava um problema a menos para Mussolini e um problema a mais para Stalin”. (F. R.)

Foi a partir desse momento que a ruptura com Togliatti, iniciada em 1926, tornou-se definitiva. Gramsci ficará convencido (todas as cartas expurgadas da primeira edição coordenada por Togliatti demonstram isto) de que Togliatti quis deixá-lo na prisão por causa de suas posições divergentes daquelas dominantes na Internacional, ou seja, as posições de Stalin e Togliatti. Foi por esta razão que, saindo da prisão para entrar na clínica, ele pediu para sua cunhada, Tania, (assim Tania se referiu à sua irmã Giulia, esposa de Gramsci, em uma carta datada de 05 de maio de 1937), que seus *Cadernos* não fossem deixados nas mãos de Togliatti, descrito como “ex-amigo” (em uma carta de 27 de fevereiro de 1933), e que ele incluía em um “corpo muito mais amplo” dos “condenadores” que se juntaram ao Tribunal Especial fascista para fazer com que ele não respirasse mais o ar fresco, exceto por entre as barras de ferro da prisão.

### **Gramsci: Stalinista? Liberal? Trotskista?**

Quando Gramsci morreu, o órgão do PCI, *Lo Stato operaio* (O Estado operário), escreveu que os trabalhos produzidos na prisão mostravam a influência dos escritos de Stalin sobre ele. Já vimos a profunda falsidade desta declaração. No entanto, há 80 anos o pensamento de Gramsci é disputado não só pelos últimos stalinistas, mas também pelos social-democratas e liberais. Todos afirmam possuir sua herança.

Em resposta a esses exageros e falsificações, diferentes autores que, de alguma forma, haviam se relacionado com o trotskismo entortaram a vara na direção oposta. Já falamos sobre as tentativas de Livio Maitán, por exemplo, de estabelecer a imagem de um Gramsci que, uma vez convencido das posições de Lenin na batalha contra o esquerdismo de Bordiga, de fato, permaneceria como um trotskista mais ou menos desavisado até sua morte – passando, de forma linear, da carta de 1926 às divergências do início da década de 1930.

Parece-nos muito mais ponderada a análise realizada por Roberto Massari, em sua época, ao apresentar e publicar o *Bollettini della Nuova Opposizione Italiana* (Boletins da Nova Oposição Italiana, NOI), de Tresso, Leonetti e Ravazzoli. Apenas Massari (ver bibliografia) destaca as diferentes posições de Gramsci e descreve um Gramsci que, em Viena, no início de 1924, recém-chegado de uma longa estada em Moscou (de 1922 a novembro de 1923), onde foi muito influenciado pelo encontro com Trotski, saiu, inicialmente, em defesa da nascente oposição russa ao stalinismo; de um Gramsci que, durante o resto de 1924 e até 1926, perdeu o interesse pelo enfrentamento em curso na Rússia e, em um marco nacional-comunista, preocupou-se apenas com sua luta na Itália contra Bordiga; há também o Gramsci que, em outubro de 1926, concede apoio débil, crítico e sem argumentos em favor da maioria stalinista, apesar de sua reivindicação do “mestre” Trotski, e, finalmente, o Gramsci que desenvolve, na prisão, posições objetivamente hostis às reviravoltas da política stalinista até se colocar, na prática, fora do partido de Togliatti.

As conclusões de Massari, contudo, não nos convencem. Ele tende a redimensionar as graves falhas de Gramsci (mesmo reconhecendo-as) e termina por defender (embora com argumentos muito diferentes daqueles de Livio Maitán) que, basicamente, a própria NOI – a primeira forma de trotskismo na Itália – nasceu sob o signo de Trotski e Gramsci. Trata-se de uma conclusão problemática porque Tresso e os outros fizeram justamente o que Gramsci não fez (talvez, não podemos descartar esta hipótese, porque sua prisão tenha limitado suas possibilidades de compreender profundamente a situação), ou seja, alinharam-se com Trotski e, em seguida, travaram com ele a “última batalha de Lenin” contra a degeneração burocrática da Internacional Comunista.

No entanto, essa diferenciação dos períodos da vida de Gramsci, sobre a qual Massari foi o primeiro a chamar a atenção, é de grande importância. Por isto, são importantíssimas (e frequentemente subestimadas) as cartas de Gramsci a Togliatti, Terracini etc., escritas nos primeiros meses de 1924, em Viena. Nelas,<sup>25</sup> Gramsci escreveu que, em 1917, “Lenin e a maioria do partido tinham aderido às concepções de Trotski” (sobre a revolução permanente), enquanto Zinoviev e Kamenev, muito próximos da ruptura, mantiveram-se em oposição a esta linha (ou seja, aquela que levou à vitória da revolução). Então – escreve Gramsci – Trotski estava preocupado, com razão, quanto aos riscos de “um retorno à velha mentalidade”, ou seja, às posições de Kamenev e Zinoviev de 1917, o que seria prejudicial para a revolução. O leitor deve recordar que, em 1924, Kamenev e Zinoviev ainda eram aliados de Stalin.

Assim, foi no início de 1924 que Gramsci manifestou acordo com Trotski. No entanto, é verdade que essas palavras não se repetirão no período crucial em que se deu a luta liderada pelo verdadeiro bolchevismo contra Stalin; em vez disto, na referida carta de 1926, ele se limitou a fazer objeções, ou melhor, a apoiar Stalin, apesar da forma bastante crítica. Por quê? Foi o resultado de uma incompreensão sobre a verdadeira luta que estava em jogo? Ou, talvez, um grave erro de apreciação? É difícil dizer.

O fato é que o único que tomou partido abertamente, na Itália, na batalha internacional de Trotski – é preciso reconhecer – foi Amadeo Bordiga. E o fez a partir da VI Assembleia Plenária do Comitê Executivo da Internacional Comunista, em março de 1926, quando pediu um encontro da delegação italiana com Stalin e o atacou duramente; e Stalin lhe respondeu: “Que Deus tenha piedade de você por ter feito isso”. Não sabemos se Deus absolveu Bordiga, livrando-o do inferno ao qual estamos destinados todos nós, os comunistas; mas é certo que Stalin, naturalmente, não o absolveu.

25 Extensas passagens da carta se encontram na antologia coordenada por Massari sobre a Nova Oposição Italiana (ver bibliografia). (F. R.)

Então, foi Bordiga quem sustentou Trotski, o mesmo Bordiga contra o qual Trotski havia armado Gramsci com ferramentas teóricas em 1922-1923 para que, assim que retornasse à Itália, travasse a luta política necessária para livrar o PCI dos danos causados pelo esquerdismo, que tinha paralisado a ação do partido nos primeiros anos (esta luta terminou com a vitória esmagadora de Gramsci no Congresso de Lyon de 1926, ainda que não exatamente com métodos democráticos). Por outro lado, nos anos seguintes, Bordiga não deu prosseguimento a esta curta aproximação com Trotski e retomou, com seus seguidores, um caminho que Trotski corretamente descreveu como o de uma “seita morta”, que se limitava a crer que “a vanguarda do proletariado seria convencida, sozinha, através do estudo, da exatidão de suas posições”<sup>26</sup>.

E Gramsci? É verdade que, na prisão, Gramsci, em alguns temas, desenvolveu uma atitude semelhante à da oposição trotskista, mas também amadureceu posições – mesmo que não fossem de desprezo por Trotski – que não estavam de acordo com o programa da revolução permanente. Na verdade, há muitas ambiguidades nas últimas elaborações de Gramsci, muitos conceitos são difíceis de considerar como um desenvolvimento do marxismo. Não podemos, aqui, dedicar espaço para analisar, além das escolhas políticas (como o fizemos), também os textos de Gramsci: temos a intenção de fazê-lo em um próximo artigo.

Essa canonização de Gramsci e a superestimação dos *Cadernos* foram promovidas não apenas pelo stalinismo (que precisava falsificar suas posições), mas também por muitos antistalinistas que, de alguma forma, tentavam resgatá-lo do lixo das falsificações stalinistas.

O estudo da figura de Gramsci, e do quanto seu trabalho pode ainda servir aos revolucionários, deve ser continuado sem que se ignore seus gravíssimos erros centristas e, entre eles, nomeadamente, o de não ter tomado partido, no momento decisivo, ao lado de Trotski e da Oposição de Esquerda. No entanto, e esta é a conclusão desta longa reflexão, não há dúvida de que, existindo ou não o “caderno perdido” procurado por Lo Piparo, a figura de Gramsci não pode, de modo algum, ser reivindicada pelos stalinistas e nem mesmo pelos reformistas ou liberais. Gramsci sempre pensou com a sua própria cabeça e, ao contrário de Togliatti, nunca se curvou para apoiar, por oportunismo burocrático, posições com as quais não concordava. Por isso, independentemente de seus erros centristas, foi um revolucionário com posições incompatíveis – apesar dos esforços de seus “intérpretes” desonestos em demonstrar o contrário – com qualquer defesa da ordem existente e com a colaboração de classes.

## Notas bibliográficas

A bibliografia de estudos sobre Gramsci inclui milhares de textos. Limitamo-nos, aqui, a indicar alguns dentre os mais importantes, e aqueles que usamos para escrever este artigo, além de, em particular, vários textos publicados nos últimos anos que lançam nova luz sobre os fatos polêmicos.

No que diz respeito às interpretações não stalinistas de Gramsci, assinalamos quatro textos:

MAITAN, Livio. *Il marxismo rivoluzionario di Antonio Gramsci* (O marxismo revolucionário de Antonio Gramsci), Nei, 1987.

MOSCATO, Antonio. *Togliatti e Gramsci. Tra Bucharin e Stalin* (Togliatti e Gramsci. Entre Bukharin e Stalin). In: *Il filo spezzato. Appunti per una storia del movimento operaio* (O fio rompido. Anotações para uma história do movimento operário). Editora Adriatica, 1996.

\_\_\_\_\_. *Mito e verità nell'azione di Togliatti* (Mito e verdade na ação de Togliatti). In: *Sinistra e potere* (Esquerda e Poder). Editora Sapere 2000, 1983.

Mas acima de tudo (por razões explicadas no artigo), recomendamos a excelente introdução de:

MASSARI, Roberto e outros. *All'opposizione nel PCI con Trotski e Gramsci* (A oposição no PCI com Trotski e Gramsci). Editora Controcorrente, 1977.

Para aprofundar a questão das *Cartas* e suas várias edições e manipulações, são úteis:

GRAMSCI, Antonio; SCHUCHT, Tania. *Cartas 1926-1935*. Ed. Aldo Natoli e Chiara Daniele. Editora Einaudi, 1997.

NATOLI, Aldo. *Antigone e il Prigioniero* (Antígona e o Prisioneiro). Editori Riuniti, 1990.

Para ter uma ideia da leitura justificacionista de Togliatti, ver o mais recente trabalho de Paolo Spriano:

SPRIANO, Paolo. *Gramsci in carcere e il partito* (Gramsci na prisão e o partido). Editori Riuniti, 1977. Reeditado com novos apêndices em 1988 por *l'Unità*.

Uma interpretação relativamente mais crítica é a de Giuseppe Fiori:

FIORI, Giuseppe. *Gramsci, Togliatti, Stalin*. Editora Laterza, 1991.

Além dessa, temos a clássica biografia de Fiori:

FIORI, Giuseppe. *Vita di Antonio Gramsci* (Vida de Antonio Gramsci). Editora Laterza, 1966. Recentemente reimpressa pela mesma editora.

No artigo, também referimo-nos a:

DANIELE, Chiara; VACCA, Giuseppe (Coords.). *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca. Il carteggio del 1926* (Gramsci em Roma, Togliatti em Moscou. A Correspondência de 1926). Editora Einaudi, 1999.

ROSSI, Angelo; VACCA, Giuseppe. *Gramsci tra Mussolini e Stalin* (Gramsci entre Mussolini e Stalin). Editorial Fazi, 2007.

Os livros mais recentes e interessantes sobre estes temas são:

VACCA, Giuseppe. *Vita e pensieri di Antonio Gramsci, 1926-1937* (Vida e Pensamento de Antonio Gramsci, 1926-1937). Editora Einaudi, 2012.

A reedição de 2012 (revista) a partir de um livro de 1996 de Guido Liguori:

LIGUORI, Guido. *Gramsci conteso. Interpretazioni, dibattiti e polemiche 1922-2012* (Gramsci em discussão. Interpretações, debates e controvérsias, 1922-2012). Editori Riuniti, 2012.

Os dois livros de Luciano Canfora publicados em 2012 por Editorial Salerno:

CANFORA, Luciano. *Gramsci in carcere e il fascismo* (Gramsci na prisão e o fascismo). Editorial Salerno, 2012.

\_\_\_\_\_. *Spie, URSS, antifascismo. Gramsci 1926-1937* (Espões, URSS e anti-fascismo. Gramsci

1926-1937). Editorial Salerno, 2012.

Finalmente, a inspiração para este artigo nasceu de dois livros recentemente publicados por Franco Lo Piparo:

LO PIPARO, Franco. *I due carceri di Gramsci. La prigionia fascista e il labirinto comunista* (As duas prisões de Gramsci. A prisão fascista e o labirinto comunista). Editorial Donzelli, 2012.

\_\_\_\_\_. *L'enigma del quaderno. La caccia ai manoscritti dopo la morte di Gramsci*. (O enigma do caderno. A caça aos manuscritos depois da morte de Gramsci). Editorial Donzelli, 2013.

Por fim (mas não menos importante), recomendamos a leitura:

TROTSKI, Leon. *Scritti sull'Italia* (Escritos sobre a Itália). Editorial Controcorrente, de 1979. Recentemente reeditado pela Editora Massari. (No artigo, citamos a edição de 2001. Neste livro encontramos as primeiras trocas de correspondência entre Trotski e os bordiguistas, e entre Trotski e a nascente oposição trotskista na Itália).

Dossier iê

## DOSSIÊ

Quem foi Cannon e por que é importante que as novas gerações de revolucionários conheçam sua trajetória e obra? Uma breve resenha das vicissitudes pelas quais passou a construção da direção revolucionária ao longo do século 20 é o marco necessário para localizar na história o papel do dirigente trotskista norte-americano James Cannon (1890-1974).

# James Patrick Cannon: Um fio de continuidade

**Martín Hernández**

## A traição à revolução

No movimento operário existiram muitas correntes que foram se degenerando a tal ponto de se passar, com armas e bagagens, para o lado da ordem burguesa. Mas nenhuma corrente foi tão conscientemente contrarrevolucionária como o stalinismo. Nenhuma trabalhou de forma tão planejada para evitar que os marxistas revolucionários, que levaram a classe operária russa à tomada do poder em 1917, sobrevivessem para se colocar à frente dos processos revolucionários que, desde aquele ano, se desenvolveram em todo o planeta.

Quando se colocou à frente da URSS, Stalin, em vez de lutar – como tinha feito Lenin até sua morte – contra as crescentes tendências burocráticas que se desenvolviam como produto do cerco capitalista, tanto no partido como no Estado, as impulsionou até chegarem a limites inimagináveis, a tal ponto que, para defender os interesses da nova casta governante, transformou a URSS, que era o pólo de referência para a revolução mundial, em baluarte da coexistência pacífica com o imperialismo. Desta forma, se assentaram as bases para a restauração capitalista que ocorreria algumas décadas depois.

Mas Stalin não se conformou com esta traição. Ele sabia perfeitamente que, quando acontecessem novos processos revolucionários, os marxistas formados na escola de Lenin, tanto na URSS como no resto do mundo, estariam à frente desses processos. E então o seu poder – e o de toda a burocracia governante – estaria ameaçado.

Tinha que evitar, a qualquer custo, este risco. Para isso, foi levada adiante uma operação, nacional e internacional, para eliminar qualquer vestígio que representasse a continuidade dos bolcheviques e da Revolução de Outubro.

Não só o partido bolchevique foi dominado pela burocracia e desviado do caminho da revolução, como também a III Internacional, construída por iniciativa dos bolcheviques, foi primeiro transformada em um apêndice da burocracia soviética e, posteriormente, em 1943, dissolvida por Stalin para satisfazer os desejos de Churchill, o chefe do império inglês.

## **A resistência e o genocídio de uma geração de revolucionários**

A derrota da revolução alemã<sup>1</sup> favoreceu Stalin. Porém, ao contrário do que muitos pensam, a política de Stalin teve dura resistência, especialmente na URSS, mas também em outros países, como Alemanha e França. Quer dizer, nas três principais seções da III Internacional.

Na URSS, em 1923, enquanto Lenin jazia em seu leito de enfermo, um duro debate se desenvolveu no interior do partido (antes da XIII Conferência) em relação ao futuro do partido e do Estado. Na assembléia geral do Instituto dos Professores Vermelhos, onde aconteciam os grandes debates estratégicos – pois ali estavam os principais intelectuais bolcheviques –, a oposição aprovou suas teses com 83 a 47 votos e a mesma assembleia votou uma resolução que condenava, por 90 a 40 votos, os artigos de Stalin no *Pravda*<sup>2</sup>. Em Moscou a oposição ganhou a maioria dos 22.000 militantes, entre eles a maioria das células do Exército Vermelho e 30% das células operárias<sup>3</sup>. No entanto, na Conferência, a forte oposição, que possivelmente era a maioria do partido, só teve 3 delegados em 218, sendo assim completamente derrotada por uma maioria de delegados fraudados.

Iniciava-se assim no Partido Comunista da URSS algo que viria a caracterizar o stalinismo em toda a sua existência: as manobras e a fraude para esmagar a democracia operária. Mas esses métodos foram só um primeiro passo. A partir dali, vieram as perseguições aos opositores, as deportações, as prisões, os processos fraudulentos, as torturas, os sequestros, os assassinatos e as dezenas de milhares de fuzilamentos nos campos de concentração<sup>4</sup>.

A ira de Stalin recaiu fundamentalmente sobre os dirigentes da Revolução de Outubro. Por isso, depois da morte de Lenin, mandou matar todos os membros do Birô Político do Comitê Central que dirigiu a

1 Refere-se à revolução operária e socialista ocorrida em 1923 como uma continuidade da revolução de 1918-1919, mas derrotada pela República de Weimar. (Nota da edição brasileira)

2 Dados extraídos do livro *Comunistas contra Stalin*, de Pierre Broué. Editora Sepha, Espanha. (M. H.)

3 Idem. (M. H.)

4 Só em 1937, no campo de Kolima, foram fuzilados 6.000 revolucionários opositores a Stalin. (M. H.)

revolução<sup>5</sup>. Trotski, um dos máximos dirigentes da revolução, afirmou que o regime repressivo stalinista só podia ser comparado com o fascismo. E tinha razão.

Na URSS todos os revolucionários que não capitularam a Stalin foram fuzilados. Mas os que acabaram capitulando, não tiveram, em geral, sorte melhor. Stalin, depois de utilizá-los contra outros opositores, fuzilou a maioria deles. Seu passado revolucionário os condenava.

Fora da URSS, a pouca experiência dos partidos da recém construída III Internacional fez com que a tarefa de Stalin fosse mais fácil. A maioria de suas organizações e militantes foi sendo domesticada por quem lhes falava como chefe do primeiro Estado operário que eles veneravam. Mas houve muitos que resistiram, e a maioria destes teve o mesmo destino dos revolucionários soviéticos. Foram caluniados, perseguidos, sequestrados e assassinados. Assim ocorreu durante a Revolução Espanhola, quando os trotskistas e outras correntes contrárias ao stalinismo, como o POUM<sup>6</sup>, tiveram que enfrentar não só a repressão de Franco, mas também a de Stalin. A mesma coisa aconteceu no Vietnã, onde vários milhares de trotskistas, entre eles o grande dirigente comunista Ta Thu Thau<sup>7</sup>, foram assassinados pelo Vietminh<sup>8</sup>, ou na China, onde os trotskistas tiveram que enfrentar a dupla repressão de Chiang Kai-Shek<sup>9</sup> e de Mao Tse-Tung<sup>10</sup>.

E o mesmo fim tiveram vários revolucionários que, no final da década de 1930, ensaiavam os primeiros passos para construir a IV Internacional e assim dar continuidade à III Internacional de Lenin e Trotski. Foram assassinados, entre outros, Leon Sedov<sup>11</sup>; Erwin

5 Em outubro de 1917 foi eleito um Birô Político do Comitê Central. Era composto de sete membros: Lenin, Trotski, Zinoviev, Kamenev, Sokolnikov, Bubonov e Stalin. Destes, só dois morreram de morte natural: Lenin e o próprio Stalin. Os cinco restantes foram assassinados. (M. H.)

6 Partido Operário de Unificação Marxista, organização próxima ao trotskismo, mas com fortes traços centristas e que cumpriu um papel importante na Guerra Civil Espanhola. (Nota da edição brasileira)

7 Ta Thu Thau (1906-1945). Líder dos operários de Saigon, fundador e principal dirigente trotskista do Vietnã, assassinado pelos stalinistas. (M. H.)

8 Movimento fundado por Ho Chi Minh, líder stalinista do Vietnã. (M. H.)

9 Líder do Kuomintang, movimento nacionalista burguês chinês que lutou contra a dominação japonesa a partir dos anos 1920. (Nota da edição brasileira)

10 Dirigente stalinista chinês que comandou o exército revolucionário que chegou ao poder em 1949. (Nota da edição brasileira)

11 Leon Sedov (1906-1938). Expulso com seu pai, Leon Trotski, da URSS, foi uma figura chave na fundação da IV Internacional. Foi assassinado em uma clínica de Paris por um agente stalinista infiltrado no movimento trotskista, chamado Etienne. (M. H.)

Wolf<sup>12</sup>; Ignace Reiss<sup>13</sup> e Rudolf Klement<sup>14</sup>, que era o responsável pela organização da nova Internacional.

A repressão stalinista, dentro e fora da URSS, era tão grande que a Conferência de Fundação da IV Internacional, em 1938, teve que ser realizada em um só dia, na mais absoluta clandestinidade, e mesmo assim não pôde participar dela, por razões de segurança, seu principal dirigente, Leon Trotski, que vivia exilado no México em uma casa fortemente murada para se defender dos atentados de Stalin.

No entanto, todas as medidas de segurança não conseguiram impedir que, dois anos mais tarde, o próprio Trotski fosse o assassinado. Desta forma, ainda que os assassinatos continuassem, a tarefa que Stalin tinha se proposto fora cumprida. A picareta que afundou o crânio de Trotski matou não só o grande dirigente da Revolução Russa, mas também foi o “tiro de misericórdia” na cabeça de toda uma brilhante geração de marxistas revolucionários.

## **Começar de novo**

Quando, em 1945, terminou a Segunda Guerra Mundial, o panorama para os revolucionários era desolador. Com a derrota do fascismo, as massas se levantaram, de forma revolucionária, em uma grande parte do planeta, mas à sua frente não estavam os revolucionários formados por Lenin. A III Internacional tinha sido primeiro substituída e depois dissolvida, e a IV Internacional, que expressava a continuidade do marxismo revolucionário, agrupava só um punhado de organizações com muito poucos militantes, em geral muito jovens e inexperientes. Era tudo o que restava depois do genocídio stalinista.

Tratava-se de construir uma nova direção revolucionária e isso exigia, depois de cem anos de tradição marxista, começar praticamente do zero – não a nível do programa, mas a nível da organização e sua direção. Era uma tarefa muito difícil, ainda mais porque o stalinismo não só tinha sobrevivido à guerra, como tinha saído fortalecido ao capitalizar (usurpando) a heróica luta do povo russo contra as tropas de

12 Erwin Wolf (1902-1937). Comunista tchecoslovaco, secretário de Trotski durante sua estada na Noruega. Assassinado na Espanha durante a Guerra Civil. (M. H.)

13 Ignace Reiss (1899-1937). Comunista Polonês, várias vezes condecorado na Guerra Civil Russa. Em 1936 rompe com o stalinismo, devolve as medalhas e declara em uma carta à direção do PCUS: “Me uno a Trotski e à IV Internacional”. Foi assassinado poucas semanas depois pela GPU. (M. H.)

14 Rudolf Klement (1908-1938). Comunista alemão, secretário de Trotski. Assassinado em 1938 na França pela GPU poucas semanas antes da realização da Conferência de Fundação da IV Internacional, tarefa da qual era responsável. (M. H.)

Hitler, com o qual Stalin tinha começado fazendo um pacto contrarrevolucionário<sup>15</sup>.

Foi nesses anos do pós-guerra que surgiu o embrião de nossa corrente que atualmente se denomina Liga Internacional dos Trabalhadores – IV Internacional.

Na Argentina, no final de 1943, um pequeno grupo de jovens, não mais de meia dúzia, encabeçados por Nahuel Moreno, queria seguir o caminho apontado por Marx e Engels, por Lenin e Trotski, pelos bolcheviques russos, mas não tinham um partido onde entrar para fazer isso.

O Partido Comunista da Argentina, seguindo o rastro de Stalin, tinha se degenerado completamente, a tal ponto que havia respaldado, entusiasticamente, o pacto Hitler-Stalin e aplaudido o massacre dos revolucionários na URSS. Tinha traído a grande greve dos operários dos frigoríficos para não prejudicar os interesses do “imperialismo democrático” inglês<sup>16</sup> e tinha introduzido no movimento operário argentino o método das calúnias, das perseguições aos opositores e os famosos “capangas” que espancavam os ativistas descontentes.

Assim, esse grupo de jovens – do qual Nahuel Moreno, com seus apenas 20 anos, era o mais veterano –, para seguir o caminho de nossos mestres, se viu obrigado a começar praticamente do zero, construindo uma nova organização, chamada GOM<sup>17</sup>. Desta mesma forma, se colocava, na maioria dos países do mundo, a tarefa de reconstruir a direção revolucionária.

## Um fio de continuidade

Analisando a batalha para construir nossa corrente, Nahuel Moreno, em muitas oportunidades, se referiu a esta situação criada pelo stalinismo. Olhando para nossos inumeráveis erros, nossas crises, nossas dificuldades para avançar, sempre dizia que muitos de nossos problemas eram devido ao fato de que tínhamos sido obrigados a nos construirmos sozinhos, sem uma verdadeira Internacional, que éramos um

15 No dia 23 de agosto de 1939, Hitler e Stalin assinaram um pacto de não-agressão que, para além de frases gerais sobre a paz europeia e a convivência harmoniosa dos povos, possuía uma cláusula secreta que repartia a Polónia e os países bálticos entre a URSS e a Alemanha nazista. No dia 1º de setembro de 1939, a Alemanha, em cumprimento ao acordo com Stalin, inicia a invasão da Polónia pelo oeste, sendo seguida pela URSS no dia 17 do mesmo mês, pelo leste. Tinha início a Segunda Guerra Mundial. (Nota da edição brasileira)

16 Durante a Segunda Guerra Mundial, a Argentina se tornou a maior exportadora mundial de carne, vendendo uma boa parte de sua produção para o exército inglês, naquele momento aliado da URSS contra Hitler. (Nota da edição brasileira)

17 GOM (Grupo Operário Marxista). (M. H.)

“trotskismo bárbaro”. E nisso não exagerava, pois não éramos mais que o produto da tragédia que descrevemos.

Mas também dizia que tínhamos tido nossos mestres e aqui é que aparece, em toda sua magnitude, o papel dos trotskistas norte-americanos do SWP<sup>18</sup> e particularmente de James Cannon.

Em 1948, Nahuel Moreno, representando o GOM, participou do II Congresso da IV Internacional (o primeiro depois do fim da Segunda Guerra Mundial). A IV Internacional era o retrato da tragédia que descrevemos. Não restava nada da Oposição de Esquerda russa e muito poucos dirigentes dos outros países estavam vivos, já que uma boa parte dos que tinham sobrevivido ao stalinismo haviam perecido nas mãos do fascismo.

As seções da Grécia e Dinamarca tinham sido praticamente eliminadas fisicamente pelo fascismo. E o mesmo fim tinham tido Abraham Leon, um dos principais intelectuais trotskistas da época<sup>19</sup>, o francês Marcel Hic<sup>20</sup>, o dirigente da seção austríaca Franz Kascha<sup>21</sup>, o belga Leon Lesoil<sup>22</sup>, o francês Enrique Moliner<sup>23</sup>, o alemão Paul Wentley<sup>24</sup> (Widelin) e muitos outros mais.

A IV Internacional de 1948 tinha recebido uma forte herança programática, mas à sua frente só tinha alguns poucos sobreviventes e também um grupo de jovens – com muita vontade e com quase nenhuma experiência na luta de classes – que se colocou à frente da reorganização da Internacional.

Entre estes jovens, o mais veterano era o delegado da Grécia, exilado em Paris, Michel Pablo, então com 37 anos, que estava à frente da re-

18 SWP: Socialist Workers Party, partido trotskista fundado por Cannon em 1938, a partir da Communist League of America (Liga Comunista da América), uma ruptura do Partido Comunista dos EUA. (Nota da edição brasileira)

19 Abraham Leon (1918-1944). Ativista sionista polonês, rompe com o sionismo e escreve *A concepção materialista da questão judia*. Ao começar a guerra, se integra à seção belga da IV Internacional. Participa do Secretariado Europeu da Internacional. Detido em junho de 1944, morre no campo de concentração de Auschwitz em setembro do mesmo ano. (M. H.)

20 Marcel Hic (1915-1943). Em 1940 fundou a seção francesa da IV Internacional e foi seu secretário durante a ocupação alemã. Participou do Secretariado Europeu da IV Internacional. Foi detido pelos alemães em 1943 e morreu no campo de concentração de Dora. (M. H.)

21 Franz Kascha (1909-1943). Dirigente do grupo austríaco *Gegen dem Strom* (Contra a Corrente), que atuou sob a ocupação nazista. Foi preso pelo alemães e condenado a morte em 1943. (M. H.)

22 Leon Lesoil (1892-1942). Soldado que adere à Revolução Russa e funda o Partido Comunista da Bélgica. Delegado à Conferência de Fundação da IV Internacional, integra seu Comitê Executivo. Morreu no campo de concentração de Neuengamme. (M. H.)

23 Enrique Moliner (1898-1944). Responsável militar do PCI (Partido Comunista Internacionalista – Seção francesa da IV Internacional) durante a Segunda Guerra Mundial. Morreu atingido por um obus nos combates pela libertação de Paris. (M. H.)

24 Paul Wentley (1913-1944). Editor do jornal do PCI na França ocupada. Detido e executado pelos alemães. (M. H.)

organização da Internacional. Outro jovem, que também cumpriu um papel destacado era Ernest Mandel, que representava a seção belga e que tinha somente 25 anos.

Mas nesse congresso havia uma delegação diferente: a do SWP dos EUA. Eram diferentes porque eram os dirigentes de uma importante organização de mais de dois mil militantes (a maior da IV Internacional), com muito peso no movimento operário. Mas o mais importante era que esses dirigentes eram um fio de continuidade com a geração que protagonizou a Revolução de Outubro e que construiu a Terceira Internacional, e que o stalinismo não conseguiu cortar.

A figura mais destacada desse partido era James Cannon, um importante dirigente operário e um dos fundadores do Partido Comunista dos EUA, que desde 1937 tinha trabalhado em estreito contato com Trotski nas tarefas de construção da seção norte-americana e da IV Internacional. Foi a partir deste congresso que Nahuel Moreno e o GOM começaram a considerar os trotskistas americanos como seus mestres, o que levou a que entre ambas direções se desenvolvesse uma profunda relação, sem a qual o desenvolvimento de nossa corrente teria sido muito mais difícil ou, talvez, impossível.

A seção argentina, que deu origem à nossa corrente, aprendeu e lutou, durante quase três décadas, conjuntamente com o partido de Cannon. Desde 1948 até 1976, em vários dos mais importantes acontecimentos da IV Internacional, os trotskistas argentinos estiveram junto com os norte-americanos. Foi assim em 1953, quando a jovem direção de Pablo e Mandel tentou obrigar burocraticamente todas as seções da IV Internacional a levar adiante uma linha de capitulação ao stalinismo, coisa que fez explodir a IV Internacional<sup>25</sup>. A direção do SWP fez um chamado a todo o movimento trotskista para formar um agrupamento principista que se denominou Comitê Internacional<sup>26</sup>. A direção argentina respondeu favoravelmente a este chamado e permaneceu no Comitê Internacional durante todo o tempo em que este existiu.

A mesma coisa ocorreu entre 1969 e 1975, quando ambas direções encabeçaram uma luta contra os desvios guerrilheiristas da maioria da IV Internacional, e especialmente quando, em 1973, dirigiram jun-

25 Refere-se à tática preconizada pela direção da IV Internacional e denominada "entrismo sui generis", que consistia em fazer os trotskistas ingressarem nos partidos stalinistas do mundo inteiro com o objetivo de "empurrá-los à esquerda" quando explodisse a crise revolucionária mundial que Mandel e Pablo esperavam. (Nota da edição brasileira)

26 A Letter to Trotskyists Throughout the World (Uma carta aos trotskistas do mundo inteiro), publicada no jornal *The Militant* (O Militante - jornal do SWP) em 16 de novembro de 1953. (Nota da edição brasileira)

tas uma tendência (a TLT) e depois uma fração (a FLT)<sup>27</sup> para lutar pela direção da IV Internacional<sup>28</sup>. Mas não foram só lutas em comum. A convivência com nossos mestres durante todos estes anos nos permitiu conhecer Trotski não só através de seus livros, mas também através dos que tinham convivido com ele, fundamentalmente Hansen<sup>29</sup> e Novack<sup>30</sup>, que visitaram a Argentina em várias oportunidades.

É também indubitável a influência que o SWP norte-americano exerceu sobre o trotskismo argentino no terreno da atuação na luta de classes e da construção partidária, especialmente sobre o PST. Quem viu de perto, por exemplo, a atuação do PST argentino na famosa greve dos metalúrgicos da Villa Constitución, em 1975, e depois leu os relatos de Cannon sobre a atuação do SWP na greve dos caminhoneiros de Minneapolis, em 1934, não pode não perceber o quanto os norte-americanos foram uma fonte inspiradora para os argentinos. Da mesma forma, podemos falar do papel que teve a atuação do SWP nas mobilizações contra a guerra do Vietnã ou sua participação nas sucessivas eleições burguesas norte-americanas. Todos esses acontecimentos exerceram uma importante influência na Argentina.

Esta influência também se viu no caso do trabalho entre as mulheres. Até 1972, o partido argentino nunca tinha desenvolvido este tipo de trabalho e só começou a fazê-lo, com bastante força, a partir da experiência do SWP, a tal ponto que um dos primeiros atos públicos do PST foi centrado na questão da mulher e a principal oradora foi Linda Jenness, a candidata a presidente do SWP norte-americano.

Em todos esses anos não foram poucas as diferenças entre os mestres norte-americanos e seus discípulos argentinos, mas elas só se tornaram maiores a partir de 1975-1976, quando os caminhos das duas organizações se separaram. Ainda assim, a direção do SWP que Moreno conheceu em 1948 continuou sendo reconhecida como “nos-

27 A TLT (Tendência Leninista-Trotskista) foi fundada no Chile em março de 1973 e era integrada pelo SWP norte-americano, pelo PST da Argentina, pela Liga Socialista da Venezuela, pelo PST do Peru, pela Liga Socialista do México e pelo PST do Uruguai. Em agosto de 1973 a TLT se transformou em FLT (Fração Leninista-Trotskista). (M. H.)

28 Segundo a tradição de nossa corrente, uma tendência é um agrupamento que tem por objetivo lutar por uma mudança (global ou parcial) na orientação política de uma organização, enquanto uma fração é um agrupamento que busca disputar não apenas a política, mas a própria direção de um partido ou de uma organização internacional. (Nota da edição brasileira)

29 Joseph Leroy Hansen (1910 - 1979) foi secretário e segurança pessoal de Trotski de 1937 até a morte deste, em 1940. Depois do assassinato de Trotski, retornou aos EUA, onde dirigiu o jornal *The Militant* por muitos anos e permaneceu como um destacado dirigente do SWP e da IV Internacional. (Nota da edição brasileira)

30 George Novack (1905-1992) foi um o mais destacado teórico do SWP, autor de livros como *Introdução à lógica marxista, A lei do desenvolvimento desigual e combinado na história, Democracia e revolução, As origens do materialismo, Para entender a história* e muitos outros. (Nota da edição brasileira)

“os mestres” pelos trotskistas argentinos, pois a própria separação das organizações só foi possível quando a velha direção do SWP foi substituída por uma nova, oriunda do movimento estudantil e encabeçada por Jack Barnes<sup>31</sup>, que acabou transformando o SWP em um apêndice do castrismo.

O respeito que a direção do partido argentino tinha pela velha direção do SWP ficou demonstrado quando, por uma série de diferenças políticas, a FLT se dividiu em 1976. Em uma carta a todos os militantes da fração, os dirigentes do partido argentino, junto com camaradas da Venezuela, Peru, México e Uruguai, anunciam que se retiram da FLT, mas, junto com isso, afirmam:

Apesar de constituirmos uma ampla maioria dentro da FLT, decidimos não questionar o nome da mesma nem sua organização. Isto se deve a que esta fração foi primordialmente fruto do esforço, abnegação e sacrifício da direção do SWP (para sermos mais precisos: de um grupo de dirigentes do SWP). Como homenagem a tantos esforços, e em reconhecimento ao papel destes companheiros, que redundou em tantos benefícios para nossa Internacional, nos abstermos de reivindicar o direito “democrático” que, formalmente, nos poderia corresponder<sup>32</sup>.

## **Cannon, o maior de todos**

Sem dúvida, no pós-guerra, a figura mais destacada de toda a direção norte-americana (e da própria IV Internacional) foi James Cannon. Por sua capacidade, história e trabalho em comum com a direção da III Internacional, da IV Internacional e particularmente com Trotsky, era o nexos natural entre a antiga direção revolucionária, liquidada fisicamente pelo stalinismo, e as novas gerações que começavam a se aglutinar na IV Internacional.

A história de Cannon se confunde com a história do movimento operário e do marxismo norte-americano. A tal ponto, que nesse país existem dezenas de livros que falam de sua trajetória. Vários são biografias, mas há também histórias do movimento operário, do Partido Comunista dos EUA e do trotskismo. Em todas essas obras, necessariamente, há uma parte importante dedicada a James Cannon.

31 Jack Whittier Barnes (nascido em 1940) ingressou na militância logo após a Revolução Cubana, sendo eleito secretário nacional do SWP em 1972, em substituição a Farrell Dobbs, membro da velha guarda do partido. Nos anos 1980 Barnes abandona a teoria da revolução permanente de Trotsky e defende a volta à fórmula de “ditadura democrática do proletariado e do campesinato”, preconizada por Lenin no início dos anos 1900 e abandonada por ele mesmo em 1917. Este giro teórico acarretou a aproximação política com o castrismo, o que destruiu o SWP como organização revolucionária. (Nota da edição brasileira)

32 Carta de renúncia à FLT, fevereiro de 1976. (M. H.)

Nascido em 1890, na cidade de Rosedale, Kansas, desde muito pequeno ajudava seu pai no trabalho, um imigrante irlandês, operário da construção civil. Esta experiência, como operário infantil, marcaria para sempre sua vida. Em um acidente de trabalho, um dedo de sua mão foi esmagado e teve que ser amputado.

James abandonou a escola aos 13 anos para trabalhar, primeiro em uma empacotadora de carnes, depois na ferrovia, e por último em uma gráfica. Em 1908 se incorpora ao Partido Socialista, no qual permanece por três anos, até que se ingressa em uma organização sindical, a IWW (Industrial Workers of the World - Trabalhadores Industriais do Mundo), da qual se torna um dos principais dirigentes, destacando-se por sua participação em incontáveis greves operárias e por seus dotes de orador.

Em 1917, Cannon – bem como uma grande parte da vanguarda operária do mundo – foi profundamente impactado pelo triunfo da Revolução Russa e retornou ao Partido Socialista, já que em seu interior estava se desenvolvendo uma ala pró-bolchevique à qual desejava se incorporar. Em 1919, depois de uma longa luta interna, a direção do PS expulsou a ala esquerda do partido e os integrantes desta corrente fundaram o Partido Comunista. Cannon é um dos principais dirigentes do novo partido. Em 1922 participou, como delegado, do IV Congresso da III Internacional, realizado em Moscou. É aí que conhece Trotski, com quem discute longamente sobre a construção de um partido comunista nos EUA. Nesse mesmo ano é integrado ao Comitê Executivo da Internacional, permanecendo, por isso, sete meses em Moscou.

O primeiro texto de Cannon que apresentamos em seguida a este artigo é a transcrição de uma das palestras feitas por ele para militantes do SWP em 1942, onde se fala justamente sobre “Os primeiros dias do comunismo norte-americano”.

Em 1928, viaja novamente para a Rússia para participar do VI Congresso da III Internacional. Nesse congresso se integra à comissão responsável por elaborar o programa da Internacional, redigido por Bukharin e Stalin. Por um erro do aparato stalinista, recebe a crítica de Trotski (que tinha sido expulso do partido e deportado) a esse programa, intitulada “Crítica ao programa da Internacional Comunista”<sup>33</sup>. Cannon lê atentamente esse trabalho, concorda com ele e começa a defendê-lo.

33 Publicada em diversas ocasiões em diferentes países, ora com o título *A Internacional Comunista depois de Lenin*, ora como *Stalin, o grande organizador de derrotas*. No Brasil, publicado pela Editora Sundermann como *Stalin, o grande organizador de derrotas*, São Paulo, 2010. (Nota da edição brasileira)

Em seu regresso aos EUA, adota o texto de Trotski como um programa para a ação e começa, no interior do Partido Comunista, a batalha para organizar a Oposição de Esquerda, que será o primeiro passo de uma longa batalha para construir o partido revolucionário dos EUA. Em 1938, funda o SWP e participa da Conferência de Fundação da IV Internacional, na qual é eleito para integrar o Comitê Executivo da nova Internacional.

O segundo texto de Cannon que apresentamos nesta revista é também a transcrição de uma palestra. Seu tema está relacionado ao que dizíamos anteriormente: “O começo da Oposição de Esquerda”.

O terceiro texto, intitulado “*Sindicalistas e revolucionários*”, de 1953, mostra Cannon como um dirigente operário formado na escola de Lenin e Trotski. É isso o que lhe permite fazer, no marco de uma luta fracional, uma análise muito profunda sobre o comportamento dos dirigentes sindicais, e que conserva uma enorme atualidade.

O quarto texto se chama “A questão do regime do partido” e faz parte de seu livro *A luta por um partido proletário*, no qual se pode observar outra faceta de Cannon: a de organizador partidário. São as conclusões sobre o regime partidário que tirou durante a luta interna que travou, no final da década de 1930, junto com Trotski, contra os “antidefensistas”<sup>34</sup>.

O quinto texto, intitulado “Como organizar e conduzir um curso”, mostra a preocupação de Cannon com a formação dos militantes e sua preocupação com os mínimos detalhes da construção partidária.

Por fim, o sexto texto mostra um dos momentos mais dramáticos da vida de Cannon. É seu discurso de despedida de Trotski, quando este foi assassinado por um agente de Stalin.

Nesse discurso, Cannon se refere ao drama de toda uma época da qual falamos:

O camarada Trotski foi condenado e sentenciado à morte há muitos anos. Os traidores da revolução sabiam que a revolução vivia nele, a tradição, a esperança. (...) Eles mataram Trotski não com um golpe; não quando o assassino, agente de Stalin, levou a picareta à parte de trás de seu crânio. Este foi apenas o golpe final. Eles o mataram pouco a pouco. Mataram-no muitas vezes. Mataram-no sete vezes, quando mataram seus sete secretários. Mataram-no quatro vezes, quando mataram seus quatro filhos. Eles o mataram quando seus antigos colegas de trabalho da Revolução Russa foram mortos.

34 Antidefensistas: corrente interna do SWP norte-americano que considerava que, na década de 1930, a URSS já não era mais um Estado operário e por isso não cabia defendê-la frente a um ataque do imperialismo. (M. H.)

E ao final, Cannon assume o desafio que a vida lhe impôs:

O destino fez de nós, homens de barro comum, os discípulos mais imediatos do camarada Trotski. Vamos agora nos tornar seus herdeiros, e seremos cobrados pela missão de levar a cabo o seu testamento. (...) Chegamos agora à última palavra de despedida para o nosso maior companheiro e professor, que se tornou nosso mais glorioso mártir. Não negamos a dor que aperta todos os nossos corações, mas a nossa tristeza não é de prostração, não é a dor que enfraquece a vontade. É aquela temperada pela raiva, pelo ódio e pela determinação. Vamos transformá-la em energia para continuar a luta do “Velho”. Vamos dizer adeus a ele de um modo digno dos seus discípulos, como bons soldados do exército de Trotski. Não nos curvando na fraqueza e no desespero, mas de pé, com os olhos secos e os punhos cerrados, com a canção da luta e da vitória nos lábios, com a canção da confiança na IV Internacional de Trotski, o Partido Internacional que será a raça humana!

Com a publicação destes trabalhos de Cannon, fazemos nossa homenagem ao grande dirigente do movimento operário norte-americano, o grande organizador partidário e, em grande medida, durante todo um período, o braço direito de Leon Trotski. E também a quem foi um de nossos mestres, com a convicção de que, a partir de seus textos, continuará sendo-o.

## DOSSIÊ

O texto a seguir corresponde ao primeiro capítulo do livro *A história do trotskismo norte-americano*, que reúne um ciclo de palestras proferidas por Cannon em 1942 aos militantes do SWP.

# Os primeiros dias do comunismo norte-americano

**James P. Cannon**

Parece-me bastante apropriado, camaradas, fazer uma série de palestras sobre a história do trotskismo neste Labor Temple (Templo do Trabalho). Foi aqui mesmo, neste auditório, no começo de nossa luta histórica, em 1928, que fiz o primeiro discurso público em defesa de Trotski e da Oposição de Esquerda russa. Concluí o discurso não sem algumas dificuldades, já que os stalinistas trataram de romper nosso ato pela força física. Porém, nós não permitimos que o fizessem. Nossa atividade oral pública, como trotskistas reconhecidos, começou realmente aqui neste Labor Temple treze ou quatorze anos atrás.

Sem dúvida, ao lerem a literatura do movimento trotskista neste país, vocês terão se deparado repetidas vezes com a afirmação de que não temos nada de novo a oferecer: o trotskismo não é um movimento novo, uma nova doutrina, mas a restauração, o renascimento do verdadeiro marxismo como foi exposto e praticado na Revolução Russa e nos primeiros dias da Internacional Comunista.

Mesmo o bolchevismo foi também um renascimento, uma restauração do verdadeiro marxismo, depois que sua doutrina havia sido corrompida pelos oportunistas da II Internacional, que culminaram sua traição ao proletariado apoiando os governos imperialistas na Primeira Guerra Mundial de 1914-1918. Quando se estuda o período particular de que vou falar neste curso – os últimos 13 anos – ou qualquer outro período desde os tempos de Marx e Engels, pode-se observar uma coisa: a continuidade ininterrupta do movimento marxista revolucionário.

O marxismo nunca deixou de ter autênticos representantes. Apesar de todas as perversões e traições que desorientaram o movimento de tempos em tempos, sempre surgiu uma nova força, um novo elemento que é posto à frente para colocá-lo outra vez na trilha correta, ou melhor, no caminho do marxismo ortodoxo. Também foi assim em nosso caso.

Estamos enraizados no passado. Nosso movimento, ao que chamamos trotskismo, agora cristalizado no SWP, não surgiu totalmente maduro do nada. Surgiu diretamente do Partido Comunista dos Estados Unidos. O Partido Comunista surgiu do movimento precedente, o Partido Socialista, e em parte dos IWW (Industrial Workers of the World). Surgiu do movimento dos operários revolucionários da América do Norte no período pré-guerra e da guerra<sup>35</sup>.

O Partido Comunista, que adquiriu forma organizativa em 1919, era originalmente a ala esquerda do Partido Socialista. Foi do Partido Socialista que vieram os maiores contingentes comunistas. Na realidade, a fundação formal do PC, em setembro de 1919, foi simplesmente a culminação organizativa de uma luta prolongada dentro do Partido Socialista. Em um determinado momento, esta disputa interna levou à divisão do PS e à formação de uma organização separada, o Partido Comunista.

Nos primeiros anos de consolidação do movimento comunista – ou seja, desde a revolução bolchevique, pode-se dizer, em 1917, até a organização do Partido Comunista neste país, dois anos mais tarde, e por mais um ano – a principal tarefa foi a luta fracional contra o socialismo oportunista, então representado pelo Partido Socialista. Este é, quase sempre, o caso quando uma organização política operária deteriora-se e, ao mesmo tempo, dá origem a uma ala revolucionária. A luta pela maioria, pela consolidação de forças dentro do partido, quase invariavelmente limita a atividade inicial do novo movimento a uma batalha um tanto estreita, intrapartidária, que não termina com a separação formal.

O novo partido continua buscando aderentes no velho. Leva tempo para o novo partido aprender como se sustentar firmemente sobre os próprios pés. Assim, mesmo depois que a separação formal havia ocorrido, em 1919, pela força da inércia e do hábito – e também porque a disputa não havia terminado realmente –, a luta fracional continuou. No Partido Socialista ficaram pessoas que não estavam decididas e que eram candidatos mais que prováveis à nossa organização partidária. No primeiro ano, o Partido Comunista concentrou sua atividade na luta por clarificar a doutrina e ganhar forças adicionais do Partido Socialista. Naturalmente, como é quase sempre o caso em tais desenvolvimentos históricos, esta fase fracional deu, em seu momento, lugar à atividade direta na luta de classes para recrutar novas forças e para o desenvolvimento da nova organização sobre bases inteiramente independentes.

A ala esquerda do Partido Socialista, que mais tarde se converteu no Partido Comunista, foi inspirada diretamente pela Revolução Russa de 1917. Antes deste momento, os militantes norte-americanos tinham tido muito pouca oportunidade de adquirir uma genuína educação marxista. Os dirigentes do Partido Socialista não eram marxistas. A literatura marxista publicada no país era muito pobre e quase que exclusivamente restrita ao aspecto econômico da doutrina. O Partido Socialista era um corpo heterogêneo; sua atividade política, sua agitação e ensinamentos programáticos eram uma terrível mescla de todo tipo de ideias radicais, revolucionárias e reformistas. Naqueles dias, antes da última guerra – e também durante esta –, os jovens militantes que chegavam ao partido buscando um programa claro demoravam a encontrá-lo. Não podiam recebê-lo da direção oficial do partido, que carecia seriamente de tal programa. Os dirigentes mais destacados do Partido Socialistas eram a cópia norte-americana dos dirigentes oportunistas socialistas da Europa, só que mais ignorantes e mais desleixados com a teoria. Consequentemente, apesar do impulso e do espírito revolucionário, a grande massa de jovens militantes do movimento norte-americano pôde aprender muito pouco de marxismo; e sem marxismo, é impossível existir um movimento revolucionário consistente.

A revolução bolchevique na Rússia modificou tudo praticamente da noite para o dia. Nela se demonstrou concretamente a possibilidade da conquista do poder pelo proletariado. Como em quase todos os outros países, o tremendo impacto desta vitória revolucionária do proletariado sacudiu o nosso movimento na América do Norte até seus alicerces. A inspiração da façanha fortaleceu enormemente a ala revolucionária do partido, deu aos trabalhadores novas esperanças e fez emergir um novo interesse por aqueles problemas teóricos da revolução que não haviam recebido uma atenção apropriada até então.

Imediatamente, descobrimos que os organizadores e dirigentes da Revolução Russa não eram apenas revolucionários de ação. Eram autênticos marxistas no campo da doutrina. Da Rússia recebemos de Lenin, Trotski e de outros dirigentes, pela primeira vez, explicações sérias sobre a política revolucionária do marxismo. Soubemos que eles haviam estado envolvidos em um longo período de luta pela restauração do marxismo não falsificado no movimento operário internacional. Graças à grande autoridade e ao prestígio da sua vitória na Rússia, eram finalmente capazes de serem escutados em todos os países. Todos os autênticos militantes se agruparam e começaram a estudar seus escritos com interesse e paixão antes desconhecidos. A doutrina que eles expunham tinha uma autoridade dez vezes maior porque

havia sido verificada na prática. Além do mais, mês a mês, ano a ano, apesar de todo o poder que o capitalismo mundial mobilizava contra eles, mostravam a capacidade de desenvolver aquela grande revolução, criar o Exército Vermelho, manter-se e avançar. Naturalmente, o bolchevismo converteu-se na doutrina com a maior autoridade entre os círculos revolucionários de todos os movimentos políticos operários do mundo, inclusive em nosso país.

Sobre esta base, foi formada a ala esquerda do Partido Socialista. Tinha publicações próprias, organizadores, oradores e escritores próprios. Na primavera de 1919 – quatro ou cinco meses antes do Partido Comunista se organizar formalmente – tivemos em Nova Iorque a I Conferência Nacional da Ala Esquerda do PS. Eu fui delegado nesta conferência, vindo, naquele momento, de Kansas City. Foi nesta conferência que a fração tomou corpo realmente como partido dentro de um partido, preparando-se para a posterior ruptura. O órgão oficial da ala esquerda foi chamado de *Revolutionary Age* (A Era Revolucionária). Este jornal levou aos trabalhadores norte-americanos a primeira explicação autêntica das doutrinas de Lenin e Trotski. Seu editor foi o primeiro neste país a expor e popularizar as doutrinas dos dirigentes bolcheviques. Portanto, deve ser reconhecido historicamente como o fundador do comunismo norte-americano. Este editor era um homem chamado Louis C. Fraina. Seu coração não era tão forte como sua cabeça. Sucumbiu na luta e se transformou em um vigilante da democracia burguesa agonizante. Porém, este é só um infortúnio pessoal. O que ele fez nestes primeiros dias mantém toda a sua validade, e nem ele nem ninguém pode desfazer.

Outra figura proeminente do movimento nesses dias foi John Reed. Ele não era um dirigente nem um político. Porém, sua influência moral era muito grande. John Reed foi o jornalista socialista norte-americano que foi à Rússia, participou da revolução, relatou-a veridicamente e escreveu um grande livro sobre ela, *Os dez dias que abalaram o mundo*.

No começo, a maioria dos membros da ala esquerda do Partido Socialista eram estrangeiros. Neste momento, mais de 20 anos atrás, uma grande parte do proletariado nos Estados Unidos era estrangeira. Antes da guerra<sup>36</sup>, as portas da imigração tinham sido abertas amplamente, já que acumular um grande exército de reserva servia à necessidade do capital norte-americano. Muitos destes imigrantes chegaram aos Estados Unidos trazendo ideias socialistas desde seus países de origem. Sob o impacto da Revolução Russa, o movimento socialista de língua estrangeira cresceu a passos de gigante. Os estrangeiros se or-

ganizaram em federações segundo seu idioma, praticamente corpos autônomos filiados ao Partido Socialista. Havia algo como 8.000 ou 9.000 membros na Federação Russa; 5.000 ou 6.000 poloneses; 3.000 ou 4.000 ucranianos; quase 10.000 finlandeses etc. Uma enorme massa de militantes estrangeiros no partido. A grande maioria se agrupou sob a bandeira da Revolução Russa e, depois da divisão do Partido Socialista, constituiu a maior parte dos membros do Partido Comunista.

Os dirigentes dessas federações aspiravam controlar o novo partido, e de fato controlavam. Em virtude destes blocos, os operários estrangeiros que eles representavam exerciam uma influência inesperada nos primeiros tempos do movimento comunista. Isto era bom em alguns aspectos porque, em sua maior parte, eram comunistas apaixonados e ajudaram a disseminar a doutrina do bolchevismo.

Porém, este predomínio era ruim em outros aspectos. Suas mentes não estavam realmente nos Estados Unidos, e sim na Rússia. Deram ao movimento um tipo de formação não natural e o contagiaram desde o começo com um sectarismo exótico. Os dirigentes dominantes do partido – dominantes no sentido de que eles tinham o poder real, graças aos blocos que estavam por detrás deles – eram pessoas absolutamente não familiarizadas com a cena política e econômica norte-americana. Não entendiam a psicologia dos operários norte-americanos e não lhes prestavam muita atenção. Como resultado, o movimento sofreu, em seu começo, um excesso de irrealismo e teve um tom de romantismo que pôs o partido (em muitas de suas atividades e posições) fora da real luta de classes nos Estados Unidos. O mais estranho é que muitos dirigentes das federações estrangeiras estavam convencidos de sua missão messiânica. Estavam determinados a controlar o movimento para mantê-lo na fé pura.

Desde seu início, como ala esquerda do Partido Socialista, e, mais tarde, como Partido Comunista, o movimento norte-americano foi colocado em perigo por tremendas lutas fracionais, que chamavam-se “lutas pelo controle”. A domínio dos dirigentes estrangeiros criou uma situação paradoxal. Vocês sabem que, normalmente, na vida de um grande país imperialista como este, os operários imigrantes estrangeiros ocupam a posição de uma minoria nacional e têm que travar uma luta permanente pela igualdade, por seus direitos, sem jamais consegui-lo por completo. Porém, na ala esquerda do Partido Socialista e no começo do Partido Comunista, este problema estava resolvido. Cada um dos idiomas eslavos estava fortemente representado. Os russos, poloneses, lituanos, letões, finlandeses etc. eram maioria esmagadora. E nós, os norte-americanos nativos, que acreditávamos ter

algumas ideias sobre como deveria ser dirigido o movimento operário, estávamos em minoria. Desde o começo, estivemos na posição de uma minoria perseguida. Nos primeiros tempos tivemos muito pouco êxito.

Primeiro na ala esquerda do Partido Socialista e, mais tarde, no movimento comunista independente, eu pertencia à fração que defendia uma direção norte-americana para o movimento. Estávamos convencidos de que era impossível construir um movimento neste país sem uma direção mais profundamente enraizada e conhecedora do movimento dos operários norte-americanos nativos. Muitos deles, por sua parte, estavam igualmente convencidos de que era impossível para um norte-americano ser um bolchevique realmente puro. Eles gostavam de nós e nos admiravam como a “expressão inglesa” do movimento. Porém, acreditavam que deviam se manter no controle do partido para evitar que o movimento se convertesse em oportunista e centrista. Durante anos se perdeu uma grande quantidade de tempo nesta disputa, que, para os estrangeiros, só podia ser uma disputa perdida. Ao longo do tempo, o movimento teria que encontrar uma direção nativa. De outra maneira, não poderia sobreviver.

A luta pelo controle assumiu a forma de luta sobre as questões organizativas. Deveriam os grupos estrangeiros se organizar em federações? Ou deveriam organizar-se por ramos locais, sem uma estrutura nacional e direitos autônomos? Deveriam ter um partido centralizado ou um partido federativo? Naturalmente, a concepção de um partido centralizado era uma concepção bolchevique. Contudo, em um partido centralizado, os grupos estrangeiros não podiam ser mobilizados tão facilmente em blocos sólidos, ao passo que em um partido federado era possível para os dirigentes da federação enfrentar o partido com blocos sólidos de militantes com direito a voto que os apoiariam nas convenções etc.

Essa luta aniquilou a Conferência da Ala Esquerda, em Nova Iorque, 1919. Quando chegamos a Chicago, em setembro de 1919, na Convenção Nacional do Partido Socialista em que se deu a divisão, as forças da ala esquerda estavam divididas entre si. Os comunistas, no momento de sua ruptura com o Partido Socialista, eram incapazes de organizar um partido único. Anunciaram ao mundo, alguns dias depois, que haviam organizado não um Partido Comunista, e sim dois. O maior deles era o Partido Comunista dos Estados Unidos, dominado pelas federações estrangeiras; o outro era o Partido Operário Comunista, representando a fração minoritária que já mencionei, com sua maior proporção de nativos e estrangeiros norte-americanizados. Naturalmente, havia variações e flutuações individuais. Porém, esta era a linha principal de demarcação.

Tal foi o pouco auspicioso começo do movimento comunista independente – dois partidos no mesmo terreno, com programas idênticos, lutando ferozmente um contra o outro.

Para tornar as coisas piores, nossas fileiras divididas defrontaram-se com uma perseguição terrível. Este ano – 1919 – foi o ano da grande reação no país, a reação do pós-guerra. Depois que os patrões terminaram a guerra para “tornar o mundo seguro para a democracia”, decidiram escrever um capítulo suplementar para tornar os Estados Unidos seguros para o livre mercado.

Começaram um giro patriótico furioso contra todas as organizações operárias. Milhares de operários foram presos em todo o país. Os novos partidos comunistas sofreram os resultados deste ataque. Quase todas as organizações locais de costa a costa foram perseguidas; quase todos os dirigentes nacionais ou locais foram presos, processados por algum motivo. Houve uma deportação massiva de militantes estrangeiros. O movimento foi perseguido a tal ponto que foi levado à clandestinidade. Os líderes de ambos os partidos pensaram que era impossível continuar o funcionamento aberto, legal. Assim, exatamente no primeiro ano do comunismo norte-americano, não só tivemos a desgraça, o escândalo e a catástrofe organizativa de dois partidos comunistas separados e rivais, mas também tivemos ambos partidos, depois de poucos meses, funcionando em grupos e células ilegais.

O movimento permaneceu ilegal de 1919 até o começo de 1922. Depois que o primeiro choque das perseguições passou e os grupos e células acostumaram-se à sua existência ilegal, os elementos na direção que tendiam ao irrealismo ganharam força, tanto e quanto o movimento estava, então, completamente isolado da vida pública e das organizações operárias do país.

A disputa fracional entre os dois partidos continuava consumindo uma quantidade enorme de tempo; o doutrinário e as discussões escolásticas tornaram-se a atividade principal do partido. Eu então percebi, pela primeira vez, o completo mau causado pela enfermidade do ultraesquerdismo. Parece ser uma lei peculiar que, quanto maior é o isolamento de um partido da vida do movimento operário, quanto menor é o contato que tem com o movimento de massas, e quanto menor é a correção que este pode exercer sobre o partido, tanto mais radicais tornam-se suas formulações, suas palavras de ordem etc. Quem deseja estudar cuidadosamente a história do movimento comunista, deverá examinar algo da literatura do partido, impressa durante esses dias. Percebiam, não custava nada ser ultraradical porque de qualquer maneira ninguém nos prestava atenção. Não tínhamos reuniões

públicas, não tínhamos que falar aos operários ou ver quais eram as suas reações às nossas consignas. Assim, os que gritavam mais forte em nossas reuniões fechadas, converteram-se em mais e mais dominantes na direção do movimento. A fraseologia do “radicalismo” teve seus dias de glória. Os anos iniciais do movimento comunista neste país estiveram mais que consagrados ao ultraesquerdismo.

Durante as eleições presidenciais de 1920, o movimento era ilegal e não pôde apresentar seu próprio candidato. Eugene V. Debs<sup>37</sup> era o candidato do Partido Socialista. Porém, estávamos envolvidos em uma terrível luta fracional com este partido e pensávamos erroneamente que não podíamos apoiá-lo. Portanto, o movimento decidiu-se por um programa muito radical: emitiu uma proclamação altissonante chamando os operários a boicotar as eleições. Vocês podem pensar que podíamos ter dito simplesmente “não temos candidatos, não podemos fazer nada a respeito”. Foi assim com o SWP. Em 1940, devido a dificuldades técnicas, financeiras e organizativas, os trotskistas não puderam participar das eleições, e como não achamos possível apoiar nenhum candidato, apenas ignoramos o assunto. Contudo, o Partido Comunista, no período que nos interessa, nunca deixava passar algo sem emitir uma proclamação. Se eu hoje sou um pouco indiferente às proclamações, é porque vi muitas delas nos dias iniciais do Partido Comunista. Abandonei inteiramente a ideia de que cada ocasião deve ter uma proclamação. É melhor escrever poucas, emiti-las nas ocasiões mais importantes, e então elas terão mais peso. Bem, em 1920 confeccionou-se um panfleto chamando a boicotar as eleições. Porém, esta política não nos trouxe benefício algum.

Uma forte tendência antiparlamentarista cresceu no movimento. Uma falta de interesse pelas eleições, que levou anos e anos para ser superada. Contudo, líamos muito o folheto de Lenin *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. Todos reconheciam – teoricamente – a necessidade de participar das eleições. Porém, não havia disposição para fazer algo a respeito, e vários anos tiveram que se passar antes que o partido desenvolvesse alguma atividade eleitoral séria.

Outra ideia radical ganhou predominância no recém surgido movimento comunista ilegal: a concepção de que manter-se na clandestinidade é um princípio revolucionário. Durante as duas últimas décadas, desfrutamos as vantagens da legalidade. Praticamente todos os camaradas do SWP não conheceram outra forma de existência que a do

37 Eugene Victor Debs (1855-1926). Líder sindical ferroviário e um dos fundadores do IWW. Foi candidato a presidente dos EUA pelo Partido Socialista cinco vezes. (Nota da edição brasileira)

partido legal. É muito possível que uma predisposição legalista tenha crescido entre eles. Estes camaradas podem sofrer fortes golpes em épocas de perseguição, já que o partido tem que ser capaz de realizar suas atividades sem importar-se com a atitude da classe dirigente. É necessário para um partido revolucionário saber funcionar também em condições de ilegalidade. Porém, isto só deve realizar-se por necessidade, nunca por escolha.

Depois que uma pessoa experimenta tanto a organização política ilegal, quanto a aberta, pode convencer a si mesma, facilmente, que a mais econômica e mais vantajosa é a aberta. É a forma mais fácil de entrar em contato com os operários, a forma mais fácil de captá-los. Consequentemente, um bolchevique genuíno, em tempo de maior perseguição, trata sempre de enganar e utilizar cada possibilidade de funcionar abertamente; se não pode dizer tudo o que quer livremente, dirá o que possa e completará a propaganda legal por outros métodos.

Nos primórdios do movimento comunista, antes que tivéssemos assimilado apropriadamente os escritos e ensinamentos dos líderes da Revolução Russa, cresceu uma tendência que considerava o partido ilegal como um princípio. Com o passar do tempo, a onda de reação retrocedeu e as possibilidades legais abriram-se. Porém, foram necessárias tremendas disputas fracionais antes que o partido desse o mais tímido passo em direção à legalização. A absolutamente incrível ideia de que um partido não pode ser revolucionário a menos que seja ilegal foi, em realidade, aceita pela maioria do movimento comunista em 1921 e começo de 1922.

Na questão sindical, o “radicalismo” também se manteve dominante. O ultraesquerdismo é um vírus terrível. Prospera melhor em movimentos isolados das massas, que não recebem nenhum corretivo destas. É possível ver em certas rupturas do movimento trotskista esses “setores lunáticos”. Quanto menos gente os escuta, quanto menos efeitos têm suas palavras sobre o curso dos eventos humanos, mais extremos, irracionais e histéricos são em suas formulações.

A questão sindical estava na pauta da primeira convenção ilegal do movimento comunista. Esta convenção proclamou uma separação e uma unificação ao mesmo tempo. Uma fração encabeçada por Ruthenberg<sup>38</sup> havia se separado do Partido Comunista, dominado pelos grupos estrangeiros. A fração Ruthenberg se reuniu em uma convenção conjunta com o Partido Operário Comunista para formar uma nova

38 Charles Emil Ruthenberg (1882-1927), trabalhador portuário de origem alemã, fundador e um dos dirigentes do Partido Comunista dos EUA. (Nota da edição brasileira)

organização, chamada de Partido Comunista Unificado, em maio de 1920, em Bridgeman, Michigan. O Partido Comunista Unificado se tornou uma força preponderante e se fusionou, um ano mais tarde, com a outra metade do Partido Comunista original.

Recordo a convenção de 1920 com precisão. Ela adotou uma resolução sobre a questão sindical. Sob a luz do que se aprendeu no movimento trotskista, vocês ficariam arrepiados. Esta resolução chamou ao boicote da American Federation of Labor (AFL)<sup>39</sup>; estabeleceu que um membro do partido que for “obrigado, por necessidade de trabalho” a pertencer à AFL, deveria trabalhar aí da mesma maneira que um comunista trabalha em um parlamento burguês, não para construí-lo, mas para fazê-lo explodir a partir de dentro. Esta estupidez foi mais tarde corrigida, junto com outras. Muita gente que fez estas estupidezes mais tarde aprendeu e progrediu no movimento político.

Inspirada pela Revolução Russa e revoltando-se contra as tradições oportunistas dos social-democratas, a jovem geração tomou uma dose grande demais de radicalismo. Lenin e Trotski dirigiram a “ala direita” – foi assim que eles, demonstrativamente, chamaram a sua tendência – do III Congresso da Internacional Comunista. Lenin escreveu seu folheto *Esquerdismo, doença infantil do comunismo* contra os esquerdistas alemães, tomando as questões do parlamentarismo, sindicalismo etc. Este folheto, junto com as decisões do III Congresso, fez muito ao longo do tempo para liquidar a tendência esquerdistista no início da III Internacional.

Não quero, de nenhuma forma, pintar a fundação do comunismo norte-americano como se fosse um circo, como fazem os filisteus que se mantêm à margem. Não foi de nenhuma maneira. Houve lados positivos no movimento, e eles predominaram. Estava composto de milhares de revolucionários valentes e devotos. Apesar de todos os seus erros, construíram um partido como nunca antes se havia visto neste país, quer dizer, um partido fundamentado em um programa marxista, com uma direção profissional e militantes disciplinados. Aqueles que viveram o período da ilegalidade adquiriram hábitos de disciplina e aprenderam métodos de trabalho que iriam cumprir um grande papel na história seguinte do movimento. Nós estamos nos erguendo sobre estes alicerces.

Aprenderam a tomar o programa seriamente. Aprenderam para sempre a ideia de que um movimento revolucionário que tenha como objetivo o poder não pode ser dirigido por gente que pratica o socialismo como um passatempo. O típico dirigente do Partido Socialista

39 Primeira federação sindical nacional dos Estados Unidos. Permaneceu como a principal organização sindical norte-americana por toda a primeira metade do século 20. (Nota da edição brasileira)

era um advogado que exercia a advocacia, ou um pregador, ou escritor, ou um profissional de um tipo ou outro, que concordava em vir fazer um discurso de tempos em tempos. Os funcionários de tempo integral eram meramente burros de carga, que faziam o trabalho sujo e não tinham influência real no partido. A distância entre os operários de base – com suas aspirações e impulsos revolucionários – e os embusteiros pequeno-burgueses na cúpula era enorme. O jovem Partido Comunista rompeu com tudo isto, e foi capaz de fazê-lo facilmente porque nenhum dos antigos dirigentes jogou-se com todo o coração para apoiar a Rússia. O partido teve que selecionar novos dirigentes das suas fileiras, e desde o começo assentou-se o princípio de que estes dirigentes deveriam ser profissionais do partido, deveriam pôr todo o seu tempo e sua vida à disposição do partido. Se imaginamos um partido que tem como objetivo dirigir os operários na luta pelo poder, então, não tem sentido considerar qualquer outro tipo de direção.

Na ilegalidade, o trabalho de formação, de assimilação dos escritos dos dirigentes russos, continuou. Lenin, Trotski, Zinoviev, Radek, Bukharin – estes eram nossos mestres. Começamos a ser educados em um espírito totalmente distinto da indiferença amorfa que imperava no Partido Socialista, no espírito de revolucionários que tomam a ideia e o programa muito a sério. O movimento teve uma vida interna muito intensa, até porque estava isolado e voltado para si mesmo. As disputas fracionais eram ferozes e extremamente extenuantes.

O movimento começou a estagnar no beco sem saída da ilegalidade. Na direção, alguns de nós começaram a buscar uma saída, uma forma de nos aproximarmos dos operários norte-americanos por meios legais. Estes esforços enfrentaram uma firme resistência. Formamos uma nova fração. Lovestone<sup>40</sup> estava fortemente associado comigo na direção desta fração. Mais tarde, Ruthenberg juntou-se a nós ao sair da prisão, na primavera de 1922.

Por um ano e meio ou dois, essa luta continuou sem descanso. A luta pela legalização do movimento começou a ter resultados positivos, embora gerasse uma resistência igualmente determinada por parte de pessoas convencidas até a medula que isto significava algum tipo de traição. Finalmente, em dezembro de 1921, tendo uma leve maioria no Comitê Central, começamos a nos mover – dando um passo cuidadoso de cada vez – em direção à legalidade.

40 Jay Lovestone (1897-1990). Judeu de origem russa, foi membro do Partido Socialista na década de 1910 e do Partido Comunista nos anos 1920-1930. Mais tarde, rompeu com o marxismo e tornou-se consultor da CIA, além de assessor da AFL para relações internacionais. (Nota da edição brasileira)

Não pudemos legalizar o partido como tal, pois a resistência na base era muito forte. Porém, organizamos alguns grupos legais para a realização de palestras. Depois, chamamos uma convenção para unir estes grupos em um órgão central chamado American Labor Alliance<sup>41</sup>, que transformamos em uma organização de propaganda. Então, em dezembro de 1921, aplicamos a tática de fundar o Partido Operário como uma organização aberta, junto com o Partido Comunista ilegal. Não podíamos prescindir deste. Não era possível obter uma maioria dentro do partido para impor nosso plano por completo. Porém, chegamos a um acordo pelo qual, mesmo que mantivéssemos o partido ilegal, construiríamos o Partido Operário como sua extensão legal. Dois ou três mil cabeças-duras se rebelaram contra este movimento de ida à legalidade, romperam e formaram suas próprias organizações.

Continuamos com dois partidos – um legal e outro clandestino. O Partido Operário tinha um programa muito limitado, porém converteu-se no meio pelo qual toda a nossa atividade pública legal levava-se a cabo. A direção efetiva pertencia ao Partido Comunista clandestino. O Partido Operário não encontrou perseguição. A onda reacionária havia passado, e prevalecia um tom político liberal em Washington e no resto do país. Podíamos celebrar encontros públicos e conferências, publicar jornais, participar em campanhas eleitorais etc. Então, surgiu a questão: necessitávamos este estorvo de dois partidos? Queríamos liquidar a organização clandestina e concentrar toda a nossa atividade no partido legal, ainda que com o risco de uma posterior perseguição. Encontramos nisto uma renovada oposição.

A luta continuou ininterruptamente até que, finalmente, levamos o assunto à Internacional Comunista durante o seu IV Congresso, em 1922. Neste Congresso, eu era o representante da fração “liquidacionista”, como nos chamavam. Este nome vem da história do bolchevismo. Em um determinado momento, depois da derrota de 1905, uma parte dos mencheviques passou a defender liquidar o partido clandestino na Rússia e confiar toda a atividade à “legalidade” czarista. Lenin brigou selvagememente contra esta proposta e seus defensores porque significava renunciar ao trabalho e à organização revolucionária. Denunciou-os como “liquidacionistas”. Então, naturalmente, quando nós viemos com a proposta de liquidar o partido clandestino no país, os esquerdistas, com sua mente posta mecanicamente na Rússia, transferiram para os Estados Unidos a expressão de Lenin e nos denunciaram como “liquidacionistas”.

41 Aliança Americana do Trabalho. (Nota da edição brasileira)

Então, fomos à Moscou diante da Internacional Comunista. Esta foi a primeira oportunidade em que me encontrei com o camarada Trotski. No curso de nossa luta, tratamos de obter o apoio individual de membros da direção russa. No verão e fins de 1922, passei muitos meses na Rússia. Por muito tempo, fui como um pária, devido a esta campanha acerca dos “liquidacionistas” promovida por nossos rivais, que haviam chegado a Moscou antes de nós, já que os russos não queriam ter nada em comum com quaisquer liquidadores. Sem conhecimento da situação na América do Norte, tendiam a ter preconceitos contra nós. Pensavam que o partido havia sido realmente posto na ilegalidade, e quando a questão foi colocada diante deles, estavam inclinados a dizer de antemão: “se vocês não podem fazer seu trabalho legalmente, façam-no ilegalmente; porém, façam-no”.

Mas as coisas não eram bem assim. A situação política nos Estados Unidos permitia a existência de um Partido Comunista legal. Esta era a nossa avaliação, e toda a experiência posterior a comprovou. Finalmente, alguns outros camaradas e eu encontramos com o camarada Trotski e expusemos-lhe nossas ideias por quase uma hora. Depois de fazer algumas perguntas, quando terminamos, disse-nos: “É suficiente, vou apoiar os 'liquidacionistas' e falarei com Lenin. Estou certo que ele os apoiará. Todos os russos os apoiarão. É só uma questão de entender a situação política. É absurdo abotoar a camisa de força da ilegalidade quando não é necessário. Não há questão alguma nisto”.

Perguntamos se arranjaría para que nós nos encontrássemos com Lenin. Disse-nos que Lenin estava enfermo, porém, se fosse necessário, e se Lenin não estivesse de acordo com ele, arranjaría para que o encontrássemos. Em poucos dias, o nó começou a desatar. Uma comissão do congresso foi encarregada da questão norte-americana, e nos apresentamos diante dela para debater. Já havia corrido o boato de que Trotski e Lenin estavam a favor dos “liquidacionistas”, e o vento estava virando a nosso favor. Na discussão da audiência da comissão, Zinoviev fez uma brilhante exposição sobre o trabalho legal e ilegal, trazendo a vasta experiência dos bolcheviques russos. Nunca esqueci aquele discurso. Aquelas palavras servem muito bem ao nosso partido ainda hoje e o farão no futuro, estou certo. Radek e Bukharin falaram no mesmo sentido. Eles três eram, naqueles dias, os representantes do Partido Comunista da URSS na Internacional Comunista. Os delegados dos outros partidos, depois de um completo e profundo debate, deram total apoio à ideia de legalizar o Partido Comunista Norte-Americano. Com a autoridade do congresso da Internacional Comunista por traz da decisão, a oposição nos Estados Unidos, de imediato, decresceu. O Partido Operário,

que havia sido criado em 1921 como uma extensão legal do Partido Comunista, fez outra convenção, adotou um programa mais claro e liquidou por completo a organização clandestina. Toda a experiência, desde 1923, demonstrou a sabedoria desta decisão. A situação política justificava a organização legal. Teria sido uma terrível calamidade, uma perda e mutilação da atividade revolucionária, manter-se na clandestinidade quando não era necessário. É muito importante que os revolucionários tenham a coragem de correr estes riscos quando não se pode evitar. Porém, é igualmente importante ter a prudência suficiente para evitar sacrifícios desnecessários. O principal é conseguir que a tarefa seja cumprida de forma mais econômica e prática possível.

Uma observação final sobre esta questão: um pequeno grupo se manteve irredutível sobre a legalização do partido: manter-se-iam clandestinos apesar de nós, não trairiam o comunismo. Tinham seus quartéis em Boston e em Cleveland. De tempos em tempos, pelos anos, receberíamos deste grupo clandestino algum tipo de proclamação. Sete anos mais tarde, depois de termos sido expulsos do Partido Comunista, quando estávamos organizando o movimento trotskista, sabemos que este grupo em Boston era de alguma maneira simpatizante das ideias trotskistas. Isto nos interessou, já que estávamos muito necessitados de toda a ajuda que pudéssemos obter.

Em uma das minhas visitas a Boston, os camaradas locais marcaram uma reunião com eles. Eram muito conspirativos, e levaram-nos ao lugar do encontro à velha maneira clandestina. Um comitê formal nos recebeu. Depois de trocar saudações, o dirigente disse: “Agora, camarada Cook, diga-nos qual é a vossa proposta”. “Camarada Cook” era o meu pseudônimo no partido clandestino. Ele não revelaria meu nome legal em um encontro clandestino. Expliquei-lhes porque havíamos sido expulsos, nosso programa etc. Ele disse que estavam desejosos de discutir o programa trotskista como base da unidade de um novo partido. Contudo, queriam acordar primeiro em um ponto: o partido que organizaríamos teria que ser uma organização clandestina. Então, troquei alguns gracejos com eles e voltei a Nova Iorque. Suponho que ainda sejam clandestinos.

Agora, camaradas, tudo isso é um tipo de pano de fundo, uma introdução à história do nosso movimento trotskista. Na semana que vem, tratarei do desenvolvimento posterior do Partido Comunista nos anos iniciais, antes da nossa expulsão, e da reconstrução do movimento sob a bandeira do trotskismo.

## DOSSIÊ

O texto a seguir corresponde ao terceiro capítulo do livro *A história do trotskismo norte-americano*, que reúne um ciclo de palestras proferidas por Cannon em 1942 aos militantes do SWP.

# O começo da Oposição de Esquerda

**James P. Cannon**

A última palestra<sup>42</sup> nos trouxe ao ano de 1927 no Partido Comunista dos Estados Unidos. A luta fundamental entre marxismo e stalinismo havia se colocado em marcha dentro do Partido Comunista da URSS fazia já quatro anos. Esta estava se dando, também, em outras seções da Internacional Comunista, incluída a nossa, mas nós não sabíamos disso.

No início, os embates da grande luta no partido russo eram restritos às questões russas, que eram extremamente complexas. Muitas delas eram novas e pouco familiares para nós, norte-americanos, que sabíamos muito pouco acerca dos problemas internos da Rússia. Era muito difícil para nós entender a discussão devido à sua natureza profundamente teórica. Além disso, até esta época, não havíamos tido uma educação teórica, e a dificuldade foi incrementada pelo fato de que não nos apresentavam a informação completa. Não nos apresentavam os documentos da Oposição de Esquerda russa, ocultavam-nos os argumentos. Não nos diziam a verdade. Pelo contrário, sistematicamente nos alimentavam com tergiversações, distorções e documentação unilateral.

Eu dei essa explicação para aqueles que se inclinam a perguntar: “Por que não se levantou desde o início a bandeira do trotskismo?” Se agora as coisas são muito claras para qualquer estudioso sério do movimento, “por que vocês não entenderam isso nos primeiros dias?” A explicação que dei nunca foi considerada pelas pessoas que veem essas grandes disputas separadas e apartadas do mecanismo da vida do partido. Aquele que não tem responsabilidades, que é um estudioso, comentarista ou observador de fora, não necessita ter nenhuma precaução ou restrição. Se tem dúvidas e incertezas, sente-se perfeitamente livre para expressá-las. Este não é o caso de um revolucionário partidário. Ele assume a responsabi-

<sup>42</sup> Refere-se à segunda palestra, não reproduzida na presente seleção, e que aborda a luta contra o stalinismo dentro do Partido Comunista dos EUA. (Nota da edição brasileira)

lidade de chamar os trabalhadores – sobre as bases de um programa – a reunir-se em um partido, ao qual dedicarão o seu tempo, a sua energia, os seus recursos e até as suas vidas. Deve, por isso, ter uma atitude séria para com o partido. Não pode, em boa consciência, chamar a descartar um programa antes de ter elaborado um novo. Descontentamentos e dúvidas não são um programa. Não se pode organizar as pessoas sobre estas bases. Uma das mais fortes condenações que Trotski dirigiu a Shachtman<sup>43</sup> nos primeiros dias da nossa disputa sobre a questão russa em 1939 foi esta: a de que Shachtman, que começou a expressar dúvidas sobre a correção do nosso velho programa sem ter em sua mente nenhuma ideia clara de um novo, contaminou o partido irresponsavelmente com suas dúvidas. Trotski disse: “O partido não pode deter-se. Não pode viver entre dois programas. Um revolucionário sério e responsável não pode importunar o partido meramente porque ficou descontente com esta, aquela ou outra coisa. Deve esperar até estar preparado para propor concretamente um programa diferente ou outro partido”.

Essa foi minha atitude no Partido Comunista naqueles primeiros anos. De minha parte, sentia grande insatisfação. Nunca estive entusiasmado pela luta no partido russo. Não podia entendê-la. E como a batalha se fazia mais intensa – e incrementavam-se as perseguições contra a Oposição de Esquerda russa, representada por grandes líderes da revolução, como Trotski, Zinoviev, Radek e Rakovski –, a dúvida e o descontentamento acumulavam-se em minha mente. Isto abalava minha posição e a posição da nossa fração nos eternos conflitos dentro do PC. Tentávamos, todavia, resolver as coisas em escala norte-americana – um erro comum. Penso que uma das lições mais importante que nos deu a IV Internacional é que, na época moderna, não se pode construir um partido político revolucionário somente sobre bases nacionais. Deve-se começar com um programa internacional e, sobre estas bases, construir seções nacionais de um movimento internacional.

Essa foi, se me permitem uma digressão, uma das grandes disputas dos trotskistas com os brandleristas<sup>44</sup>, com o Bureau de Londres<sup>45</sup>,

43 Max Shachtman (1904-1972) foi um dos fundadores do SWP. Em 1939, junto com James Burnham e Martin Abern, forma uma fração antidefensista no SWP (ver nota mais acima). Devido a essa diferença, rompe com o SWP em 1940 para formar o Partido Operário, e mais tarde a Liga Socialista Independente. Em 1958, ingressou no Partido Socialista. Conquistou a maioria do PS no início dos anos 1970 e mudou o nome do partido para Partido Social-Democrata dos EUA. (Nota da edição brasileira)

44 Referência a Heinrich Brandler (1881-1967), dirigente do Kommunistische Partei Deutschlands – Opposition (Partido Comunista da Alemanha – Oposição), grupo expulso do Partido Comunista da Alemanha por defender a frente única para a luta contra o nazismo. (Nota da edição brasileira)

45 Oficialmente, Centro Marxista Revolucionário Internacional, um agrupamento internacional que esteve próximo da Oposição de Esquerda internacional nos anos 1930. (Nota da edição brasileira)

com Pivert<sup>46</sup> etc., que afirmavam não ser possível falar de uma nova Internacional sem antes construir fortes partidos nacionais. Segundo eles, só depois de haver criado formidáveis partidos de massas em vários países, pode-se uni-los em uma organização internacional. Trotski procedeu justamente de forma oposta. Quando foi deportado da Rússia, em 1929, e pôde com isso tomar seu trabalho internacional livremente, propôs a ideia de começar com um programa internacional. Deve-se organizar as pessoas, não importa o pouco que possam ser em cada país, sobre as bases de um programa internacional e, gradualmente, construir suas seções nacionais. A história deu seu veredito sobre esta disputa. Todos aqueles partidos que começaram com uma aproximação nacional e quiseram evitar este problema da organização internacional naufragaram. Os partidos nacionais não podem fincar raízes porque, nesta época internacional, não há mais espaço para estreitos programas nacionais. Só a IV Internacional, começando em cada país a partir do programa internacional, sobreviveu.

Esse princípio não era compreendido por nós na primeira época do Partido Comunista. Estávamos absorvidos na luta nacional na América do Norte. Víamos a Internacional Comunista como uma ajuda para os nossos problemas nacionais. Não queríamos molestar-nos com os problemas de outras seções ou da IC como um todo. Este erro fatal, esta estreita visão nacional, empurrou-nos ao beco sem saída das lutas fracionais.

As coisas ficavam mais críticas para nós. Nenhuma das frações queria romper ou deixar o partido. Todos eram leais, fanáticos leais à Internacional, e não pensavam em romper com ela. Porém, a desalentadora situação interna ficava cada vez pior e parecia sem perspectivas. Era óbvio que devíamos encontrar um modo de unificar as frações ou permitir que uma delas fosse predominante. Alguns dos mais sábios, ou melhor, alguns dos mais astutos – e aqueles que tinham as melhores fontes de informação de Moscou – perceberam que a melhor forma de obter o apoio da Internacional – e, assim, usar o grande peso de sua autoridade do lado de sua fração – era se tornar os mais enérgicos e agressivos combatentes na luta contra o trotskismo. Desde Moscou, foram ordenadas campanhas contra o trotskismo em todos os partidos do mundo. As expulsões de Trotski e Zinoviev, em 1927, foram seguidas pela exigência de que todos os partidos tomassem imediatamente uma posição, com a ameaça implícita de represálias de Moscou con-

46 Marceau Pivert (1895-1958), dirigente da Gauche Révolutionnaire (Esquerda Revolucionária) francesa. Se aproxima do trotskismo nos anos 1930. Durante o governo de Frente Popular de Leon Blum, em meados da década de 1930, defendeu uma postura de “apoiar as medidas progressivas e criticar as medidas regressivas”, política essa que ficou conhecida como “Frente Popular de Combate”. (Nota da edição brasileira)

tra qualquer indivíduo ou grupo que não tomasse a posição “correta”, quer dizer, a favor das expulsões. Levaram-se a cabo campanhas de “esclarecimento”. Os lovestonistas eram a vanguarda na luta contra o trotskismo. Assim, conseguiram o apoio da Internacional e gozaram deste apoio em todo aquele período. Organizaram a sua campanha de “esclarecimento”: reuniões de membros, de ramos e de regionais aconteciam em todos os partidos em que os representantes do Comitê Central eram enviados para esclarecer aos demais membros sobre a necessidade das expulsões do organizador do Exército Vermelho e do Presidente da Internacional Comunista.

Os fosteristas<sup>47</sup>, que não eram tão rápidos e astutos como os lovestonistas, porém, tinham com eles boas relações, os seguiram imediatamente. Realmente, competiam com os lovestonistas para mostrar quem era mais antitrotskista. Não cansavam de fazer longos discursos sobre o tema.

Agora, olhando para trás, é interessante notar que eu nunca participei de nenhuma dessas campanhas. Votei a favor daquelas resoluções estereotipadas – lamentavelmente, devo dizer. Porém, nunca fiz um único discurso ou escrevi um único artigo contra o trotskismo. Isto não foi assim porque eu era trotskista. Não queria me colocar fora da linha da maioria do partido russo e da Internacional. Neguei-me a participar das campanhas apenas porque não entendia o que estava acontecendo. Bertram D. Wolfe, braço direito de Lovestone, era um dos maiores antitrotskistas do partido. Diante da mais leve provocação, fazia um discurso de duas horas explicando como Trotski estava equivocado sobre a questão agrária na Rússia. Eu não podia fazer isto porque não entendia a questão. Ele também não entendia. Porém, no caso dele, este não era um grande obstáculo. O objetivo real dos lovestonistas e dos fosteristas ao fazerem estes discursos e levarem a cabo estas campanhas era promover-se aos olhos do poder de Moscou.

Alguém poderia perguntar: “Por que não fiz discursos a favor de Trotski?” Eu não podia também, porque não entendia o programa. Meu estado mental era, então, a dúvida e a insatisfação. Se não tivesse nenhuma responsabilidade no partido, se fosse um mero comentador e observador, poderia simplesmente falar de dúvidas. Não se pode fazer isto em um partido político sério. Se alguém não sabe o que dizer, não deve dizer nada. O melhor é permanecer em silêncio.

47 Referência a William Foster (1881-1961), dirigente do Partido Comunista dos EUA. (Nota da edição brasileira)

O Comitê Central do Partido Comunista convocou uma reunião plenária em fevereiro, a famosa reunião plenária de fevereiro de 1928, poucos meses depois da expulsão de Trotski, Zinoviev e de todos os líderes da oposição russa. Já começava uma grande campanha para mobilizar os partidos do mundo em apoio à burocracia de Stalin. Nesta reunião plenária brigamos e discutimos sobre as frações e o partido, a avaliação da situação política, a questão sindical, a questão da organização – brigamos furiosamente sobre todas estas questões. Era este o nosso real interesse. Depois, chegamos ao último ponto da pauta, a questão russa. Bertram D. Wolfe, como porta-voz da maioria lovestonista, “explicou” a polêmica por um longo tempo, cerca de duas horas. Após, foi aberta a discussão. Um por um, cada membro das frações lovestonista e fosterista tomou a palavra para expressar o seu acordo com o informe e acrescentar alguns detalhes para mostrar que entendiam a necessidade das expulsões e que estavam a favor delas.

Não falei. Naturalmente, por causa do meu silêncio, os outros membros da fração Cannon também não falaram. Não lhes agradava a situação e fizeram uma grande pressão sobre mim. Recordo esse dia, como me sentei no fundo do salão: descontente, amargurado e confuso, certo de que havia algo desonesto sobre a questão, porém não sabia o que era. Bill Dunne, a ovelha negra da família Dunne, que era, nesse momento, um membro do Comitê Político e meu aliado mais próximo, veio com um par de companheiros. “Jim, você deve falar sobre essa questão. É a questão russa. Eles cortarão nossa fração em pedacinhos se você não falar nada sobre esse informe. Levante-se e diga umas poucas palavras para o registro”.

Neguei-me a fazê-lo. Eles insistiram, porém eu estava muito firme. “Não vou fazer isso. Não vou falar sobre essa questão!” Isto não era “sabedoria política” de minha parte, ainda que, retrospectivamente, possa parecer assim. Isto não foi, de modo algum, uma antecipação do futuro. Foi simplesmente uma questão temperamental, um sentimento persistente que eu tinha sobre a questão. Não tínhamos nenhuma informação real. Não sabíamos qual era a verdade. E naquele momento, em 1927, as disputas no partido russo haviam começado a implicar questões internacionais: a questão da revolução chinesa e do Comitê Anglo-Russo. A maioria dos membros do nosso partido pode entender agora quais foram os problemas da revolução chinesa porque, desde esta época, foram publicados extensos materiais. Educamos nossos jovens camaradas sobre as lições da revolução chinesa. Porém, em 1927, nós, provincianos norte-americanos, não sabíamos nada sobre isto. A China estava muito distante. Nunca vimos nenhuma das teses

da oposição russa. Também não entendíamos corretamente a questão colonial, nem os profundos princípios teóricos envolvidos na questão chinesa e a disputa que se seguiu – pelo quê não podíamos tomar uma posição honesta. A questão do Comitê Anglo-Russo parecia um pouco mais clara para mim. A formação do Comitê Anglo-Russo – um comitê de sindicalistas russos e ingleses que se transformou em um substituto do trabalho comunista independente na Inglaterra – era um ponto de grande tensão entre a oposição russa e os stalinistas. Esta política afogou a atividade independente do Partido Comunista da Inglaterra no momento crucial da greve geral de 1926. Quase por acidente, na primavera do mesmo ano, me deparei com um dos documentos da oposição russa sobre esta disputa que exerceu grande influência sobre mim. Sentia que, no mínimo, sobre a questão do Comitê Anglo-Russo, a oposição tinha a linha correta. Por distintas razões, estava convencido de que não eram contrarrevolucionários, como haviam sido pintados.

Em 1928, depois da reunião plenária de fevereiro, fiz uma das minhas mais ou menos regulares viagens nacionais. Tinha o hábito de fazer ao menos um giro pelo país, de costa a costa, todos os anos ou a cada dois anos, para ter, assim, um retrato real da América do Norte, para sentir o que estava acontecendo no país. Olhando para trás, agora, pode-se perceber que muitas das ideias irreais, dos erros, e muitas das opiniões estreitas de alguns líderes do partido em Nova Iorque devem-se ao fato de que viveram toda a sua vida na ilha de Manhattan e não tinham uma percepção precisa deste grande e diversificado país. Fiz o meu giro em 1928, em nome da Defensoria Trabalhista Internacional<sup>48</sup>, que se prolongou por quatro meses. Queria mergulhar no movimento de massas, longe da atmosfera sufocante das lutas fracionais intermináveis, queria uma oportunidade para pensar um pouco sobre a questão russa, que me preocupavam muito mais do que qualquer outra coisa. Vicent Dunne me lembrou mais de uma vez que, em meu regresso da costa do Pacífico, quando fiquei um tempo em Mineápolis, ele e o camarada Skoglund perguntaram-me, entre outras coisas, o que pensava sobre a expulsão de Trotski e Zinoviev, e eu lhes respondi: “Quem sou eu para condenar os líderes da Revolução Russa?”, indicando-lhes, assim, que não era muito simpatizante da expulsão de Trotski e Zinoviev. Recordaram isto quando a disputa se instalou em campo aberto, poucos meses mais tarde.

48 A International Labor Defense (ILD) foi uma rede internacional de advocacia trabalhista e de direitos humanos, organizada pela Internacional Comunista e que servia como instrumento de atuação legal às suas seções nacionais. A ILD foi responsável pela defesa de Sacco and Vanzetti, pela campanha contra os linchamentos e assassinatos dos negros no sul dos Estados Unidos e outras campanhas importantes. (Nota da edição brasileira)

No fim da primavera e começo do verão de 1928 se realizou em Moscou o VI Congresso da Internacional Comunista. Partimos para a Rússia, como era o costume em tais ocasiões, em uma grande delegação, representando todas as frações. Fomos para lá – lamento dizê-lo – não tão preocupados com os problemas do movimento internacional – os quais nós, como representantes de uma seção, poderíamos ajudar a resolver –, mas sim pensando, primeiramente, em nossas próprias pequenas brigas no partido norte-americano. Fomos ao congresso para ver que ajuda poderíamos obter para fritar o nosso próprio peixe, aqui em casa. Infelizmente, esta era a atitude de quase todos. Indo para o congresso, eu não tinha nenhuma expectativa de ter uma real clarificação sobre a questão russa, sobre a disputa com a oposição. Naquele momento, parecia que a oposição havia sido completamente destruída. Os líderes foram expulsos de seus partidos. Trotski estava exilado em Alma-Ata. Ao redor do mundo, os simpatizantes que a oposição poderia ter haviam sido expulsos de seus partidos. Parecia não haver perspectivas de reviver a questão. No entanto, isto continuava me incomodando, e incomodava-me tanto, que não consegui participar efetivamente de nossa luta fracional em Moscou.

Naturalmente, continuamos a disputa fracional quando chegamos na Rússia. Imediatamente, preparamos nossas delegações para o trabalho na comissão e começamos a ver o que podíamos fazer para derrubar cada uma das outras frações, lançando acusações mútuas e debatendo exaustivamente as questões antes das reuniões. Eu fui um participante secundário no debate. Neste momento, começaram a dividir as comissões, quer dizer, os membros líderes de cada delegação foram nomeados para várias comissões do congresso – uns na comissão sindical, outros na comissão política, e alguns na de organização. Além destas, havia a comissão de programa. O VI Congresso se comprometeu a adotar, pela primeira vez, um programa para a Internacional Comunista. A IC foi fundada em 1919, e até 1928, nove anos mais tarde, ainda não tinha um programa definitivo. Isso não quer dizer que nos primeiros anos não havia atenção ou interesse pela questão do programa. É simplesmente uma indicação de quanto seriamente os grandes marxistas tomavam o problema do programa e, cuidadosamente, elaboravam-no. Começaram com uma série de resoluções básicas em 1919. Adotaram outras em 1920, 1921 e 1922. No IV Congresso começaram uma discussão sobre programa. O V Congresso não prosseguiu a questão. Assim, chegamos ao VI Congresso, em 1928, tendo diante de nós um rascunho de programa que visava elevar a autoridade de Bukharin e Stalin.

Eu fui designado para a comissão de programa, em certa medida, porque os outros líderes não estavam muito interessados no programa. “Deixem isso para Bukharin. Não queremos nos preocupar com isso. Queremos estar na comissão política que vai decidir sobre a nossa luta fracional, na comissão sindical ou em alguma outra comissão prática que vai decidir algo sobre alguma pequena questão sindical que nos preocupa”. Este era o sentimento geral da delegação norte-americana. Eu fui empurrado para dentro da comissão de programa como uma espécie de honra sem substância. E – verdade seja dita – eu também não estava interessado no assunto.

Porém, colocar-me na comissão de programa revelou-se um grande erro. Custou a Stalin mais que uma dor de cabeça, para não falar de Foster, Lovestone e os outros. Porque Trotski, exilado em Alma-Ata, expulso do partido russo e da Internacional Comunista, apelou ao congresso. Percebam que Trotski não se afastou simplesmente do partido. Na primeira oportunidade, recorreu ao VI Congresso da Internacional Comunista, não só com uma apelação sobre seu caso, mas também com uma enorme contribuição teórica, sob a forma de crítica ao esboço de programa de Bukharin e Stalin. O documento de Trotski se intitulava: “Crítica ao programa da Internacional Comunista”. Por meio de alguns deslizos no aparato de Moscou, que supunha ser burocraticamente hermético, este documento de Trotski chegou à sala de tradução da Internacional. Caiu na secretaria, na qual havia uma dezena ou mais de tradutores e estenógrafos sem nada mais para fazer. Eles receberam o documento e distribuíram aos chefes das delegações e aos membros da comissão de programa. Então, foi posto em minha pasta e traduzido ao inglês. Maurice Spector, um delegado do partido canadense, e que em algumas questões pensava como eu, estava também na comissão de programa, e conseguiu uma cópia. Mandamos as reuniões da comissão e as sessões do congresso ao diabo, enquanto líamos e estudávamos este documento. Depois, soube o que tinha que fazer, e ele também. Nossas dúvidas foram resolvidas. Estava claro como a luz do dia que a verdade marxista estava do lado de Trotski. Fizemos um pacto – Spector e eu – de que depois que voltássemos para casa, começaríamos uma luta sob a bandeira do trotskismo.

Não começamos a luta em Moscou, no congresso, apesar de já estarmos convencidos. Desde o dia em que li aquele documento, considerei-me, sem uma única sombra de dúvida, discípulo de Trotski. Devido ao fato de que não iniciamos a luta em Moscou, alguns puristas, que se mantiveram à margem, poderiam novamente questionar: “Por que não tomaram a palavra no VI Congresso e falaram em defesa Trotski?”.

A reposta é que, fazendo isto, não serviríamos melhor a nossos fins políticos. E é para isso que existe a política: para servir a determinados fins. A Internacional já estava bastante stalinizada. O congresso foi manobrado. No nosso caso, expor completamente nossas posições no congresso provavelmente teria resultado em nossa prisão em Moscou, até sermos cortados em pedacinhos e isolados. Lovestone, quando chegou sua vez, foi pego nessa armadilha de Moscou. Minha obrigação e minha tarefa política, como eu as via, era organizar uma base de apoio em meu próprio partido para a oposição russa. Para fazer isto, deveria primeiro chegar em casa. Portanto, mantive-me quieto no congresso stalinizado. A franqueza com os amigos é uma virtude – com os inimigos inescrupulosos, é o atributo de um tolo.

Apesar disso, não fomos muito cautelosos em guardar nossos sentimentos. Eu, especialmente, fui considerado cada vez “casado” com o trotskismo. Gitlow relatou em seu livro que a GPU<sup>49</sup> havia checado minhas atividades em Moscou e havia informado à Internacional que “Cannon, em conversas com russos, demonstrou ter fortes tendências trotskistas”. Tinham-me sob suspeita. Porém, hesitaram em agir contra mim muito bruscamente. Pensavam que, provavelmente, podiam disciplinar-me, e isto seria muito melhor do que ter um escândalo nas mãos. Tinham boas razões para presumir que eu faria um escândalo se chegasse a uma luta aberta.

Então, regressamos – creio que em setembro – sem nada resolvido no que diz respeito à disputa fracional no partido norte-americano. Os lovestonistas haviam avançado poucas polegadas na disputa em Moscou, porém, ao mesmo tempo, Stalin havia incluído alguns parágrafos nas resoluções que assentavam as bases para livrar-se deles mais tarde. Eu trouxe comigo, de contrabando da Rússia, a crítica de Trotski ao projeto de programa. Regressamos e, imediatamente, comecei a cumprir minha tarefa de recrutar uma fração para Trotski.

Vocês poderiam pensar que era uma coisa fácil de fazer. Porém, eis aqui o estado de coisas. Trotski havia sido condenado em todos os partidos da Internacional Comunista e, mais uma vez, condenado pelo VI Congresso como contrarrevolucionário. Nenhum membro do partido era conhecido como franco seguidor do trotskismo. O partido inteiro estava arregimentado contra isto. Naquela época, o partido já não era uma dessas organizações democráticas, em que alguém pode levantar uma questão e ter uma discussão limpa. Declarar-se a favor de Trotski

49 Sigla em russo para Glavnoe Politicheskoe Upravlenie (Divisão Política Central), a polícia política stalinista. (Nota da edição brasileira)

e da oposição russa significava estar sujeito à acusação de traidor contrarrevolucionário e ser expulso imediatamente, sem nenhuma discussão. Sob estas circunstâncias, a tarefa era recrutar uma fração nova, em segredo, antes que chegasse a explosão inevitável, com a perspectiva certa de que esta fração, não importa quão grande ou pequena pudesse ser, sofreria a expulsão e teria que lutar contra os stalinistas, contra o mundo inteiro, para criar um novo movimento.

E desde o começo, eu não tinha a menor dúvida sobre a magnitude da tarefa. Se nos permitíssemos alguma ilusão, seríamos tão desapontados pelos resultados, que quebrar. Comecei discretamente a buscar indivíduos e a falar com eles conspirativamente. Rose Karsner foi minha primeira aderente firme. Ela nunca vacilou, desde esse dia até hoje. Shachtman e Abern, que trabalhavam comigo na Defensoria Trabalhista Internacional e eram ambos membros do Comitê Nacional, embora não do Comitê Político, uniram-se a mim neste novo grande empreendimento. Logo, outros poucos fizeram o mesmo. Estávamos indo bastante bem, progredindo um pouco aqui e ali, trabalhando cautelosamente todo o tempo. Corria o rumor de que Cannon era trotskista, porém, eu nunca o disse abertamente, e ninguém sabia o que fazer com este rumor. Além disso, havia uma pequena complicação na situação do partido que também trabalhava a nosso favor. Como já disse, o partido estava dividido em três frações, porém, a fração de Foster e a fração de Cannon estavam trabalhando em um bloco, e tiveram, neste momento, uma reunião conjunta. Isto colocou os fosteristas entre a cruz e a espada. Se eles não denunciassem nosso trotskismo e o combatessem energeticamente, perderiam a simpatia e o apoio de Stalin. Porém, por outro lado, se endurecessem contra nós e perdessem nosso apoio, não poderiam esperar ganhar a maioria na próxima convenção partidária. Estavam rasgados pela indecisão, e nós exploramos suas contradições sem misericórdia.

Nossa tarefa era difícil. Tínhamos uma cópia do documento de Trotski, mas não tínhamos como reproduzi-la. Não tínhamos nem estenógrafo, nem máquina de escrever, nem mimeógrafo, nem dinheiro. A única forma de resolver o problema era aproximar indivíduos selecionados cuidadosamente, despertar suficiente interesse neles e, depois, persuadi-los para que viessem à minha casa e lessem o documento. Ganhamos umas poucas pessoas, e eles nos ajudaram a divulgar o evangelho em círculos mais amplos.

Finalmente, depois de um mês ou algo mais, fomos expostos por uma pequena indiscrição por parte de um dos camaradas, e tivemos que enfrentar, prematuramente, o fato no bloco Foster-Cannon. Os

fosteristas o levantaram na forma de interrogatório. Haviam escutado isso e aquilo, e queriam uma explicação. Era claro que estavam muito preocupados, e também indecisos. Nós tomamos a ofensiva. Eu disse: “Considero um insulto que qualquer pessoa queira me interrogar. Minha posição no partido está bem clara há dez anos, e nego a qualquer pessoa o direito de questioná-la”. Assim, conseguimos, graças à nossa ousadia, mais uma semana, e, nesta semana, alguns novos adeptos aqui e ali. Depois, chamaram outro encontro do bloco para analisar novamente a questão. A essa altura, Hathaway havia regressado de Moscou. Tinha estado na dita Escola Lenin de Moscou, que, na realidade, era uma escola de stalinismo. Havia sido ensinado na escola de Stalin, e sabia melhor que os outros como agir contra o trotskismo. Disse que a forma de proceder é fazer uma moção: “Esta comissão condena o trotskismo como contrarrevolucionário”, e ver se todos aderem à moção. Objetamos a isto com o argumento – dissimuladamente formal, porém, uma tática necessária no trato com uma mente policialesca, graduada na escola de Stalin – de que a questão do “trotskismo” havia sido superada fazia muito, e que não havia absolutamente nenhuma razão para levantar este assunto de novo. Dissemos que nos recusávamos a participar daquele absurdo.

Debatemos isso por quatro ou cinco horas, e, a esta altura, eles não sabiam o que fazer conosco. Enfrentavam este dilema: se se manchassem com o trotskismo, perderiam a simpatia de Moscou; se, ao contrário, rompessem conosco, não teriam nenhuma esperança de obter a maioria. Eles queriam muito a maioria e alimentavam a esperança – e como a alimentavam! – de que um companheiro esperto como Cannon eventualmente recobriria o juízo e não começaria uma fútil batalha por Trotski a essa altura dos acontecimentos. Sem dizer diretamente, demos a eles algum espaço pensarem que podia ser assim, e a decisão foi adiada novamente.

Com isso, ganhamos cerca de duas semanas. Finalmente, os fosteristas decidiram entre eles que o assunto estava ficando muito tenso. Escutavam mais e mais rumores de que Cannon, Shachtman e Abern faziam proselitismo do trotskismo entre os membros do partido. Os fosteristas tinham um pânico mortal de que os lovestonistas soubessem de tudo e os acusassem de serem cúmplices. No desespero, expulsaram-nos do encontro conjunto do bloco, e acusaram-nos diante do Comitê Político. Fomos julgados em uma reunião conjunta do Comitê Político e da Comissão Central de Controle. Reportamos o julgamento nas primeiras edições do *The Militant* (O Militante). Naturalmente, foi um julgamento arranjado, mas tivemos um campo completo para fazer vários discursos

e para questionar as testemunhas fosteristas. Mas isto não foi graças à democracia partidária, e sim porque os lovestonistas, que estavam em maioria no Comitê Político, estavam ansiosos por comprometer aos fosteristas. Para atingir seus objetivos, deram-nos uma pequena via livre, e nós a exploramos o máximo possível. O julgamento se prolongava dia após dia – mais e mais líderes partidários e funcionários eram convidados a comparecer –, até que, finalmente, tivemos uma audiência com cerca de cem presentes. Até aí, não havíamos admitido nada. Tínhamos nos limitado a questionar suas testemunhas e a embaraçar e comprometer os fosteristas. Finalmente, quando nos cansamos disto – e, dado que o informe sobre o que estava acontecendo foi difundido por todo o partido –, decidimos atacar. Li para um plenário assustado de funcionários do partido uma nota na qual declarávamos total apoio a Trotski e à oposição russa em todas as questões de princípio, e anunciávamos nossa determinação de lutar por esta linha até o fim.

Fomos expulsos por uma reunião conjunta da Comissão de Controle e do Comitê Político.

No dia seguinte, fizemos circular uma declaração mimeografada em todo o partido. Havíamos antecipado nossa expulsão. Estávamos preparados para isto, e gritamos. Uma semana depois, para consternação deles, golpeamos com a primeira edição do *The Militant*. A cópia havia sido preparada, e havíamos feito um trato com a gráfica enquanto continuava o julgamento. Fomos expulsos em 27 de outubro de 1928. *The Militant* saiu na semana seguinte, como uma edição de novembro, celebrando o aniversário da Revolução Russa, anunciando nosso programa etc. Assim, começou a luta aberta pelo trotskismo norte-americano.

Certamente, não tínhamos no início uma perspectiva muito brilhante. Porém, ganhamos constantemente nas primeiras semanas, e construímos firmemente, desde o princípio, porque começamos corretamente. Rompemos, com uma carga de dinamite, a grande trava do fracionalismo sem princípios no partido. De um só sopro, desembaraçamo-nos de todos os velhos erros das frações do partido norte-americano quando pusemo-nos no terreno de um programa internacionalista principista. Sabíamos com precisão por que brigávamos. Todas as pequenas máquinas organizativas do velho aparato foram abandonadas como um casaco velho. Começávamos o movimento real do bolchevismo neste país, a regeneração do comunismo norte-americano.

A luta não era muito promissora desde o ponto de vista numérico. Os três que haviam assinado a declaração – Abern, Shachtman e eu – nos sentíamos muito sós, caminhando para a minha casa, traçando os

planos para construir um novo partido que tomaria o poder nos Estados Unidos. Os três trabalhávamos na ILD. Fomos demitidos imediatamente, com os salários anteriores não pagos. Não tínhamos dinheiro e não sabíamos como consegui-lo. Planejamos a primeira edição do *The Militant* antes de saber como íamos pagá-lo. Porém, fizemos um trato com a gráfica para que nos desse um crédito por uma edição. Escrevemos a alguns amigos em Chicago, que nos enviaram algum dinheiro, e levantamos o pagamento. Anunciamos, orgulhosamente, que seria publicado duas vezes ao mês, e assim o foi.

Pouco tempo depois de sermos expulsos do partido, descobrimos um grupo de camaradas húngaros que tinham sido expulsos do partido, por várias razões, há um ano ou dois. Independentemente de nós, sem que soubéssemos, entraram em contato com alguns opositores russos que trabalhavam na Amtorg – a agência comercial soviética em Nova Iorque – e se tornaram trotskistas convictos. Eles pareciam, para nós, um exército de 1 milhão de pessoas. Encontramos um pequeno grupo de opositores italianos em Nova Iorque, seguidores de Bordiga, não realmente trotskistas, mas que trabalharam conosco por um tempo. Conduzimos uma batalha bastante enérgica. Respondemos às acusações de forma militante. Começamos a fazer circular materiais novos da oposição russa pelo *The Militant* – a crítica de Trotski ao projeto do programa etc. Logo, podia-se ver o começo da cristalização de uma fração que tinha um futuro diante de si, porque tinha um claro programa principista.

Apesar de ter sido uma pequena fração por um longo tempo, foi uma fração muito convicta, fanática e determinada. Começamos a ganhar adeptos pelo país. Nossa mais importante aquisição veio de Minneapolis. Minneapolis cumpriu um papel importante, não só nas lutas das greves de caminhoneiros, mas também na construção do trotskismo norte-americano. Ganhamos seguidores em Chicago.

Éramos muito deficientes em muitos aspectos. Não havíamos tido tempo, antes de nossa expulsão, para nos comunicar um pouco mais com os companheiros do partido fora de Nova Iorque. A primeira coisa que muitos camaradas no Partido Comunista souberam da nossa posição foi a notícia de que havíamos sido expulsos. As táticas grosseiras da direção do partido nos ajudaram muito. Seu método era percorrer o país propondo em todo comitê e regional uma moção para aprovar a expulsão de Cannon, Shachtman e Abern. Qualquer pessoa que quisesse perguntar e obter mais informações era acusada de ser trotskista e expulsa imediatamente. Isto nos ajudou muitíssimo, pois colocou estes camaradas em uma posição em que podíamos, ao menos, falar com eles.

Em Minnesota, onde tínhamos bons amigos de longa data, o representante da quadrilha lovestonista convocou-os a uma atividade, e solicitou-lhes um voto imediato sobre a moção para aprovar nossa expulsão. Eles se negaram. “Queremos saber o que é isso, queremos escutar o que estes camaradas têm para dizer”. Foram expulsos imediatamente. Eles entraram em contato conosco. Fornecemos a eles material documental, *The Militant* etc. Praticamente todos os que foram expulsos por hesitar nas votações em apoio à nossa expulsão tornaram-se simpatizantes nossos, e a maioria se uniu a nós.

Desde o começo, nós enfatizamos que isso não era simplesmente uma questão de democracia. A questão era o programa do marxismo. Se tivéssemos nos contentado com organizar pessoas em base ao descontentamento com a burocracia, poderíamos ter ganhado mais membros. Estas não são bases suficientes. Porém, usamos a questão da democracia para conseguir uma audiência simpática a nós, e começar, imediatamente, a martelar sobre a justiça do trotskismo em todas as questões políticas.

Vocês podem facilmente imaginar que nossa posição e expulsão foi um tremendo choque para todos os membros do partido. Por anos os haviam ensinados que Trotski foi um menchevique. Ele foi expulso como um “contrarrevolucionário”. Tudo estava de ponta-cabeça. As mentes dos membros mais frágeis estavam cheias de preconceitos contra Trotski e a oposição russa. Depois, como um raio em céu azul, três dirigentes partidários declaram-se trotskistas. Eles são expulsos e, imediatamente, vão a todas as partes onde podem encontrar membros do partido, e dizem: “Trotski tem razão em todas as questões de princípio, e podemos provar”. Esta era uma situação com a qual se enfrentavam muitos bons camaradas. Muitos dos expulsos por hesitar em votar contra nós não queriam deixar o partido. Naquele momento, eles não sabiam nada sobre o trotskismo, e estavam mais ou menos convencidos de que Trotski era um contrarrevolucionário. Porém, a estupidez da burocracia em expulsá-los deu-nos uma oportunidade para falar com eles, provê-los de literatura etc. Isto criou as bases para a primeira consolidação da fração.

Naqueles dias, cada indivíduo apresentava-se como enormemente importante. Se você só tem quatro pessoas para começar uma fração, quando pode encontrar uma quinta pessoa, isto significa 25% de crescimento. Segundo a lenda, o Socialist Labor Party (Partido Operário Socialista), bem nos velhos tempos, fez um jubiloso anúncio de que haviam dobrado seus votos nas eleições no estado do Texas. Resultou que, em vez do seu um voto usual, haviam obtido dois.

Nunca esquecerei o dia em que ganhamos nosso primeiro adepto na Filadélfia. Pouco depois de sermos expulsos, enquanto as vaias e gritos ainda soavam contra nós no partido, houve uma batida à minha porta, e, ali, estava Morgenstern, da Filadélfia, um homem jovem, porém velho “cannonista” nas lutas fracionais. Ele disse: “Soubemos sobre sua expulsão por ser trotskista, mas não acreditamos. Qual é o informe real?” Naqueles dias, não tomávamos nada de qualquer pessoa por moeda boa, a não ser que viesse de nossa própria fração. Lembro até hoje de ir à sala dos fundos, pegar o precioso documento de Trotski de seu esconderijo e dá-lo a Morgie. Ele se sentou na cama e leu o longo documento – era um livro inteiro – do princípio ao fim, sem parar nem uma vez, sem levantar os olhos. Quando terminou, tinha se decidido, e começou a trabalhar nos planos para construir um núcleo na Filadélfia.

Aproximamos outros indivíduos da mesma forma. As ideias de Trotski eram nossas armas. Publicamos a “Crítica” no *The Militant* por partes. Tínhamos só uma cópia, e passou um bom tempo antes que pudéssemos publicá-la em forma de folheto. Por seu tamanho, não podíamos mimeografar. Não tínhamos mimeógrafo próprio, nem tipografia, nem dinheiro. O dinheiro era um problema muito sério. Todos tínhamos sido desprovidos das nossas posições no partido, e não tínhamos renda de nenhum tipo. Estávamos muito ocupados com nossa batalha política para buscar outros trabalhos para sobreviver. Além disso, tínhamos o problema de financiar um movimento político. Não podíamos suportar o custo de uma sede. Só quando completamos um ano, finalmente pudemos alugar uma sede caindo aos pedaços na Terceira Avenida, com o velho “trem aéreo” rugindo nas janelas. Quando completamos dois anos, compramos nosso primeiro mimeógrafo, e então começamos a ir adiante.

## DOSSIÊ

O extrato a seguir corresponde à Parte III do livro de Cannon *A luta por um partido proletário*, escrito por ocasião da disputa fracional com os antidefensistas dentro do SWP, em 1939-1940. A fração antidefensista liderada por Burnham<sup>50</sup> e Shachtman havia começado a polêmica interna com centro na definição do caráter de classe do Estado soviético a partir da assinatura do pacto Hitler-Stalin e as consequências desta definição para o programa da IV Internacional. No entanto, com o desenvolvimento dos debates, as diferenças passaram a abarcar questões de filosofia marxista (a validade ou não da dialética como instrumento de análise da realidade) e, por fim, as questões internas do regime do SWP, caracterizado pelos antidefensistas como “burocrático”.

# A luta por um partido proletário

**James P. Cannon**

## A questão do regime do partido

Nesta seção eu pretendo discutir a questão do “regime” do partido e responder aos argumentos e acusações contidos no fantástico documento “winchelliano”<sup>51</sup>, chamado “A guerra e o conservadorismo burocrático”. Eu devo afirmar no início, em justiça a Winchell, que ele alcançou sua reputação de fofoqueiro por uma atitude mais ou menos cautelosa em relação à precisão das informações que publica. A coluna de fofocas da oposição não faz esta distinção. Eu peguei o texto para uma leitura crítica, caneta na mão, com a intenção de marcar os pontos importantes. Logo deixei de lado a caneta, pois percebi que estava marcando quase todas as linhas de todas as páginas.

Em todo o documento, de aproximadamente 25.000 palavras, não há um único parágrafo honesto. Os incidentes que são reportados corretamente são contados pela metade. Aqueles que são reportados por inteiro e corretamente são mal entendidos. Suspeitas e preconceitos são dados como fatos consumados e apimentados por muitos detalhes falsos. Tudo que aconteceu no período que eles relatam é

50 James Burnham (1905-1987) foi um importante dirigente e teórico do SWP, tendo encabeçado, junto com Max Shachtman, a fração antidefensista neste partido. Rompeu com o marxismo durante a Segunda Guerra Mundial e passou a trabalhar para o Escritório de Serviços Estratégicos (OSS) do governo norte-americano, uma espécie de precursor da Agência Central de Inteligência (CIA). Em 1983 Ronald Reagan concedeu-lhe a Medalha Presidencial da Liberdade, por serviços prestados à nação. (Nota da edição brasileira)

51 Walter Winchell (1897-1972) foi um jornalista norte-americano, considerado o inventor da coluna social e conhecido por suas fofocas, piadas e comentários.

distorcido tendenciosamente e mal interpretado, e os fatos e incidentes mais importantes não são mencionados. Todo o texto é desonesto do começo ao fim – um produto típico do talento político pequeno-burguês que responde a argumentos de princípio com falsificações, pequenas reclamações, acusações pessoais e porções de fofocas.

O bolchevismo não foi o único movimento político honesto dos tempos modernos apenas pela superioridade moral dos bolcheviques – esta é incontestável –, mas também porque, como os únicos marxistas autênticos de nosso tempo, só eles interpretaram corretamente e defenderam os interesses imediatos e históricos dos trabalhadores em sua luta pela emancipação. Não há contradição entre as teorias e políticas dos bolcheviques e os interesses dos trabalhadores e de seu partido de vanguarda: eles podem falar a verdade – toda a verdade. Eles não tem necessidade da mentira e da falsificação, das meias verdades, das distorções e subterfúgios que são característicos dos políticos pequeno-burgueses de todos os tipos.

Ao contrário do método dos marxistas, que sempre colocam as questões políticas primeiro e subordinam as questões organizativas a elas, nossa oposição pequeno-burguesa, como todos os grupos pequeno-burgueses, dedicam todo o peso de seus argumentos à crítica do regime partidário, isto é, à direção e seu “método” de conduzir o partido. Foi esta questão – e não a questão russa – que unificou a liderança do bloco de oposição, e é indubitável que a maior parte de seus apoiadores (que são, predominantemente, elementos pequeno-burgueses com pouca experiência política) foram recrutados para a fração pelos argumentos centrados nas questões do regime.

Tais questões, no melhor dos casos, são secundárias em relação aos assuntos teóricos e políticos em disputa e devem ser subordinadas a eles na discussão. Seria um absurdo para nós, no início da discussão, perder tempo respondendo essas ninharias. No entanto, agora que as questões fundamentais foram bem esclarecidas, é hora de responder às questões secundárias para dar aos críticos opositoristas a resposta que eles exigiram tão insistentemente. Neste campo, também há alguma coisa a aprender. Primeiro, é preciso diferenciar os fatos da ficção; segundo, diferenciar os pontos importantes dos incidentes triviais que são aumentados; e terceiro, entender a relação entre os desacordos nestes pontos e nosso conflito com o bloco de oposição nas questões fundamentais.

Se separarmos a grande quantidade de material que a oposição dedicou ao regime, tentando classificar as várias reclamações, sofrimentos e críticas, e colocarmos cada um na pilha adequada, chegaremos a que acusam o regime do partido do seguinte:

1. O regime (a direção) é conservadora em sua política;
2. É burocrática em seus métodos;
3. O grupo da atual direção (a maioria do Comitê Nacional) é na realidade dominado por uma “camarilha” que se coloca acima do comitê e dirige o partido de um modo irregular e ilegal;
4. A “camarilha”, no entanto, tem seu próprio “culto à personalidade” e é dominada por uma única pessoa, sendo os outros meros “levantadores de mão”.
5. A única pessoa que está acima da “camarilha” e acima do comitê e que exerce uma “liderança de um só homem” no partido é Cannon.

Eles me colocam no topo de uma pirâmide não existente. A primeira necessidade é descer à terra. Deste ponto de vista, não é difícil responder todos os pontos mais importantes da acusação e explicar a situação da direção do partido em termos reais. Se, ao fazer isso, eu devo assumir a tarefa não muito agradável de falar muito sobre mim mesmo e sobre o papel que tive ou onde falhei ao longo de minha trajetória no partido, os camaradas devem entender que só o faço porque a questão foi colocada de forma pessoal. Não me esquivarei nem das acusações pessoais, nem as deixarei sem resposta. Não temos motivo para fugir de qualquer coisa porque toda a verdade e tudo o que é correto está ao nosso lado. Nossos erros e nossas falhas, que foram muitas, mal são tocadas na crítica da oposição. Seu ataque é dirigido a nossos méritos, não a nossos erros.

A maioria das críticas cobre todo o período de existência do partido, desde a convenção de Chicago, mais de dois anos atrás. Em suas elaborações, eles atribuem a responsabilidade por tudo que foi feito ou não foi feito à atual maioria do Comitê Nacional, ou, como eles dizem, “o regime de Cannon”. Mas ninguém foi capaz de descobrir qualquer grande diferença entre os métodos do regime partidário dos últimos dois anos e os métodos aplicados em todos os anos anteriores, desde o início de nosso movimento. Os opositoristas nem tentam fazer tal distinção. É a história toda que está sendo atacada. A questão do regime, diz Abern em sua carta a Trotski, “nunca foi resolvida satisfatoriamente durante todos esses anos”. E Johnson, o historiador lírico de nosso movimento, que não viu nada e sabe de tudo, escreve: “Por dez anos Cannon exerceu a direção”. (Se Johnson, suponhamos, se refere a toda a história do movimento da Quarta Internacional na América do Norte, dever-se-ia notar que ela começou não há dez anos, mas há onze anos e meio).

Visto que estou longe de repudiar a história destes onze anos e meio; visto que considero que de conjunto foi uma história positiva;

visto que, para falar francamente, eu acredito que nosso partido, tendo como modelo o partido bolchevique russo, foi construído muito firmemente e está mais próximo do que qualquer outro do padrão de seu grande protótipo (“É o segundo partido na história que se construiu com linhas bolcheviques”, diz o inefável Johnson); visto que eu tenho essas opiniões sobre nosso trabalho e nossas conquistas nesses onze anos e meio, eu não tenho nenhum motivo para fugir de qualquer parte de responsabilidade que possa ser imputada a mim. Mas é historicamente impreciso e prejudicial ao real entendimento da disputa atual na direção do partido, que tem suas raízes no passado, atribuir a mim todo o crédito, ou, se quiser, toda a culpa. Muitas pessoas contribuíram para a construção do partido. Nenhum partido na história foi mais democrático, mais isento da compulsão do aparato ou de restrições de qualquer tipo do que o nosso. Nesta atmosfera democrática, nosso movimento se desenvolveu como um organismo social, no qual muitas forças diferentes, tendências e indivíduos tiveram a oportunidade total de revelar suas reais qualidades e fazer suas contribuições ao desenvolvimento do partido e à formação de seu quadro dirigente.

Mas nosso partido, assim como qualquer outro, não pode escapar da influência e pressão do ambiente hostil de classe. Desde o começo de nosso movimento, esta pressão se expressou de forma mais ou menos acentuada na luta das tendências dentro de nosso partido. Nosso partido não tem sido um partido bolchevique homogêneo, como o superficial Johnson afirma, mas uma organização que luta para atingir o nível do bolchevismo e passou todo o tempo por contradições internas. A luta interna atual é simplesmente o ápice desta longa luta interna de tendência antagônicas.

A direção do partido (o regime) nunca, desde o começo, foi monopolizada por uma única pessoa ou mesmo por uma única tendência. Em momentos de luta fracional aberta, a maioria sempre dependeu da minoria em um grau ou outro, e foi obrigada a dividir responsabilidades com ela. Em tempos de paz, a direção central não recaiu sobre uma única pessoa, mas sobre um grupo de indivíduos de diferentes tipos com pontos tanto de acordo, quanto de conflito entre eles. O equilíbrio nesta direção, nunca muito estável, se apoiava continuamente no compromisso mútuo e nas concessões.

O “regime” partidário desde a convenção de Chicago – mais precisamente, desde 1935 – não foi representado por um único grupo harmonioso e homogêneo, mas sim por uma coligação instável. Na falta de uma completa maturidade política das diferenças, esta coligação se manteve, apesar de fricções internas consideráveis. Rompeu apenas

quando as tendências inerentes de suas partes componentes foram obrigadas a se revelar sob a pressão da guerra que se aproxima<sup>52</sup>. A fricção, a instabilidade, os desacordos e conflitos apenas ocasionalmente viraram luta aberta, e foram muito frequentemente resolvidos com compromissos mútuos e concessões. Esta situação é que o líderes da oposição agora tentam explicar retroativamente como sendo o resultado de maquinações de uma “camarilha” secreta. Na realidade, tudo isto simplesmente demonstra, por um lado, a falta de homogeneidade no Comitê Nacional, e por outro, o fato de que diferenças fundamentais na orientação geral ainda não tinham sido definitivamente estabelecidas. Foi necessária a pressão da crise engendrada pela guerra que se aproxima para revelar com clareza total a fisionomia política dos grupos e dos indivíduos da coligação da direção. Isto se demonstra no desenvolvimento gradual e longo do conflito antes deste explodir na luta fracional aberta atual.

É justamente em momentos de crise que o verdadeiro caráter de um líder aparece mais claramente. Mas estas qualidades inerentes do indivíduo frequentemente se deixam vislumbrar antes, e são normalmente observadas por aqueles que estão em condições de ver as coisas de perto, da forma como elas se desenvolvem no dia a dia durante um longo período. Este foi o caso com os representantes dos dois campos envolvidos na disputa atual, e não nos pegou de surpresa. Os líderes dos dois campos não chegaram às suas posições atuais por acidente. Nem as duas tendências antagônicas nas fileiras do partido – a proletária e a pequeno-burguesa – se organizam em torno às frações em disputa na direção do partido sem um profundo sentimento instintivo sobre qual era para eles, em cada caso, o alinhamento necessário. A polarização na direção produziu quase que imediatamente uma polarização similar nas fileiras do partido. Cada fração na agora dividida direção do partido atraiu para si os indivíduos cujas tendências inerentes elas representam melhor.

Podemos dizer que a direção, que agora rompeu em frações, foi consolidada na convenção da primavera de 1936, na luta contra o bloco de Muste e Abern e contra o sectarismo de Oehler<sup>53</sup>. Durante todo o período de nosso trabalho no Partido Socialista, quer dizer, por um ano inteiro, eu estive, como sabem, ausente do centro, pois estava na Califórnia. A organização e a direção política de nossa fração no PS es-

52 Refere-se à Segunda Guerra Mundial. (Nota da edição brasileira)

53 Edward Hugo Oehler (1903 – 1983) foi um dirigente da Liga Comunista da América (antecessora do SWP) que combateu a tática de entrismo no PS, preconizada por Trotski nos anos 1930. (Nota da edição brasileira)

teve nas mãos da atual minoria, principalmente de Burnham e Shachtman. É verdade que eu tentei participar desta direção através de correspondência, mas sem muito sucesso. Foi durante este período que os dirigentes da oposição atual mostraram pela primeira vez a sua abominável e intolerável concepção burocrática de direção, como uma função que cabe exclusivamente às pessoas da sede central. Minhas críticas e propostas “de longe” tiveram pouca consideração.

Minha estada na Califórnia, minhas relações pessoais com os camaradas de lá e minha colaboração com eles em um trabalho político e propagandístico frutífero e na atividade sindical serão sempre uma boa lembrança. Ao mesmo tempo – devo dizer –, minhas tentativas inúteis de participar por correspondência no trabalho do centro em Nova Iorque; minha inabilidade de conseguir deles o menor sinal de entendimento ou consideração ou ajuda camarada para as pesadas tarefas que assumimos na Califórnia; sua falta de atenção insensível e burocrática às nossas oportunidades, problemas e dificuldades locais; sua visão estreita; sua direção de gabinete; sua hostilidade à publicação do *Labor Action* (Ação Operária); sua sabotagem desta atividade e sua tentativa até mesmo de interpretar tais esforços como uma “manobra” contra eles – tudo isto é, talvez, a experiência mais enfiadora de toda minha atividade no movimento revolucionário. Eu não posso lembrar-me disto até hoje sem um amargo ressentimento.

As pessoas que estavam na direção central em Nova Iorque naqueles dias me ensinaram uma lição inesquecível sobre como não dirigir as atividades da frente de ação a partir do escritório. Eu entendo como os camaradas do setor automotivo se sentiram quando encontraram a mesma atitude por parte do “escritório” durante a sua luta. Eu entendo agora sua raiva porque vivi isso. Abaixo os dirigentes de escritório! Para o inferno com a direção de escritório! Não se pode construir um movimento proletário a partir de um escritório!

A grosso modo, ainda que não somente, a crítica concreta da oposição é dirigida ao “regime” que foi formalmente constituído na convenção de Chicago (dezembro de 1937 – janeiro de 1938) e que continuou predominando na direção até a segunda convenção em julho último. Muito bem, de quem era o regime?

Esta questão, que não é secundária, deve ter sido percebida pelos dirigentes da oposição quando terminaram de escrever sua acusação. Depois de demonstrar em inúmeras páginas de calúnias um quadro terrível da fraqueza do partido, de seu mau e falhas e colocar toda a responsabilidade sobre o “regime partidário”, e portanto sobre “Canon”, eles de repente e inesperadamente se lembraram que o quadro

é um pouco parcial. Eles colocaram uma observação entre parênteses: “Para terminar, nós não culpamos Cannon por todos os males do partido”. Naturalmente, eu agradeço este gesto generoso “para terminar”. Mas o quadro real estará mais claro, será melhor representativo da realidade, se alguns detalhes concretos forem acrescentados.

O Comitê Político que foi responsável pela direção do partido durante todo aquele período era formado por seis membros da oposição atual – mais Cannon. Os outros membros eram Burnham, Shachtman, Abern, Widick, McKinney e Gould. Terá a história do movimento operário internacional oferecido em algum lugar uma situação mais bizarra do que seis em sete membros de um comitê deliberativo – todos eles “líderes”, segundo eles próprios – reclamando sobre os métodos de atuação do comitê e culpando o sétimo membro? O que estavam fazendo os nobres seis membros enquanto o sétimo membro estava levando o partido para o abismo? Cannon tinha mais de um voto? Foi decidido qualquer coisa, ou poderia ser decidido sem acordo deles? Foram tomadas decisões, lançadas declarações, dada qualquer orientação política, alguém expulso sem seus votos? Foi alguém, em qualquer lugar, a qualquer hora indicado ou removido do terrível “aparato” sem sua aprovação? Deixem eles se esquivarem o quanto quiserem, eles não podem fugir do fato de que o Comitê Político, o “regime” sobre o qual estão reclamando, era *seu* Comitê Político – mais Cannon.

Mais ainda, em pelo menos um terço do tempo eu estava ausente de Nova Iorque, em viagens às regionais ou ao exterior. Talvez durante estes intervalos, os seis cavalheiros, livres da influência de qualquer Svengali<sup>54</sup>, tenham introduzido mudanças radicais no funcionamento do comitê? Substituído as políticas “conservadoras” por políticas mais “progressivas”? Eliminadas práticas burocráticas? Não, estes eram justamente os períodos em que as coisas iam de mal a pior.

Em uma destas ocasiões o Comitê Político emancipado reinterpretou nossa política partidária em Nova Iorque de forma que pudéssemos apoiar candidatos do American Labor Party (ALP – Partido Trabalhista Americano), apesar deste ser apoiado por partidos capitalistas. A minuta do Comitê Político de 23 de setembro de 1938 diz: “Damos apoio crítico específico para todos os candidatos independentes do ALP, independentemente de se tais candidatos também receberam apoio de outros partidos ou grupos”. Esta política, elaborada por Burnham, te-

54 Svengali: Uma pessoa que exerce um poder de controle ou hipnótico sobre outra, especialmente para um propósito macabro. O termo deriva do romance de George du Maurier *Trilby*, de 1894, no qual Svengali é um professor de música que tem a habilidade de hipnotizar as pessoas e consegue com isso manipular a jovem Trilby, uma modelo que se torna assim uma cantora de sucesso.

ria nos obrigado a apoiar LaGuardia (um membro filiado do American Labor Party), dado razão ao bloco Thomas-Altman em nossa discussão e ruptura com eles justamente sobre o mesmo assunto, e desviado o partido da linha de *classe* de apoiar o Partido Trabalhista apenas nos casos em que este fosse uma expressão da independência política de classe. Esta posição absolutamente insustentável foi mudada por minha iniciativa, com o apoio de Shachtman, depois de nosso retorno do congresso da Internacional.

Em outra ocasião, durante minha estada na Europa, eles provocaram a monstruosa crise do setor automotivo, um incidente único em toda a história de nosso movimento, na medida em que combinava inépcia política com procedimentos burocráticos, cada qual no mais alto grau.

O fiasco da crise do setor automotivo selou o destino do comitê. Burnham e Shachtman tentaram se compensar pelas feridas infligidas em sua vaidade pelo setor automotivo preparando uma intriga contra mim. Eles começaram a espalhar, pela primeira vez, o boato sobre a existência da “camarilha de Cannon”, cujos membros não tinham “respeito” pelo Comitê Político. O comitê como um todo caiu na paralisia permanente, perdeu sua autoridade e já não mais se justificava ou tinha direito de existir. O golpe aplicado nele pela reunião plenária do Comitê Nacional depois da convenção foi de fato um “golpe de misericórdia”.

A história mostra que a atual maioria no Comitê Nacional não era unicamente, nem mesmo primariamente, responsável pelo regime partidário desde a convenção de Chicago até a convenção de julho em Nova Iorque; que isso também vale para o Comitê Político interino que existiu entre a convenção de julho e a reunião plenária do Comitê Nacional de outubro. Foi só na reunião plenária do Comitê Nacional de outubro, quando a divergência fundamental sobre a questão russa foi colocada às claras, que o Comitê Político foi reorganizado e a maioria atual do Comitê Nacional assumiu total responsabilidade por sua composição.

Aconteceu que, durante todo o período desde a convenção de Chicago até a reunião plenária do Comitê Nacional de outubro passado, a minoria atual era a maioria no corpo dirigente do partido. Certamente, este pequeno detalhe deve ser levado em conta ao avaliarmos as críticas que foram dirigidas ao regime partidário. Para ser claro, os membros da maioria, e eu pessoalmente, admitimos parte da responsabilidade. Na medida em que a atual minoria – ou uma parte dela – apoiou nossas propostas e nossos métodos – ou nós os deles –, nós assumimos totalmente a responsabilidade e de forma alguma negamos isso. Ninguém nos manipulou. Cada membro da atual minoria pode fugir da responsabilidade por suas ações e renegar a si mesmo o quanto quiser.

Quanto a nós, não renegamos nada que foi feito com nossa participação e aprovação.

### **“Conservadorismo”**

A tentativa de Burnham, o expoente da “política experimental”, de definir o regime partidário como conservador e elevar a questão do conservadorismo a um princípio político contribui apenas para confundir a discussão partidária. Diferentes significados podem ser dados a esta palavra, nem todos eles pejorativos em certas situações. A substituição da terminologia precisa do marxismo ao descrever grupos e tendências e suas bases e características de classe por tais termos gerais, desprovido de conteúdo de classe e de significado político de classe, não ajuda a esclarecer as divergências e a educar o partido. Ser conservador, isto é, ficar parado quando há boas oportunidades de avançar, é sem dúvida um erro. Por outro lado, permanecer em seu lugar quando outros estão recuando é uma virtude que não pode ser desprezada. Este tipo de “conservadorismo”, que nós mostramos permanecendo firmes com os princípios básicos do marxismo e o programa da Quarta Internacional, enquanto outros estão fugindo deles, foi adequadamente caracterizado como necessário para a preservação do partido.

Se o conservadorismo for definido como uma tendência à rotina, à preguiça, à lentidão em perceber as oportunidades para avançar e hesitação em agarrar estas oportunidades – neste sentido, não se pode negar que nosso movimento como um todo – e o “regime” junto com isso – nunca esteve livre de tal pecado. Tais tendências são inerentes a qualquer grupo que tem uma origem “sectária” e é obrigado pelas circunstâncias a ficar um longo tempo isolado. Muitas seções da Quarta Internacional foram vítimas desta doença a tal ponto de se desintegrarem.

Em qualquer grupo isolado há uma tendência muito forte em se consolar com a repetição monótona da adesão aos grandes princípios, sem buscar as formas, os meios e as novas oportunidades para aplicá-los. Isto se expressou em sua plenitude em nosso movimento internacional como um todo, e também na seção americana, na resistência dos agrupamentos sectários ao famoso “giro francês”<sup>55</sup> e em geral na passagem do trabalho de propaganda para o trabalho entre as massas.

55 “Giro francês” foi o nome que recebeu a tática dos trotskistas franceses em 1936 de entrar no Partido Socialista para travar em seu interior uma batalha por ganhar os setores mais dinâmicos e à esquerda para romper em seguida e construir seu próprio partido. A tática obteve êxito e se repetiu em outros países durante a década de 1930.

Este tipo de conservadorismo se expressou na tendência à qual todos nós mais ou menos sucumbimos nos duros anos de isolamento: a rotina, a apatia, a cautela exagerada e a tendência a se satisfazer com conquistas extremamente modestas. Não há dúvidas de que a atual maioria também está sujeita a críticas justificadas neste quesito. Eu acredito que se mostrássemos mais energia, mais iniciativa, mais ousadia, nós poderíamos talvez ser duas vezes maiores numericamente do que somos hoje e estarmos numa melhor situação para avançar. Devemos honestamente reconhecer esses defeitos e buscar superá-los. Eu duvido, no entanto, que nossa minoria pode nos ajudar. O que nós precisamos não é tanto de conhecimento das regras, mas da inspiração por meio do exemplo. Este é sempre o ponto fraco deles. Eles são mais faladores que realizadores. Diferente dos bolcheviques de Lenin, eles não combinam as palavras com a ação.

Eu disse que todos nós, incluindo a maioria, demonstramos energia, iniciativa etc. insuficiente. Por isso reconhecemos que não somos bolcheviques em nossos hábitos e práticas, mas estamos apenas lutando para nos tornarmos. Desleixo e frouxidão são traços mencheviques. Mas nossa teoria, o marxismo, é a única teoria revolucionária no mundo, e não há nada de conservador nisso. Podemos ser acusados de ser conservadores em nossa política, isto é, na *aplicação* de nossos princípios teóricos? Eu não acredito que nossa história justifique tal acusação. A essência da política é entender uma dada situação, saber o que é possível e o que não é, e acima de tudo, saber o que fazer, e fazê-lo.

No primeiro período do movimento trotskista na América, quando nós éramos um grupinho isolado contra o mundo, nós deliberadamente nos restringimos ao trabalho de propaganda e evitamos qualquer tipo de manobras pretensiosas ou atividades além de nossa capacidade. Nossa primeira tarefa, como nós a víamos (e corretamente), era construir quadros. Só então poderíamos ir para as massas. Os velhos podem recordar como éramos provocados naquele início por agitadores como Weisbord<sup>56</sup>, que nos prometiam atalhos para o movimento de massas com a condição de que abandonássemos nossa rotina propagandística “conservadora”, substituíssemos as modestas tarefas que tínhamos nos colocado por um grandioso programa de atividades, e, em geral, fizéssemos um “trabalho de massas” – como se fosse uma simples questão de decidir. Algumas das agitações históricas de nossa minoria atual são re-

56 Albert Weisbord (1900-1977) foi um sindicalista e ativista político que em 1926 dirigiu a greve dos trabalhadores têxteis de Passaic, em Nova Jersey, e que, em 1931, depois de romper com o trotskismo, fundou com sua esposa um grupo independente chamado Liga Comunista de Luta, que existiu até 1937.

miniscências da tagarelice deste estilo revolucionário. Ao nos mantermos em nossa modesta tarefa propagandística, recrutamos quadros em base aos princípios fundamentais. No período seguinte, quando se abriram novas oportunidades, nós estávamos preparados para um giro decisivo rumo a uma atividade mais expansiva no movimento de massas. Quanto a Weisbord, que tinha se esgotado com sua agitação neste meio tempo, ficou à margem.

Perdemos algumas oportunidades para a aplicação da nova orientação em relação ao trabalho de massas? Certamente que sim. Exceto por algumas localidades, deixamos o grande movimento da CIO<sup>57</sup> passar por nós. Mas agarramos algumas das principais oportunidades. No momento em que o movimento Muste<sup>58</sup> começou a tomar forma como uma organização política, nos aproximamos dele para uma fusão e fizemos isso com sucesso. Em uma única operação, limpamos um obstáculo centrista do caminho e aumentamos nossas próprias forças. Quando a situação do Partido Socialista ofereceu oportunidades favoráveis para nossa intervenção, nós seguimos de forma determinada em direção a isso, acabamos com a resistência dos sectários em nossas próprias fileiras, entramos no Partido Socialista e realizamos uma fusão com a sua ala esquerda. Nós aproveitamos oportunidades de nos inserir no movimento sindical em diversas localidades e indústrias, e hoje temos bases proletárias firmes do partido nesses locais.

O núcleo central da atual maioria esteve à frente de todas essas iniciativas progressivas. Esta história não pode ser descrita como conservadora. Ao contrário. Devemos admitir que ainda não fizemos o suficiente na tarefa mais básica de todas: a inserção no movimento sindical. Mas o que foi feito neste campo foi feito quase que na totalidade por nós. Isto fala não apenas de nossa linha política dinâmica e progressiva, mas também – e o que é ainda mais importante – de nossa *orientação proletária*. São justamente os membros pequeno-burgueses do partido, principalmente a camarilha de Abern, agora gritando com toda força contra nosso “conservadorismo”, que mostrou desde o começo as tendências mais conservadoras e a maior aversão à participação real no turbulento movimento de massas dos trabalhadores.

A oposição, seguindo Burnham, começou a nos chamar de conservadores apenas quando nos recusamos a aceitar a revisão do progra-

57 Sigla em inglês para Confederação de Trabalhadores Industriais.

58 Abraham Johannes Muste (1885-1967) foi um pastor e dirigente do Partido Operário Americano, um grupo centrista com o qual a Liga Comunista da América se fundiu em 1934 para dar origem ao Partido Operário. (Nota da edição brasileira)

ma da Quarta Internacional sobre questão russa depois da assinatura do pacto Hitler-Stalin, quando, ao contrário, reafirmamos nossa posição fundamental. Tudo se resume a isto. Disso eles interpretam uma tendência conservadora em todo nosso passado histórico. Eles também criticam duramente nossa atitude de nos apegarmos duramente aos conceitos fundamentais do marxismo – a teoria sobre o caráter de classe do Estado, o critério de classe na avaliação de todas as questões políticas, a concepção de política – incluindo a guerra – como a expressão de interesses de classe e assim por diante. De tudo isto eles concluem que nós somos “conservadores” por natureza e estendem este epíteto para encobrir tudo o que fizemos no passado.

Tal “conservadorismo”, que eles consideram um erro, nós achamos que é uma virtude. Nós queremos nos “segurar” firmemente a esses princípios que foram aprovados no teste dos maiores eventos históricos, e que em nosso ponto de vista constituem o único programa da libertação proletária. Nós examinamos cuidadosamente as alternativas oferecidas a nós por Burnham. Elas não são produtos de sua própria fábrica. Ele não é o inventor de nada. As ofertas de Burnham são coisas de péssima qualidade e se você as verifica de perto, verá em cada item a marca de outra classe. Burnham é apenas o vendedor de uma loja de usados que são oferecidos para os trabalhadores todo o tempo pelos ideólogos da burguesia, e sempre em detrimento de sua luta. Não queremos isto. Nós ficamos com nosso próprio programa. Não aceitamos alternativas. Se isto é ser conservador, que seja.

### **“Burocratismo”**

Em todos os documentos e discursos da oposição, a direção do partido é apresentada como burocrática no pior sentido do termo. Mais precisamente, o regime do partido é descrito – às vezes por insinuação, às vezes aberta e diretamente – como de caráter stalinista. Burnham, que nega a inevitabilidade do socialismo, está ainda assim convencido de que o stalinismo se desenvolve “inevitavelmente” do bolchevismo. Desse ponto de vista, ele nos acusa, em nome da moralidade supra-classes, de sermos “um grupo cínico de burocratas medíocres” que constitui “a camarilha corrompida de Cannon” (“Ciência e estilo”). E Johnson, que aprendeu tudo sobre bolchevismo e stalinismo com Souvarine<sup>59</sup>, garante ao partido que: “Ele [Cannon] está mostrando de forma clara as concepções stalinistas de luta e disciplina partidária que ele trouxe

59 Boris Souvarine (1895-1984), dirigente comunista francês de origem russa. Foi próximo a Trotski e à Oposição de Esquerda durante certo tempo, desenvolvendo mais tarde posições reformistas. (Nota da edição brasileira)

com ele da Terceira Internacional para a Quarta”. O longo documento sobre “A guerra e o conservadorismo burocrático” foi escrito para demonstrar esta tese fundamental da oposição: o regime do partido é stalinista em caráter.

O argumento não é novo. Todas as oposições em nosso movimento, desde seu surgimento há mais de uma década atrás, cantavam a mesma canção e sempre atraíram apoiadores sobre esta base, como a oposição atual o faz. Por quê? A explicação é simples.

O stalinismo não desorientou só seus apoiadores, mas também seus oponentes em um grau considerável. Muitos deles veem no stalinismo apenas métodos ruins. Eles não enxergam que os métodos ruins estão a serviço de um agrupamento social privilegiado e de uma política anti-proletária. Para as vítimas desta visão superficial do stalinismo, nunca faltam – pelo menos até agora nunca faltaram – demagogos inescrupulosos para explorar seus preconceitos e gritar “stalinismo” quando ficam sem argumentos teóricos ou políticos. Shachtman, junto com Abern, tiveram este papel demagogo nos anos iniciais da Oposição de Esquerda nos Estados Unidos, antes mesmo de nosso pequeno movimento ter um “aparato”, para não falar de uma camada privilegiada controlando o aparato. Em 1935, no entanto, Shachtman estava ao lado de “Stalin-Cannon” na luta para entrar no Partido Socialista, e o discurso “antistalinista” foi dirigido contra *ele*, como principal representante do “regime” partidário. Então, em sua defesa, Shachtman – sempre muito sensível em relação a qualquer coisa que o toque pessoalmente – pensou melhor a matéria e submeteu a acusação de “stalinismo” a uma análise. Essa análise é boa para citar aqui. Nem o regime nem os velhos argumentos lançados contra ele mudaram em qualquer parte fundamental desde que Shachtman respondeu estando do outro lado da questão.

No artigo intitulado “A questão dos métodos de organização”, assinado por Shachtman, com data de 30 de julho de 1935 e publicado no *Boletim Interno nº 1* do Partido Operário, ele responde à acusação de “stalinista” da seguinte forma:

Mas por acaso (argumentam alguns hoje) Lenin não abriu uma luta contra Stalin somente por causa dos métodos organizativos deste ultimo, sua rudeza e deslealdade, e propôs neste marco tirá-lo de seu posto? À esta referência é acrescentada uma insinuação de que nós aqui somos uma burocracia similar, com métodos similares, contra quem se deve lutar sem piedade como Lenin e Trotski lutaram contra Stalin.

A analogia não se sustenta porque falta uma perna para se apoiar. É das coisas mais superficiais e se revela falsa para entender o problema da burocracia stalinista e a atitude de Lenin em relação à sua figura central. 1) Não é verdade que Lenin se opôs a Stalin somente no campo organizativo. O famoso testa-

mento tem um prefácio com uma observação significativa de que a direção do proletariado é baseada na colaboração de duas classes. Isto cria o ambiente para o crescimento da burocracia soviética. Esta burocracia, no período de sua degeneração, no marco de um capitalismo constantemente se reproduzindo, representa a pressão de classes alheias. Por causa disto, *a burocracia tende cada vez mais a atacar o núcleo proletário do país; mostra um crescente desprezo por esse núcleo e uma inclinação crescente em apoiar-se nas classes inimigas.* Stalin era a personificação desta tendência burocrática. Se o testamento for lido junto com os artigos e cartas que Lenin escreveu pouco antes de sua morte, a relação política e de classe fica evidente. Se nada se aprende do testamento além de que “Stalin é rude, remova-o!”, então de fato não se entendeu nada. 2) *A burocracia na União Soviética é um fenômeno social.* Tem raízes profundas no desenvolvimento histórico passado e presente da Rússia. Tem relações de classe. Tem um tremendo poder material e intelectual à sua disposição – poder de corromper, de degenerar, de minar por baixo a base proletária do país. Falar de nossa pobre pequena “burocracia” no Workers Party – ou qualquer regional deste – no mesmo nível da burocracia stalinista pode ser permitido apenas no terreno do infantilismo político.

A citação merece ser estudada pelos camaradas do partido que querem pesquisar a fundo sobre este “stalinismo” sem fundamento no regime de nosso partido. O parágrafo todo deve ser estudado linha por linha, palavra por palavra. Eu selecionei um par de frases especialmente importantes. “A burocracia tende cada vez mais a atacar o núcleo proletário do país”. Esta é uma característica universal de qualquer burocracia privilegiada. É justamente para garantir seus interesses especiais privilegiados, contra os interesses da massa proletária, que toda burocracia se junta de uma forma ou de outra “com as classes inimigas”. Como Shachtman diz adequadamente, se “apóia” nas classes inimigas e “ataca” o proletariado. Para avançar nesta política, contra os interesses e contra as vontades das massas proletárias, a formação burocrática de grupos privilegiados e métodos burocráticos se torna necessária. Não é verdade apenas na burocracia stalinista; é verdade também na burocracia sindical, na burocracia dos partidos da Segunda Internacional e em todas as organizações operárias reformistas.

Agora quero fazer duas perguntas aos dirigentes da oposição:

1) Onde e quando o regime em nosso partido “atacou” o meio proletário? Digam um local ou uma célula sindical que reclamou na discussão de um tratamento burocrático pela direção do partido. Em toda a discussão, com seus volumosos documentos e inumeráveis discursos, não demonstraram um único caso *até agora no que diz respeito à atual maioria do Comitê Nacional.*

O ar foi contaminado com as reclamações individuais dos líderes da fração pequeno-burguesa. Deus, como eles sofreram! Mas nenhuma palavra de reclamação veio do “meio proletário” do partido. De todos

os cantos do país, durante a discussão, eu recebi cartas dos companheiros de base pedindo “informação” sobre o burocratismo no partido, mas nenhum deles se voluntariou para dar alguma informação. Um bicho estranho, este burocratismo, como uma vaca roxa: todo mundo ouve falar, mas ninguém vê. Ninguém, quer dizer, exceto intelectuais pequeno-burgueses, semi-intelectuais e os que gostariam de ser intelectuais, que aumentam alguns problemas sofridos individualmente, transformando-os em um ataque assassino de baionetas voltadas contra a base do partido.

Eu afirmo que o burocratismo – no sentido estrito da palavra – não é conhecido em nosso partido. Alguns de nossos melhores amigos, ouvindo estas acusações estúpidas e venenosas repetidas várias vezes e raciocinando que “onde há fumaça, há fogo”, devem estar pensando: “Talvez um pouco de autocrítica deva ser feita aqui”. *Não sobre este ponto!* A maioria proletária do Comitê Nacional cometeu muitos erros políticos e tem pecados para assumir; tem que admitir um bom bocado de ineficiência, que negligenciou oportunidades, que faltou com a disciplina etc. Mas condução burocrática das regionais do partido ou das frentes sindicais – *nunca, jamais!*

Praticamente todos os setores operários do partido apoiam a maioria! A maioria dos trabalhos sindicais do partido, de costa a costa, com a única exceção de um par de comitês de colarinho branco em Nova Iorque, apoiam a maioria unanimemente, ou quase unanimemente. Isto não é por acaso. O burocratismo golpeia, antes e acima de tudo, as regionais proletárias de qualquer organização; o burocratismo “ataca o núcleo proletário”. Se os setores proletários do partido instintivamente se voltaram para a maioria e repeliram a oposição desde o primeiro dia da discussão, é porque, entre outros motivos, eles são mais sensíveis a qualquer manifestação concreta de burocratismo. É porque eles julgam a “questão da organização” não pelo que eles leem nos pesados documentos, e menos ainda por aquilo que alguém cochicha em seu ouvido, mas pelo que eles veem e percebem de suas próprias experiências com a direção do partido e seus diferentes setores.

2) Srs. Abern, Burnham e Shachtman, vocês chamam o aparato do partido de burocracia. Depois, vão além e descrevem o regime como tendo um caráter “stalinista”. Muito bem, senhores. Digam-nos, por favor, qual é a base social desta burocracia “stalinista” na seção norte-americana da Quarta Internacional? Quais são seus privilégios? Onde se manifestou sua “inclinação em se apoiar nas classes inimigas? Quais classes? Que interesses especiais tem a servir que a obriga a “atacar o núcleo proletário”? Shachtman, em 1935, no documento citado acima, informou o bloco Oehe-

ler-Abern-Muste que “a burocracia na União Soviética é um fenômeno social”. Que tipo de “fenômeno social” é nossa “pobre pequena burocracia”?

Afinal, o que é o “aparato” de nosso partido? Que seleção de pessoas é essa que o pobre Burnham desdenhosamente chama “grupo cínico de burocratas medíocres” e de “camarilha corrompida? Vamos esclarecer esta questão de uma vez por todas, tirá-la a limpo. O “aparato” – isto é, o Comitê Nacional e os profissionais de tempo integral do partido – não é um grupo economicamente privilegiado e não tem interesses especiais seus que sejam diferentes dos interesses de todos os outros membros do partido. A realidade é bem diferente. Os profissionais do partido são aqueles camaradas que se distinguem seja por uma habilidade excepcional, o que impulsiona eles ao trabalho profissional do partido com o consentimento e aprovação universal dos membros do partido, ou pela capacidade de sacrifício pessoal, ou ambos – aqueles camaradas que estão dispostos a assumir funções como profissionais do partido com um salário menor do que o trabalhador pior pago pode receber na iniciativa privada.

Os militantes do partido sabem isto muito bem e não querem ouvir mais ninguém caluniar os profissionais do partido, especialmente quando essas calúnias vêm de pessoas que fogem dos sacrifícios e obrigações do trabalho profissional no partido. Nosso partido não é como a social-democracia. Não vamos permitir que nosso movimento seja liderado por heróis nas horas vagas, enquanto o trabalho duro é feito por profissionais, que, além de tudo, têm que aguentar o abuso dos “senhores” que vêm visitar o partido uma vez por semana. O partido honra e respeita seus profissionais. Considera a ocupação de um revolucionário profissional como a mais honrada de todas as ocupações. A maior aspiração e ambição de todo jovem membro do partido deve ser se qualificar para tal profissão na vida.

Nosso “aparato” partidário não é nem uma burocracia, nem uma fração, nem uma camarilha. É uma seleção de pessoas que preencham diferentes funções de acordo com seus méritos e capacidades, experiência e disposição para servir ao partido às custas de severas penalidades econômicas. Não houve nenhum elemento “patronal” em sua seleção: a simples sugestão de tal coisa é um insulto intolerável, especialmente quando vem, como normalmente acontece, de diletantes bem situados que nunca perderam um compromisso de jantar pela revolução. Nem pode-se dizer que houve discriminação fracional ou favoritismo na seleção dos profissionais do partido. A oposição estava representada, e bem representada, em especial no jornal e na sede central.

Os próprios opositores podem testemunhar isso: “É verdade que os membros da minoria ocupam vários postos”, “Cannon não faz a menor objeção que alguém no partido cumpra muitas tarefas, mesmo nos postos mais proeminentes, desde que seja capaz de cumprilas”. Então estão reclamando do que? Que tipo de burocracia “não faz a menor objeção” a alguém ter alguma função que possa “fazer”, mesmo nos “postos mais proeminentes”? Tente descobrir tal situação em uma burocracia de verdade – a burocracia stalinista ou de Lewis-Green, por exemplo. Seus “postos” são quase que invariavelmente designados aos apoiadores do “regime” e de forma alguma a “qualquer um”. Se os trabalhadores do partido nas frentes são, quase sem exceção, apoiadores da maioria, não é em pagamento por seus “favores”. É porque os tipo pequeno-burgueses, líderes secundários, que naturalmente gravitam em torno da oposição, tendem a se esquivar dos trabalhos nas frentes de militância, com suas tarefas árduas e incertezas econômicas. Eles se preparam para a guerra civil, se preparando primeiro para o serviço civil. Um candidato à direção no campo da maioria, por outro lado, não é levado muito a sério até que tenha feito uma grande quantidade de trabalhos na frente de militância e mostrado o que pode fazer e o que pode aprender no contato direto com os trabalhadores na luta de classes.

Em relação aos dirigentes sindicais, eles conseguiram posições de destaque em suas frentes não por “indicação” de Nova Iorque, mas por suas próprias atividades e méritos que foram reconhecidos pelos trabalhadores. Se os militantes nas frentes e os sindicalistas do partido tenderam desde o início da disputa a “tomar partido” contra os dirigentes de escritório da oposição, não é porque eles têm uma obsessão por algum “culto à personalidade”, mas por partirem de princípios exatamente opostos. A natureza de seu trabalho, que é afetado direta e imediatamente no dia a dia pelas ações e decisões da direção central do partido, dá a eles um entendimento mais preciso das reais qualidades desta. Isto determina uma atitude mais crítica deles do que no caso daqueles membros do partido que, longe da luta de classes, julgam os dirigentes apenas por seus artigos e discursos. Os sindicalistas do partido conhecem muito bem a direção do partido para serem “escravos idolatradores” de qualquer um, ou para esperarem perfeição de qualquer um. Se a atuação dos dirigentes da maioria no centro não é satisfatória para eles por algum motivo – e este é sem dúvida o caso – eles não têm pressa de substituí-los por outros, cuja atuação foi pior. Eles são pessoas práticas; se têm que escolher entre dois males, eles escolhem o menor.

O fato de que nosso partido não tem uma burocracia socialmente privilegiada, que sua vida interna é dominada pela democracia, e não pelo burocratismo, não significa a impossibilidade de existirem práticas burocráticas e tendências burocráticas de alguns indivíduos ou até mesmo grupos. Mas são justamente os próprios críticos da oposição que manifestaram tais tendências mais grosseiramente, e mais de uma vez. De fato, a tendência dos dirigentes pequeno-burgueses vai no sentido de práticas burocráticas. Pela própria natureza da fração, dificilmente poderia ser diferente. Houve momentos claros que mostram como eles manifestaram esta tendência quando estavam de mãos livres e podiam agir sem a contrapressão da maioria. Sua conduta na crise do setor automotivo é um exemplo clássico de procedimento burocrático intolerável do começo ao fim. E este não é o final ainda, pois eles ainda não reconheceram ou corrigiram seu procedimento indefensável; eles ainda se referem à crise do setor automotivo apenas para tentar explicar suas próprias ações, para se justificar e para mudar de assunto e voltar o ataque a seus críticos.

No artigo “A guerra e o conservadorismo burocrático”, um documento de aproximadamente 25.000 palavras, eles têm espaço para apenas um parágrafo sobre a crise do setor automotivo. E este único parágrafo é dedicado não à discussão sobre a crise e sua atuação nela, mas à tentativa de mostrar que “Cannon”, que estava a 3.000 milhas de distância naquele momento, era ainda assim o responsável por seu fracasso naquela situação, assim como por todo o resto. Em um artigo memorável que agora faz parte da história do partido, “A verdade sobre a crise do setor automotivo”, o camarada Clarke escreveu um relato completo da crise do setor, um relato que é verificado e documentado em cada ponto. Aquele artigo fala por si e será a fonte material para qualquer discussão no futuro sobre o significado concreto de práticas burocráticas pela direção central do partido.

Aqui eu quero fazer apenas algumas observações gerais sobre este acontecimento indigesto. A atual minoria era a única responsável pelo Comitê Político; o sétimo membro, que seria responsável por todos os seus problemas, estava do outro lado do oceano, e sem condições de impedir ou restringir seus atos de qualquer forma. A crise do setor automotivo foi realmente um teste para o regime – um regime deles. Foi realmente um teste de sua capacidade de dirigir o partido e liderar trabalhadores em uma situação difícil e complexa. O que eles fizeram? Eles começaram errando na política. Esta política, preparada na sala de Burnham, previa uma ação de nossa fração que era contrária ao movimento dos trabalhadores e que se tivesse sido seguida, teria varrido nossos camaradas para fora do sindicato em poucas semanas.

Quando todo o setor, que incluía os melhores sindicalistas do partido e *quatro membros do Comitê Nacional*, se levantou contra eles, eles “re-afirmaram” sua posição anterior em uma votação de *três a dois, com uma abstenção*, chamaram isto de decisão do partido e apelaram para a disciplina e autoridade formal.

Quando eles finalmente cederam à pressão do setor automotivo, junto com a pressão de todos os membros do Comitê Nacional que tiveram oportunidade de se expressar, o fizeram de um modo desprezível. Eles lavaram suas mãos em relação ao assunto e colocaram a responsabilidade da nova política nas mãos do setor automotivo. Então, fizeram um ataque rancoroso ao setor em uma declaração enviada para todas as regionais que também “advertia” que os camaradas das empresas automotivas teriam problemas com sua política e que a “linha do partido” – isto é, a linha de Burnham, Widick e Abern – se mostraria correta. Depois, em um expediente típico de Lovestone, o expediente de qualquer grupo de intelectuais pequeno-burgueses arrogantes, voltaram seu ataque contra os trabalhadores da frente que tinham corrigido a política errada e mostrado sua independência ao protestar contra isso, anunciando a descoberta de que eles eram meros “levantadores de mãos” que pertenciam a uma “camarilha corrompida” de “burocratas medíocres”. Será difícil encontrar na história de nosso movimento um exemplo comparável de burocratismo rancoroso, arrogante e indelicado em uma situação concreta. O burocratismo de fato “ataca” o “núcleo proletário” do partido. Mas este núcleo proletário provou ser duro e resistente e capaz de se afirmar. Este é seu verdadeiro “crime” aos olhos dos dirigentes de escritório pequeno-burgueses ofendidos.

Outro exemplo de burocratismo puro do mesmo tipo foram as propostas de Burnham e Shachtman em relação à política eleitoral da regional de Minneapolis na última primavera. Um estrago incalculável teria acontecido para o partido e para as relações entre a direção central e a regional de Minneapolis se estas propostas não fossem frustradas. A regional originalmente tinha indicado candidatura própria para prefeito. Quando a conferência dos sindicatos apresentou um candidato trabalhista, a regional decidiu retirar sua candidatura e apoiar o candidato dos trabalhistas. Eu fui indicado pelo Comitê Político para verificar a situação durante uma visita à regional de Minneapolis naquele momento. Em minha visita, perguntei sobre a conferência que tinha escolhido o candidato trabalhista. Me disseram que tinha sido uma grande conferência de sindicatos importantes e que o candidato trabalhista era apresentado por estes sindicatos. Eu expressei minha opinião de que a decisão

dos camaradas de retirar seu próprio candidato neste caso e apoiar o candidato trabalhista estava plenamente de acordo com a política do partido e informei o fato ao Comitê Político em sua reunião de 2 de maio. Burnham imediatamente fez uma moção contra a decisão. Eu cito a minuta do Comitê Político de 2 de maio de 1939:

Moções de Burnham:

- 1) O Comitê Político considera a decisão da direção local de Minneapolis de retirar seu próprio candidato nas eleições para prefeito e apoiar Eide como (a) uma concessão oportunista a burocratas sindicais conservadores, e (b) em relação a apoiar Eide, uma prática em conflito com a posição do partido a favor de uma ação política genuinamente independente da classe trabalhadora.
- 2) O secretário está instruído a se comunicar com a direção de Minneapolis e apresentar uma completa análise da decisão em vista da moção acima.
- 3) Um artigo explicativo cuidadoso sobre esta situação e o ponto de vista do Comitê Político em relação a isto deve ser publicado no *Socialist Appeal* (Apelo Socialista).

Uma proposta realmente estarrecedora! Sem mais conversas com Minneapolis, Burnham queria repudiar sua política publicamente nas colunas de nosso órgão oficial no meio de uma campanha eleitoral. Shachtman se disse pronto para votar a favor da moção de Burnham (estava óbvio que estas duas pessoas, que eram ostensivamente contra quaisquer consultas informais entre as reuniões do comitê, tinham discutido o assunto entre eles e “condenado” Minneapolis antecipadamente). Neste incidente eles mostraram as mesmas características da crise do setor automotivo meses antes, e demonstraram que não tinham aprendido nada com aquela experiência. A linha política da moção de Burnham estava totalmente incorreta; os camaradas de Minneapolis estavam certos; e o procedimento proposto – um repúdio público no jornal do partido – era abominavelmente burocrático.

Felizmente, naquele momento, havia forças de contenção no Comitê Político. Goldman, presente como um membro do Comitê Nacional, apresentou uma moção: “Instruímos o secretário a escrever para a direção de Minneapolis buscando mais explicações sobre sua decisão de retirar a candidatura do camarada Hudson a prefeito e apoiar Eide”. Sua moção foi aceita e a decisão final adiada até que os camaradas de Minneapolis pudessem enviar informações mais detalhadas. A minuta do Comitê Político de 16 de maio, duas semanas mais tarde, trás o desenvolvimento futuro:

Carta recebida de Minneapolis dando detalhes em relação à situação eleitoral de Minneapolis.

Questão levantada por Burnham sobre a necessidade de mais informação em vários pontos.

Moção de Burnham: pedir ao partido em Minneapolis mais informação e guardar o documento para quando chegarem. Encaminhado.

A questão de Minneapolis voltou para a pauta brevemente e está relatada na minuta do Comitê Político de 31 de maio:

Carta de Minneapolis foi lida, respondendo às últimas questões feitas a eles sobre a política eleitoral.

Moção: A questão deve ser adiada até o próximo comitê, quando o camarada Burnham estará presente, já que ele fez a primeira moção sobre este ponto. Encaminhado.

A questão foi finalmente resolvida na reunião do Comitê Político de 6 de junho. A minuta desta data coloca:

Resumo por Cannon da informação adicional recebida de Minneapolis em relação à situação eleitoral.

Discussão geral.

Burnham retirou sua moção apresentada na reunião de 2 de maio de 1939 com a seguinte declaração: "A informação adicional que recebemos indica que a opinião que eu tinha anteriormente e sobre a qual formulei as moções sobre o fato de que apoiar Eide nas eleições em Minneapolis é incompatível com nossa política partidária é incorreta, e eu, portanto, desejo retirar a moção".

Moção de Cannon: Que o Comitê Político considera que a ação da regional de Minneapolis de retirar seu candidato e apoiar a candidatura de Eide era politicamente correta nestas circunstâncias. Votada unanimemente.

Uma crônica verdadeiramente esclarecedora de uma irresponsabilidade política e burocratismo. Deixo cada organização local do partido que é sensível ao menor perigo de práticas burocráticas ponderar sobre este incidente. Se o bloco Burnham-Shachtman tivesse prevalecido, a ação dos camaradas de Minneapolis teria sido repudiada no *Socialista Appeal*, e eles teriam sido publicamente desacreditados. Eles não teriam outra alternativa senão retirar seu apoio a Eide, o candidato trabalhista, e reapresentar seu próprio candidato independente. Então, cinco semanas depois e uma semana antes da eleição, eles seriam informados desinteressadamente que, depois de uma investigação completa, as moções foram "retiradas" e que a regional de Minneapolis estava livre para fazer um novo zigue-zague em público e apoiar a candidatura de Eide afinal. Talvez o Comitê Político pudesse até ter sido generoso e repudiado seu repúdio sobre a política dos camaradas de Minneapolis. Mas isto é só especulação. Mesmo depois de Burnham ter sido obrigado a retirar sua moção de censura, ele não teve a decência, como mostra o relato, de fazer uma moção positiva de aprovação.

Os dirigentes da fração pequeno-burguesa reclamam muito sobre a forma como seu "prestígio" foi minado nas regionais proletárias do

partido. Mas os piores inimigos não poderiam fazer mais mal à sua influência e autoridade do que eles fizeram para si mesmos com tais práticas e métodos como os que empregaram na crise do setor automotivo e no caso das eleições locais de Minneapolis.

## DOSSIÊ

Em junho de 1947, o Taft-Hartley Act foi aprovado pelo congresso norte-americano. Segundo esta lei reacionária, os sindicatos eram forçados a declarar formalmente seu repúdio aos ideais socialistas e comunistas, sob pena de severas punições a seus membros e dirigentes.

Neste contexto, uma parte dos ativistas sindicais do SWP, liderados por Bert Cochran (e influenciados por Michel Pablo, da direção da Quarta Internacional), começou a defender que a única forma de resistir à ofensiva reacionária do governo era esconder dos trabalhadores seus pontos de vista socialistas e seu pertencimento ao partido, bem como cessar toda e qualquer atividade política pública (incluindo a atividade eleitoral legal) e até mesmo se abster de realizar novas captações ao partido.

Contra essas posições, abriu-se uma luta interna no SWP, cuja maioria era liderada por James Cannon, que defendia uma perspectiva revolucionária contra a fração de Cochran.

O presente discurso de Cannon foi pronunciado no dia 11 de maio de 1953 em uma reunião da fração majoritária do comitê nova-iorquino do SWP, e publicado pela primeira vez na revista teórica do SWP, *Fourth International* (Quarta Internacional) na primavera de 1954. Posteriormente, foi publicado ainda na antologia de Cannon, *Speeches to the Party*, em 1973.

# Sindicalistas e revolucionários

## James P. Cannon

Por vários meses, estivemos discutindo as propostas dos dois blocos que se formaram no conflito interno de nosso partido. Já é tempo, eu penso, de darmos um passo à frente: levar a discussão para o exame das causas fundamentais da luta. Vocês lembrarão que foi isto que fez Trotski durante a disputa com Burnham e Shachtman, em 1939-1940. Em certo momento daquela disputa, depois que as posições de ambos os lados ficaram claras – não somente o que diziam, mas principalmente o que não diziam, a maneira como se comportavam, a atmosfera da luta e todo o resto –, quando se viu bem o que realmente estava em jogo, Trotski escreveu o seu artigo “Uma oposição pequeno-burguesa no Socialist Workers Party”.

Esse artigo resumia a sua avaliação da fração de Burnham e Shachtman, tal como se revelou no calor da luta, quando ficou claro que não se tratava, como

ocorre algumas vezes, de uma simples diferença de opinião entre cor-religionários sobre uma ou duas questões que poderiam resolver-se mediante a discussão e o debate fraternais. Burnham e seus seguidores – e aqueles a quem enganaram – eram impulsionados por uma profunda compulsão interna a romper com a doutrina e a tradição do partido. Levaram a sua revolta contra o partido ao ponto do frenesi, como sempre fizeram os fracionalistas pequeno-burgueses. Já não aceitavam nenhum argumento, e Trotski encarregou-se de explicar a base social de sua fração e seu frenesi fracionalista. Nós devemos fazer a mesma coisa, agora, outra vez.

Os agrupamentos sociais, na oposição atual, não são exatamente os mesmos de 1940. Naquela luta, tratava-se de alguns intelectuais desmoralizados com uma base social genuinamente pequeno-burguesa concentrada em um setor do partido, especialmente em Nova Iorque, mas também em Chicago e em alguns outros lugares do país; uma concentração pequeno-burguesa que se rebelava contra a linha proletária do partido.

Atualmente, a composição social do partido é muito melhor, e oferece uma base de apoio muito mais estreita para uma fração oportunista. Como resultado da ruptura com os burnhamistas e da nossa concentração sobre o trabalho nos sindicatos, o partido é hoje muito mais proletário em sua composição, especialmente fora de Nova Iorque. Apesar de tudo isto, a verdadeira composição social do partido não é, de maneira nenhuma, uniforme; reflete algumas mudanças que aconteceram dentro da classe operária norte-americana. Isto foi demonstrado claramente em nossa luta fracional pelo alinhamento dos camaradas que se dedicam ao trabalho dentro dos sindicatos. Os revolucionários entre eles – uma grande maioria – por um lado, e os elementos tomados pelo conservadorismo – uma pequena minoria – por outro, escolheram lados diferentes, de forma instintiva e quase automática.

Desde a consolidação dos sindicatos da CIO e durante o período de 13 anos de seu auge (durante e após a guerra), aconteceu uma nova estratificação dentro da classe operária norte-americana e, em particular, dentro dos sindicatos da CIO. Nosso partido, que está enraizado nos sindicatos, reflete também esta estratificação. O operário que absorveu a atmosfera geral da prosperidade prolongada e começou a viver e pensar como um pequeno burguês é uma figura familiar em todo o país. Apareceu, inclusive, dentro do SWP, como um recruta perfeito para uma fração oportunista.

Na resolução de nossa convenção de 1952, explicávamos a situação dentro da classe operária norte-americana de conjunto em dois capí-

tulos: “As causas do conservadorismo sindical e as premissas para uma nova radicalização” e “Perspectivas de uma nova radicalização”. Em meu informe na Convenção Nacional, referia-me a estas duas seções como “a medula da resolução”, e concentrei meu informe em torno delas.

Hoje, parece-me, à luz do conflito no partido e de suas verdadeiras causas – que agora são evidentes –, que aqueles trechos da resolução da convenção que tratam da classe em seu conjunto necessitam ser ampliados e explicados mais detalhadamente. Requerem um exame mais preciso das estratificações dentro da classe operária, que ali são apenas tocadas, e da projeção destas estratificações na composição dos sindicatos, nas varias tendências dentro dos sindicatos e, inclusive, dentro do nosso próprio partido. Isto, parece-me, é a chave para entender o enigma, de outro modo inexplicável, de por que um setor proletário do partido, ainda que seja uma pequena minoria, apoia uma fração oportunista, capituladora, contra a linha proletário-revolucionária e contra a direção do partido.

Essa contradição aparente – essa divisão das forças proletárias – na luta fracional do partido não é nova. Nas lutas fracionais clássicas do nosso movimento internacional, desde a época de Marx e Engels, sempre houve uma divisão dentro do próprio partido entre os vários estratos de operários. A ala esquerda proletária nunca incluiu todos os operários; e a ala pequeno-burguesa nunca careceu de apoio operário, quer dizer, operário no sentido técnico de operário assalariado. Os intelectuais revisionistas e os oportunistas sindicais sempre andaram juntos na ala direita do partido. No SWP, atualmente, temos uma repetição do alinhamento clássico que caracterizou a luta entre a esquerda e a direita dentro da II Internacional antes da Primeira Guerra Mundial.

Trotsky nos disse, durante uma das visitas que lhe fizemos – acho que também escreveu em algum lugar –, que existia uma verdadeira divisão social entre as duas frações do Partido Operário Social-Democrata Russo, que, mais tarde, tornaram-se dois partidos separados. Os mencheviques, afirmava, tinham quase todos os intelectuais. Com umas tantas exceções, os únicos intelectuais que Lenin tinha eram aqueles que o partido tinha formado, em grande medida similares à maioria de nossos operários intelectuais. O intelectual – refiro-me ao intelectual profissional, do tipo Burnham, o tipo da cátedra professoral, das universidades – era uma raridade no grupo de Lenin, enquanto os mencheviques tinham um monte deles.

Além disso, os mencheviques tinham a maioria dos operários qualificados, que são sempre os operários privilegiados. O Sindicato dos

Trabalhadores da Imprensa era menchevique, inclusive durante a revolução. A burocracia dos operários ferroviários tentou paralisar a revolução, os bolcheviques só conseguiram impedir que a burocracia menchevique e os trabalhadores ferroviários utilizassem sua posição estratégica contra a revolução mediante a força militar e o apoio de uma minoria.

Segundo Trotski, os mencheviques também tinham ao seu lado a maioria dos operários mais velhos. A idade, como vocês sabem, está associada com o conservadorismo (isto em termos gerais, mas nem sempre; existem exceções à regra). Há duas maneiras diferentes de medir a idade. Na vida diária, mede-se com o calendário, mas na política revolucionária, mede-se pela mente, pela vontade e pelo espírito, e nem sempre se obtém o mesmo resultado.

Por outro lado, enquanto os operários mais velhos, os qualificados e os privilegiados estavam com os mencheviques, os operários não qualificados e os jovens estavam com os bolcheviques (quer dizer, pelo menos os mais politizados deles). Esta era a linha divisória entre as frações. Não era apenas uma questão de argumentos e de programa; eram os impulsos sociais – pequeno-burgueses por um lado, proletários por outro – que determinavam sua lealdade a esta ou àquela fração.

O mesmo alinhamento aconteceu na Alemanha. A social-democracia alemã do pré-guerra, durante o seu apogeu, contava com um poderoso bloco de parlamentares oportunistas, marxólogos, que utilizavam a sua formação acadêmica e a sua habilidade em citar extensamente Marx para justificar uma política oportunista. Recebiam o apoio não somente dos pequenos comerciantes – que eram muitos –, mas dos burocratas sindicais. Contavam também com uma sólida base de apoio no estrato privilegiado da aristocracia operária da Alemanha. Os oportunistas sindicais dentro do Partido Social-Democrata da Alemanha apoiaram o revisionismo de Bernstein sem se importar em ler seus artigos. Não tinham necessidade de lê-los, simplesmente era isto que sentiam. Os fatos mais interessantes sobre esta questão são citados por Peter Gay em seu livro sobre Bernstein e seu movimento revisionista, intitulado *The Dilemma of Democratic Socialism: Eduard Bernstein Challenge to Karl Marx* (O dilema do socialismo democrático: O desafio de Eduard Bernstein a Karl Marx).

Durante toda a disputa do pré-guerra sobre o revisionismo e, depois, durante a guerra e o pós-guerra, durante os anos de 1923 e 1933, os sindicalistas qualificados privilegiados formaram a sólida base de apoio aos líderes social-democratas oportunistas, enquanto os revolucionários comunistas, desde os tempos de Karl Liebknecht e Rosa

Luxemburgo até a catástrofe fascista em 1933, foram os jovens, os desempregados, os operários não qualificados e menos privilegiados.

Se voltarem a ler Lenin de novo, no caso de que tenham esquecido, verão como ele explicava que a degeneração da II Internacional e sua traição final durante a Primeira Guerra Mundial deveram-se, justamente, ao seu oportunismo, que cresceu sobre a base da adaptação do partido às demandas e aos impulsos conservadores da burocracia e da aristocracia operárias.

O mesmo aconteceu nos Estados Unidos, ainda que aqui nunca tenha existido uma social-democracia no sentido europeu, e a classe operária nunca tenha se organizado politicamente como lá. Até os anos 1930, o movimento operário organizado estava em grande medida restrito a uma aristocracia operária privilegiada – como viriam a chamá-la Debs e De Leon – de operários qualificados, que recebiam salários melhores e ocupavam postos preferenciais, “monopolizavam” os postos de trabalho etc. O principal representante deste extrato conservador privilegiado nos sindicatos de operários qualificados foi Gompers.

Por outro lado, existia uma grande massa de operários rasos, os não qualificados e semiquilificados, os operários das linhas de produção massiva, os nascidos no estrangeiro e os jovens sem emprego. Eles não eram sindicalizados, careciam de privilégios, eram os párias da sociedade. Não era por acaso que eram mais radicais que os outros. Ninguém lhes dava atenção, exceto os revolucionários e os radicais. Somente o IWW, de Haywood e St. John, Debs e os socialistas de esquerda faziam eco às suas queixas amargas, realizavam o trabalho organizativo e dirigiam as greves dos operários das linhas de produção massiva naqueles tempos. Se a burocracia oficial dos sindicatos intervinha nas greves espontâneas dos não sindicalizados, geralmente era para dividi-las e traí-las.

Os burocratas dos sindicatos de operários qualificados não viam com bons olhos o grande ascenso dos operários não sindicalizados nos anos 1930. Mas não podiam impedi-los. Quando as greves espontâneas e as campanhas de sindicalização já não podiam ser ignoradas, a AFL começou a designar “organizadores” para as diferentes indústrias: siderúrgica, da borracha, automotiva etc. Os enviava, no entanto, não para liderar os operários na luta, mas para controlá-los, para impedir a consolidação de sindicatos industriais independentes. De fato, não permitiram que os operários do setor automotivo elegeassem em convenção os seus próprios representantes, insistindo que fossem designados “provisoriamente” pela AFL. A mesma coisa ocorreu com os trabalhadores da borracha e outros sindicatos industriais.

Estes novos sindicatos tiveram que romper com os falsos líderes sindicais conservadores da AFL antes de poderem se consolidar de forma independente. A força motriz que impulsionou o auge de 1934-1937 foram as queixas amargas e irreconciliáveis dos operários: seu protesto contra os maus tratos, a aceleração do ritmo de trabalho, a insegurança, a revolta dos párias contra o *status* de párias.

Essa revolta, que nenhuma burocracia conseguiu conter, foi encaçada por gente nova: os jovens operários das linhas de produção massiva, os novos militantes jovens, dos quais nunca ninguém tinha ouvido falar. Eles foram os verdadeiros criadores da CIO. Esta revolta dos “párias” alcançou seu ponto culminante durante as greves e ocupações de 1937. O triunfo dos operários nestas batalhas estabeleceu a CIO de forma definitiva e garantiu a estabilidade dos novos sindicatos por meio da cláusula de antiguidade.

Já se passaram 16 anos desde que as greves com ocupação de fábrica asseguraram a existência dos sindicatos da CIO mediante cláusula de antiguidade. Estes 16 anos de segurança sindical e os 13 anos de prosperidade ininterrupta da guerra e do pós-guerra causaram uma grande transformação entre os operários sem privilégios que criaram a CIO.

A cláusula de antiguidade, como todas as coisas na vida, revelou uma qualidade contraditória. Ao regular o direito ao trabalho através do tempo de serviço no emprego, protege o ativista sindical contra a discriminação arbitrária e as demissões. É uma necessidade absoluta para a segurança do sindicato. Este é o aspecto positivo da cláusula de antiguidade. Mas ao mesmo tempo cria, também gradualmente, um tipo de interesse na forma de emprego estável para aqueles sindicalistas que estão há tempo na fábrica. Este é o aspecto negativo.

Ao longo do tempo, com a ampliação dos seus direitos de antiguidade e com a sua ascensão a postos melhores, aconteceu um processo de transformação no *status* dos ativistas sindicais originais. No decorrer de 16 anos, asseguraram o seu emprego de forma mais ou menos estável, inclusive em épocas em que o trabalho escasseou. São, de acordo com o regulamento, os últimos a serem demitidos e os primeiros a serem chamados a voltar a trabalhar. E, na maioria dos casos, têm postos melhores que os recém-chegados à fábrica. Tudo isto, junto com a prosperidade da guerra e do pós-guerra, mudou sua posição material e, em certa medida, seu *status* social.

Os pioneiros combativos dos sindicatos da CIO são 16 anos mais velhos do que eram em 1937. Vivem melhor que os grevistas esfarrapados e famintos das ocupações de fábrica de 1937, e muitos deles são 16 vezes mais brandos e conservadores. Este setor privilegiado dos

sindicatos, que, em outro tempo, constituiu a coluna vertebral da ala esquerda, é agora a principal base social da burocracia conservadora de Reuther. O que os convence não é tanto a hábil demagogia de Reuther, mas o fato de que ele realmente expressa o seu estado de ânimo e o padrão de pensamento conservador.

Mas esses antigos ativistas que se tornaram conservadores são só uma parte da militância da CIO, e parece-me que a nossa resolução da convenção não trata deste fato de forma suficientemente específica. Nessas indústrias de produção massiva, que são verdadeiros infernos escravizadores, existem muitos outros operários. Há uma massa de operários jovens que não gozam de nenhum desses benefícios e privilégios, e que não têm interesse nenhum no acúmulo de direitos de antiguidade. Eles são o material humano para a nova radicalização. O partido revolucionário, olhando para o futuro, deve dirigir sua atenção principalmente a eles.

Se nós, contando com uma nova onda de descontentamento no movimento operário, olharmos para quem dirigiu o último ascenso há 16 anos, podemos realmente tirar conclusões desalentadoras. Não apenas carecem, hoje, de ânimo radical, como também não estão com nenhuma disposição de encabeçar uma nova radicalização. Isto requer gente jovem, faminta e maltrapilha, e muito descontente com todas as condições de sua existência.

Devemos recorrer à gente nova se, como eu acredito, o que temos em mente é a próxima revolução norte-americana, e não limitarmos nosso olhar à perspectiva de uma nova sacudida dentro da burocracia e a alianças com astutos falsos líderes “progressistas” para alcançar pequenas metas.

Essa nova estratificação nos novos sindicatos é um aspecto que o partido já não pode ignorar. Ainda mais agora, que o vemos refletido diretamente dentro do nosso partido. Alguns membros do partido no sindicato automotivo pertencem a este estrato privilegiado. É a primeira coisa que devemos reconhecer. Alguns dos melhores ativistas, os mais firmes do partido nos velhos tempos, foram afetados pela mudança nas condições em que vivem e o novo meio em que se desenvolvem.

Veem os velhos ativistas dos sindicatos, que antes cooperavam com eles, tornarem-se mais desleixados, mais satisfeitos, mais conservadores. Ainda se encontram com estes antigos ativistas em reuniões sociais, e são infectados por eles. Adquirem destes veteranos uma perspectiva pessimista das reações que veem por todos os lados e, sem se darem conta, contraem um elemento deste mesmo conservadorismo.

Em minha opinião, essa é a razão por que apoiam, em nossa luta fracional interna, uma tendência vulgarmente conservadora, pessimista e capituladora. Temo que isto não seja uma falta de compreensão de sua parte. Antes fosse, porque, neste caso, nossa tarefa seria fácil. Os argumentos miseráveis dos cochranistas não resistem à crítica marxista – sempre que se aceitem os critérios do marxismo revolucionário.

Mas essa é a dificuldade. Nossos sindicalistas, que se tornaram conservadores, já não aceitam esses critérios. Como muitos outros, que “costumavam eles mesmos ser radicais”, estão começando a referirem-se a nossas *Teses sobre a revolução norte-americana* como uma “loucura”. Eles não se “sentem” desta maneira, e ninguém irá convencê-los a mudar a sua forma de sentir.

Essa é – talvez junto com uma consciência pesada – a verdadeira explicação da sua subjetividade, da sua rudeza e do arrebatamento fracional quando alguém tenta discutir com eles do ponto de vista principista do “velho trotskismo”. Não seguem Cochran porque o admiram excepcionalmente em nível pessoal ou porque conhecem Cochran. Simplesmente reconhecem em Cochran, com seu derrotismo capitulador e seu programa de recuo da arena de luta em favor do círculo de propaganda, o porta-voz genuíno do seu próprio estado de ânimo de recuo e abandono.

Da mesma forma que os sindicalistas mais velhos, mais qualificados e privilegiados da Alemanha apoiaram a direita contra a esquerda, e assim como seus homólogos russos apoiaram os mencheviques contra os bolcheviques, os “sindicalistas profissionais” de nosso partido apoiam o cochranismo na disputa interna. E pelos mesmos motivos fundamentais.

Eu, de minha parte, devo admitir francamente que não tive dimensão do problema no início da luta. Eu previ que alguns indivíduos cansados e pessimistas, que buscavam uma espécie de justificativa para reduzir sua participação ou para sair da luta, apoiariam qualquer oposição fracional que aparecesse. Isto acontece em toda luta fracional. Mas não contava com o surgimento de um estrato operário conservador que serviria como grupo organizado e base social de uma fração oportunista no partido.

Muito menos esperava ver tal grupo fazer tanto barulho no partido, exigindo considerações especiais porque são “sindicalistas”. Que tem isto de excepcional? Existem 15 milhões de sindicalistas neste país, mas não tantos revolucionários. Mas os revolucionários são os que contam para nós.

Sob as melhores condições, o movimento revolucionário é uma luta dura que desgasta muito material humano. Não por acaso se disse

milhares de vezes no passado: “A revolução é uma devoradora de homens”. O movimento neste país – o mais rico e mais conservador do mundo – é talvez o mais voraz de todos.

Não é fácil continuar na luta, perseverar, manter-se firme, e lutar, ano após ano, sem triunfar, inclusive em épocas como a atual, sem nenhum progresso palpável. Isto requer convicção teórica e perspectiva histórica, além de caráter. E, além disso, requer associar-se com outros em um partido comum.

O modo mais seguro de perder a fé na luta é sucumbir ao meio ambiente imediato de cada um; ver as coisas só como são, e não como estão mudando e como devem mudar; ver somente o que se tem frente aos olhos, e imaginar que isto é permanente. Este é o destino maldito do sindicalista que se separa do partido revolucionário. Em tempos normais, o sindicato, por sua própria natureza, é um caldo de cultivo do oportunismo. Nenhum sindicalista, constrangido pelas preocupações mesquinhas e objetivos limitados do cotidiano, pode manter o foco nas questões mais amplas e na vontade de lutar por elas sem o partido.

O partido revolucionário pode cometer erros – e cometeu –, mas nunca se equivoca na luta contra os que vivem queixando-se de tudo, que tratam de culpar o partido por suas próprias debilidades, por seu cansaço, pela sua falta de visão, por seu impulso por renunciar e capitular. O partido não se equivoca também agora, quando chama esta tendência por seu verdadeiro nome.

Frequentemente, as pessoas atuam e dão explicações para seus atos como indivíduos de uma forma distinta da que o fazem quando atuam e falam como grupos. Quando um indivíduo se cansa e deseja renunciar, usualmente diz que está cansado e renuncia, ou retira-se sem dizer absolutamente nada, e aí acaba a coisa. Isto tem acontecido em nosso movimento internacional durante 100 anos.

Mas quando o mesmo tipo de pessoa decide, como grupo, sair da linha de fogo e abandonar o partido, necessita da cobertura de uma fração e de uma posição “política” autojustificadora. Qualquer explicação “política” serve, e, de qualquer modo, é certo que será uma explicação falsa. Isto também vem ocorrendo há 100 anos.

O caso atual dos sindicalistas cochranistas não é nenhuma exceção à regra. De repente, escutamos que certos “sindicalistas profissionais” voltam-se contra nós porque somos “stalinóforos” e eles estão fortemente a favor de uma aproximação com o stalinismo. Esta é a maior besteira que já escutei! Nunca tiveram esta ideia na cabeça, até que se iniciou essa luta. E como poderiam? Os stalinistas se isolaram dentro do movimento ope-

rário, e é perigoso tocá-los. Andar buscando os stalinistas é se afastar do movimento operário, e este partido de “sindicalistas” não deseja fazê-lo.

O pessoal de Michigan, que está exigindo, aos berros, que nos orientemos em direção aos stalinistas não tem tal orientação em sua própria região. E estão perfeitamente corretos a este respeito. Não nego que gente como Clarke, Bartell e Frankel tenha ouvido vozes e tido visões de uma mina de ouro oculta nos morros stalinistas – já discutirei esta alucinação em outra ocasião –, mas os sindicalistas cochranistas não têm a menor intenção de extraírem minerais aí. Nem sequer dirigem o olhar nesta direção. O surpreendente é a insinceridade do seu apoio à orientação em direção aos stalinistas. Isto é completamente artificial, para propósitos fracionais. É preciso admitir que a orientação em direção ao stalinismo é uma farsa.

O que ouvimos depois disso? Que existem muitas “queixas” contra o “regime” do partido. Eu sempre suspeito quando escuto falar de queixas, especialmente quando vêm de pessoas que não tinham se queixado antes. Quando vejo gente se rebelar contra o partido por ter sido mal tratado pelo terrível regime do nosso partido – que, na realidade, é o regime mais justo, mais democrático e mais tolerante na história da humanidade – sempre me lembro das palavras de J. Pierpont Morgan. Dizia ele: “todo mundo tem pelo menos duas razões para fazer o que faz: uma boa razão e a verdadeira razão”. Eles deram uma boa razão para sua oposição. Agora, eu queria saber qual diabinho é a verdadeira razão.

Não pode ser a hostilidade do partido em relação ao stalinismo – como afirmam eles – porque os sindicalistas cochranistas não se aproximariam dos stalinistas por nada neste mundo, nem mesmo que alguém estivesse atrás deles com baionetas e prendesse fogo em seus casacos.

Não pode ser devido ao III Congresso da Internacional, sobre o qual, de repente, encontram-se tão indignados. Esses camaradas de Michigan possuem muitas qualidades admiráveis, como se viu no passado. Porém, de modo algum é a regional mais internacionalista do partido, nem de longe. Também não é a regional do partido que mais se interessa pelas questões teóricas. O comitê local de Detroit – é triste dizer – tem sido extremamente negligente no ensino e no estudo da teoria marxista, e agora está pagando um preço terrível por isto. Este comitê local não está tendo nem um só curso, nenhum curso sobre o marxismo, nenhum curso sobre a história do partido, nenhum curso sobre o congresso da Internacional ou sobre qualquer outra coisa. Assim, quando de repente irrompem com a exigência de que o partido hasteie

a bandeira do III Congresso da Internacional, me parece que esta é, mais uma vez, uma “boa” razão, mas igualmente falsa.

A verdadeira razão é que se rebelam contra o partido sem saber plenamente por quê. Para o militante jovem, o partido é uma necessidade valorizada acima de qualquer outra coisa. O partido era a própria vida destes ativistas quando eram jovens e verdadeiramente combativos. Não lhes importava o emprego, não os assustavam os perigos. Como todos os demais revolucionários de primeira classe, estavam dispostos a abandonar o trabalho imediatamente se o partido quisesse enviá-los para outra cidade, ou que fizessem isto ou aquilo. O partido vinha sempre em primeiro lugar.

O partido é a maior recompensa para o jovem sindicalista que se torna revolucionário, a menina dos seus olhos. Mas para o revolucionário que se transforma em sindicalista – todos já vimos acontecer isto mais de uma vez – o partido não é nenhuma recompensa, em absoluto. O simples sindicalista – que pensa em termos de “política sindical”, de “blocos de poder” e de pequenas alianças com pequenos falsos líderes operários para ocupar algum pequeno cargo, promovendo seus interesses pessoais aqui e ali –, porque pertencerá a um partido revolucionário? Para tal indivíduo, o partido é uma cruz nas costas, que interfere no seu êxito como político sindical “prático”. E na situação política atual do país, isso é um perigo: no sindicato, na fábrica e na vida em geral.

A grande maioria dos sindicalistas do partido compreende tudo isto tão bem quanto nós. O chamado “sindicalista” vulgar dos cochranistas só os repele porque eles se consideram, em primeiro lugar, revolucionários e somente em segundo lugar, sindicalistas. Em outras palavras, são companheiros do partido, como são todos os revolucionários.

Considero que constitui um grande tributo à nossa tradição, aos nossos quadros, à direção do nosso partido, que tenhamos conseguido isolar o cochranismo a um setor restrito da militância do partido. É uma grande satisfação, nesses tempos conflituos e difíceis, ver a grande maioria do partido manter-se firme contra todas as pressões. No decorrer futuro da discussão, assestaremos golpes ainda mais duros e nos livraremos de alguns mais aqui e ali. Não desejamos que ninguém abandone o partido se está em nossas mãos impedi-lo.

Mas salvar almas não é a nossa ocupação principal. Estamos decididos a proteger o nosso partido da desmoralização, e vamos fazer isto. Preocupam-nos os indivíduos somente neste marco. O resgate de desmoralizados políticos deixamos para o Exército da Salvação. Para nós, primeiro vem o partido, e não permitiremos que ninguém o desorganize.

Essa luta é de importância decisiva porque a perspectiva ante nosso partido é a perspectiva da guerra, e tudo o que isto implica. Vemos os perigos e as dificuldades – e, também, as grandes oportunidades – que nos esperam mais adiante e, justamente por isso, queremos preparar o partido antes que os piores golpes caiam em cima de nós.

A linha, as perspectivas do partido e os dirigentes partidários serão decididos nessa luta para um longo período futuro. Quando vierem tempos mais difíceis e quando novas oportunidades se apresentarem, não queremos que reste nenhuma dúvida nas mentes dos camaradas em relação a qual é a linha do partido e quem são seus dirigentes. Estas questões serão resolvidas nessa luta.

O SWP tem o direito, pelo seu programa e pela sua história, de aspirar a um grande futuro. Esta é minha opinião. Esta era a opinião de Trotski. Há uma frase no documento dos cochranistas que zomba da convenção do SWP de 1946 e das *Teses sobre a revolução norte-americana*, adotadas nela. Diz assim: “Tínhamos nascido com um grande destino, pelo menos em nossas próprias mentes”. Nesta zombaria da aspiração do partido está contida toda a ideologia capituladora e pessimista do cochranismo.

Em 1929, quando Trotski foi deportado para Constantinopla, o triunfo do stalinismo era total, e ele se encontrava isolado e quase só. Fora da União Soviética havia apenas 200 pessoas, no mundo todo, que o apoiavam, e a metade delas eram as forças que nós tínhamos organizado nos Estados Unidos. Trotski nos escreveu, então, uma carta na qual elogiava o nosso movimento nos Estados Unidos. Dizia que o nosso trabalho era de importância histórico-mundial porque, no final das contas, todos os problemas da época seriam resolvidos em terras norte-americanas. Dizia que não sabia se uma revolução aconteceria aqui antes do que em outros lugares, mas, de qualquer maneira, era necessário preparar-se, organizando o núcleo do partido da revolução futura.

Essa é a linha pela qual se encaminhou o nosso trabalho. Nossos quadros foram formados com essa doutrina. Quando li no documento de Cochran esse descarte cínico de nossas aspirações revolucionárias, recordei de um discurso que pronunciei perante nossos camaradas jovens, em Chicago, há 13 anos. A ocasião era a nossa conferência de ativistas operários, celebrada precisamente um mês, ou algo assim, depois da morte do “Velho” (Leon Trotski), quando todos se sentiam desolados, quando a pergunta nas mentes de todos, aqui e no mundo inteiro, era se o movimento poderia sobreviver sem Trotski.

Ao final da conferência, pronunciei um discurso e disse aos jovens ativistas ali presentes: “Vocês são os verdadeiros homens do destino, porque só vocês representam o futuro”. Incluímos o mesmo conceito nas teses da convenção de 1946.

Essa tem sido a posição de todos os nossos militantes que permanecem unidos por esta longa e dura batalha. Um jovem camarada na Califórnia, um dos principais ativistas do partido, apontou-me a zombaria dos cochranistas e disse: “O que te parece? Se eu não pensasse que o nosso partido tem um grande futuro, por que estaria disposto a dedicar minha vida e tudo o que tenho ao partido?” Qualquer um que minimiza o partido e duvida do seu futuro deveria perguntar-se o que está fazendo nele. Está de visita? O partido exige muito, e não se pode dar muito e arriscar tudo, a menos que se pense que o partido vale a pena.

O partido vale a pena, porque é o partido do futuro. E a este partido do futuro está recebendo novamente sua porção de sorte histórica. Mais uma vez, como em 1939-1940, tem a oportunidade de resolver um conflito fundamental, em discussão aberta, antes de uma guerra, às vésperas de uma guerra.

Antes da Segunda Guerra Mundial, o partido foi confrontado por uma fração que ameaçava o seu programa e, portanto, o seu direito de existir. Não tivemos que entrar na guerra imediatamente antes que a questão fosse resolvida. Realizávamos o nosso trabalho abertamente, enquanto o resto dos nossos camaradas na Europa estava na clandestinidade ou em campos de concentração. Nós, aqui nos Estados Unidos, tivemos o privilégio de conduzir um debate para toda a Internacional durante um período de sete meses.

A mesma coisa está ocorrendo agora. Devemos reconhecer essa sorte histórica e tirar vantagem dela. A melhor maneira de fazer isso é entendendo e ampliando a discussão. Repetirei o que disse o camarada Dobbs: que o nosso objetivo não é romper o partido, mas sim evitar a cisão e salvar o partido. Tentaremos evitar uma ruptura mediante uma luta política que golpeie a oposição de forma tão dura, que uma cisão não possa lhe oferecer qualquer perspectiva. Se não pudermos impedir uma cisão, reduziremos esta ao menor tamanho possível.

Enquanto isso, desenvolveremos o trabalho do partido em todas as frentes. Nenhum trabalho do partido será sabotado. Se houver uma tentativa, mobilizaremos nossas forças em todas as partes e tomaremos o controle. Não permitiremos que se desorganize o partido mediante sabotagem ou que ele seja descarrilhado por uma cisão, como não permitimos em 1940. Começamos bem, e não pararemos até conseguir uma vitória total na luta por um partido revolucionário.

## DOSSIÊ

“Uma das mais frequentes perguntas que recebemos dos camaradas que assumem a tarefa de formação é: ‘Qual é a melhor forma de conduzir cursos?’. O propósito deste artigo é oferecer uma resposta para essa questão com base na experiência coletiva no campo da formação partidária, da qual alguns princípios podem ser extraídos”.

# Como organizar e conduzir um curso

**James P. Cannon**

O problema da tarefa de formação tem diversas facetas. O entusiasmo por esta tarefa entre os militantes do partido deve ser despertado e conservado. Um reconhecimento geral da importância fundamental desta tarefa deve ser estabelecido. Deve ser organicamente conectada com a vida e as lutas do partido, e não pode se tornar acadêmica e estéril. Também deve ser conduzida de maneira sistemática, tornando-se uma parte estrutural da vida do partido durante o ano. Ela não vai “acontecer” espontaneamente. Isso demandará muito trabalho e a introdução de princípios organizacionais e técnicos. Toda nossa teoria será equivalente a nada se nosso aparato de formação não funcionar apropriadamente.

Muitos cursos “morreram na praia” porque não foram conduzidos apropriadamente. Uma das mais frequentes perguntas que recebemos dos camaradas que assumem a tarefa de formação é: “Qual é a melhor forma de conduzir cursos?”. O propósito deste artigo é oferecer uma resposta para essa questão com base na experiência coletiva no campo da formação partidária, da qual alguns princípios podem ser extraídos.

Vamos começar do começo e ir passo a passo. Quando os organismos de direção de uma regional decidem fazer um curso, por exemplo, sobre o “ABC do comunismo”, o primeiro passo deve ser apontar um responsável pelo curso. O responsável deve entender que o curso não se conduzirá sozinho, deve sim ser organizado e dirigido do começo ao fim. Do contrário, acabará sem cumprir seu objetivo. O camarada responsável pelo curso deve então listar os estudantes, matriculá-los para o curso e garantir que exista o número suficiente de estudantes que concordam com antecedência em assistir às aulas, antes que se defina a data do curso. Assim que um número suficiente de militantes tenha se inscrito, uma data deve ser marcada para a primeira aula e todos os militantes inscritos devem ser avisados.

Nesse momento devemos comentar sobre o risco de não comparecimento ou comparecimento parcial por parte de qualquer militante que se dispôs a fazer o curso. A direção do partido deve decidir que o comparecimento nas aulas do curso uma vez por semana, ou mais frequentemente, dependendo do caso, como for conveniente, é uma tarefa do militante e este deve ser liberado de qualquer obrigação partidária nestas noites. O comparecimento regular nas aulas por parte de todos militantes e alunos deve ser constantemente tensionado, e a direção do partido, assim como o responsável pelo curso, deve constantemente lutar contra a tendência, que sempre aparece, de limitar os estudos a uma série de palestras nas quais cada um pode “dar um pulo” quando tiver vontade. Bons resultados só podem ser obtidos quando o curso é uma estrutura organizada e com presença regular dos militantes e estudantes.

### **Métodos de conduzir os cursos**

Os métodos de conduzir cursos que comprovaram maior sucesso nas experiências que temos são dois. Esses métodos podem ser modificados e variados de diversas maneiras, de acordo com circunstâncias locais, experiências e qualificações dos professores etc.

Esses métodos são:

- 1) O método de palestra-pergunta.
- 2) O método de leitura e discussão de textos em aula.

*O método de palestra-pergunta.* Esse é o método mais frequentemente aplicado pelos “professores” mais experientes, e um dos que atingem os resultados mais satisfatórios se se encontram camaradas qualificados para aplicar o curso com esse método. O uso deste método pressupõe que o “professor”, que deve ser intimamente familiarizado com o assunto a ser tratado, possua habilidade e experiência como palestrante. Não é necessário, entretanto, que ele seja um professor profissional. Um comunista com aptidões médias que conhece o assunto a ser tratado vai descobrir que, com um pouco de prática, pode ter sucesso em prender a atenção de uma turma.

Neste método o professor apresenta um tema em forma de palestra por um período de mais ou menos uma hora, focando em algum aspecto do assunto geral do curso. Junto com isso, exige dos estudantes que leiam, em outro momento que não a aula, certos trechos e textos e, por vezes, partes de outros livros que tratam do mesmo assunto. A próxima aula seria aberta com uma sessão de perguntas de trinta minutos, durante a qual o professor interroga os alunos sobre o tema da aula da se-

mana passada e a leitura em conexão com ela. É melhor ter um pequeno intervalo no final desta parte, para assim ter um recomeço revigorante. O “professor” faz então mais uma apresentação de mais ou menos uma hora e depois termina os trabalhos noturnos. Mais uma vez, os alunos recebem partes de textos para serem lidos em conexão com o curso. O mesmo procedimento é repetido em todo encontro até o final do curso.

Quando esse método é aplicado, não é aconselhável que haja discussões indiscriminadas nas aulas, pois isso vai invariavelmente desviar a atenção da turma, que se esquecerá do assunto imediato do curso, o que impede a possibilidade de uma formação continuada. Para um professor aplicar um curso neste método, ele deve tomar a condução das aulas firmemente em suas mãos, estabelecer sua autoridade desde o começo e mantê-la no decorrer do curso. Nada é mais fatal para o sucesso do curso do que a opinião coletiva dos estudantes de que eles sabem aquele assunto mais do que o professor. Se isso acontecer, ele será incapaz de manter uma disciplina apropriada durante as aulas e conduzi-las corretamente. Sempre que um curso, organizado com o objetivo de ser um estudo continuado de um determinado tema da teoria comunista ou da sua tática, começa a tornar-se um grupo de discussão geral ou um encontro de debates, a sua morte precoce pode ser confiantemente esperada.

*O método de leitura e discussão dos textos.* Este método funciona muito bem, principalmente nos níveis introdutórios. Neste método, como em todos os outros, o primeiro pré-requisito é um professor que assuma uma atitude responsável em relação à tarefa e que tome para si a organização e a condução da turma no assunto em pauta. O militante que assumir a tarefa deve estudar minuciosamente o texto antes que o curso comece e tornar-se um mestre no assunto.

No curso conduzido por esse método, o professor designa estudantes, um após o outro, para ler algumas frases ou um parágrafo do texto. Depois de cada estudante terminar a parte do texto que lhe foi designada, o professor pede para o estudante explicar com suas próprias palavras o trecho lido. Se ele falhar em compreender claramente o trecho, ou interpretar a passagem de maneira incorreta, a questão é passada para outros estudantes, e, se necessário, no final, o professor intervém para esclarecer o assunto.

Prosseguindo nesta linha, o curso irá completar um capítulo ou um texto toda noite. Antes das leituras de cada aula, o professor deverá fazer um breve questionário sobre o conteúdo tratado na noite anterior, a fim de relembrar os pontos claramente, refrescando a memória dos estudantes, conectando o assunto da aula anterior com a aula que está começando.

Num curso de poucos meses, prosseguindo nesta linha, os estudantes conhecerão o “ABC do comunismo” e terão adquirido uma compreensão das teorias fundamentais. Além disso, se o curso for realizado com sucesso e tiver a sorte de ter um professor que inspire confiança e entusiasmo e que prenda a atenção, apesar das dificuldades, os estudantes, ou pelo menos uma grande parte deles, vão sair do seu primeiro curso de formação com uma grande vontade e disposição de adquirir mais conhecimento e, assim, preparar-se melhor para se tornarem lutadores dignos da causa do comunismo.

O sucesso de um curso depende essencialmente de organização, direção e disciplina. O curso deve começar no horário marcado e terminar no horário que também foi marcado. Ele não deve ser tensionado pelos estudantes casuais nem pelos retardatários crônicos. Ele não deve tornar-se um mero grupo de discussões sobre os problemas do movimento, mas deve sim limitar-se de forma disciplinada aos assuntos específicos que serão abordados. Deve ser conduzido de forma eficiente do início ao fim, com os alunos matriculados e lista de presença em todas as noites. Acima de tudo, o curso deve ter um responsável que, independentemente de sua experiência anterior, levará a cabo a tarefa dominando completamente o assunto a ser tratado. Assim, ele será capaz de conquistar uma autoridade suficiente com os estudantes para conduzir passo a passo o curso até seu final.

## DOSSIÊ

Este discurso foi pronunciado por Cannon no Ato em Memória de Leon Trotski, realizado no Diplomat Hotel, em Nova Iorque, dia 28 de agosto de 1940, e publicado pela primeira vez no *Socialist Appeal*, no dia 7 de setembro de 1940.

# À memória do “Velho”

**James P. Cannon**

Toda a vida consciente do camarada Trotski, a partir do momento em que ele entrou no movimento dos trabalhadores, na cidade russa de Nikolaiev, com a idade de 18 anos, até o momento de sua morte, na Cidade do México, 42 anos depois, foi completamente dedicada ao trabalho e à luta por uma ideia central. Ele defendeu a emancipação dos trabalhadores e de todos os povos oprimidos do mundo e a transformação da sociedade, do capitalismo ao socialismo, por meio de uma revolução social. Em sua concepção, esta revolução social libertadora requer, para o seu sucesso, a direção de um partido político revolucionário da vanguarda dos trabalhadores.

Em toda a sua vida consciente, o camarada Trotski jamais divergiu dessa ideia. Ele nunca duvidou disso, e nunca deixou de lutar por sua realização. Em seu leito de morte, em sua última mensagem para nós, seus discípulos, em seu testamento, ele proclamou a confiança na sua ideia de vida: “Diga aos nossos amigos que eu tenho certeza da vitória da IV Internacional – vão em frente!”

O mundo inteiro sabe sobre o seu trabalho e o seu testamento. A imprensa mundial tem reproduzido o seu testamento, tornando-o conhecido por milhões de pessoas no mundo inteiro. E hoje à noite, nas mentes e nos corações de todos aqueles, no mundo, que sofrem conosco, um pensamento e uma pergunta soam mais alto: “Será que o movimento que ele criou e inspirou sobreviverá à sua morte? Será que os seus discípulos serão capazes de manter suas fileiras unidas? Serão capazes de cumprir o seu testamento e realizar a emancipação dos oprimidos pela vitória da IV Internacional?”

Sem a menor hesitação, nós damos uma resposta afirmativa a esta questão. Os inimigos que preveem um colapso do movimento de Trotski sem Trotski, e os amigos de vontade fraca que temem este colapso apenas mostram que não entendem Trotski, o que ele era, o que significava, e o que ele deixou para trás. Nunca uma família enlutada recebeu uma herança tão

rica como a que o camarada Trotski, como um pai providente, deixou para a família da IV Internacional, guardiões de toda a humanidade progressista. Ele nos deixou uma grande herança de ideias, ideias que devem orientar a luta para o grande futuro livre de toda a humanidade. As ideias poderosas de Trotski são o nosso programa e a nossa bandeira. Elas são um guia claro para a ação em todas as complexidades da nossa época e uma constante reafirmação de que estamos certos e que a nossa vitória é inevitável.

Trotski acreditava que as ideias são a maior potência do mundo. Seus autores podem ser mortos, mas as ideias, uma vez promulgadas, viverão a sua própria vida. Se elas são ideias corretas, fazem o seu caminho por entre todos os obstáculos. Este foi o conceito central, dominante, da filosofia do camarada Trotski. Ele nos explicou muitas e muitas vezes. Certa vez, ele escreveu: “Não é o partido que faz o programa (a ideia); [...] é o programa que faz o partido”. Outra vez, em uma carta pessoal para mim, ele escreveu: “Nós trabalhamos com as ideias mais corretas e poderosas do mundo, com forças numéricas e meios materiais inadequadas. Mas as ideias corretas, em longo prazo, sempre conquistarão e disponibilizarão para si os meios materiais e as forças necessárias”.

Trotski, um discípulo de Marx, acreditava, como Marx, que “uma ideia, quando conquista as massas, torna-se uma força material”. Acreditando nisso, o camarada Trotski nunca duvidou que o seu trabalho viveria depois dele. Acreditando nisso, ele pôde proclamar, em seu leito de morte, a sua confiança na futura vitória da IV Internacional, que incorpora as suas ideias. Aqueles que duvidam disso não conhecem Trotski.

Trotski acreditava que o seu maior significado, o seu maior valor, não consistia em sua vida física ou em suas obras épicas, que ofuscam as de todas as figuras heroicas da história em envergadura e grandeza, mas no que ele iria deixar para trás depois que os assassinos fizessem o seu trabalho. Ele sabia que seu destino estava selado, e ele trabalhou contra o tempo a fim de deixar tudo para nós, e, por nosso intermédio, para a humanidade. Ao longo dos onze anos de seu último exílio, ele se acorrentou à sua mesa como um escravo na galera e trabalhou como nenhum de nós sabe trabalhar, com uma energia, persistência e autodisciplina que apenas os gênios possuem. Ele trabalhou contra o tempo para derramar pela sua pena todo o rico conteúdo do seu poderoso cérebro e preservá-lo em forma escrita permanente para nós e para aqueles que virão depois de nós.

Trotski inteiro, assim como Marx inteiro, está preservado em seus livros, seus artigos e suas cartas. Sua volumosa correspondência, que contém alguns dos seus pensamentos mais brilhantes e seus senti-

mentos pessoais mais íntimos, deve agora ser recolhida e publicada. Quando isto for feito, quando suas cartas forem publicadas, ao lado dos seus livros, dos seus panfletos e dos seus artigos, nós e todos os que se juntarem a nós na luta pela libertação da humanidade ainda teremos o nosso “Velho” para nos ajudar.

Ele sabia que o super Borgia<sup>60</sup> do Kremlin, Caim-Stalin, que destruiu toda a geração da Revolução de Outubro, o tinha marcado para assassiná-lo e teria sucesso mais cedo ou mais tarde. É por isso que ele trabalhou tão urgentemente. É por isso que ele se apressou em escrever tudo o que estava em sua mente, a colocar todos os seus pensamentos no papel, de forma permanente, onde ninguém poderia destruí-los.

Na noite passada, eu falei, à mesa do jantar, com um dos fiéis secretários do “Velho” – um jovem camarada que tinha servido com ele muito tempo e que sabia da sua vida pessoal mais intimamente, da forma como ele a viveu em seus últimos anos de exílio. Pedi-lhe para escrever suas lembranças sem demora. Eu disse: “Todos nós temos que escrever tudo o que sabemos sobre Trotski. Todos devem registrar as suas memórias e as suas impressões. Não devemos esquecer que nós nos movemos na órbita da maior figura de nosso tempo. Milhões de pessoas, as gerações ainda por vir, estarão com fome de cada pedaço de informação, cada palavra, cada impressão que lança luz sobre ele, sobre suas ideias, sobre os seus objetivos e sobre a sua vida pessoal”.

Ele respondeu:

Eu posso escrever apenas sobre as suas qualidades pessoais da forma como as observei, sobre os seus métodos de trabalho, sobre a sua humanidade e a sua generosidade. Mas não posso escrever nada de novo sobre as suas ideias. Elas já estão escritas. Tudo o que ele tinha a dizer, tudo o que ele tinha em seu cérebro, está no papel. Ele parecia estar determinado a cavar até o fundo de sua mente, a tirar tudo de lá e dar ao mundo em seus escritos. Eu lembro que muito frequentemente surgia uma conversa casual sobre algum assunto à mesa do jantar ou em uma discussão informal e o “Velho” expressava algumas ideias novas e frescas. Quase invariavelmente, as contribuições da conversa durante o jantar encontravam expressão, um pouco mais tarde, em um livro, um artigo ou uma carta.

Eles mataram Trotski não com um golpe; não quando o assassino, agente de Stalin, levou a picareta à parte de trás de seu crânio. Este foi

60 Refere-se à família nobre italo-espanhola Borgia, que se tornou proeminente na Europa durante o Renascimento, influenciando principalmente os assuntos eclesiásticos e produzindo três papas. Atualmente, são lembrados por seu governo corrupto, e o nome se tornou sinônimo de traidores e envenenadores, de uma família cruel e desejosa de poder. (Nota da edição brasileira)

apenas o golpe final. Eles o mataram pouco a pouco. Mataram-no muitas vezes. Mataram-no sete vezes, quando mataram seus sete secretários. Mataram-no quatro vezes, quando mataram seus quatro filhos. Eles o mataram quando seus antigos colegas de trabalho da Revolução Russa foram mortos.

No entanto, ele se reergueu para as suas tarefas, apesar de tudo isso. Envelhecido e doente, cambaleou por entre todos esses golpes morais, emocionais e físicos, para completar o seu testamento para a humanidade, enquanto ele ainda tinha tempo. Ele reuniu tudo – cada pensamento, cada ideia, cada lição da sua experiência passada – para deixar para nós um tesouro literário, um tesouro que as traças e a ferrugem não poderão comer.

Houve uma profunda diferença entre Trotski e outros grandes homens de ação e líderes políticos transitórios que influenciaram grandes massas em sua vida. O poder destas pessoas – quase todas elas – era algo pessoal, algo incomunicável aos outros. Sua influência não sobreviveu às suas mortes. Lembrem por um momento os grandes homens da nossa geração, ou a geração que acabou de passar: Clemenceau, Hindenburg, Wilson, Theodore Roosevelt, Bryan. Eles tinham grandes massas os seguindo e se apoiando sobre eles. Mas agora eles estão mortos, e toda a sua influência morreu com eles. Nada permanece, apenas monumentos e elogios fúnebres. Não havia nada de especial neles, a não ser as suas personalidades. Eles eram oportunistas, líderes de um dia. Eles não deixaram ideias para guiar e inspirar os homens quando seus corpos se tornassem pó, e suas personalidades tornaram-se uma memória.

Não é assim com Trotski. Não é assim com ele. Ele era diferente. Ele também foi um grande homem de ação, certamente. Seus feitos foram incorporados à maior revolução da história da humanidade. Mas, ao contrário dos oportunistas e líderes de um dia, as suas obras foram inspiradas por grandes ideias, e estas ideias ainda vivem. Ele não só fez uma revolução, como escreveu a sua história e explicou as leis básicas que regem todas as revoluções. Em sua *História da Revolução Russa*, que ele considerava sua obra-prima, deu-nos um guia para a realização de novas revoluções, ou melhor, para estender, por todo o mundo, a revolução que começou em outubro de 1917.

Trotski, o grande homem de ideias, foi, ele mesmo, discípulo de um ainda maior – Marx. Trotski não foi o autor ou reivindicou ser o autor das ideias mais fundamentais que expôs. Ele construiu sobre as bases estabelecidas pelos grandes mestres do século 19, Marx e Engels. Além disso, ele passou pela grande escola de Lenin, e aprendeu com

ele. A genialidade de Trotski consistia na sua completa assimilação das ideias legadas por Marx, Engels e Lenin. Ele dominou o seu método. Ele desenvolveu suas ideias em condições modernas, e aplicou-as de forma magistral na luta contemporânea do proletariado. Se você entende Trotski, você deverá saber que ele era um discípulo de Marx, um marxista ortodoxo. Ele lutou sob a bandeira do marxismo por 42 anos! Durante o último ano de sua vida, ele colocou tudo de lado para lutar uma grande luta política e teórica em defesa do marxismo nas fileiras da IV Internacional! Seu último artigo, que foi deixado em sua mesa ainda inacabado, o último artigo com o qual ele se ocupou, era uma defesa do marxismo contra os revisionistas contemporâneos e céticos. O poder de Trotski, em primeiro lugar e acima de tudo, era o poder do marxismo.

Você quer um exemplo concreto do poder das ideias marxistas? Basta considerar o seguinte: quando Marx morreu, em 1883, Trotski tinha apenas 04 anos de idade. Lenin tinha apenas 14 anos. Nem poderiam ter conhecido Marx ou qualquer coisa sobre ele. No entanto, ambos tornaram-se grandes figuras históricas por causa de Marx, porque Marx espalhou ideias pelo mundo antes deles nascerem. Essas ideias foram viver a sua própria vida. Elas moldaram as vidas de Lenin e Trotski. As ideias de Marx estavam com eles, e orientaram todos os seus passos quando fizeram a maior revolução da história.

Assim também será com as ideias de Trotski, que são uma evolução das ideias de Marx: elas influenciam a nós, seus discípulos, que sobrevivemos a ele. Elas irão moldar a vida dos discípulos ainda maiores que estão por vir, que ainda não conhecem o nome de Trotski. Alguns dos que estão destinados a serem os maiores trotskistas estão brincando nos pátios das escolas hoje. Eles serão alimentados pelas ideias de Trotski, como ele e Lenin foram alimentados pelas ideias de Marx e Engels.

Na verdade, o nosso movimento nos Estados Unidos tomou forma e cresceu graças às suas ideias, sem a sua presença física, mesmo sem qualquer comunicação no primeiro período. Trotski estava exilado e isolado em Alma-Ata quando começamos a nossa luta pelo trotskismo no país, em 1928. Nós não tivemos nenhum contato com ele, e por muito tempo não sabíamos se ele estava vivo ou morto. Nós nem sequer tínhamos uma coleção de seus escritos. Tudo o que tínhamos era um único documento – sua “Crítica ao programa da Internacional Comunista”. Isto foi o suficiente. Graças à luz deste documento único, nós vimos o nosso caminho, a nossa luta começou com confiança suprema, superamos a ruptura sem vacilar, construímos uma organiza-

ção de âmbito nacional e consolidamos a nossa imprensa trotskista semanal. Nosso movimento foi construído firmemente desde o início, e manteve-se firme, pois foi construído sobre as ideias de Trotski. Isso foi quase um ano antes de conseguirmos estabelecer uma comunicação direta com o “Velho”.

E assim também aconteceu com as outras seções da IV Internacional em todo o mundo. Somente alguns poucos companheiros tinham visto Trotski pessoalmente. No entanto, em todos os lugares eles o conheciam: na China, do outro lado do grande oceano no Chile, na Argentina, no Brasil, na Austrália, em praticamente todos os países da Europa, nos Estados Unidos, no Canadá, na Indochina, na África do Sul. Eles nunca o viram, mas as ideias de Trotski uniram todos em um movimento mundial uniforme e firme. Então, ele continuará depois da sua morte física. Não há margem para dúvidas.

O lugar de Trotski na história já está estabelecido. Ele permanecerá para sempre como uma eminência histórica ao lado dos outros três grandes gigantes do proletariado: Marx, Engels e Lenin. É possível – na verdade, é bastante provável – que, na memória histórica da humanidade, o seu nome evoque o carinho mais ardente, a gratidão mais sincera de todos, porque ele lutou tanto tempo, contra um mundo de inimigos, de forma tão honesta, tão heroicamente, e com tanta devoção desinteressada!

As futuras gerações da humanidade liberta olharão para trás com um interesse insaciável por esta época louca de reação, de violência sangrenta e de mudança social; por esta época de agonia de um sistema social e nascimento e dores do parto de outra. Quando eles virem, através da lente do historiador, como as massas oprimidas do povo em todos os lugares foram enganadas, cegas e confundidas, pronunciarão com amor sem limites o nome do gênio que nos deu a luz, o grande coração que nos deu coragem.

De todos os grandes homens do nosso tempo, de todas as figuras públicas a quem as massas se dirigiram para orientar-se nestes tempos terríveis e problemáticos, Trotski foi o único que nos explicou as coisas, foi o único que nos deu a luz na escuridão. Seu cérebro foi o único que desvendou os mistérios e as complexidades da nossa época. O grande cérebro de Trotski era temido por todos os seus inimigos. Era algo com o que eles não sabiam lidar, não podiam responder. No método incrivelmente horrível pelo qual eles o destruíram, havia escondido um símbolo profundo. Eles atacaram o seu cérebro! Mas os mais ricos produtos daquele cérebro ainda estão vivos. Eles já tinham escapado e nunca poderão ser recapturados e destruídos.

Nós não minimizamos o golpe que nos foi aplicado, ao nosso movimento e ao mundo. É a pior calamidade. Nós perdemos algo de valor imensurável, que nunca poderá ser recuperado. Perdemos a inspiração de sua presença física, o seu sábio conselho. Tudo isso foi perdido para sempre. O povo russo sofreu o golpe mais terrível de todos. Mas o fato de que a camarilha stalinista teve que matar Trotski depois de onze anos, que teve que atingi-lo desde Moscou, aplicar contra ele todas as suas energias e fazer todos os planos para destruir a vida de Trotski – eis o maior testemunho de que Trotski ainda vivia no coração do povo russo. Eles não acreditaram nas mentiras. Eles esperaram e desejavam o seu retorno. Suas palavras ainda estão lá. Sua memória ainda está viva em seus corações.

Apenas alguns dias antes da morte do camarada Trotski, os editores do *Boletim da Oposição* receberam uma carta de Riga. Ela tinha sido enviada antes da anexação da Letônia à União Soviética. Nela estava escrito, em palavras simples, que a “Carta aberta aos trabalhadores da URSS”, de Trotski, tinha chegado até eles, enchido seus corações com coragem e lhes mostrado o caminho. A carta afirmava que a mensagem de Trotski tinha sido memorizada, palavra por palavra, e seria repassada de boca em boca, não importa o que pudesse acontecer. Nós, na verdade, acreditamos que as palavras de Trotski viverão mais tempo na União Soviética do que o regime sanguinário de Stalin. No grande dia da libertação que se aproxima, a mensagem de Trotski será a bandeira do povo russo.

O mundo inteiro sabe quem matou o camarada Trotski. O mundo sabe que, em seu leito de morte, ele acusou Stalin e a sua GPU do assassinato. A declaração do assassino, preparada antes do crime, é a prova final – se houver necessidade de mais provas de que o assassinato foi um trabalho da GPU; é uma mera repetição das mentiras dos processos de Moscou; uma tentativa estúpida e policialesca de reabilitar as falsificações que foram desacreditadas aos olhos de todo o mundo. Os motivos para o assassinato foram a reação mundial, o medo da revolução e os sentimentos de ódio e vingança dos traidores. O historiador inglês Macaulay<sup>61</sup> observou que os apóstatas de todas as épocas manifestaram sempre uma malignidade excepcional para com aqueles a quem traíram. Stalin e sua quadrilha de traidores foram consumidos por um ódio louco contra o homem que lhes recordava o seu passado. Trotski, o símbolo da grande revolução, lembrava-lhes constantemente da causa que tinham abandonado e traído, e por isso o odiavam. Eles o odiavam por todas as grandes e boas qualidades humanas que ele

61 George Macaulay (1876-1962). (Nota da edição brasileira)

personificava e que lhes eram completamente alheias. Eles estavam determinados, a todo custo, a acabar com ele.

Agora tocarei num tema que é muito doloroso, um pensamento que, tenho certeza, está nas mentes de todos nós. No momento em que lemos sobre o sucesso do ataque, tenho certeza que todos entre nós perguntaram: “Não poderíamos tê-lo salvo? Se tivéssemos tentado mais, se tivéssemos feito mais por ele, não poderíamos tê-lo salvo?” Caros camaradas, não nos censuremos. O camarada Trotski foi condenado e sentenciado à morte há muitos anos. Os traidores da revolução sabiam que a revolução vivia nele, a tradição, a esperança. Todos os recursos de um Estado poderoso, postos em movimento pelo ódio e pela sede de vingança de Stalin, foram direcionados para o assassinato de um único homem, que não tinha nenhum recurso, e com apenas um punhado de seguidores mais próximos. Todos os seus colegas de trabalho foram mortos; sete de seus fiéis secretários; seus quatro filhos. No entanto, apesar do fato de que eles o marcaram para a morte depois de tê-lo expulsado da Rússia, nós o salvamos por onze anos! Aqueles foram os anos mais fecundos de toda a sua vida. Aqueles foram os anos em que ele se sentou, em plena maturidade, para dedicar-se à tarefa de resumir e reunir, em uma forma literária permanente, os resultados das suas experiências e dos seus pensamentos.

As estúpidas mentes policiais não conseguem entender como Trotski deixou o melhor de si para trás. Mesmo na morte, ele os frustrou. Porque o que mais queriam matar era a memória e a esperança da revolução, que Trotski deixou atrás de si.

Antes de nos culparmos por termos permitido que essa máquina assassina finalmente chegasse a Trotski e o ferisse, devemos lembrar que é muito difícil proteger alguém de assassinos. O assassino que persegue sua vítima noite e dia muitas vezes rompe as maiores proteções. Mesmo czares russos e outros governantes, cercados por todos os poderes da polícia de grandes Estados, nem sempre conseguiam escapar do assassinato por pequenos bandos de terroristas determinados, equipados com os recursos mais escassos. Este foi o caso, mais de uma vez, da Rússia nos dias pré-revolucionários. E aqui, no caso de Trotski, em sentido inverso, pois seus assassinos tinham tudo. Todos os recursos estavam do lado deles. Um grande aparelho de Estado, convertido em uma máquina de homicídio contra um homem e alguns de seus discípulos fiéis. Então, se eles finalmente irromperam, temos apenas que nos perguntar: “Nós fizemos tudo o que podíamos para evitar ou adiar este desfecho?” Sim, nós fizemos o nosso melhor. Em sã consciência, temos de dizer que fizemos o nosso melhor.

Nas semanas que sucederam o ataque de 24 de maio, nós colocamos mais uma vez na pauta do nosso comitê dirigente a questão da proteção do camarada Trotski. Cada camarada concordou que esta era a nossa tarefa mais importante, o mais importante para as massas de todo o mundo e para as gerações futuras. E, acima de tudo, concordamos em fazer tudo ao nosso alcance para proteger a vida do nosso gênio, o nosso camarada, que tanto nos ajudou e nos guiou tão bem. Uma delegação de líderes do partido fez uma viagem ao México, que acabou sendo a última. Lá, naquela ocasião, em consulta com ele, nós concordamos em uma nova campanha para reforçar sua proteção. Nos Estados Unidos foi coletado dinheiro para fortalecer a casa, o que custaria milhares de dólares; todos os nossos membros e os nossos simpatizantes responderam com grandes sacrifícios e generosidade.

E ainda assim, a máquina assassina irrompeu. Mas aqueles que ajudaram Trotski, mesmo em menor grau, seja financeiramente ou com os seus esforços físicos, como os nossos jovens e corajosos camaradas de sua guarda pessoal, nunca peçam desculpas pelo que fizeram para proteger e ajudar o “Velho”.

Quando o camarada Trotski finalmente tombou, eu estava voltando de trem de uma viagem para Minneapolis. Eu tinha ido lá com o propósito de arregimentar novos companheiros altamente qualificados para fortalecer a guarda em Coyoacán. No caminho de casa, eu me sentei no trem com um sentimento de satisfação porque a tarefa da viagem tinha sido cumprida, os reforços da guarda haviam sido obtidos.

Depois, quando o trem passou pela Pensilvânia, perto das quatro horas da manhã, eles trouxeram os jornais matutinos com a notícia de que o assassino tinha rompido as defesas e golpeado o cérebro do camarada Trotski com uma picareta. Este foi o começo de um dia terrível, o dia mais triste de nossas vidas, quando esperamos horas e horas, enquanto o “Velho” lutava sua última luta, desta vez contra a morte. E a lutou em vão. Mesmo assim, naquela hora de aflição terrível, quando recebemos a mensagem fatal pelo telefonema de longa distância – “O Velho está morto” –, mesmo assim, nós não nos permitimos parar para chorar. Imediatamente, entramos de cabeça no trabalho para defender a sua memória e realizar o seu testamento. E nós trabalhamos mais do que nunca, porque, pela primeira vez, percebemos com plena consciência que teríamos de fazer tudo agora. Não podemos mais nos apoiar no “Velho”. Agora, o que precisa ser feito, temos de fazer. Este é o espírito com o qual temos que trabalhar de agora em diante.

Os senhores capitalistas do mundo compreenderam instintivamente o significado do nome de Trotski. O amigo dos oprimidos, o fabricante

de revoluções, era a encarnação de tudo o que eles odiavam e temiam! Mesmo na morte, eles o insultaram. Seus jornais jorraram a sua sujeira sobre o seu nome. Ele era um exilado do mundo em tempos de reação. Nenhuma porta foi aberta para ele em qualquer lugar, exceto a da República do México. O fato que Trotski foi expulso de todos os países capitalistas é, em si mesmo, a refutação mais clara de todas as calúnias dos stalinistas, de todas suas acusações de que ele traiu a revolução, de que havia se virado contra os trabalhadores. Eles nunca convenceram o mundo capitalista disso. Nem por um momento.

Os capitalistas – de todos os tipos – temem e odeiam mesmo o seu cadáver! As portas da nossa grande democracia estão abertas a muitos refugiados políticos, é claro. Todos os tipos de reacionários; canalhas democráticas que traíram e abandonaram seu povo; monarquistas, e até fascistas – todos eles foram recebidos no porto de Nova Iorque. Mas nem mesmo o cadáver do amigo dos oprimidos pôde encontrar asilo aqui! Não esqueceremos isto! Vamos nutrir este agravo perto dos nossos corações e, quando chegar a hora, teremos a nossa vingança.

A grande e poderosa democracia de Roosevelt e Hull não nos deixou trazer o corpo dele para cá para o funeral. Mas ele está aqui do mesmo jeito. Todos nós sentimos que ele está aqui nesta sala, esta noite – e não apenas sob a forma de suas grandes ideias, mas também, especialmente esta noite, em nossas lembranças dele como um homem. Nós temos o direito de nos orgulharmos de que o melhor homem do nosso tempo pertencia a nós – o maior, do cérebro mais poderoso e do coração mais leal. A sociedade de classes em que vivemos exalta os patifes, as fraudes, os egoístas, os mentirosos e os opressores do povo. Dificilmente se pode nomear um representante intelectual da sociedade de classes em decomposição – de grau elevado ou baixo – que não seja um hipócrita miserável e um covarde desprezível, preocupado, antes de tudo, com os seus próprios assuntos pessoais inconsequentes e em salvar sua própria pele inútil. Que miserável tribo eles são! Não há honestidade, nenhuma inspiração, nada, em todos eles. Eles não têm um único homem que possa acender uma faísca no coração da juventude. Nosso “Velho” era feito do melhor material, de coisas completamente diferentes. Ele se elevava acima destes pigmeus em sua grandeza moral.

O camarada Trotski não só lutou por uma nova ordem social baseada na solidariedade humana como um objetivo futuro; ele viveu cada dia de sua vida de acordo com os seus padrões mais elevados e mais nobres. Eles não iriam deixá-lo ser um cidadão de nenhum país. Porém, na verdade, ele era muito mais que isto. Ele já era, em sua mente e em sua conduta, um cidadão do futuro comunista da humanidade. Essa

memória dele como homem, como camarada, é mais preciosa do que o ouro e os rubis. Mal podemos compreender um homem deste tipo vivendo entre nós. Estamos todos presos na rede de aço da sociedade de classes, com as suas desigualdades, as suas contradições, as suas convenções, os seus falsos valores, as suas mentiras. Há venenos que corrompem toda a sociedade de classes. Estamos todos esmagados, retorcidos e cegos por ela. Dificilmente podemos visualizar como serão as relações humanas ou como será a personalidade do homem em uma sociedade livre.

O camarada Trotski nos deu disso uma visão antecipada. Nele, em sua personalidade como homem, como ser humano, temos um vislumbre do homem comunista que está por vir. Esta memória dele como homem, como camarada, é a nossa maior garantia de que o espírito humano em busca da solidariedade universal é invencível. Em nossa época terrível, muitas coisas passarão. O capitalismo e todos os seus heróis passarão. Stalin e Hitler, Roosevelt e Churchill, e todas as mentiras, as injustiças e a hipocrisia que eles significam passarão a sangue e a fogo. Mas o espírito do homem comunista que o camarada Trotski representa não passará.

O destino fez de nós, homens de barro comum, os discípulos mais imediatos do camarada Trotski. Vamos agora nos tornar seus herdeiros, e seremos cobrados pela missão de levar a cabo o seu testamento. Ele tinha confiança em nós. Ele nos garantiu em suas últimas palavras que estamos certos, e que nós vamos prevalecer. Precisamos apenas ter confiança em nós e nas ideias, na tradição e na memória que ele nos deixou como herança.

Nós devemos tudo a ele. Devemos a ele a nossa existência política, a nossa compreensão, a nossa fé no futuro. Nós não estamos sozinhos. Há outros como nós em todas as partes do mundo. Lembrem-se sempre disto. Nós não estamos sozinhos. Trotski educou uma gama de discípulos em mais de trinta países. Eles estão convencidos até a medula de seus ossos de seu direito à vitória. Eles não vão vacilar. Nem nós devemos vacilar. “Tenho certeza da vitória da IV Internacional!”, disse então o camarada Trotski no último momento de sua vida. E estamos certos disso.

Trotski nunca duvidou e nós nunca duvidaremos que, armados com as suas armas, com suas ideias, vamos conduzir as massas oprimidas pelo mundo afora, da confusão sangrenta da guerra, a uma nova sociedade socialista. Este é o nosso testemunho aqui, hoje à noite, no túmulo do camarada Trotski.

E aqui em seu túmulo testemunhamos também que nunca esqueceremos a sua ordem de despedida – de proteger e cuidar de sua “espo-

sa-guerreira”, a companheira fiel de todas as suas lutas e suas andanças. “Cuide dela – ele disse –, ela tem estado comigo muitos anos”. Sim, vamos cuidar dela. Antes de tudo, devemos cuidar de Natalia.

Chegamos agora à última palavra de despedida para o nosso maior companheiro e professor, que se tornou nosso mais glorioso mártir. Não negamos a dor que aperta todos os nossos corações, mas a nossa tristeza não é de prostração, não é a dor que enfraquece a vontade. É aquela temperada pela raiva, pelo ódio e pela determinação. Vamos transformá-la em energia para continuar a luta do “Velho”. Vamos dizer adeus a ele de um modo digno dos seus discípulos, como bons soldados do exército de Trotski. Não nos curvando na fraqueza e no desespero, mas de pé, com os olhos secos e os punhos cerrados, com a canção da luta e da vitória nos lábios, com a canção da confiança na IV Internacional de Trotski, o Partido Internacional que será a raça humana!

A impressão ficou a cargo da Prol Editora Gráfica de São Paulo, Brasil, e realizou-se em papel Norbrite 66 g/m<sup>2</sup>.

Para a composição do texto, foi usada a fonte Cambria, corpo 7, entrelinhas 13,2 pt; e nos títulos a fonte N.O.1981, corpo 18.

Impresso em outubro de 2014.

“

A necessidade de um partido político do proletariado desaparecerá apenas com o desaparecimento das classes sociais. Na caminhada do comunismo rumo à vitória definitiva, é possível que a relação específica que existe entre as três formas essenciais da organização proletária contemporânea (partidos, soviets, sindicatos) seja modificada e que um tipo único, sintético, de organização operária cristalize-se pouco a pouco. Mas o partido comunista não se dissolverá completamente no seio da classe operária até que o comunismo deixe de ser o desafio da luta social, até que a classe operária seja, toda ela, comunista.

**Resolução sobre o papel do partido comunista na  
revolução proletária, III Internacional**

